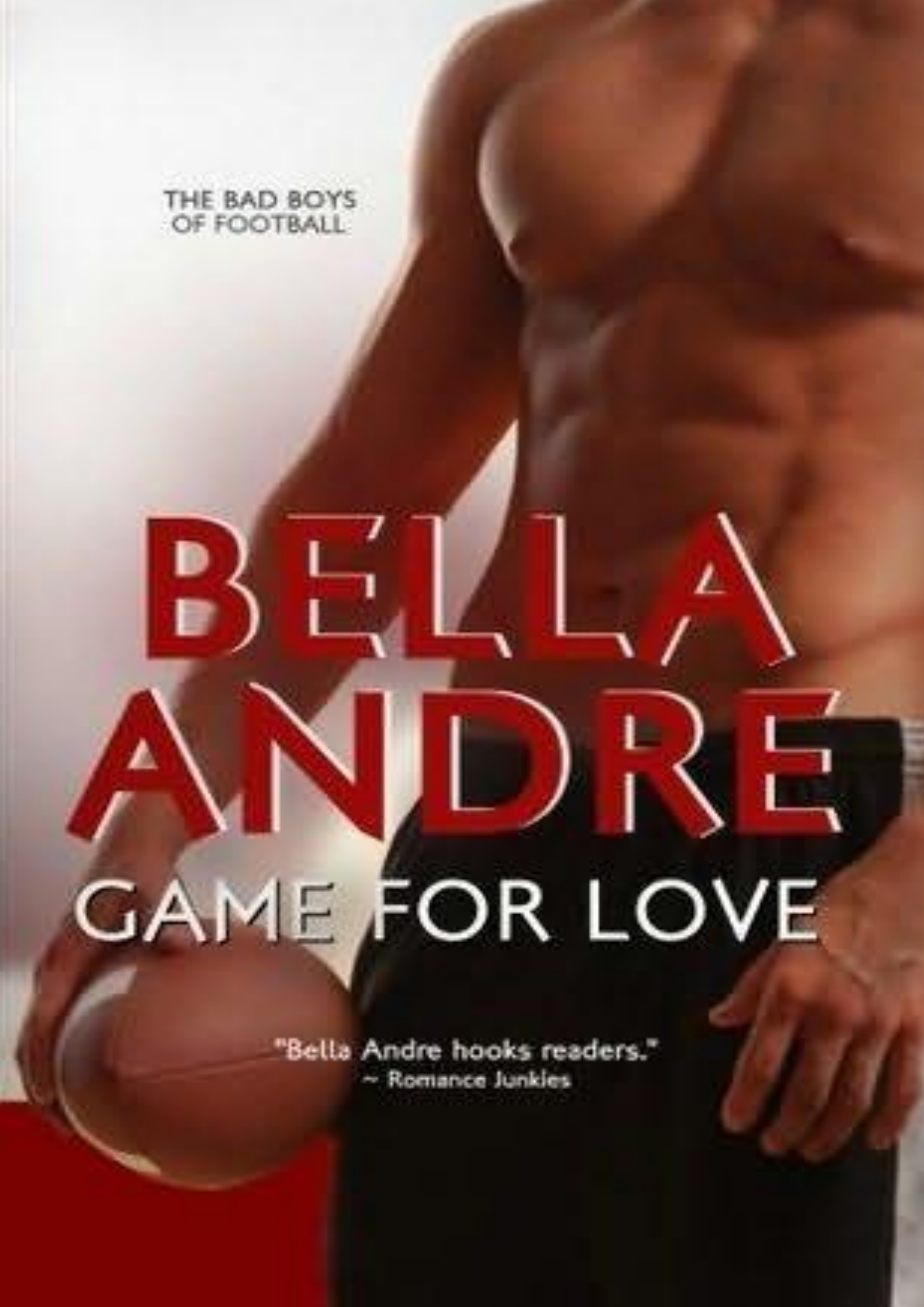


A shirtless, muscular man is shown from the waist up, holding a basketball in his right hand. He is wearing black athletic pants. The background is a soft, out-of-focus light color.

THE BAD BOYS
OF FOOTBALL

BELLA ANDRE

GAME FOR LOVE

"Bella Andre hooks readers."
~ Romance Junkies



Jogo de Amor

Os Bad Boys do Futebol 03

Bella Andre



Jogo de Amor



Disp. e Tradução: Rachael

Revisora Inicial: Claudia

Revisora Final: Rachael

Formatação: Rachael

Logo/Arte: Dyllan

Numa relação fundamentada em mentiras... A única verdade é o sentimento de um para com o outro.

Para cumprir o último desejo de sua avó, o linebacker Cole Taylor deve encontrar — e se casar — com uma boa garota. A professora da primeira série, Anna Davis, se encaixa perfeitamente. O acordo deles é simples: se ela for sua esposa temporária, ele lhe dará mais prazer que ela já imaginou se possível.

Só que o amor é a última mudança do jogo.



Revisoras Comentam...

Claudia

Esses bad boys ainda nos matam de emoção! E esse aqui então, OMG, vocês precisam ler pra ver o que esse homem apronta! E logo com uma professorinha com cara de inocente, que nunca pensou se transformar numa gata selvagem!

Também com um homem desse que é lindo, rico e ainda sabe cozinhar! não tem mulher que resista.

Rachael

Nossa, se eu me apaixonei pelo livro do Ty e pelo livro do Dominic, não sei o que dizer desse kkkk É muito melhor que os outros dois. Quentíssimo, muito apaixonante e sezy. Uma história que me prendeu desde o início. Cole não é de perder tempo e a Anna não fica em cima do muro. Eles sabem o que querem, como querem e quando querem. Vocês vão amar. De todos os Bad Boys do Futebol o Cole foi o que mais me emocionou pela luta dele em não acreditar que era amado pela Anna. Sem dúvida a Bella Andre melhora a cada história.



Capítulo Um

“Tudo o que eu sempre quis para você foi um amor verdadeiro, Cole. E família. A família que você devia ter tido desde o começo, mas acima de tudo, eu desejava poder deixar esta terra sabendo que alguém especial está cuidando de você.”

A mão de Eugenia Taylor era pequena e fria na grande palma de Cole Taylor. A mulher pálida e frágil deitada na cama do hospital era muito mais que apenas sua avó. Ela tinha sido sua mãe e pai, depois que seus pais morreram quando ele tinha cinco anos.

Não podia acreditar que ela estava morrendo. Recusava-se a acreditar nisso, mesmo depois de uma longa — e dolorosa — conversa com o médico dela.

Melanoma em estágio quatro. Não havia nada que eles pudessem fazer.

Droga. Cole acariciou suavemente a pele suave das costas da mão de sua avó. Tinha que haver alguma coisa. Ele tinha passado os últimos dez anos como um linebacker médio para o San Francisco Outlaws, lutando como o inferno para o seu time, tomando tudo e qualquer coisa que vinha ao seu caminho. Agora, queria lutar por sua avó, queria tomar os golpes que a arrastavam para baixo e protegê-la do jeito que ela sempre o protegeu. Ele teria trocado de lugar com sua avó numa batida do coração.

Querendo confortá-la, ele disse “Não se preocupe comigo, vovó. Posso cuidar de mim mesmo.”

“Você é um bom menino, Cole. Sempre tem sido um bom menino, embora eu saiba que não é nenhum santo.”

Jesus, se sua avó soubesse o que ele fazia com as fãs quando estava na estrada com o time...

“Tenho esperado que você acabe essa sua vida promíscua e encontre uma mulher que dará um significado verdadeiro à sua vida.” Ela agitou a cabeça. “Prometa que vai encontrá-la, querido. Prometa que vai encontrá-la logo.”



O nó em sua garganta era tão grande que ele mal conseguia engolir. Sem pensar direito e, até mesmo sem saber o que estava prestes a declarar, ele disse “Já a encontrei, vovó.”

O rosto da sua avó se iluminou e por um momento, ela pareceu realmente como costumava ser. Antes de ficar doente. Se ao menos ele tivesse tido mais tempo para lidar com a enfermidade da sua avó — se pelo menos ela tivesse ido ao médico antes da semana passada.

Se tivesse passado mais tempo com sua avó e menos tempo com qualquer mulher com quem estava transando, então talvez ele tivesse visto os sinais mais cedo. Bem antes, quando havia ainda algo que os médicos pudessem fazer para curá-la.

“Oh, querido, isso é maravilhoso. Por que não me disse antes sobre ela?”

Oh, droga. Ele devia voltar atrás agora, admitir que estava brincando, dizer que estava pirando sobre a perda dela e por isso tinha dito a mentira, porque não queria que ela ficasse desapontada com ele.

Ao invés disso, canalizando a comédia romântica em que foi forçado a inventar, ele disse “Ela queria levar isto lento, embora saiba o quanto eu a amo.”

Esperou que sua avó lhe chamasse pelo blefe. Ela sempre o viu através dele e não havia modo que ela não o visse agora.

“Traga ela aqui, Cole. Quero conhecer a mulher que roubou o coração do meu bebê.”

Cole mentia quando precisava, mas não para sua avó. Nunca para ela. Tudo o que ele queria era fazê-la se sentir melhor. Claramente, ela queria tanto uma esposa e filhos para ele que estava disposta a acreditar em qualquer coisa naquele momento.

Agora o que ele podia dizer? Certo como o inferno ele não ia trazer uma das mulheres com quem dormiu recentemente para conhecer sua avó. Não quando nenhuma delas se qualificava como garota ‘decente’.

Ainda assim, de alguma maneira as palavras, “Amanhã, vovó. Vou trazê-la amanhã.” Saíram de sua boca, só porque ele sabia o quanto elas iam fazê-la feliz.

Ela não conseguia parar de sorrir para ele. “Mal posso esperar.” Ela fechou os olhos e relaxou de volta contra os travesseiros.



Forçando-se a levantar antes que ela percebesse que ele não lhe deu um nome ou alguma outra informação pertinente sobre “a mulher que ele amava” Cole se inclinou para dar a ela um beijo na bochecha e então saiu para o corredor do hospital.

De alguma forma, em algum lugar, ele precisava encontrar uma garota legal. Imediatamente.

Onde inferno um cara como ele ia encontrar uma garota legal em Las Vegas?



“O casamento de Jeannie foi um espetáculo, não foi?”

Anna Davis sorriu para sua Tia Lena. “Foi bonito, eles são obviamente muito apaixonados.”

Como foi que suas bochechas realmente se machucaram? Claro, todo o fim de semana ela estava sorrindo, mas já tinha sido por três vezes, tendo planejado todos os quatro casamentos das suas irmãs nos últimos dois anos.

“Sabe, querida, todos nós pensamos que você seria a primeira a se casar. Você lembra como costumava se vestir de noiva quando era uma garotinha?”

Não era fácil manter-se sorrindo enquanto estava rangendo os dentes, mas de alguma maneira Anna conseguiu. “Você sabe como são as garotinhas, elas amam brincar de se vestir.”

Como professora da primeira série, Anna era lembrada disso todo dia. Não havia nada que as crianças gostavam mais que usar sua imaginação. Em que ponto eles eram ensinados a parar de fazer isso?

Mas Tia Lena estava agitando a cabeça. “Na verdade, se bem me lembro, suas irmãs nunca brincaram de se vestirem. Elas estavam muito ocupadas com o esporte e conquistando prêmios acadêmicos. Você era a única concentrada em se vestir de branco e caminhar pelo corredor. É estranho que você ainda esteja esperando por seu Príncipe Encantado.”

“Talvez eu deva pegar o cara disponível mais próximo e propor um daqueles casamentos rapidinhos em recepções.”



Anna não sabia quem estava mais chocada por sua resposta — sua tia ou ela mesma.

Finalmente, sua tia disse “Oh Anna, você nunca faria algo assim.”

Anna estava prestes a concordar, quando de repente percebeu o que estava por trás daquilo — Declaração completamente verdadeira.

Ela não achava que tinha tanta coragem.

Pegando um copo de champanhe da bandeja de um garçom, Anna deu de ombros. “Você nunca sabe. Há algo sobre os casamentos, afinal. E isso é Las Vegas, qualquer coisa pode acontecer aqui.”

Mas ela teve uma pequena satisfação de se afastar da boca aberta da sua tia. Porque no final do dia, ainda não seria somente a única garotinha Davis que se vestia de branco e dizia “aceito”, mas também seria a única sem alguém para amar.



“Cole! Aqui. Muito bem, cara, você esmagou o Jaguars no último domingo.”

Cole olhou para o flash do paparazzo. Que tipo de louco era ele, procurando no Wynn Las Vegas Hotel e Cassino por uma garota legal? Mas tinha desperdiçado um dia inteiro procurando nos lugares em que assumiu que ela estaria — a biblioteca, um abrigo de animais, até mesmo na loja de um tricô, pelo amor de Deus — e tinha saído de mãos vazias.

As garotas na biblioteca não o deixariam falar por tempo suficiente para que ele tentasse convidá-las a sair.

O abrigo de animais estava cheio de casais e crianças nauseantemente felizes. Sem mencionar o fato que um dos vira-latas tinha tomado uma estranha — e irresistível — preferência por ele e o gerente do abrigo tinha empurrado aqueles sete quilos de pelo preto e marrom que se contorcia, lambia e fungava em seus braços. Cole não tinha animais de estimação — era muita responsabilidade, saber que algo estaria esperando por ele todo dia em casa, dependendo dele. Mesmo assim, aqueles grandes olhos castanhos quase fizeram seu trabalho sobre ele, que mal saiu livre daquele prédio de vira-latas.



Estranhamente, a loja de tricô foi onde ele se sentiu mais confortável. Sua avó sempre tinha tricotado algo durante seus intervalos no cassino, quando ele era uma criança, e o tic-tac das agulhas fora o cenário da sua infância. E foi por isso que não tinha conseguido pegar uma garota na loja de fios, porque teria se sentido como se estivesse traindo sua avó... Embora já fosse um filho da mãe mentiroso.

O dia estava indo embora e Cole não estava mais perto de levar seu “amor verdadeiro” para o quarto da sua avó no hospital, do que tinha estado de manhã.

Subiu para seu apartamento no Wynn a fim de lavar o fedor do fracasso. Ele era bom em duas coisas: O futebol e encontros de uma noite com mulheres que não se esperava nada mais. Não em “amor verdadeiro.” Se alguém fosse um imã para peitos enormes em escassas blusas e saias tão curtas que deveriam ser ilegais, era Cole. Não que ele alguma vez tinha pensado em reclamar daquilo, claro. Até agora.

Não até que sua avó lhe contara o seu desejo antes de morrer.

Um desejo que ele ia concedê-la, mesmo que aquilo o matasse.

Saindo do chuveiro, Cole enrolou uma toalha na cintura e caminhou para as janelas que iam do chão ao teto do seu envolvente apartamento. Olhando para a extensão plana de cassinos, ele não viu as luzes piscando e os turistas caminhando em filas. Ele viu o seu lar.

Sua avó tinha sido uma dos maiores negociantes de pôquer no circuito. Havia aprendido muito com ela. Como negociar correto — e desonesto. Como trabalhar duro e, acima de tudo, como apegar-se em algo.

Desistir nunca tinha sido uma opção, não para ela, nem mesmo depois que seu filho e nora foram mortos em um acidente de avião particular, deixando-a com uma criança de cinco anos de idade, que tinha mais energia que senso. E nem para Cole.

Claro, ele era atlético, mas sua avó fora a razão que o fez ir para o profissional, quando teria sido mais fácil largar tudo e conseguir um emprego “real” por pelo menos umas cem vezes.

Largou a toalha no chão e abriu o armário. Estava na hora de parar de chorar como um bebê por causa do dia, ele ia se vestir e encontrar uma garota legal, droga.



Se lá houvesse alguém o olhando com desprezo — e Cole tinha mais razões que a maioria das pessoas para pensar que havia, depois de algumas colisões que ele tinha afastado do campo — este tinha a maldita certeza que estava rindo agora mesmo, dizendo para qualquer um que quisesse ouvir, “Você acredita que aquele bastardo acha realmente que vai achar uma boa garota para levar a sua avó nas próximas oito horas? Eu salvei seu traseiro muitas vezes antes e desta vez, acho que vou deixá-lo “fritar.”

Mas Cole não se importou. Ele fez uma promessa para sua avó, e por Deus, tinha que mantê-la.



Anna estava presa na boate como um polegar ferido e só tinha a si mesma para culpar.

Depois que Jeannie e Dave tinham ido para sua lua de mel, suas três irmãs restantes, junto com seus esposos, decidiram que não estavam prontos para que a festa terminasse.

“Você tem estado tão ocupada que provavelmente vai querer voltar para o quarto e mergulhar na banheira, não é?” Jane lhe disse quando comunicaram seus planos de sair para dançar no Wynn Las Vegas.

Sua irmã estava certa. Ela estava morrendo para jogar os sapatos e vegetar na frente de algum programa desmiolado da TV. Mas, novamente, foi atingida pelas entrelinhas de advertência da frase da sua irmã: *Todos nós sabemos o quanto você é chata. A banheira de hidromassagem vai ser o destaque do seu dia, não é?*

E pela segunda vez em um dia, ela se irritou pelo que sua família pensava sobre ela.

Evidentemente ela não era apenas covarde, mas chata também.

E todo esse tempo, ela pensou que era perfeitamente normal.

Legal.

Mas quando olhou para suas irmãs e cunhados felizes e emparelhados ao seu redor enquanto ela continuava sozinha, Anna tomou uma segunda decisão numa fração de segundo. “Na verdade, estou com vontade de dançar.”



Seis conjuntos de sobancelhas se ergueram e finalmente, sua irmã mais velha, Jill, disse, “Mas você sequer dançou na recepção de Jeannie.”

Claro que não, ela não dançava. Nunca. Mas a piedade nos olhos dos seus parentes quebrou algo dentro do peito amplo de Anna.

Estava doente e cansada de sempre ficar de lado, observando todo mundo se divertir, especialmente quando tudo que a esperava, era a perspectiva de uma noite tranquila em seu quarto de hotel.

Sozinha.

“Você sabe que adorávamos passar mais tempo com você.” Joanne disse com compreensão gentil em seus olhos. “Mas entendemos se estiver cansada.”

“Estava guardando minha energia para esta noite.” Ela disse aos seus estupefatos irmãos enquanto examinava o corredor da recepção, com a cabeça bem erguida e os ombros jogados para trás, no que esperou ser um jeito de se mostrar confiante e pronta para muita diversão.

Mostraria à sua família. Não só ia dançar, mas encontraria o homem mais perigosamente sexy do salão para ser seu parceiro.

Oh sim, deixaria todos eles boquiabertos quando fizesse o seu jogo de sedução — seja o que for que aquilo era chamado — com um gato sexy.

O único problema, ela pensou enquanto bebia um gole do outro copo de Chardonnay que o atraente garçom da boate de Tryst em Wynn Las Vegas lhe servira, que uma coisa era fazer uma promessa silenciosa no calor do momento... E outra completamente diferente era fazê-la realmente.

Trinta minutos após sua declaração imprudente na recepção de Jeannie, Anna teve que admitir que tinha ido além da sua zona de conforto. Não estava acostumada a uma música tão alta, ou estar ao redor de pessoas seminuas que pareciam gostar de serem esmagadas umas com as outras como sardinhas bêbadas e suadas.

O que a fez pensar que podia ir a uma boate de cassino e não apenas se encaixar, mas possuí-lo?

Jogo de Amor

Os Bad Boys do Futebol 03

Bella Andre



As únicas coisas que ela possuía eram chinelos de coelho cor de rosa e um cartão de biblioteca que tinha sido usado tantas vezes que os números estavam quase todos borrados.

Feliz por suas irmãs e maridos estarem todos muito ocupados dançando — ou muito bêbados — para notar que ela estava se esquivando da boate com o rabo entre as pernas, Anna estava para deixar o copo vazio no bar quando uma voz baixa e rouca falou “Notei que seu copo estava vazio. Espero que champanhe esteja bem.”

Ela ergueu o olhar para os olhos mais escuros que já vira, quando um calor que não teve nada a ver com a multidão a percorreu, da cabeça aos pés.

Tinha jurado procurar alguém *pecaminosamente perigoso*.

Parece que ela o encontrou.



Capítulo Dois

Quando a pequena morena pegou o copo de sua mão, as pontas dos seus dedos mal roçaram contra suas juntas e Cole ficou surpreso por sentir seu pênis imediatamente ficar grosso. Rígido.

Ele sempre teve um forte impulso sexual, forte o suficiente que, se não conseguisse se aliviar por pelo menos umas duas vezes por semana, batia muito duro durante o treino por absoluta frustração sexual.

Tinha recebido o telefonema de sua avó logo depois do jogo de domingo e ido direto para Vegas e, normalmente em poucas horas depois de aterrissar em sua cidade natal, tinha pelo menos uma mulher debaixo dele. Desta vez, no entanto, tinha ficado sem. A única coisa que importava era cuidar de sua avó.

E cumprir seu desejo antes de morrer.

“Eu amo champanhe. Obrigada.”

Cole encarou a mulher, que estava segurando o copo em um aperto da morte. Jesus, sua mão estava realmente trêmula? Se ele não tivesse cuidado, a primeira garota legal disponível que tinha visto durante todo o dia fugiria, e teria que ir sozinho para o quarto da sua avó pela manhã.

Tudo bem. Primeiro ele precisava parar de respirar o cheiro suavemente perfumado do cabelo da mulher, algo que nunca tinha reparado em alguém. Segundo, precisava pensar em parar o pesado pulsar do seu pênis por três segundos. Tempo o suficiente para descobrir o que dizer ou fazer para que ela se sentisse segura com ele.

O problema era que ele nunca esteve com uma garota como aquela e não sabia a primeira coisa a fazer sobre uma garota agradável se sentir segura e confortável.

Não quando passara os últimos quinze anos aperfeiçoando a malícia.

Finalmente, ele se decidiu por, “Não pude evitar, mas notei você através do salão.”



E era verdade; ela tinha sido a única peça quadrada em um salão cheio de buracos redondos. Inferno, ela poderia muito bem usar um halo por toda a inocência que se derramava dela. Agora que se aproximou, ele percebeu que ela até mesmo cheirava inocente, como morangos frescos em um campo ensolarado, ou alguma merda desse tipo.

No início, ele esteve muito ocupado se parabenizando por sua psicologia reversa de achar uma garota doce em um clube, para pensar sobre como isso realmente ia funcionar. Mas agora que ela o estava encarando como uma corça apanhada no meio de uma autoestrada movimentada — e ele estava tão rígido quanto já esteve sem tocar mais que suas pontas dos dedos — percebeu que aquilo ia ser uma primeira vez para ele: ia ter que trabalhar para isso.

Ou então se arriscaria a perder a mulher que ele precisava.

“Você reparou em *mim*?” O champanhe espirrou do copo e se derramou no peito dela quando ela gesticulou para si mesma numa clara surpresa.

Cole baixou o olhar — até mais de onde estava olhando que eram seus olhos — e percebeu que ela tinha um corpo bom. Talvez até mesmo grande. Era difícil dizer com aquele vestido brilhante cor-de-rosa que ela estava usando, mas do seu ponto de vista o decote era bastante impressionante. O suficiente para que seu pênis implorasse para sair e ser tocado.

“Você tem olhos bonitos.” Ele começou, mas depois, descobriu que ela poderia comprar sua mentira se ele puxasse o olhar de volta até seu rosto e se forçar-se a parar de cobiçar seus seios para realmente olhar em seus olhos.

Cole foi detido friamente por cílios tão longos que quando ela piscou, as pontas curvadas roçaram contra os topos das maçãs do seu rosto. A cor dos seus olhos era diferente de qualquer uma que ele já vira, uma combinação de azul e verde que o deixou pensando sobre os lagos frios da montanha nos dias perfeitos do verão.

Ela piscou, sorriu, e o modo como seus olhos se iluminaram, parou a respiração dele por um segundo.

“Não, não bonitos.” ele disse, quase para si mesmo. “Atordoantes.”

Os olhos dela ficaram ainda maiores, junto com seu sorriso — e o pênis dele. “Eles são?”



Ele se aproximou, aqueles grandes olhos agindo como um ímã sobre ele. Uma mecha de cabelo caiu na frente de um deles e ele estendeu a mão para deslizá-la de lado, a ponta do dedo mal lhe roçando a pele.

Ele a sentiu tremer sob seu toque, mesmo enquanto algo se agitava dentro dele.

Que diabo estava acontecendo ali?

Ele tinha vindo à procura de uma garota bacana, não por outro encontro de uma noite só.

Mas ele não conseguia mais pensar direito. Não quando tudo que queria era aquela mulher embaixo dele, nua e ofegante, com seus olhos azuis esverdeados piscando em êxtase enquanto ela gozava em seus braços. Não quando tudo no que ele podia pensar era em aliviar o peso em sua virilha com a mulher que o pôs lá.

Pare de babar e corteje-a, babaca.

“Dance comigo.”

Ele tinha a mão dela na sua e estava a meio caminho para a pista de dança, no meio de pensamentos desesperados de pressionar a grossa ereção contra sua barriga que o montaria a cada passo, quando ele sentiu um puxão em seu braço.

Foi um puxão surpreendentemente forte para uma coisa tão pequena.

“Eu nem mesmo sei seu nome.”

Ela não lhe tinha falado nada sobre o futebol ainda, então ele achou que era uma das poucas pessoas que não eram fãs, graças a Deus. Uma garota procurando por fama só complicaria ainda mais as coisas. Mesmo assim, ele não quis arriscar qualquer coisa dando seu nome completo, no caso de ela reconhecê-lo dos jornais e ter ideias.

“Cole.”

Ela inclinou a cabeça para um lado, conseguindo ser atraente e sensual ao mesmo tempo, e sua ereção pressionou com força o suficiente em seu zíper que ele não ficaria surpreso se este marcasse sua pele.

“Sabe,” ela disse, “Acho que eu podia ter adivinhado isso. Você parece com um Cole.”

“E você parece com um anjo.”



Os lábios dela aumentaram em outro sorriso e lhe tiraram a respiração. Novamente. Já havia pensado que ela era bonita, mas quando sorria, era deslumbrante.

“Quase.” O sorriso dela tremeu e ela pareceu tímida novamente. “Meu nome é Anna.”

Ele não podia esperar outro segundo para tocá-la e saber se suas curvas eram tão macias quanto pareciam, puxou-a para mais perto, atraindo-a tão perto dele quanto podiam em um bar público com suas roupas postas.

Senhor, mas ele queria estar ainda mais perto. Sem roupas entre eles, sem nenhuma outra música além do som de sua paixão enquanto ele a fazia gozar com suas mãos, sua boca, seu pênis. Jesus, ele podia sentir o pré-sêmen já se apressando. Apenas por segurá-la.

“Dance comigo, Anna.”

O nome dela era suave em sua língua, da mesma forma que ele sabia que seria sua pele quando finalmente conseguisse tirar suas roupas.

Ela não o afastou, mas balançou a cabeça e mordeu o lábio antes de dizer, “Eu realmente não danço.”

Ele teve que rir com isso, apreciando o lampejo de irritação em seus olhos pela resposta.

“Você está dizendo que vou ser seu primeiro?”

A pergunta ficou pairando no ar entre eles, pesada e pulsando pelo duplo significado.

Jesus, ele nunca esteve com uma virgem em sua vida. Nunca quis estar. Não quando apreciava a experiência da mulher de forma que não tinha que fazer todo o trabalho. Mas as coisas que ele queria fazer para esta mulher — exatamente ali, exatamente agora — era loucura.

Loucura.

Ela ruborizou — e baixou os olhos — respondendo a sua pergunta. “Não. Claro que você não é meu primeiro.”

“Ainda estamos falando sobre dançar, Anna?”

O olhar dela se ergueu para encontrar o dele novamente e ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu.



Ela parecia tão bonita, ali de pé tentando descobrir como responder à sua muito adiantada pergunta. Ele sabia que não estava sendo justo, brincando com ela assim, mas era muito divertido. Ele estava se divertindo.

Cole Taylor não se divertia, ele era só negócios, tudo sobre como esmagar a concorrência.

Tudo bem, ele festejava tanto como os próximos jogadores de futebol profissional, ricos e solteiros, e claro que levava as mulheres mais bonitas do mundo para a cama, mas aquilo não era tanto sobre ter um tempo agradável, uma vez que estava prestes a tomar o seu devido tempo.

E ainda assim, de pé no meio de uma boate de Las Vegas com uma mulher cujo nome ele acabara de aprender — mas a quem ele queria mais que qualquer mulher que já conhecera — Cole sentiu-se completamente fora do seu jogo.

A verdade era que ele estava cansado. Tinha tido um dia longo e frustrante procurando por uma garota legal para levar até sua avó.

Sua avó que estava morrendo.

“Cole? Você está bem?”

Ele piscou e olhou para os olhos de oceano claramente preocupados de Anna, sentiu algo suave e morno em seu antebraço e percebeu que ela estendeu a mão para tocá-lo.

As mulheres o olhavam de várias maneiras — com cifrão registrado em seus olhos, com luxúria, com ansiedade quando ele estava para esvaziar dentro delas — mas nunca com preocupação.

Nunca como se realmente se importassem com ele.

“Minha avó está doente.” *Merda, de onde aquelas palavras vieram?*

Ela se aproximou ainda mais, pondo a outra mão sobre ele. “Eu sinto muito.”

Ele trabalhou para engolir o nó amontoado em sua garganta. “Eu também.”

Juntos eles continuaram assim para vários minutos, o conforto dela jorrando através de suas veias, indo diretamente ao seu coração.



“Você tem certeza que ainda gostaria de dançar? Talvez possamos encontrar um lugar mais calmo e conversar ao invés disso.”

Ela estava certa. Ele não queria dançar, mas não queria conversar também. Ele queria beijá-la.

Ele pôs as mãos em seu rosto, roçando o polegar contra seu lábio inferior. Ela ficou completamente imóvel, sem piscar ou até respirar enquanto ele baixava o rosto para o seu. Não queria assustá-la e tentou ir devagar, embora tudo que queria era empurrá-la contra a parede mais próxima e envolver-lhe as pernas ao redor de sua cintura enquanto se afundava em seu calor molhado.

A respiração dela era um sopro doce de calor contra sua boca quando ele se moveu para beijá-la, seus lábios eram tão vermelhos e tentadores quanto bagos de frutas rechonchudos no verão. Cole gostava de beijar, sempre gostou, feliz por passar bastante tempo nas preliminares quando a maioria dos caras já estava indo para a parte final. Era um bônus que beijar deixasse as gatas ainda mais quentes e excitadas.

Mas inferno santo, nenhum beijo tinha sido como aquele. Nenhum beijo podia tê-lo preparado para Anna.

A boca dela era suave e tão malditamente doce, que ele perdeu o controle dos seus planos — esqueceu tudo sobre levar aquilo lento e não assustá-la. Tinha que saboreá-la, tinha que correr a língua ao longo dos seus lábios, do centro e depois para fora, primeiro um canto e depois o outro. Uma fome como ele nunca conheceu antes o assumiu, fazendo-o esquecer de tudo, exceto a promessa de prazer.

Um gemido escapou quando ela se abriu para ele, a língua numa tentativa de encontrar a sua, num pequeno golpe de doçura que o deixou queimando totalmente da cabeça aos pés. Suas mãos deslizaram pelo cabelo dela — tão malditamente macios, que ele não podia acreditar naquilo — e seus dedos se apertaram nela, puxando-a para mais perto.

Ela choramingou o prazer em sua boca e o suave pressionar das curvas contra seus músculos duros o deixou louco. Sua ereção pulsava contra a barriga dela enquanto ele aprofundava o beijo, não mais capaz de ser gentil e de se preocupar sobre limites.



E então, de repente, tudo girou e era ela quem o estava beijando. Devorando-o.

Os braços se moveram em torno de seu torso, as mãos e pontas dos dedos arranhando sobre ele. A língua dela lutava com a sua, seus lábios o sugavam, seus dentes mordiscavam e se deleitavam em sua boca.

Sua gatinha tinha se transformado em uma leoa.

O clube, a música, os esmagadores aromas de bebida, suor e perfume, todos caíram longe enquanto eles fingiram sair do meio daquilo tudo. Ela era calor, curvas e puro sexo em seus braços e ele sabia que se estivessem sozinhos, ele estaria a uma batida de coração longe de se afundar nela, de tomar tudo que ela lhe oferecia e dar-lhe tudo que ela exigia.

Algo relampejou no fundo de sua cabeça, algo que ele deveria lembrar, que ele deveria fazer, mas ele não pôde seguir aquilo, não quando estava completa e totalmente perdido em Anna.

Doce Anna.

Finalmente, ela se afastou dele, ofegando, sua língua saindo para lamber seus lábios inchados como se ela ainda estivesse tentando saboreá-lo.

“Eu nunca fiz nada como esta loucura.”

As palavras tremeram com confusão — e tanto desejo — que a boca dele encontrou a sua novamente um momento depois e ela era tão doce que ele sabia que o mataria quando finalmente tivesse que parar de saborear.

Instintivamente, Cole soube que não era o champanhe que a fazia tão doce como o açúcar. A doçura era toda dela.

Vovó a adoraria.

O pensamento o pegou de surpresa. Ele quase esquecera porque estava ali em primeiro lugar, porque a escolheu além da multidão.

Ele não sabia nada sobre Anna além do quanto aquele corpo era bom contra o seu, o quanto seus beijos eram certos, o quanto ele gostava do seu cheiro e o quanto ela o deixava tão rígido — e como perfeitamente ela encarnava a “garota agradável” que ele tinha certeza que sua avó ia querer ver com ele.



Ele não tinha pensado além de encontrar alguém para desempenhar o papel que ele precisava, mas agora que tinha encontrado, ficou surpreso por achar a culpa rondando seus calcanhares. Não conhecia Anna bem o suficiente para não querer machucá-la.

Ainda assim... Suas entranhas se contorciam pelo pensamento do que ele precisava fazer.

Precisava fazê-lo, porque devia tudo a sua avó.

E foi aquela visão — de sua avó pálida e delicada na cama do hospital — que o fez se inclinar para Anna e roçar o lóbulo de sua orelha com os lábios.

“Vamos fazer algo realmente louco, Anna.”

Ela estremeceu quando seus lábios fizeram contato com seu lóbulo. Embora soubesse que precisava manter o foco, que seu objetivo era a coisa mais importante ali, não o quanto ele a queria, teve que puxar o lóbulo de sua orelha entre os dentes e mordiscá-lo.

Então perfeita e incrivelmente responsiva a cada toque seu, Anna se arqueou para ele, seus seios cheios e rígidos praticamente chamuscando-o através do vestido e de sua camisa, enquanto outro gemido de necessidade e desejo saiu de seus lábios.

“Tão doce.” Cole murmurou contra sua pele macia enquanto corria a boca para baixo em seu pescoço, sua língua mergulhando no vazio do osso de seu ombro. Seus seios, cheios pela excitação, se pressionaram para cima e em direção a sua boca a partir do decote do vestido rosa. Ele estava a metade de um sopro de distância de desabotoar seu vestido ali mesmo para que pudesse rodar aqueles mamilos contra sua língua, quando o impacto de um copo no bar o puxou de volta ao presente.

Os olhos dela estavam nublados de desejo, só parcialmente focados quando ela disse, “O que podia ser mais louco que isto?”

Jesus, ele esquecera completamente de sua pergunta, sobre onde estava indo com aquilo. Novamente.

Como foi que aquela mulher minúscula — uma que não era nem seu tipo, pelo amor de Deus — virou seu cérebro, e corpo, completamente pelo avesso?



Precisando de espaço e ar para conseguir com que seu cérebro funcionasse novamente, ele se forçou a recuar um centímetro de suas curvas e de seu calor. Mas tudo que fez foi tornar mais fácil para que a olhasse. Ela era tão bonita — e tão malditamente pura, apesar da forma como o tinha beijado como um gato selvagem no calor — que seu estômago se torceu à medida que ele disse, “Qual a coisa mais louca que você pode pensar em fazer comigo hoje à noite?”

O clube era escuro, mas não o suficiente que ele pudesse perder o rubor em seu rosto, ou o modo como o aquecido v entre suas coxas se moveu ainda mais perto de sua ereção dura como pedra, em uma dança tão velha quanto o tempo.

Um sorriso curvou seus lábios antes que ele percebesse. “Não se preocupe, bebê, nós definitivamente vamos acabar fazendo isso, não importa qual a sua resposta.”

Ela lambeu os lábios. Aqueles doces e carnudos lábios vermelhos cereja. “Eu não faço...” Ela agitou a cabeça e seu cabelo castanho se moveu pelos seus ombros. “Eu não ia dizer...”

“Você faz.” Ele contou “E você ia.” Baixando os lábios de volta sobre os seus, ele disse “Mas já que isso é um dado, que outro tipo de loucura você tem para mim?”

As pontas dos dedos dela se apertaram em seus ombros. “Você e eu fazendo... é um dado?”

“Sim.”

“Mas acabamos de nos conhecer.”

“Sorte a nossa.”

Ele ficou contente por ouvir uma surpreendente risada escapar de seus lábios, no entanto, cedo demais, ela voltou aos seus argumentos. “Eu não faço essas coisas.”

“Eu sei que não.”

Ela franziu o cenho e, sem pensar, ele estendeu a mão para afastar as linhas entre seus olhos. Queria ver seu sorriso, não sua carranca.

“Como?”



A pele macia contra as pontas do seu dedo o fez perder a linha do seu pensamento. Inferno, como ele possivelmente podia pensar sem nenhum sangue deixado em seu cérebro? Sem nem estar perto de saber o que ela estava perguntando, tudo que ele conseguiu foi ser seu eco, “Como, o quê?”

“Como você sabe que eu não faço esse tipo de coisa?”

“Apenas sei.”

Seus lábios carnudos se pressionaram. *Merda, aquela não foi a resposta correta.*

“Porque eu pareço chata.”

“Inferno, não.” Um pouco de faísca voltou aos olhos dela, suficiente para dizer-lhe que ele estava indo na direção certa novamente. Graças a Deus. “Você tem sido qualquer coisa exceto chata.”

Ela inclinou a linda cabeça para um lado, o cabelo roçando em seus ombros, fazendo-o se perguntar como ele seria roçando sobre seu pênis enquanto ela o soprava, na posição sessenta e nove.

“Mas você está surpreso com isso, não é?”

Jesus, ele pensou enquanto encurralava seu cérebro de volta para a conversa, o que era aquilo? A porra das vinte perguntas?

Uma mentira estava em sua língua, o que quer que ela quisesse ouvir, mas o que saiu ao invés disso foi “Um pouco, sim.”

“Eu sabia.” Sua expressão vitoriosa desapareceu tão depressa quanto veio. “Diga-me porque você ficou tão surpreso.”

As primeiras palavras que lhe vieram a sua cabeça foram “Você estava usando um halo.” Ele quase gemeu pela estupidez de deixar escapar aquilo quando viu sua expressão indignada.

“Um halo?” Ela realmente estendeu a mão até o topo de sua cabeça, como se precisasse ter certeza que não tinha, de fato, uma auréola pairando sobre os suaves cachos castanhos.



“Não.” Ele disse, tentando recuar tão rápido quanto podia. “Não um halo. Você definitivamente não estava usando um daqueles.” Precisava mudar de assunto, levá-los de volta ao... Inferno, sobre o que estavam falando?

“Então o quê?”

Merda, ele não estava pensando rápido o suficiente. Mal conseguia com que seu cérebro funcionasse quando ainda podia sentir o cheiro da excitação dela, quando estava ainda ridiculamente duro e pulsando por trás do zíper.

“É só que você pareceu tão inoc...”

Os olhos dela se estreitaram quando ela esperou que ele terminasse e ele decidiu que era mais esperto fechar a boca. Qualquer coisa que dissesse sobre ela parecer pura ou inocente só ia deixá-la irritada. Sabia disso agora. Ele não sabia porque, apenas sabia.

Assim não sabia como inferno uma minúscula mulher o estava jogando fora do seu jogo mais que um campo cheio de caras com mais de cento e trinta quilos, que vinham pra cima dele com tudo que tinham.

As narinas dela se dilataram e ele não pôde acreditar que mesmo aquilo era atraente nela. Jesus, aquilo era ruim para um só. Em menos de uma hora, ela praticamente o deixou jorrando poesia. E disparando em suas calças apenas por olhá-la.

“Não aguento mais que todo mundo pense que sabe exatamente quem eu sou! Estou cansada de todo mundo assumir que tudo o que eu quero fazer é sorrir e organizar coisas enquanto eles saem e têm seu grande pôr do sol romântico juntos! Estou de saco cheio de nunca, jamais fazer algo tão louco que eu chegue a lamentar de manhã enquanto secretamente tenha amado cada segundo dele! E para que todas as pessoas saibam que eu posso levar caras como você para casa toda sexta-feira à noite e trocá-lo por um novo cara no sábado!”

Suas mãos estavam agora em punhos sobre o peito dele, que estava certo que ela não o tinha percebido, mas tinha batido nele para enfatizar cada um de seus pontos, com uma pancada no final de cada sentença como um ponto de exclamação.

Ainda assim, a imagem dela descartando-o para outro cara em menos de vinte e quatro horas depois, o deixou rosnando com um surto repentino de ciúme. “Você já fez isso?”



O ronco baixo de sua pergunta pareceu tirá-la de sua fúria momentânea.

“Sério? Você realmente está me perguntando isso?”

As mãos dele foram para seus ombros, o ciúme queimando mais quente do que nunca. Se ela dissesse sim, ele conseguiria encontrar todos aqueles sujeitos e quebraria seus pescoços com as próprias mãos.

“Você. Já. Fez. Isso?”

Ele tinha visto as fitas de jogo o suficiente para saber que tinha um dos olhares mais penetrantes no futebol, mas ao invés de ficar intimidada pelas quatro palavras rosnadas, o sorriso de resposta de Anna foi ainda mais brilhante, tão atordoante que ele quase se sentiu cego por sua beleza, por aquela luz que a cercava.

“Não.” Ela disse ainda sorrindo. “Não fiz.” Ela ficou na ponta dos pés e inclinou o rosto para cima, a fim de pressionar um beijo suave e curto em sua boca. “Mas obrigada por pensar que eu podia fazer se quisesse.”

À beira de arrastá-la pelo cabelo até seu quarto e amarrá-la em sua cama para o resto da noite, ele rosnou “Inferno, querida, você podia ter qualquer sujeito aqui em duros dez segundos.” Mas ele só queria que ela o quisesse.

“Essa é a coisa mais agradável que alguém já me disse.”

Sem nem mesmo tentar entendê-la — não havia dúvida sobre isso porque as mulheres eram um enorme e infinito mistério — Cole puxou sua concentração novamente. “Se você quiser ser louca uma vez, eu posso ajudá-la. O que você diz, Anna? Podemos ser loucos juntos?”

“Você quer dizer mais louco que...” Ela realmente olhou para ambos os lados e baixou a voz para um sussurro próximo. “Dormimos juntos?”

Ele riu contra sua boca, tocando a língua contra seus lábios para outro gosto rápido. Em sua inspiração ele disse “Oh, sim. Muito mais louco.”

Meia dúzia de expressões atravessou seu rosto.

Prazer, excitação, curiosidade, desejo, dúvida.



E então, como se fosse a única tacada a fechar o caixão para os planos dele: completo medo.

No entanto, em vez de retirar-se de seus braços e dizer não, ela respirou fundo e disse “Você não está falando sobre jogos ou karaokê, não é?”

Desta vez quando ele riu contra seus lábios — estava orgulhoso por ela não correr, ridiculamente impressionado com ela por ficar com ele o tanto que ela ficou — ficou surpreso por sentir-lhe a língua deslizar através de sua boca.

Sabendo o que ela queria — porque ele o queria muito da mesma forma — ele saqueou sua boca. Queria mapear cada canto doce e pecaminoso, queria passar horas beijando-a até que soubesse exatamente o que a fazia gemer de prazer.

Finalmente, ele a soltou para tomar ar e quando ela o olhou, ofegante, excitada e tão malditamente bonita que ele mal podia acreditar, foi pego de surpresa pela força que sentiu por uma mulher que acabara de conhecer.

Não apenas orgulho, mas algo mais. Algo muito maior, que ele nunca sentira antes e nunca quis sentir.

Merda. Aquilo não estava nos planos.

Sua avó. Tinha que lembrar que só estava fazendo aquilo para sua avó. Tinha que lembrar que a única razão por ter procurado uma garota como Anna, não foi porque estava procurando realmente alguém para amar, mas porque apenas precisar parecer daquele modo por enquanto. Sua garganta se apertou novamente pelo pensamento de perder sua avó. E na rapidez em que sua vida com ela podia chegar ao fim.

“Case-se comigo, Anna.”

Ela tropeçou para trás, surpresa — merda, ele estava ali mesmo com ela, bastante chocada pelas palavras que saíram de sua boca — e ele teve que se mover rapidamente para pegá-la antes que fosse atropelada pelo casal que dançava na frente deles.

Ela enrijeceu quando ele a puxou de volta contra ele, não era mais a mulher macia e flexível que ele tinha abraçado até então. Ele odiou ver aquela carranca onde não havia nada além do desejo impotente de antes.



“Oh, meu Deus.” Ela parecia como se estivesse tentando recuperar o fôlego. “Você acabou de me pedir para casar com você?”

Mas, mesmo enquanto perguntava, ele podia vê-la crescer mais forte. Mais estável.

Pela segunda vez desde que tinha visto sua inocência brilhando para ele como um farol através da sala, Cole foi atingido e surpreendido por sua força. Ela não estava gaguejando agora, nem estava ofegante de paixão. Ao contrário, ela de repente o lembrou da sua professora de Cálculo do décimo ano, uma mulher que não se importava se ele ia fazer milhões nos jogos profissionais, ao contrário da maior parte de seus outros professores. Ela tinha sido extremamente determinada a ensinar-lhe matemática e ele teve que se sobressair, senão... Graças a ela, tinha sido facilmente capaz de pegar seus ganhos e multiplicá-los no mercado de valores.

Ele nunca se importou muito se suas mulheres eram fortes, contanto que estivessem dispostas quando ele estava pronto — o que elas sempre estavam. Então, por que achava aquela sugestão assombrosa de força e determinação tão sensual numa mulher?

“Eu preciso de você, Anna.” Ele precisava dela, desesperadamente, aquilo não era mais só sobre sua avó, precisava por ele mesmo também. A percepção de que sua necessidade por ela ia muito além do físico, não só contorceu suas entranhas, mas seu peito se apertou também.

“Por favor, Anna. Tome esta chance de ser louca e case-se comigo.”

Ela piscou uma, duas, três vezes em clara surpresa pelo apelo, seus cílios graciosamente longos tremulando contra as maçãs do seu rosto. Ele teve que pressionar um beijo em cada pálpebra.

“Casar com você é mais que louco, Cole. É comprovadamente insano.”

Deus, ele amou ouvir seu nome nos lábios dela. Uma súbita visão veio até ele, em que ela estava deitada sob ele em sua cama, com os olhos brilhando de prazer enquanto gritava seu nome.



Ela estava certa. Casar era insano, por várias razões. Ele não disse a sua avó que era casado ou até mesmo noivo, só lhe dissera que tinha encontrado o amor. Então, por que lhe pareceu tão crucialmente importante que Anna concordasse em casar-se com ele?

Insano sequer chegava perto.

“Eu não entendo. Por que você quer se casar comigo?” Ela o olhou, sua falta de compreensão era clara em seus belos olhos.

Seus olhos sempre lhe tirariam o fôlego?

Mas ao invés de elaborar uma resposta que a convenceria a se casar com ele — algo diferente do inexplicável *Porque acho que posso estar apaixonado por você* que não parava de tocar em seu cérebro — ele se encontrou dizendo-lhe a única outra coisa que havia em sua cabeça.

“Seus olhos são como o oceano, Anna. Tão bonitos que eu podia olhá-los para sempre.”

Ela pareceu surpresa e satisfeita ao mesmo tempo, mas, de repente estava olhando além dele e dizendo “Oh, não.”

Seguindo seu olhar, tudo que ele viu foram pessoas dançando e bebendo, o mesmo que viram toda a noite. “O que está errado?”

“Minhas irmãs. Elas parecem preocupadas.”

Ela tinha irmãs? E elas estavam ali, naquele bar, naquele momento?

Um momento depois ela foi embalada em seus braços novamente e ele não estava certo se a estava puxando para mais perto — instintivamente reivindicando-a — ou se era ela que estava se escondendo contra seu tórax.

“Droga. Eles estão vindo para cá.”

Ele sentiu seu coração dar um salto, sabia que estava para perdê-la, que ela estava para desaparecer de sua vida tão depressa quanto entrou, mas então, suas mãos se moveram para as dele, os esbeltos dedos foram fortes e seguros e os olhos azuis esverdeados claros e bonitos quando ela inclinou o rosto para o dele.

“Sim, Cole, eu me caso com você.”

Desta vez era ele o único atrapalhado. “Você... você vai?”

Jogo de Amor

Os Bad Boys do Futebol 03

Bella Andre



“Sim. Eu irei.” Ela atirou outro olhar rápido para as três mulheres que avançavam para eles. “Mas precisamos sair agora mesmo ou não vai acontecer.”

E a próxima coisa que ele soube, seu anjo inocente o estava puxando através da pista de dança, da multidão de pessoas e do cassino tão rápido, que nem mesmo os *paparazzi* tiveram tempo de pegar uma foto deles... A caminho do seu casamento.



Capítulo Três

“Bem-vindos à Capela Cupido do Casamento. Como posso ajudá-los?”

Anna estava mais que um pouco surpresa pela pergunta, porque eles estavam em uma capela de Vegas às onze horas da noite. Havia algo diferente de casamento no *cardápio*?

“Nós queremos nos casar.” Ela falou num impulso, as palavras deslizando uma sobre a outra pela sua pressa de dizê-las.

Cole lançou-lhe um olhar meio surpreso, meio divertido e ela respirou fundo enquanto observava seu rosto bonito. Oh, Deus, ela realmente estava fazendo aquilo? Ia realmente se casar com um homem que não sabia nada além do seu primeiro nome?

Ela olhou para o rosto dele, os olhos indo automaticamente para sua boca. Não, isso não era verdade. Ela sabia o quanto ele beijava bem. Que o mero toque de seus lábios nos dela, que o lento deslizar de sua língua contra a dela, faziam com que ela quisesse coisas que nem mesmo sabia que estavam lá para serem tomadas.

Choques de excitação percorreram sua pele quando ele roçou o polegar na palma de sua mão, repetidas vezes em um círculo que a deixou praticamente ofegando de desejo. Na verdade, ela ainda não tinha se acostumado a segurar a mão dele e desde o momento em que deixaram o clube e desceram a rua atrás do cassino para a capela mais próxima, ele não a soltou.

Segurar a mão dele não devia ser grande coisa — e realmente, não era. A coisa era que Anna amava ficar de mãos dadas. Realmente amava aquilo. Quase mais do que gostava de sexo, na verdade.

Havia algo sobre estar conectado à outra pessoa daquele jeito. Unir-se a ela e não soltá-la, nem mesmo em público. E era tão deliciosamente tátil, especialmente quando as mãos de Cole eram tão grandes, quentes e ligeiramente duras através da sua pele.



O modo como ele segurava sua mão na dele, fazia com que ela se sentisse bem, preciosa. Cuidada. Embora ela soubesse que realmente não significava nada. Era só seu jeito de guiá-la rua abaixo, de reivindicá-la na frente do atendente da capela.

E, Deus a ajudasse, ela não podia parar de imaginar a sensação de ter aquelas mãos se movendo em sua pele nua. Seus seios enrijeceram sob o sutiã de seda e o v entre suas coxas ficou muito mais quente.

O atendente da capela cortou seus pensamentos com um vigoroso “Um casamento! Maravilha. Se vocês vierem aqui para escolher seu pacote, nós podemos começar.”

Cole segurou-a imóvel em seus braços e outro calafrio delicioso a percorreu. Ela sempre foi firme em acreditar nas mulheres que cuidavam de si mesmas — droga, foi isso que ela fez na última década — mas não podia negar que havia algo realmente sedutor sobre ser firmemente segura por mãos fortes. Quase impotente contra a recente curva sensual de seus pensamentos, Anna teve que se perguntar como seria a força que Cole jogaria no quarto.

O quarto que ele prometeu levá-la naquela noite, casada ou não.

A resposta de Cole veio com aquela voz perigosamente sexy, baixa e confiante. “Vamos querer o melhor pacote que você tiver.”

O homem magro e sorridente acenou. “Certamente, senhor. E como está esta noite, Madame?”

Anna sorriu tão brilhantemente quanto podia em torno do nó que apertava os músculos do seu estômago.

“Bem, obrigada.”

“Só bem? Na noite do seu casamento?” O homem piscou para Cole. “Bem, vamos ter que fazer nosso melhor para mudar isto, não é?”

A mão de Cole se apertou na dela, que depressa disse “Na verdade, estou ótima. Incrível, fenomenal.” Ela sabia que estava balbuciando, mas não sabia como parar agora que estava como em um rolo. “Quem não ficaria feliz em se casar com Cole?”

O homem magro estudou Cole por um longo momento antes de balançar a cabeça. “Sim. Ele parece que vai ser um marido maravilhoso.”



Anna automaticamente girou seu olhar para Cole. Ele parecia que não podia decidir se gritava... Ou ria. E ainda assim, mesmo quando uma veia em seu pescoço pulsava sob o cuidadoso exame deles, ela silenciosamente se achou concordando com o homem que os ajudava a se casar. Cole realmente parecia que ia ser um marido maravilhoso.

Por que pensou aquilo, ela não soube, especialmente porque não tinha absolutamente nenhum dado que voltasse a isso — além de seus beijos ousados, é claro — mas não havia como negar sua força, sua postura inalterável mesmo numa capela de Las Vegas durante um casamento no impulso do momento.

“Nós precisamos de um anel.”

Tanto Anna quanto o homem atrás do balcão saltaram pelo tom dominante de Cole.

Eles precisavam de um anel. Um anel de casamento.

Respirar fundo. Era aquilo que ela precisava. Uma depois da outra até a quantia certa de oxigênio retornar ao seu cérebro.

“Claro, senhor.” O homem estendeu a mão para baixo do balcão e retirou uma caixa aveludada. “Aqui está nossa seleção.”

Cole rosnou seu desagrado quando olharam para o lado de dentro. “Não.”

“Senhor?”

Cole não respondeu, simplesmente retirou um celular do bolso. “James. Eu preciso de um anel de diamante. Nada menos que cinco.” Ele voltou sua atenção para ela por um breve momento. “Que tamanho é o seu anel?”

Ela baixou o olhar para sua mão sem anel. “Eu não sei.”

“Com licença, senhor.” O atendente da capela disse “Posso garantir que ela é número seis.” Ele sorriu para ela. “Venho fazendo isso por um bom tempo.”

Cole falou ao telefone novamente. “Seis.” Depois de uma pequena pausa, ele disse. “Não, isso é inaceitável. Cinco minutos atrás.” Ele olhou para o sinal na parede. “Capela Cupido do Casamento, atrás do Wynn.” Pôs o telefone de volta no bolso. “O anel estará aqui em cinco minutos. Que papelada você precisa que preenchamos?”

“Grande ideia.” Ela gorjeou. “Vamos deixar a papelada pronta imediatamente!”



Sentiu os olhos de Cole sobre ela, fazendo-a corar enquanto dizia “Precisamos de um minuto a sós.”

O homem atrás do balcão balançou a cabeça depressa. “Claro, senhor. Só vou checar algumas coisas lá atrás.”

Cole tinha um modo de concentrar toda a sua atenção sobre ela, o que sacudia seu cérebro — e fazia sua calcinha umedecer perigosamente.

Ela não podia acreditar no jeito que esquentava sob seu olhar. Nenhum outro homem já fez com que se sentisse assim, como se não pudesse controlar seus hormônios ao redor dele. Não era só porque ele era extremamente bonito e com uma constituição física de um fisiculturista. Não, era algo mais que deixava seu pulso acelerado.

Era o modo como seus olhos diziam *Minha* quando ele a olhava.

Assim como estavam fazendo naquele momento.

Ela tomou um fôlego para tentar clarear sua cabeça, mas a respiração foi tão trêmula que quase não conseguiu ar.

“Anna.” Ele pôs o dedo embaixo do seu queixo e o ergueu.

“Não é emocionante?” Ela perguntou, tentando dar-lhe um sorriso confiante.

“Sim.” Ele concordou e então “Diga-me o que há de errado.”

Ela se forçou a dizer. “Não há nada errado.” A mesma coisa que tinha dito para todo mundo sua vida inteira, se era verdade ou não.

O dedo se moveu de seu queixo para o rosto. “Posso lidar com a verdade, doce Anna.”

E a verdade era que, de repente ela acreditou nele. Incapaz de olhar em seu olhar escuro e quente, ela disse “Não é que eu não queira fazer isso, quero dizer, você me pediu em casamento e eu disse sim, então estamos aqui e tenho certeza que vai ser realmente ótimo, no entanto quando você começou a perguntar sobre a papelada, eu...”

Bem, aquilo tinha acabado de lhe parecer tão frio, tão profissional. Tão distante do calor que os tinha levado ali.



“Eu meio que comecei a pirar.” Ela respirou fundo. “Mas estou bem agora.” E aquilo foi uma coisa estranha, mas apenas dizer-lhe o que ela realmente sentia foi um longo caminho para dissolver o nó em seu estômago.

“Qual é seu sobrenome, Anna?”

Encontrando dificuldade para se concentrar devido ao fato que as pontas dos dedos dele estavam agora viajando pelo lóbulo de sua orelha, ela disse “Davis.” Os dedos desceram para o lado de seu pescoço, o que fez os desejos perversos e selvagens saltarem para a vida dentro dela. Teve que fechar os olhos por um minuto para tentar manter o equilíbrio.

“Quer saber o meu?”

Ela abriu os olhos surpresa. “Claro que sim.” Ela disse. “É só que quando você está fazendo isso, eu não posso me concentrar.”

Os lábios cheios e masculinos se curvaram em um sorriso sensual, ele correu os dedos pela sua clavícula e mais abaixo, na parte interna do seu antebraço. “Ótimo.”

Mais umidade inundou sua calcinha e ela não pôde conter-se um gemido suave de prazer.

“Tão doce Anna. Tão malditamente doce.”

O desejo que ondulou por ela por suas aquecidas palavras a deixou cambaleando. Precisando desesperadamente se apoiar em algo, qualquer coisa, ela enterrou o rosto contra seu peito. Mas, ao invés de apoio, quando ela respirou seu perfume inebriante — um cheiro limpo e masculino que a atraiu ainda mais e a fez querer se esfregar por toda parte dele como uma gata no cio — mal conseguiu se concentrar em nada além do quanto ela o queria. Não, aquilo não era simplesmente querer, era algo completamente diferente, um desejo desesperado que a consumia.

E então sentiu as mãos dele em seus ombros, empurrando-a para trás o suficiente para que pudesse segurar seu olhar novamente. “Em breve você será Anna Taylor.”

Sua respiração ficou presa em sua garganta. Era uma droga de jeito para dizer-lhe seu último nome.



Antes que ela pudesse conseguir com que seus pulmões ou cérebro cooperassem novamente — ela estava realmente para deixar Anna Davis, a mulher que tinha sido por quase trinta anos, para trás? — A porta da frente da capela se abriu e um atraente homem de cabelos grisalhos entrou.

Ela se sentiu ruborizar quando ele depressa a examinou, da cabeça aos pés. Ele manteve seu rosto inexpressivo, salvo pela leve surpresa persistente em seus olhos.

“Apresente-me, por favor.” O homem disse para Cole.

Os olhos de Cole não a deixaram, nem quando seu amigo entrou, nem agora que estava fazendo as apresentações. “James, esta é Anna Davis. Minha noiva.”

O coração dela saltou pela palavra *noiva*, e ela trabalhou para manter em seu rosto um sorriso normal de saudação. “É um prazer conhecê-lo, James.”

A sobrancelha do homem se ergueu ligeiramente. “É muito bom conhecer você, Sra. Davis.”

A próxima coisa que ela soube, ele estava abrindo um estojo de veludo, muito parecido com o que o atendente da capela tinha sob o balcão. Ela ofegou pelos anéis no interior deste.

“Não.” Ela disse, balançando a cabeça e lançando um olhar apavorado para Cole. “Você não pode — eu não devia...”

“Estes foram os maiores que você conseguiu?” Cole perguntou ao seu amigo em um tom claramente irritado.

Ignorando-o, James disse a Anna. “Claro que você ficaria bonita com qualquer um desses. Mas agora que a conheci, acho que este aqui seria perfeito.”

Ele segurou o anel que tinha lhe chamado a atenção, um diamante princesa envolto por um círculo de pequenos diamantes. Mesmo assim, ela não estendeu a mão para tocá-lo.

Franzindo o cenho, Cole disse “Droga, estes diamantes não são grandes o suficiente.” Ele pegou o maior, tão grande que ela não tinha certeza se poderia erguer a mão com ele, e disse “Que tal usarmos este aqui esta noite e então amanhã de manhã o trocaremos por algo melhor?”



De pé, numa capela de casamento em Las Vegas, encarando um diamante que tinha pelo menos cinco quilates nas mãos de um homem que ela conheceu há aproximadamente sessenta minutos antes, Anna parou de processar.

E começou a rir.

Ambos os homens a encararam como se ela tivesse completamente fora de equilíbrio. Ela supôs que eles estavam certos. Afinal, ela estava ali, não é?

“Cole.” Ela finalmente disse quando conseguiu falar “Estes diamantes são todos muito grandes.”

“Muito grande?” Cole parecia totalmente confuso e ela jurou que seu amigo fez um som que era algo entre uma tosse e uma risada.

“Muito grande.” Seu olhar se voltou para o que James tinha assinalado. “Mas aquele é bonito e acho que eu podia me acostumar a usá-lo.”

“Deixe o anel.”

James virou seu olhar perplexo para Cole. “Claro.”

Ele o pôs sobre o balcão e então fechou a caixa aveludada. Pegou Anna de surpresa com seu sorriso amigável e genuíno. “Meus melhores desejos para você, Anna.” E partiu antes de desejar sorte para Cole.

“Maravilhoso, o anel chegou!” O assistente retornou, segurando uma prancheta e uma caneta.

“Só preciso ver identidades com fotografia, que vocês preencham seus endereços, números do seguro social, assinaturas e nós podemos ir diretamente para a cerimônia.”

“Nós lhe diremos quando estivermos prontos.” Cole rosnou.

As sobrancelhas do homem se ergueram. “Oh, eu sinto muito. Acabei de lembrar que tem mais uma coisa que preciso cuidar. Com licença.”

Cole praticamente a carregou a uma pequena área de estar no canto da sala.

“Você o assustou.” Ela disse.

“Não me importo com ele, só me importo com você.”

O estômago dela se agitou. *Ele se importava com ela?* Oh, meu Deus.



“Você está acabrunhada.”

Sem dúvida, ele era um homem de poucas palavras. Mesmo assim, conseguia dizer tudo que precisado ser dito.

“Quem não seria?”

Antes que ela percebesse, ele a puxou sobre seu colo. “Eu não quero machucar você, Anna.”

Ele era tão grande, quente e duro sob suas coxas, contra seu peito e mãos. E quando ela estava tão perto dele assim, de repente tudo se tornava mais claro. Ele não a forçou a ir até ali, simplesmente a pediu para casar-se com ele e ela concordou. Porque, pela primeira vez em sua vida, ela queria ver a sensação de como era realmente viver.

“Você não está me machucando, Cole. E não precisa se desculpar.”

“Ótimo.” Ele disse naquela voz baixa e rouca que a aquecia além da razão. “Porque eu prefiro beijar você.” E então a boca dele estava sobre a dela e seu interior estava iluminado como o quatro de julho.

“Doce.” Ele murmurou contra seus lábios, entre beijos. “Mais doce que o açúcar.”

Seu corpo doía para ficar mais perto do dele, para se mover de forma que ela não estivesse sentada de lado em suas pernas, mas o escarranchando ao invés disso.

Quando finalmente ele a soltou para respirar, ela teve que dizer “Você tem um gosto bom, também.”

“Não chega nem perto do quanto é bom com você, Anna.” Ele disse com os olhos ainda em seus lábios, que estavam pulsando pelo beijo apaixonado.

“Beije-me novamente, Cole.”

Ela não teve tempo para respirar novamente antes que ele estivesse lá, roubando-a de seus pulmões, movendo-a de forma que seus seios fossem pressionados com força contra seu peito e seus braços envoltos firmemente em volta dele.

Não fazia nenhum sentido, não só estar ali em uma capela de casamento com um homem que ela mal conhecia, mas o fato que cada célula em seu corpo queria se tornar parte dele — e nunca, jamais ir embora. Cada dia, cada minuto de sua vida fez sentido até agora.



E nenhuma daquelas sensações já foi tão boa quanto aquela loucura.

“Vamos nos casar, Cole.”

Ele ficou imóvel com seu pedido sussurrado, antes de dizer “Qualquer coisa para você, doce Anna.”

Daquele ponto em diante, tudo aconteceu como um borrão. Cole erguendo-a do seu colo e eles seguindo para o balcão de mãos dadas para preencher a papelada, descobrindo que os dois viviam em São Francisco ao escreveram seus endereços por extenso; Escutando a oficial dizer “Você, Cole Taylor, aceita Anna Davis como sua legítima esposa.” ouvindo Cole dizer “Aceito” com sua voz baixa e rouca; Percebendo que ela estava sendo perguntada “E você, Anna Davis, aceita Cole Taylor como seu legítimo marido?” E a palavra “Aceito” vindo antes que ela pudesse pensar; deslizando o conjunto de prata sobre o dedo anular de Cole; observando-o deslizar o anel de diamante em sua mão esquerda enquanto as palavras “Eu vos declaro marido e mulher” eram ditas...

...E então beijando o estranho com quem ela se casara.



Ele não queria parar de beijá-la. Ela era viciante, seu gosto, a sensação de suas curvas suaves, os ofegantes sons de prazer que ela fazia quando ele varria sua língua contra a dela e mordiscava o carnudo lábio inferior. Infelizmente, afastar-se de sua nova esposa com o som de pigarro — alto e repetido — não era exatamente o que ele tinha em mente para sua noite de núpcias. Não que alguma vez ele tenha pensado sobre sua noite de núpcias.

Ou tenha se imaginado com uma esposa.

Sua frequência cardíaca disparou e o anel que Anna colocou em seu dedo lhe pareceu estranho quando a oficial disse “Parabéns, Sr. e Sra. Taylor.”

Anna se inclinou para mais perto dele, como se estivesse tentando se afastar de cair. Droga, ele estava do mesmo modo, embora ficar comprometido tinha sido sua ideia, o



caminho perfeito para ter certeza que Anna ficaria com ele pelo menos tempo o suficiente para encontrar sua avó. E fazer com que seu desejo final se realizasse.

A culpa bateu no interior do seu peito. Ao mesmo tempo, seu pênis estava tão duro que ele podia tirá-lo para fora e bater pregos nele.

“Obrigada.” Anna respondeu para a oficial e a testemunha, a quem Cole achou ser provavelmente um casal.

“Não tem de quê, querida.” Ela baixou a voz. “Eu não devia estar dizendo isso, mas depois de trinta anos que temos a Cupido, nós vimos o nosso quinhão dos casais que vêm em nossas portas, o suficiente para saber que uns vão dar certo, e outros não.”

Ele podia sentir a inspiração de Anna contra seu peito. “Você pode dizer só de olhar o casal?”

Merda. Por que ele não a arrastou para fora da capela assim que os anéis foram colocados? Se aquela mulher dissesse a Anna que seu casamento estava condenado — em menos de trinta segundos depois de ter se concretizado — Cole ia ficar irritado. Havia bastantes jogadores meio incapacitados lá fora que podiam garantir que nunca era uma boa ideia irritar Cole Taylor.

“Oh, sim. Nós certamente podemos.” A mulher afirmou. “Eu posso dizer que vocês dois estão entre os sortudos.”

“Nós somos?”

Ele teria rido da surpresa na voz de Anna se não tivesse ficado mais que um pouco insultado. Por que inferno ela tinha se casado com ele se não achasse que aquilo ia funcionar? Ele era o único naquela “relação” com um motivo oculto, não era?

Ela não podia ser tão boa atriz, podia? Inferno, ela se derramava em inocência, mas não tanto quando reagiu ao conhecimento do seu nome completo. Então novamente, para uma garota tão inocente, não levou exatamente um inferno de muito trabalho para convencê-la a se casar com ele.

A suspeita começou a montá-lo quando a mulher disse “Muitos casais entram aqui num rompante de momento, mas simplesmente não têm o que é preciso para fazê-lo. Mas



“você dois.” Ela sorriu para eles. “Quase posso ver o laço de vocês. Forte e verdadeiro. Amor verdadeiro. Mas vocês não querem passar sua noite de núpcias tagarelando com uma velha, não quando posso ver o quanto estão ansiosos para celebrar o casamento.”

Anna corou furiosamente pelo comentário da mulher, mas para Cole foi um respingo bem-vindo da verdade. A coisa toda de amor verdadeiro era besteira, mas a mulher estava completamente certa sobre uma coisa. Se seu pênis conseguisse ficar ainda mais duro, ele ia arrebentar o zíper. Ele queria Anna, e a queria agora.

Ele pegou sua mão na dele. Nunca tinha sido um grande segurador de mãos antes, nem mesmo com as namoradas de longa data, mas segurar a mão dela na sua parecia tão certo, tão natural. Levou-a para fora da capela e de volta às ruas que tinha conhecido quando era uma criança, voltando para o hotel.

O ar quente da noite foi um choque depois do climatizado da capela, especialmente considerando o quanto ele já se sentia superaquecido. Não só porque tinha se comprometido, mas porque abraçar Anna assim tão perto fazia algo estranho em seu interior.

Tomando a porta dos fundos, que ele usava quando tentava passar despercebido, eles pegaram o elevador especial que ia até a cobertura do Wynn. As portas estavam se fechando quando ela disse “Espere um minuto. O botão para o meu andar não está aqui.” Ela franziu o cenho para a parede do elevador. “Por que só existe um botão neste?”

Ele pôs a chave e a girou antes de apertar o botão. “Este elevador só vai para a minha suíte. E alguém pode pegar suas coisas mais tarde.”

Ainda claramente confusa, ela disse “Só vou levar alguns minutos para pegá-las eu mesma.”

Mas Cole era toda a impaciência. Ele a quis desde o primeiro segundo em que pôs os olhos sobre ela. Tinha queimado por ela desde o primeiro gosto, o primeiro toque. O casamento deles o tinha empurrado o inferno depois da razão e mais cinco minutos para que ela pegasse suas coisas não era uma opção.

Circulando sua cintura com as mãos, ele a arrastou para ele.

Jogo de Amor

Os Bad Boys do Futebol 03

Bella Andre



“Eu não quero esperar alguns minutos, Anna. Quero transar com minha esposa.” Ele praticamente rosnou a palavra final. “Agora.”



Capítulo Quatro

“Eu quero transar com minha esposa.” Esposa. Ela era uma esposa. De Cole.

Como ela desejava que as palavras, *Oh não, o que eu fiz?* Saísse da boca de Carrie Underwood¹ agora mesmo via alto-falantes, ao invés de direto entre suas orelhas.

Pelo menos, ela pensou com histeria mal reprimida, ao contrário do personagem da música country, ela sabia o sobrenome de Cole. Ainda que não soubesse muito mais.

Suas pernas ficaram fracas e ela precisava se sentar, de preferência com a cabeça entre as pernas e um saco de papel sobre a boca e o nariz. Mas, apesar de suas pernas terem se decidido a não se incomodarem em segurá-la mais, ela não tinha nenhum perigo de cair. Não com as mãos de Cole agarrando-a firmemente em volta da cintura, segurando-a tão perto que era quase como se ele não quisesse dar-lhe espaço para pensar ou respirar.

Ou mudar de ideia... E começar a correr.

O desejo era escuro e possessivo em seu rosto quando ele disse “Você tem alguma ideia do que faz para mim, Anna?”

Ao final da frase, ele baixou a cabeça de forma que as palavras finais foram apenas mais que um fôlego quente contra sua boca. Mas ao invés de outro daqueles viciantes beijos que tiravam sua respiração e a arrebatavam para cima dele, sua boca foi gentil contra a dela.

Anna estremeceu pelas sensações causadas por aquele sensível roçar de lábios. E pelo o que ele disse. Ela não era o tipo de mulher que passava horas se examinando no espelho, procurando por falhas ou beleza. Ela era o que era e muitas pessoas lhe tinham dito que era *atraente*, então eventualmente, decidiu que devia ser verdade.

Mas *atraente* não podia possivelmente inspirar aquela reação de Cole, podia?

Igualmente confusa enquanto era consumida por um desejo desconhecido, Anna encontrou-se sussurrando “Eu quero você, também.” Contra a boca dele.

¹ Cantora americana, vencedora da quarta temporada do programa American Idol.



No momento, o desejo era a única coisa que ela tinha certeza. A única que ela podia confiar.

“Droga, eu não vou possuí-la no elevador.” Cole disse enquanto se afastava dela e um segundo depois, estava se curvando para baixo e deslizando um braço sob seus joelhos. Ela era pequena, mas não exatamente tão magra, e ninguém nunca tinha tentado carregá-la antes.

A emoção a percorreu pelo quanto aquilo foi natural para Cole, e pela proteção — e feminilidade — que ele a fez sentir.

Mesmo assim, não estava acostumada a ser carregada por um homem que facilmente pesava o dobro dela. Então, embora estivesse emocionada — e excitada — por suas ações, também estava um pouco assustada, porque a verdade era que ele podia fazer o que quisesse com ela, que ela não teria como tentar lutar de volta.

A umidade não devia se juntar entre suas pernas pelo pensamento chocante. Mais que um pouco assustada pelo modo como seu corpo parecia estar totalmente desconectado de seu cérebro — e por menos racional que aquilo era naquele momento — ela disse “Cole, o que você está fazendo?”

Deus, ela parecia uma estrela chocada daqueles filmes em preto e branco dos anos cinquenta, mas não podia evitar. Nada tinha sido como ela pensou que seria esta noite. Ela devia estar sozinha na cama agora vestindo seu pijama de flanela, assistindo a um velho filme sobre um casal que conseguia se casar naqueles casamentos rápidos de Vegas.

Ao invés disso, ali estava ela, vivendo o drama em cores.

A resposta de Cole veio com um sorriso que tirou seu fôlego. “Aproveitando para carregar minha noiva através da porta.”

Ela não conseguiu evitar sorrir de volta. Cole era um dos homens mais lindos que ela já vira, de perto ou em fotos. Lindo e proibido. Sinistro e rude.

Mas quando ele sorria... Seu sorriso fazia o interior dela se acender como uma fogueira na praia.

“Continue me olhando assim e nós não vamos conseguir passar da porta da frente.”



Ele não estava mais sorrindo, ao invés disso, parecia perigoso e sexy. Tão sexy que ela não estava certa se queria passar da porta da frente.

“Eu nunca transei contra uma porta.”

O som que veio da garganta dele foi metade grunhido e metade gemido. “Eu não brincaria nesse momento, Anna.” Ele chutou a porta.

“Não estou brincando.” E não estava. Ela estava desesperada. Por algo que não entendia, por algo que nunca sentira antes.

Uma batida de coração depois, Cole pressionou as costas dela na porta, que agora estava fechada, com o vestido ao redor da cintura e as pernas envoltas dele. Ela não soube como ele fez aquilo, mas não se importou, não quando a única coisa que importava era conseguir alívio para o calor intenso e o pulsar entre suas pernas. Sentia-se inchada e sensível contra ele, onde sua calcinha esfregava-se contra o zíper de suas calças.

As mãos dele estavam em seu bumbum e quando ele baixou a boca para a sua, beijando-a duro o suficiente que quase chegava a machucar, ela não pôde parar de empurrar-se na espessa protuberância. Um momento depois, a boca dele estava se movendo por seu rosto e pescoço e ela estava se desnudando para ele, submetendo-se ao seu domínio na mais elementar das formas.

“Cole!” Ela gemeu, implorando por mais, por algum alívio da agradável pressão, as sensações intensas se construindo cada vez mais alto.

E então ela sentiu o roçar da mão dele contra suas coxas internas e choramingou seu prazer, mordendo o lábio enquanto tremores de antecipação a percorriam. Os dedos acharam suas dobras molhadas ao mesmo tempo em que a boca dele desceu para um seio coberto de seda e cetim. Anna nunca fez sons como aqueles antes — uma mistura entre um grito e um gemido, e estava realmente bem e chocada consigo mesma.

Chocada o suficiente que ela se viu empurrando o peito de Cole com suas palmas abertas e ofegando “Eu não posso. Não ainda. Por favor.”



Apesar de sua própria excitação, a resposta de Cole para sua mudança repentina foi instantânea. Erguendo a cabeça de seu peito, deixando uma grande mancha úmida no centro, ele a olhou com honesta preocupação e sem um pinga de remorso.

“Eu estava machucando você.”

Aquela completa autocensura não justificada rasgou seu coração. “Não, não estava.” ela disse, apressando-se a tranquilizá-lo. Sim, ele ia matá-la, mas não com dor. De prazer. Sem saber como explicar o que aconteceu, ela finalmente disse “Tudo está indo tão rápido.”

E ela tinha estado à beira de implorá-lo para que transasse com ela. Ela. Anna Davis.

Oh, Deus. Não Davis. Anna Taylor.

Cole a colocou de pé, ajudando a alisar o vestido de volta sobre seus quadris e, baixando o olhar, ela não pôde tirar os olhos de sua ereção, que mesmo preso em suas roupas, era como se tivesse vida própria, respirando entre eles. Um segundo depois, ela notou a mancha escura na frente do zíper dele e congelou. O pedaço de tecido no qual ela foi pressionada contra estava realmente úmido? Cole realmente a tinha deixado molhada — o suficiente para que ela tivesse ensopado sua calcinha e toda a distância para as roupas dele, com nada mais além de um beijo?

E os dedos deslizando entre suas pernas.

Seu surto saltou para um nível totalmente novo e como se sentisse seu medo repentino, Cole deu outro passo para trás. Mas mesmo quando lhe deu um pouco de espaço para respirar, ele entrelaçou os dedos com os seus.

“Entre. Vou lhe mostrar ao redor.”

Pela primeira vez desde que entraram, ela percebeu que estavam em uma sala de estar surpreendentemente luxuosa, com janelas que iam do chão ao teto, que davam vista para Vegas.

“Este é o seu quarto de hotel?”

“Gostou?”

“Você está brincando? É incrível. Já estive aqui antes?”

“Desde que eles abriram em 2006.”



Cada pergunta que ela fazia — e cada resposta que ele dava — só destacava o quanto realmente ela conhecia pouco sobre o homem com quem acabara de se casar. *Casada.*

O anel de diamante em seu dedo lhe pareceu pesado e estranho. Sua garganta se apertou em torno das palavras como se seu corpo e mente estivessem se fechando, uma peça de cada vez, então ela perguntou “Você sempre fica aqui quando está no hotel?”

“Normalmente. Minhas coisas estão todas aqui.” Ele respondeu com um fio de diversão na voz, em desacordo com a preocupação ainda escrita em seu rosto quando olhou para ela. “Vou pegar umas bebidas para nós.” Ele deixou-a sozinha, que foi em direção a uma porta de vidro deslizante, que dava para um deck.

Ela mal podia acreditar em seus olhos. Havia uma piscina enorme rodeada por um jardim no terraço, que sozinha era quase maior que seu apartamento inteiro. Alugá-la seria uma boa coisa — uma coisa incrível — mas possuir aquela suíte de cobertura? De jeito nenhum.

Ela estava muito ocupada boquiaberta — e se perguntando como Cole tinha dinheiro suficiente para um lugar como aquele — para notar que ele retornara da cozinha. Ele pressionou um copo frio em suas mãos. “Beba isso.”

O líquido era doce e açucarado, justo o que ela precisava depois de um dia de champanhe demais e pouquíssima comida. Bebeu até que este ficou quase vazio. “Obrigada.”

“Você parecia pálida.”

Parecia? Era por isso que ele estava com o cenho franzido? Porque estava preocupado com ela, ao invés de estar bravo porque ela deu uma parada no sexo contra a porta?

“Eu jogo futebol. Paga bem.”

Ali ela pensou que estava mandando bem, mas ele obviamente leu a pergunta em seus olhos. Porque ela tinha exatamente o oposto de um rosto inexpressivo.

“Não sei muito sobre futebol.” Ela admitiu.

“Imaginei isto.” Ele disse com outro daqueles sorrisos de parar o coração.

“Sou uma aluna rápida, entretanto.”



O calor se refletiu em seus olhos, a partir dos olhos escuros dele. “Fico feliz por ouvir isso. Muito feliz.”

Um par de sentenças não devia ser capaz de derreter seus interiores, devia? Tudo bem, quando ele a estava tocando, claro que ela derretia. Mas apenas palavras — e aquele tom de voz — estavam fazendo da mesma maneira um bom trabalho de excitá-la assim como fizeram seus beijos e carícias.

A voz dele foi rouca quando perguntou “E você?”

“Eu ensino a primeira série.”

“Isso é perfeito.”

Era?

“Minha doce e pequena professora.”

A resposta dele lhe pareceu estranha, mas ela não pôde compreender exatamente por que. Especialmente quando ele ainda a estava olhando como se quisesse lambê-la por toda parte, da cabeça aos pés. Seu corpo estava respondendo àquele olhar com uma intensa excitação, mas, ao mesmo tempo, quanto mais excitada fisicamente ela se tornava, mais parecia que seu cérebro — e coração — estavam lutando com aquele desejo. De volta ao clube, antes mesmo que a pedisse em casamento, Cole deixou perfeitamente claro que eles iam passar a noite juntos e, obviamente, agora que eram marido e mulher, aquilo era inevitável.

Ainda assim, parecia que havia uma diferença entre saber que algo ia acontecer e realmente estar lá quando acontecesse. E havia definitivamente uma diferença entre se decidir se ia ser corajosa e realmente ser corajosa.

Os olhos dele, ainda escuros de desejo, estavam fixos nela, que se sentiu como se ele enxergasse todo o caminho até sua alma. Era demais, muito cedo. Ela tentou entrar, mas ele a agarrou antes que ela pudesse dar mais um passo, e a puxou contra ele.

“Você não precisa fugir de mim, Anna.”

A respiração dela estava subindo e descendo muito rápido. “Eu não quero fugir, mas não sei como fazer outra coisa.”



A boca dele encontrou a sua e ela tentou se perder no beijo, do mesmo jeito que fez em todos os outros, mas o pânico a estava dominando muito forte agora para poder deixá-lo. As mãos dele se moviam em suas costas, esfregando, massageando dos ombros até os quadris, mas em vez de relaxá-la, ela só ficava ainda mais tensa.

Ele ergueu a cabeça e ela imediatamente disse “Sinto muito, não sei o que está errado comigo.”

“Não se desculpe.”

Grata por ele não está pressionando-a — embora ela agora fosse legalmente sua esposa — ela disse “Eu quero...” Oh Deus, ela era tão inexperiente com tudo isso que nem mesmo sabia como conseguir as palavras.

“Você quer dormir comigo.”

Grata por claramente ele não ter o mesmo problema, ela concordou.

“Mas algo a está segurando?”

Novamente, ela balançou a cabeça, concordando.

“Quantos amantes você teve, Anna?”

Ela corou com a pergunta. “Dois.” Ela disse com uma voz que era pouco mais que um sussurro. “Mas estar com eles não era como estar com você.”

As palavras saíram antes que ela percebesse que elas estavam vindo e seu rubor se inflamou ainda mais brilhante.

“Você é especial para mim, também.” Ele disse suavemente contra seus lábios e desta vez quando ele a beijou, ela pôde se afundar nele um pouco mais. “Eu quero lhe dar prazer, Anna, mais prazer do que você já conheceu. Vai me deixar fazer isso para você?”

As palavras aquecidas percorreram por suas veias como uma droga. “Eu quero, Cole.” E ela queria. Deus, como queria. “Mas e se eu surtar novamente?”

“Você confia em mim para se certificar que isso não aconteça?”

Ela não tinha motivos para confiar nele, não agora quando não sabia nada mais sobre ele além de seu nome e profissão. No entanto, havia algo em seus olhos, no jeito que ele a



tocou por toda aquela noite, na maneira como a beijou, que deixou seus sentimentos acariciados. E adorados.

Nunca ninguém a tinha feito se sentir daquele jeito antes. Não apenas na parte sexual, que era longe de qualquer plano que ela já teve, mas na parte da segurança. Cole a fazia se sentir protegida.

“O que tivemos até agora nesta noite foi só o começo. E há muito mais, doce Anna. Deixe-me mostrar a você o quanto posso fazê-la se sentir bem.”

Ela não pôde conter um arrepio por suas palavras. Seus braços ainda estavam ao redor dela, leve o suficiente que ela podia ir embora a qualquer momento, mas ela não queria ir. A ereção dele pulsava dura e grossa contra sua barriga mesmo através da calça, e ela queria o que ele lhe prometeu. Muitíssimo.

Mas agora, ela sabia com certeza que não podia fazer aquilo sozinha. Não sem que ele a ajudasse, guiando-a, levando-a. Não sem confiar nele.

Tinha pensado que um casamento rápido seria a coisa mais louca que ela faria, mas agora sabia que estava errada, porque dormir com Cole, confiar nele o suficiente para entregar seu corpo e deixá-lo aprender o que lhe dava prazer — aprender aquilo por si mesma — era de longe o mais louco.

“Eu vou confiar em você, Cole.”

O alívio que atravessou o rosto dele foi rapidamente substituído com um desejo mais escuro e mais profundo que ela já viu. Ele estava a meio caminho de beijá-la quando ela se encontrou dizendo “Mas, por favor, não traia minha confiança. Por favor, não me machuque.”

Ele acalmou um fôlego de sua boca. “Eu não quero machucá-la, Anna.”

Seu cérebro tentou dizer-lhe que não era a promessa que ela estava procurando, mas antes que pudesse se prender completamente a advertência, ele a estava pegando novamente e beijando-a enquanto a carregava de volta para dentro. Para seu quarto.



Capítulo Cinco

Cole não a jogou sobre a cama, não rastejou sobre ela e continuou beijando-a. Ao invés disso, ele a colocou de pé novamente e disse “Vire-se.”

Os olhos de Anna brilharam numa combinação de desejo e aquela incerteza que ela não podia balançar sob seu comando. Mas ela o fez.

“Boa garota.” Ele disse enquanto deslizava o zíper para baixo e empurrava seu vestido dos ombros para o chão. Os finos pelos ao longo de sua coluna se eriçaram quando os dedos dele seguiram seu vestido para baixo e ela se moveu para virar novamente e enfrentá-lo.

“Fique onde está.”

“Mas eu não posso ver o que você está fazendo.”

“Eu sei.”

Novamente, apesar de sua relutância de abrir mão do controle, ele esperou que ela fosse tentada o suficiente pelo que ele estava se oferecendo para dar-lhe.

Depois de tomar um longo momento apreciando o quanto ela parecia bem de costas, com nada além de sutiã e calcinha, com todas as curvas suaves e a pele lisa — e a antecipação de vê-la de frente quase o matando — ele disse “Não mova um músculo.”

Ele podia ver o quanto era difícil que ela seguisse suas instruções, mesmo sem ver seu rosto. Ela estava toda arrepiada de ansiedade enquanto ele ia até a cômoda e a abria.

“Diga-me o que você está fazendo.” Ela implorou.

Deus, como ele gostou de ouvi-la implorar.

“Você saberá logo, logo.” Ele disse, provocando-a com sua resposta. Apesar de ela achar que queria, o fato era que não saber o que ele estava fazendo ia deixá-la ainda mais quente.

E ia ajudá-la a se soltar.



Aquilo de precisar se soltar foi exatamente por que ele gentilmente deslizou uma de suas gravatas de seda pelos olhos dela. Ela estendeu a mão para a venda, mas ele não a impediu. “Eu pensei que você ia confiar em mim, doce Anna.”

As mãos dela ficaram imóveis contra o macio tecido. “Mas não pensei que você ia... me vender.”

Ele teve que pressionar um beijo na curva do seu pescoço. Mas apenas o toque de seus lábios não foi o suficiente, ele teve que morder sua pele com os dentes, tinha que começar a marcá-la como sua. *Sua*.

“Não pense, Anna. Apenas sinta.” Ele terminou amarrando atrás do cabelo macio, apertado o suficiente para que não deslizasse, mas não o bastante para machucar. “A venda vai ajudar.”

“Como?”

A pergunta sussurrada fez seu pênis crescer tanto que quase machucou. Porque ela estava confiando nele. *Que não merecia aquela confiança*. Droga, ele não podia desistir, não agora. Não quando tinha a sensação que o maior prazer que ele já conheceu, estava bem em frente dele, usando sua gravata como uma venda, junto com seu anel na mão esquerda.

Quando ela lhe pediu que não traísse sua confiança, eles estavam falando sobre sexo e ele disse a si mesmo que sua resposta tinha sido totalmente honesta. Justificativa o suficiente que nada iria impedi-lo de dar-lhe prazer.

“Sem decisões. Sem escolhas. Somente prazer.”

Ele a ouviu puxar o fôlego, viu a vibração da excitação na curva superior de seus seios onde seu coração estava batendo forte o suficiente que ele podia vê-lo saltando sob sua pele.

Ele a ergueu novamente, com os braços ao redor de seu pescoço para firmá-la um momento antes de deitá-la sobre a cama. Com a venda cobrindo seus olhos incríveis, ele se viu fascinado por sua boca, um doce e sexy arco do cupido que foi feito para beijar. Uma visão dos lábios macios e vermelhos de Anna, envoltos ao redor do seu pênis enquanto ela o sugava no fundo de sua garganta, o encurralou.

“Você é linda, Anna. Tão malditamente linda.”



Aqueles lábios perfeitos se curvaram em um sorriso trêmulo e ela cegamente estendeu a mão para seu rosto, correndo as pontas dos dedos sobre seu queixo e seus lábios. “Obrigada.” Ela sussurrou.

Inclinando-se sobre ela, ele lambeu seus lábios, um toque longo de um lado ao outro. Ela se abriu para ele com um gemido e, pela centésima vez naquela noite, ele perdeu de vista seu plano. Porque apenas beijar aquela mulher era melhor que transar com qualquer outra.

Quando suas curvas se tornaram suaves e flexíveis em baixo dele, quando ele acomodou sua ereção contra seu calor molhado e ela se remexeu sob ele, aquilo levou tudo que Cole teve para lembrar a si mesmo como eles estiveram até aquele ponto, onde ela estava aberta e querendo, e então tinha congelado. Se ele mantivesse aquilo assim, sem usar qualquer sutileza, as chances de acontecer novamente seriam altas.

Não porque ela era uma provocação. Nem porque o queria tanto quanto ele a queria. Mas porque ela era uma boa garota e prazer nesse extremo a assustava.

“Já mencionei o quanto eu amo beijar você?”

“Eu amo beijar você, também.” Ela disse naquela voz suave que era tão quente e doce quanto a mulher em baixo dele.

“Quero beijar você em todos os lugares, Anna.”

Seu sorriso suave congelou em seu rosto no exato momento em que ele pegou-lhe os pulsos e ergueu seus braços acima de sua cabeça.

“Cole?”

“Apenas relaxe, querida.”

Ele nunca foi de nomes carinhosos, nunca se incomodou em forçá-los para conseguir tirar as calças de uma garota, mas com Anna ele não os estava forçando. Ela era doce. Tão doce que ele doía pela necessidade de beijá-la. De sentir-lhe o gosto. Trabalhando depressa, ele pegou a outra gravata de seda que estava em seu pescoço e a amarrou no pulso esquerdo dela, no suporte direito da cama.

“Como posso relaxar quando você está me amarrando?”



Sua pergunta sincera o deixou sorrindo para ela. O tipo de mulher que ele normalmente dormia estaria jogando com isso naquele momento, gemendo e dando um show em seu benefício. Mas não Anna. Ao contrário, ela estava dizendo-lhe exatamente o que estava sentindo a cada passo do caminho com uma bonita honestidade.

“Assim.” Ele disse um momento antes de correr a língua ligeiramente pela pele delicada do interior de seu pulso. “E assim.” A boca correu beijos desde sua palma até ao redor de seu ombro e quando ele o fez de volta para seu rosto, teve que baixar para outro gosto de sua boca doce. Seus mamilos eram uma pressão dura de calor contra seus antebraços.

“Melhor?”

A respiração dela estava vindo em roucos ofegos. “Não.”

“Talvez isso ajude.” Com os braços dela ainda moles por seus beijos, ele rapidamente moveu seu outro braço para o local e o assegurou no suporte da cabeceira. Recuando para olhar fixamente para seu corpo bonito e meio dominado, ele perguntou novamente “Melhor agora?”

“Não, Cole, por favor. Eu não sei como fazer isso.”

“Você não precisa saber, querida. Não quando seu corpo já sabe.”

Afastando suas coxas delicadamente com uma mão em cada perna, ele inalou seu cheiro, mais doce que almiscarado. Sua boca encheu d’água pelo desejo de enterrar o rosto em suas dobras suaves e molhadas, e sentir seu gosto.

“Pode sentir o quanto você está molhada para mim?”

Sua calcinha rosa estava encharcada contra os lábios de sua vagina. Ele apertou dois dedos contra seu calor molhado e ela ofegou, apertando as pernas juntas ao redor de sua mão.

Deixando sua mão pressionada contra seus lábios cobertos pela seda, ele perguntou “Você tem alguma ideia do que está fazendo comigo?”

“Mas é você que está me tocando.”

Jesus, ela não tinha ideia do quanto sua inocência o inflamava. Inferno, ele estava tão surpreso com isso quanto ela.

Ele não tinha estado certo sobre amarrar suas pernas, mas agora estava.



As reservas de Anna eram tão profundas, que se ele lhe desse alguma chance de protestar, de tentar lutar contra o que seu corpo tão desesperadamente queria, ela a usaria.

Inclinando-se, ele baixou o rosto para sua virilha e deslizou a mão do caminho, apenas para substituí-la com sua boca. Sabendo que teria que usar o elemento surpresa ao seu favor se quisesse ter alguma chance de erguer-lhe as coxas afastadas novamente sem machucá-la, uma fração de segundo depois que plantou um beijo duro contra sua carne macia e excitada, ele estava separando suas pernas e prendendo seus tornozelos, um após o outro, ao pé da borda.



Anna reagiu instintivamente ao seu aprisionamento, puxando e arrancando em suas ligações de seda. Mas embora elas não fossem apertadas, eram bem firmes.

“Cole!” Ela implorou. “Por favor, me desamarre.”

“Deixe-me olhar para você primeiro.” Ele murmurou. “Eu nunca vi nada tão bonito. Você devia ver o quanto está sexy toda espalhada para mim, tão molhada e excitada, tão pronto para que eu a ame.”

Sem tocá-la — embora ela estivesse assustada pelo quanto estava vulnerável agora — as palavras de aprovação a mandavam para novos picos de excitação. Especialmente quando ele usava a palavra *amor*. Porque embora sua parte racional soubesse não haver modo de eles estarem sentindo mais que desejo — e gostar — um pelo outro depois de se conhecerem só há algumas horas, seu coração claramente queria acreditar no conto de fadas do amor à primeira vista.

Sentindo o calor do seu olhar, mesmo que não pudesse vê-lo olhando-a através da venda, ela podia sentir sua respiração chegando muito mais rápido, sabia que ela realmente estava se agitando dentro de suas restrições.

A próxima coisa que ela soube, a quente respiração dele estava roçando contra o lóbulo da sua orelha. “Você está sendo tão corajosa, querida.”



Mas ela não estava. Estava implorando que ele a libertasse a cada momento, dizendo-lhe que não podia fazer o que ele estava lhe pedindo. Assim como tinha feito a sua vida inteira.

Ele sugou o lóbulo carnoso de sua orelha entre os dentes e ela se arqueou da cama até onde as restrições a deixaram. Seus mamilos roçaram contra um de seus braços grossos e musculosos.

“Toque-me, Cole.” Ainda estava implorando, mas em um momento que ela queria que tivesse mudado. Não, aquilo era uma mentira. Ela queria que ele a tocasse desde o começo e, tudo que mudou foi que ela finalmente parou de conseguir à sua maneira.

A boca dele se moveu de sua orelha para trilhar um caminho quente para baixo em seu pescoço. “Aqui?”

“Sim.” Ela disse enquanto sua cabeça caía para trás, a fim de dar-lhe melhor acesso à sua pele sensível. Mas pelo modo como seus seios estavam doendo por seu toque, ele teve que mudar sua resposta. “Não.”

Ela o ouviu rir, sentido o riso suave contra sua pele um momento antes que sua língua mergulhasse no oco da frente de seu ombro. Ela ofegou pelo delicioso prazer que a percorreu e puxou nas ligações em seus pulsos. Só que, desta vez ela as estava puxando por causa do prazer, ao invés de tentar se afastar delas.

“É aqui onde você me quer, Anna?”

A boca dele se movia em sua pele com a pergunta, demorando-se com uma lambida e um mordisco quando as palavras terminavam. Sabendo o quanto ele estava perto de seus seios — e ainda assim tão maldita e frustrantemente longe — ela disse “Meus seios. Por favor, Cole. Toque meus seios.”

“Doce Anna.” Ele disse com aquele fio surpreendente de humor atando sua resposta, “Você devia apenas ter me pedido.”

Mas ele sabia que ela não podia, que não tinha as palavras e a experiência sexual para jogar o tipo de jogos que ele provavelmente jogava todas as noites com belas mulheres.



E então, tal como antes, o humor se tornou calor imediato quando a boca dele desceu mais para um peito, a língua lavando seu mamilo sob o sutiã em golpes quentes e pesados.

Aquilo era bom, melhor que qualquer coisa que ela já sentira antes. Mas ela queria mais. *Oh, Deus, ela queria mais.*

O ar frio a percorreu quando ele ergueu sua cabeça. “Estou fazendo direito?”

Sua pergunta teria sido engraçada se ela não estivesse deitada lá queimando totalmente, querendo coisas que a deixavam toda se contorcendo de embaraço. Não pelo ato sexual propriamente, que ela já fizera antes, mas pelo elemento verbal da interação sexual deles, algo que ele estava claramente insistindo que ela tentasse.

Anna ficou surpresa ao perceber que pôr voz ao seu desejo era quase mais assustador que estar presa e vulnerável a cada toque dele. Tantas vezes em uma curta noite, Cole a pediu para ser corajosa, para dar uma chance de dançar com ele, para casar-se com ele, deixá-lo amarrá-la. E, agora, dizer-lhe o que lhe dava prazer.

Ele foi a primeira pessoa que a olhou e a enxergou como alguém que poderia ter coragem, como uma mulher que poderia estar disposta a correr um risco. Tinha estado com tanto medo de passar a sua vida inteira e não ter conhecido a sensação de saltar e não saber onde aterrissaria. Mas Cole tomou sua mão e deu-lhe a oportunidade de saltar.

A chance de cair em queda livre e sentir o vento em seu cabelo.

Respirando fundo, ela disse-lhe algo que nunca pensaria em dizer para alguém. “Meus seios são realmente sensíveis. Bem sensíveis.”

Ela sentiu o ar ficar imóvel no quarto, percebendo que nenhum deles estava respirando. E então, os dedos dele acharam o fecho na frente do seu sutiã e o ar fresco percorreu as pontas aquecidas dos seus seios.

“Anna.” Seu nome era quase uma oração nos lábios dele. “Doce Anna, ninguém devia ser tão linda.”

Ela pensou — e rezou — que ele fosse baixar a cabeça até seus seios, especialmente quando sentiu as pontas macias de seu cabelo roçando contra sua carne supersensível.

“Diga-me o que você quer que eu faça nesses seios perfeitos, querida.”



Antes que ela pudesse dizer uma palavra, as mãos dele foram para a parte de baixo dos seus seios, juntando-os.

“Lamba-os.”

O cabelo dele roçou contra o lado exterior de um seio, a língua lavando entre sua carne macia e suas costelas. “Assim?”

Ela não podia acreditar que estava sorrindo, mas era uma surpresa que o homem grande e duro com quem ela se casou amava provocar. E, oh, ele era bom nisso.

“E se eu dissesse sim?” Ela se viu provocando de volta.

Após uma pequena pausa que só serviu para inflar sua antecipação, a língua dele desceu sobre ela novamente lavando pequenos, mas intensamente doces, círculos de prazer contra a lateral do seu seio. E então, depois de um rápido roçar do cabelo suave sobre seu tórax, ele encontrou o ponto igual em seu outro seio.

Ela sabia o que estava fazendo, não ia dar outro passo por si só, nem forçá-la ao auge, mas não ficar fora. Pular era toda sua própria responsabilidade.

Ela sabia disso agora, compreendendo aquilo pela primeira vez na vida.

“Meus mamilos, Cole.” Ela o sentiu erguer a cabeça ligeiramente, pressionando um beijo suave em sua pele antes de se afastar completamente. “Lamba meus mamilos.”

Ela foi imediatamente recompensada por sua coragem, com o estalido molhado da ponta de sua língua contra os pontos rígidos. As mãos dele eram maravilhosamente ásperas sobre ela quando ele empurrou seus seios juntos o suficiente para que pudesse lambê-los, primeiro uma ponta dura e depois a outra, e novamente numa sucessão rápida, de tal forma que ela não tinha a chance de se recuperar.

Apenas a língua de Cole em sua pele era melhor que qualquer outro encontro sexual eu ela já tivera.

E mesmo assim, não era o suficiente.

Nem de perto o suficiente para satisfazer a necessidade que ele a fazia sentir. E, oh Deus, as coisas que ela estava sentindo, as chamas quentes e brancas ondulando através de sua pele, puxando-a em um turbilhão de calor... E de prazer sem limites.



“Chupe-os.”

Mais uma vez, seu pedido foi prontamente concedido, e ela não pôde conter seu grito de profundo e escuro prazer, quando os lábios fortes de Cole se pressionaram em torno de um mamilo, quando sua língua se achatou contra o lado inferior de forma que o arrastasse em sua boca.

Ela tinha ouvido as mulheres dizerem que podiam gozar com aquilo, mas nunca acreditara nisso, nem por um segundo. Nenhum de seus amantes anteriores — não era nem mesmo justo pôr os homens com quem ela dormiu naquela categoria, ela de repente pensou — deu-lhe o que ela precisava. Nenhuma quantidade de preliminares a tinha levado para aquele lugar onde Cole tão facilmente a levava.

Enquanto sua boca se via como uma doce bolsa em um mamilo, suas mãos e dedos não negligenciavam seu outro seio, rolando o cume sensível entre o polegar e o indicador, de forma que ela não podia se concentrar em apenas um ponto, não quando parecia como se seu corpo inteiro estivesse em chamas, suas células de calor se fundindo sob os dedos e a boca talentosa de Cole.

Ela respirou fundo e depois outra vez, envolta dos gemidos de prazer, e só quando pensou que estava conseguindo um controle sobre as sensações incríveis que percorriam por suas veias, ele a surpreendeu com algo que ela não seria capaz de pedir, simplesmente porque não sabia que os amantes podiam tocar um ao outro de tal maneira.

A raspagem dos dentes contra a carne sensível deixou a umidade inundando seu núcleo, seu estômago se apertou para baixo quando ela foi incapaz de empurrar suas coxas juntas e tentar se dirigir à borda. Não conseguiu controlar o arco de suas costas na boca dele ou os sons que vinham de sua garganta, um grito de espanto enquanto chegava à beira da dor e voltava ao mais incrível êxtase.

E então, ele estava se movendo para o outro mamilo e ela estava dizendo “Faça isso novamente, Cole.”

Mas ele já estava lá, arranhando a ponta endurecida com seus dentes antes de lavar o pequeno machucado com a ponta de sua língua quente e molhada.



Seus braços puxaram contra as amarras quando ela tentou se pressionar para cima, mais alto e mais forte contra a boca dele. Mas então, seus seios ficaram livres, a boca e as mãos dele se moveram para baixo em seu torso e quando ela abriu a boca para reclamar, a língua dele mergulhou em seu umbigo, roubando cada palavra que poderia sair de seus lábios.

Um dos dedos de Cole deslizou por baixo da barra superior de sua calcinha e toda a sua consciência se concentrou de repente na carne lisa e excitada entre suas coxas. Ela podia sentir a seda da calcinha se aderindo aos seus lábios, onde anteriormente teria medo antes de deixar um homem que mal conhecia vê-la nua e, agora tudo que ela queria era que a fina barreira fosse puxada para longe.

“Anna, bebê, diga-me o que você quer. Diga-me o que precisa.”

As palavras soprando ar quente contra sua barriga quase a fez gozar. Deus, o que aconteceria quando ele finalmente a tocasse lá? Se ele amasse sua vagina com a boca tão bem como amou seus seios?

Impressionada por realmente poder sentir seu clitóris inchar ao mesmo tempo em que outro jorro de excitação se derramou de entre suas coxas, ela suspirou “Apenas me toque, Cole. Com suas mãos. Sua boca. Sua língua.” Ela estremeceu. “Seus dentes.”

Com a visão tomada pela venda de seda, o som de tecido rasgando foi alto o suficiente para fazê-la saltar, mas um segundo depois, quando dedos grossos e quentes se moveram por seus cachos nus e úmidos para separar sua carne, ela esqueceu-se de tudo — que tinha se casado com um estranho, que estava vendada e amarrada à sua cama, que estava assustada pelo desejo estranhamente poderoso que a consumia por dentro — tudo, exceto o quanto estava desesperada por liberação.

O ar soprou através de seus clitóris e ela se remexeu um centímetro — até onde as restrições lhe permitiriam. Oh, Deus, ele a estava provocando.

Ela tinha realmente apreciado sua provocação antes? Ele não sabia que a mataria se a provocasse agora? Que ela não podia aguentar mais daquele prazer, não quando tudo lhe vinha tão rápido, tão forte, roubando sua respiração — e seus sentidos — para longe.



Segundo a segundo, ela estava desaparecendo no turbilhão de uma tempestade de êxtase. A cada respiração, estava à beira de perder a Anna Davis que ela sempre foi contra as mãos de Cole enquanto elas deslizavam lentamente contra sua pele escorregadia e excitada, a boca caiu suavemente para seus clitoris, atraindo o broto apertado e rígido em seus lábios de forma que pudesse arrastar a língua sobre ele.

E então, justo quando ela pensou que ele ia dar-lhe o que ela queria, mais um redemoinho de sua língua contra ela, sobre ela — tudo que ela precisava para chegar ao cume e gozar — ele se afastou e soprou outra respiração quente sobre sua pele delicada.

“Não me provoque, Cole, por favor, não brinque mais.”

A língua dele estalou contra sua pele encharcada e o alívio a percorreu quando o prazer se cravou e ela tentou agarrar-se à onda para se deixar levar. No entanto, ele soprou sobre ela novamente e a leve rufada de ar foi tão boa, tão boa, mas mesmo assim não foi o suficiente.

“Você gosta do que estou lhe fazendo.”

As palavras não foram uma pergunta, elas foram uma declaração de verdade.

“Deus, sim.” ela ofegou. “Eu amo isso.” E ela amava. Mas, “Preciso gozar, Cole.” E então talvez pudesse sobreviver a este prazer. Talvez pudesse impedi-lo de correr para longe com ela. Talvez pudesse voltar a ser a mulher que sempre foi.

“O quanto você precisa disto?”

“Preciso muito.” era tudo que ela podia administrar enquanto ele varria a língua entre suas dobras novamente, desta vez mergulhando dentro dela. Mas, embora ela tentasse se arquear em sua boca, a língua não deslizou longe o suficiente para dar-lhe alguma satisfação.

Ela nunca sobreviveria à sua provocação.

“Bem, agora,” ele disse devagar, deixando seus lábios se moverem sobre o topo de seu montículo. “Não me parece que você precisa tanto disso.”

Se ela tivesse sido capaz de mover seus braços e pernas, teria se jogado contra ele, prendido-o na cama e rastejado sobre seu rosto, forçando-o a tomá-la onde ela desesperadamente precisou gozar.



Ao invés disso, tudo que ela podia fazer ela esperar que ele lhe desse o que ele queria, quando ele queria. Eles estavam no horário dele, no plano dele. Não no dela.

E com esse pensamento veio outra inundação inexplicável de excitação. Quase como se ela gostasse de ser amarrada e cativa para cada capricho de Cole. E então a boca dele cobriu a sua ao mesmo tempo em que ele deslizou um dedo em sua envoltura apertada e um pequeno tremor trabalhou através dela.

“Só mais um pouco. Só preciso um pouco mais para chegar lá.”

Seu riso a pegou de surpresa, seus lábios, língua e dentes balançaram contra ela, seus dedos se moviam contra as delicadas paredes internas. Outro mini-tremor a agitou.

“Se você estava esperando pouco, doce Anna, vai ficar muito desapontada.”

Ao invés de ter medo de se espalhar embaixo dele, a visão de sua ereção a esticou bem largo, enquanto ele a forçava a tomar tudo o que ele lhe lançava em um tremor maior e mais forte. A língua dele moveu-se lenta e suavemente contra ela novamente, do períneo até seu clitóris. Ela podia sentir se suando pela combinação de prazer e frustração. De antecipação. E desespero.

“Não posso sobreviver a muito mais disso.” Ela não tinha vontade de manter sua voz longe de tremer mais.

O riso dele veio novamente, quente e quase amoroso, mesmo que ele estivesse cheio do mesmo desejo escuro e profundo, que a montou desde o primeiro momento em que ele a beijou pela primeira vez.

“Você não só vai sobreviver,” ele prometeu, “Mas vai se perguntar como viveu tanto tempo sem isso.”

As palavras, a leve pressão da boca dele contra suas dobras sensíveis enquanto ele falava, junto com o aperto de seus músculos internos, foram quase suficientes para ela chegar lá. Segurando a respiração, ela se concentrou, determinando a gozar e escapar da tortura da provocação de Cole.



“Pobre e doce querida.” Ele murmurou quando ela caiu para trás contra a cama, frustrada e mais excitada do que jamais pensou ser possível. “Você realmente precisa gozar, não é?”

Mas ela estava longe de implorar naquele momento, suas células estavam muito envoltas nas necessidades de seu corpo para que sequer tentasse formar palavras coerentes. Ela confiou que ele lhe desse prazer e, ao invés disso, estava frustrada e...

Sua língua deslizou dentro dela duro, empurrando uma, duas, três vezes.

Oh, Deus, sim! Era aquilo que ela estava esperando, era disso que precisava, uma boa estocada de sua língua. Estava montando sua língua como uma seta dura quando os dedos se moveram sobre seu clitóris novamente e o circularam com precisão perigosa.

Ainda montando sua língua, ela rebolou contra aquelas mãos, lutando em suas restrições para tentar chegar mais perto, mas ele estava a dois passos à sua frente, aumentando a pressão com deliciosa determinação. E então Cole estendeu a mão livre para cima, encontrando um mamilo duro e excitado, e todo o corpo dela se quebrou, seu clitóris e seios foram o duplo epicentro para o sólido terremoto que rolou através dela. Ela nunca tinha gozado assim, tão intenso que ela teve certeza que a cama tinha se apartado embaixo dela, e que as paredes tinham caído ao seu redor.

Seu orgasmo continuava enquanto a língua de Cole a acariciava em novos e chocantes pontos sensíveis de suas paredes internas, com os dedos mágicos em seu clitóris e seios.

Finalmente, quando ela estava completamente esgotada — mais cansada do que esteve depois de correr dez quilômetros no ano passado — Cole se moveu na cama.

“Minha esposa tem uma boceta tão doce.” Ele disse antes de depositar um beijo suave sobre seu sexo. Arrepios a percorreram quando a barba dele raspou em sua carne demasiado sensível. “E seios lindos.”

Mesmo sabendo que o beijo estava vindo, ela não pôde se preparar para o calor doce de sua boca primeiro sobre um mamilo, e então sobre o outro. Um gemido lhe escapou quando ele os rolou em sua língua, e em seguida, raspou as pontas com as bordas de seus dentes.



“E uma boca tão pronta para foder.”

A boca de Anna encheu de água, apesar de si mesma, apesar do choque que a percorreu pelo conhecimento do que estava por vir, que ela iria retribuir o favor tomando o pênis de Cole em sua boca.

A cama se moveu novamente pelo peso dele e ela sentiu seu batimento cardíaco em sobremarcha novamente.

“Se eu estiver machucando você, se alguma coisa não se sentir bem, quero que me belisque.” Ele deslizou as mãos nas suas e entrelaçou seus dedos. Oh, Deus, ela pensava que amava segurar mãos antes, mas agora, sentindo o deslizamento daquelas largas e calejadas palmas contra as suas, um novo calor floresceu em seu peito. E então, antes que pudesse encontrar as palavras para responder às suas instruções, a ponta quente e ardente do pênis dele roçou suavemente contra seus lábios.

Ela tinha dado boquetes antes, mas não com muita frequência. Realmente nunca tinha visto tanto apelo no órgão genital masculino, mas a maneira em que Cole a estava provocando com sua ereção, a pele suave contra sua boca, deixou suas glândulas salivares em êxtase. A excitação dele era um cheiro limpo e masculino que a fez inalar profundamente quando ele lentamente pintou seus lábios, de canto a canto, com a ponta do seu pênis. Foi puro instinto prová-lo com sua língua.

Cole ficou imóvel quando ela fez contato com ele, e um gemido profundo de prazer pareceu vir do fundo do seu peito. Estimulada tanto pela reação dele ao seu toque, quanto pelo prazer assombroso que ela estava achando por estar com Cole daquela forma, ela moveu sua língua toda a distância daquela cabeça larga, lambendo avidamente o jato de excitação que resultou dela.

“Jesus, Anna, nada já foi tão bom.”

Mesmo enquanto suas palavras ressoavam, ela quis fazê-lo se sentir muito melhor e, por fim, ela não ficou certa de quem se moveu primeiro, se foi ela que abriu os lábios para tomá-lo em sua boca, ou se foi ele quem a forçou a se abrir. Tudo que ela soube foi que estava feliz, incrivelmente feliz, por ser capaz de prová-lo daquele jeito, alargando sua boca e



esticando os lábios ao redor daquele eixo duro e pesado. Não teve medo de ser presa por ele, porque sabia que ele jamais a machucaria.

Usando a língua para explorá-lo, ela lambeu cada parte de sua seta que foi capaz de alcançar, usando a sucção de seus lábios para puxá-lo mais profundamente. As mãos dele se apertaram nas suas, outro estrondo de prazer soando no quarto, e então ele estava impulsionando contra ela, tão fundo que seu reflexo de engasgo a bateu.

Puxando tudo para fora, ele disse “Sua boca é tão quente, bebê, que não consigo me controlar.”

Percebendo que ele estava deslizando as mãos das suas e afastando-se de sua boca, ela se apertou em seus dedos tão forte quanto pôde. “Quero provar você novamente, Cole.” Ela se forçou a superar a timidez e dizê-lo. “Amei lamber e chupar você.”

“Não quero machucá-la.”

“Você não vai.” Ela insistiu, prometendo “Vou beliscá-lo se precisar de ar.”

“Você sabe o que está me pedindo, doce Anna?” A pergunta foi baixa e cheia de desejo mal controlado.

“Não. Mas eu quero mesmo assim.”

Isso foi tudo que levou para Cole soltar as rédeas dar-lhe o que ela estava implorando. A pressão do seu membro contra os lábios dela a fez abrir a boca e ela agradecida amamentou sua carne quente e dura. Ele impulsionava dentro dela vários centímetros de cada vez e em seguida retirava, em um ritmo que a deixou novamente aquecida entre as coxas, seu ventre se apertando com necessidade renovada enquanto saboreava a excitação dele em sua língua, e no fundo de sua garganta.

No entanto, a ânsia de vômito a atacou novamente, e ele por fim se retirou antes que ela se aproximasse da base do seu pênis. Ela tentou relaxar a garganta, mas ele era tão grande e uma presença não familiar que ela não conseguiu. Lágrimas picaram seus olhos por trás da venda, mas estas não eram de dor, eram lágrimas de frustração, porque em algum nível elementar, ela sabia que tinha mais para dar a ele. Só não conseguia descobrir como fazê-lo.



Uma das mãos dele se desenlaçou das suas e ele suavemente correu as pontas dos dedos em sua garganta exposta. “Incline-se para cima e para trás, querida.”

Ele escorregou a mão na parte inferior de sua garganta para ajudá-la, e então estava deslizando dentro dela, além do ponto que tinha ido antes. Ela sentia os músculos em sua garganta se abrindo para tomá-lo mais fundo, podia provar o calor almiscarado dele em sua boca. Novamente ele se moveu para seu interior, em seguida retirando-se de sua boca e de sua garganta, e embora ele não estivesse tocando em seus seios ou sua vagina, dar-lhe prazer a deixou na borda novamente.

Incapaz de conter seu próprio gemido de prazer profundo, ela sentiu a contração do pênis de Cole contra sua língua, um jato grande de pré-sêmen cobriu sua língua e garganta e ele puxou a distância toda fora dela com uma maldição.

Uma fração de segundo depois, as restrições em seus pulsos e tornozelos foram retiradas e ela teve que se apoiar em Cole para se firmar. Seus ombros eram largos e duros, sua pele lisa de suor. Ela ficou apreciando a excitação inesperada de poder tocá-lo, quando ele lhe puxou a venda.

Ela ofegou pela paixão, desejo e a necessidade em seus olhos escuros e abriu a boca para tentar dar voz às emoções que ricocheteavam dentro dela. “Eu não sabia que podia ser assim.” Sussurrou.

Ele enfiou a cabeça do pênis coberto pelo preservativo contra suas dobras e, com um só impulso, o teve do lado de dentro, e Anna perdeu o fôlego pelo prazer incrível.

“Apertado.” Ele arrastou a voz e o suor escorria do seu peito para o dela enquanto ele trabalhava para se firmar acima dela. “Tão malditamente apertado.”

Ele estava certo. Ela era pequena e ele era enorme. Mas ela amava a maneira em que ele a estava estirando para abri-la, amava saber que ele a estava levando a algum lugar que ela nunca esteve antes.

“Tome-me, Cole.”

Os olhos dele brilharam algo novo, uma emoção maior e mais rica, até mais que seu desejo, mas antes que ela pudesse tentar compreender o que ele estava sentindo, ele se



empurrou completamente dentro dela, firmando-se tão profundo que ela jurou que ele estava empurrando na base do seu útero. E então sua boca estava sobre a dela e ele a estava beijando, com ela beijando-o de volta e envolvendo braços e pernas ao redor dele para puxá-lo para mais perto e tomá-lo mais fundo.

“Minha doce Anna. Você é toda minha.” Ele raspou contra seus lábios.

“E você é meu.”

Até aquele momento, ela podia jurar que ele estava ainda escondendo alguma coisa, que ainda estava preocupado sobre machucá-la, mas após sua própria declaração possessiva, algo no homem que a segurava mudou.

Um momento depois, as mãos dele voltaram para as suas, puxando-as acima de sua cabeça, e ele estava movendo-se sobre ela, levando-a com tal calor e poder, que ela não só perdia o fôlego a cada estocada, como o prazer em espiral era mais apertado em seu ventre, nos bicos dos seus seios, no v entre suas coxas, e ela realmente implorou para que ele a possuísse ainda mais duro, mais rápido e mais profundo.

E ele o fez, cada impulso levando-a mais alto e mais próximo do cume.

Ela achou que ele tinha sido grande quando primeiro o tomou em sua boca e quando empurrou entre as dobras de sua vagina. Mas agora, à beira de sua liberação, ele era uma massa pulsante de veias, calor e excitação masculina. Anna jurou que podia sentir seu próprio corpo realmente reagindo ao clímax iminente dele, tanto pelo relaxamento quanto pelo retesamento de seus músculos internos. Relaxando para aceitá-lo muito mais fundo e então, se retesando para mantê-lo em seu interior, e manter as sensações incríveis que rugiam através dela.

“Anna.”

O som áspero e rouco de sua voz quando ele gozou, a enviou para a borda junto com ele. E então sua boca estava na dela novamente e ela foi lançada a outro clímax, numa espiral que ela mal segurou a borda da razão.



Capítulo Seis

Anna acordou enrolada dentro dos braços fortes de Cole. Uma das mãos dele estava enfiada em seu cabelo e a outra em seu peito, a palma aberta e descansando diretamente sobre seu coração.

Não estavam dormindo como duas pessoas que tiveram um encontro de apenas uma noite. Ela não estava tentando descobrir como se espremer debaixo dele sem despertá-lo e não estava se repreendendo por seu comportamento insensato.

Ao invés disso, estava curtindo o conforto de ser abraçada por um homem que lhe dera não só o prazer, mas algo mais que ela nem mesmo percebeu que precisava: uma janela para a mulher que estava esperando dentro dela desde o começo, uma mulher que era pelo menos um pouco mais valente e aventureira.

E, cara, ela tinha sido recompensada por aquela coragem novamente com sua boca e mãos — e depois seu pênis. Pensar em tudo que ele lhe fez naquela noite antes de fazer seu corpo se aquecer novamente, fez sua pele coçar com consciência intensa. O conforto se transformou em excitação e com essa mudança, veio a percepção que Cole estava duro e pulsante contra seu quadril onde ele a estava aconchegando.

Mesmo depois que ele chegava ao clímax, seu pênis era maior que qualquer um que ela já vira antes. Ereto, era alucinante, tanto em comprimento quanto em perímetro e de alguma forma, ela foi capaz de se estender para ele. Quando as lembranças do que eles fizeram voltaram para ela, numa manhã de perfeita clareza, seu estômago se apertou e a excitação se derramou por ela. Preparando-a para seu toque, tal como tinha sido na noite anterior.

Só que desta vez, ela não queria ser amarrada, não precisava disso. Não quando sabia o que o toque do Cole e seus beijos faziam para ela. Não quando ela queria tocá-lo, beijá-lo, lambê-lo e mordiscá-lo, do jeito que ele lhe fez todas aquelas coisas quando tinha sido sua prisioneira de seda.



Puro instinto feminino a fez enfiar os dedos na mão que estava em seu seio e remexer os quadris em seu calor rígido. Um gemido baixo, quase inaudível veio de trás dela, que sorriu. Até a noite passada ela não sabia que havia uma mulher super sexy deitada em espera dentro dela, mas agora que sabia, descobriu que queria expô-la mais completamente nos braços do homem para quem inexplicavelmente deu sua confiança.

Confiar nele não foi algo que deveria ter feito sentido, mas talvez, ela pensou quando a ponta do polegar dele esfregou leves círculos ao redor de sua aréola, aquele tinha sido seu problema desde o começo. Ela queria que tudo fizesse sentido. Insistia nisso. Mas, talvez o amor não fizesse sentido.

Não que estivesse apaixonada por Cole. Ela gostava dele, desejava-o. Mas amor? Não. Ele ainda não estava lá, não após somente dez horas juntos. Mas ela podia apaixonar-se por ele um dia?

Se ele sempre a tratasse do modo como fez a noite passada, como se ela fosse um presente precioso a ser valorizado e adorado? Então, sim, ela provavelmente não poderia se impedir de apaixonar-se por ele.

Uma perna peluda e musculosa se empurrou entre as suas quando Cole usou sua coxa a fim de abri-la para ele.

Agora, ela podia sentir exatamente o quanto estava molhada com sua carne lisa — ele a chamou de *boceta* e ao invés de ficar horrorizada, a palavra só a excitou ainda mais — esfregando-se contra ele. Seu clitóris já estava inchado e ela estava amando a forma com que o pelo na perna dele raspava contra o rígido nó, onde todo o seu prazer parecia estar centrado.

Antes que ela percebesse, estava montando a coxa dele, esfregando-se cada vez mais forte enquanto a mão em seu seio parava de provocar o mamilo enrugado e começava a apertá-lo mais seriamente.

Oh, Deus. Ela não podia acreditar que ia gozar.

Depois do modo com que Cole prolongou seu clímax na noite anterior, após experimentar uma magnífica liberação, ela pensou que ficaria saciada por algum tempo — mais que um punhado de horas, certamente. Nunca em um milhão de anos ela pensou que



estaria se esfregando contra a perna dele na primeira hora da manhã... Ou que o prazer seria ainda maior pela natureza levemente pervertida daquilo.

Alcançando o pico, Anna apertou os olhos fechados e se arqueou na mão em seu seio. Sua respiração ficou presa em sua garganta quando as primeiras explosões começaram a percorrê-la. A chocante e rígida pressão da cabeça do pênis de Cole contra seus lábios vaginais a deixou imóvel, no entanto, duras pontas de dedos desceram sobre seu clitóris, lançando-a em um clímax muito mais forte, enquanto Cole empurrava em seu canal apertado.

Ainda levemente dolorida pela sessão de amor da noite anterior, seu tecido interno tentou protestar pela invasão, mas seu desejo continuou pelo homem que agora a estava possuindo tão rude — tão maravilhosamente — superando o protesto com uma inundação de umidade para aliviar sua passagem.

“Abra-se para mim, doce Anna.” ele insistiu naquela voz quente e cheia de pecado, que teria tornado seus interiores uma poça se ela já não estivesse lá.

Ela pôde sentir como firmemente seus músculos internos apertavam sua seta rígida apesar do quanto que o queria dentro dela. Tentou respirar fundo, mas tudo que fez foi se reter contra ele.

“Eu quero.” Ela sussurrou, e realmente queria. “Estou tentando.” E estava. “Ajude-me.” Ela implorou, ainda suplicando-lhe por seu prazer, mesmo após horas da noite passada.

Mantendo-se perfeitamente imóvel dentro dela, não toda sua extensão, mas ainda assim tão grande que ela pensou que poderia estourar pela primorosa pressão, sentiu o movimento de língua no topo de seu ombro, um toque longo, liso e molhado em toda a extensão de seu pescoço até o lóbulo de sua orelha. Então, sem qualquer esforço de sua parte, seus músculos se abriram, soltando seus apertos sobre ele.

“Assim mesmo, querida.” Ele elogiou enquanto deslizava mais fundo, seus músculos e carne separando-se para ele. “Tão apertada. Tão quente.” A língua achou seu pescoço novamente. “Tão macia.” Ela inclinou a cabeça para trás de forma que sua boca pudesse encontrar a dele e ele murmurou “Tão doce.” contra seus lábios.



Sua língua encontrou a dela então ele estava deslizando fora e reposicionando-os, de forma que ela ficou deitada de costas, com as pernas abertas. Ele pegou um preservativo na mesa ao lado da cama e ela o observou com extasiada fascinação — e desejo desesperado — quando ele o deslizou sobre sua ereção, e sem seguida toda a extensão para baixo do eixo grosso, longo e brilhante por seus sucos.

“Você é lindo, Cole.”

Ele de repente ficou imóvel entre suas coxas, uma batida de coração longe de mergulhar de volta em seu calor molhado. “Você não está mais assustada?”

Ela corou ao lembrar-se do quanto esteve preocupada na noite anterior, como ficou assustada pelo tamanho e pela sensualidade dele. Quando ele desfez a venda, o tamanho de seu pênis ereto a fez ficar chocada, com a certeza que possivelmente não podia levá-lo dentro de si sem ser rasgada em duas.

Não lhe ocorreu ser mais nada, além de honesta. “Como posso ficar com medo quando você me faz sentir tão bem?”

As pupilas dele, já escuras, quase dobraram de tamanho quando ele baixou o olhar para sua nudez, para o modo em que suas coxas estavam afastadas e abertas para ele, a forma como seus seios se agitaram e saltaram quando ela se achegou para ele.

“Você também me faz sentir bem, Anna. Tão bem que estou surpreso pelo prazer não estar me matando.”

Ninguém jamais a quis daquele jeito. Ninguém a tinha olhado com tanto calor perigoso. Ninguém a tinha amarrado e brincado com seu corpo até que ela estivesse implorando, suplicando e chorando por liberação.

Ninguém, além de Cole. *Seu marido.*

No momento exato em que ela puxou-lhe a cabeça para um beijo, ele se dirigiu para sua vagina, forte e profundo. Ela perdeu o fôlego para seus pulmões e ele tomou o que restava de sua respiração com um beijo ardente.

“Mais uma vez. Assim mesmo.” Ela implorou contra sua boca.



Mas em vez de conceder-lhe este desejo, ele levou muito tempo deslizando lentamente, e em seguida se retirando dela, um após o outro.

“Você ainda está muito dolorida e inchada.” Ele fez uma careta quando empurrou de volta em seu interior. “Eu não devia estar possuindo você agora. É muito cedo. Você não está acostumado a mim, nem ao meu tamanho.”

Anna sabia que devia apreciar o cuidado que ele estava tomando com ela, a forma como ele estava tentando protegê-la da dor, mas o prazer que corria através de seu sistema fazia a dor se transformar em êxtase, a necessidade virando desespero. À noite passada, quando ficou ligada à estrutura da cama, ela não tinha sido capaz de controlar nenhuma parte de sua sessão amorosa. E Cole tinha razão — aquilo era só o que ela precisava para forçar-se a se deixar levar e abraçar o maior prazer que já conhecera.

Mas naquela manhã, as regras mudaram. Ela mudou. E tomaria o que queria mesmo que Cole pensasse que ela podia lidar com aquilo ou não. Estendendo as mãos para segurar os apertados músculos do bumbum dele, ela arqueou os quadris para cima com força.

“Anna!” Ele gritou enquanto se enterrava ao máximo, que ela pôde sentir-lhe as bolas pressionando suas nádegas apertadas. Os dois ficaram completamente imóveis, ofegando e gemendo.

Oh, Deus. Ele estava tão fundo, mais profundo que na noite passada, e ela de repente percebeu o quanto ele conteve suas próprias necessidades na noite de núpcias.

“Não se segure, Cole.” Sua voz era tão escura e pesada quanto a dele agora.

“Não quero machucá-la, querida.”

Ela adorou que ele se importasse o suficiente para querer protegê-la, mas não agora. Não desta vez.

“Possua-me, Cole. Faça-me sua.” Ela enfatizou suas exigências com um puxão forte e apertado de seus braços e pernas envoltos ao redor do corpo dele.

Ele praguejou e fez careta, obviamente tentado lutar por controle. “Doce Anna.”

O duro peso do corpo dele a golpeou, empurrando tão longe para baixo no colchão que ela quase podia sentir a caixa de molas embaixo deste. Mas ao invés de ficar assustada e



de se lamentar por seu pedido impulsivo e febril, ela apreciou seu ato de amor, cada impulso, cada gemido, o golpe duro de carne úmida quando se uniam e se separavam em um ritmo perfeito.

Seus músculos internos estavam se apertando nele novamente, mais do que nunca, mas ao invés de alguma dor, havia um prazer quase impossível, tão profundo e puro que ela não podia fazer nada, além de fechar os olhos e esperar enquanto Cole agarrava seus quadris e golpeava o eixo rígido dentro dela, puxando seu mamilo com a boca e trabalhando os dentes através do cume duro.

Os músculos nas costas e quadris dele estavam contraídos, os tendões tensos e salientes quando ela suavemente raspou as unhas através de sua pele.

Seu ventre se apertou, os seios se arquearam na boca dele e seu clitóris inchou. Então ela explodiu e cada músculo em seu corpo pareceu se contrair e depois se aliviar, enquanto ela voava cada vez mais alto nas faíscas ofuscantes que Cole estava atirando ao seu redor.

O poder de seu orgasmo a chocou a abrir os olhos e foi quando ela percebeu que ele estava se apoiando com um braço forte de cada lado do seu rosto. Ele a estava encarando maravilhado e com tanto fascínio que seu coração quase parou de bater.

“Cole.”

Ela sussurrou seu nome, estendendo a mão para tocar o belo rosto em suas mãos. Assim que seus lábios se tocaram, ele ficou imóvel e contraído, crescendo ainda mais em suas paredes lisas. Ela queria senti-lo explodir, queria saber que o fazia se sentir tão bem quanto ele lhe fizera na noite anterior.

“Goze para mim, Cole.”

As mesmas palavras que os lábios dele a enviaram para a borda apenas algumas horas antes. E agora era ela que o estava enviado para lá.





Cole não pensou que alguma coisa poderia ficar além da noite anterior, certamente não no sexo na primeira hora da manhã. Mas sentir as mãos de Anna em sua pele, seus braços e pernas em volta dele, saber do seu desejo — ao invés do conhecimento de todas as coisas que ele planejava ensinar-lhe — aquilo estava guiando a dança deles... inferno, aquilo era como se ele não conhecesse nada.

Embalando-a em seus braços, ele rolou de costas e a olhou, viu que seus olhos estavam fechados e havia um sorriso em seus lábios.

“Isso foi incrível.”

Ele acariciou suas costas e ela se aproximou mais, com a cabeça na curva de seu ombro, respirando suave e regular. Estava impressionando com tudo sobre ela. Sua doçura, como ela conseguia manter sua inocência mesmo depois que ele a possuiu forte e profundo, mas especialmente o modo em que ela lhe deu sua confiança.

Tudo que ele procurava era uma boa garota e, de alguma maneira, conseguiu muito mais.

A luz do sol entrou pelas janelas e ele não quis esperar muito mais tempo antes de levar Anna para encontrar sua avó. Ela ia amar sua esposa. Quem não amaria? O pensamento o congelou e sua mão parou a meia carícia das costas de Anna.

Não podia passar o dia todo — ou mesmo toda manhã — na cama com Anna. Precisavam levantar e sair o mais rápido possível. Sua avó lhe pareceu cansada e pálida na manhã anterior. O quão rapidamente o câncer podia se espalhar? Quanto tempo lhe restava?

Cole livrou-se abruptamente das cobertas e saiu da cama. Anna o encarou, o sulco entre suas sobrancelhas mostrando sua confusão.

“Precisamos sair logo.” Ele a puxou da cama, mais rude do que realmente pretendia. “Vamos tomar banho.”

Anna arrastou sua mão da dele. “Por que está agindo assim de repente? Especialmente depois que nós...” Suas bochechas coradas preencheram o resto da frase.

O medo e a preocupação com sua avó assumiu de repente o comando de tudo e ele disse “Quero apresentar você a minha avó. Ela fica melhor pela manhã.”



O rosto de Anna — que era muito mais bonito à luz do dia — imediatamente se suavizou. Chegando em direção a ele, ela pôs as mãos de volta nas suas.

“Eu adoraria conhecê-la, Cole.”

Usando o momento a seu favor, ele a puxou através do quarto para o grande banheiro de azulejos. Não podia esperar para passar algum tempo com ela na enorme banheira Jacuzzi, e estava praticamente salivando com o pensamento de girar os jatos sobre ela, observando-a gozar sob os fluxos pulsantes da água, que ele apontaria diretamente para seu clitóris. Mas, essa fantasia ridiculamente poderosa teria que esperar.

Ele ligou o chuveiro e quando a água estava morna o suficiente, Anna foi levada para baixo do spray. Ela pegou o xampu e embora eles precisassem se apressar, ele o arrancou de seus dedos.

“Vou banhá-la.” Ele disse e cada palavra era mais rouca que a anterior.

O pênis dele crescia a cada toque das pontas dos dedos contra seu couro cabeludo, enquanto inclinava sua cabeça ligeiramente para trás e observava o fluxo da água de sabão descer por sua coluna e sobre o delicioso bumbum.

“Meu Deus, você é linda.” Ele disse enquanto pegava o sabonete e o corria em cada centímetro de sua pele macia.

Ela estremeceu contra ele, gemendo suavemente enquanto ele ensaboava e enxaguava seus seios, braços, barriga, pernas, e em seguida — e finalmente — sua doce boceta.

Cole mal segurava o controle enquanto roçava seu clitóris com as pontas dos dedos, e em seguida, empurrando o sabonete ao longo de seus lábios vaginais e toda a extensão, do clitóris ao ânus.

As pernas dela estavam cedendo enquanto ele a acariciava e a lavava, e ele teve que pegá-la nos braços para impedi-la de cair.

“Como eu ainda posso querer você?” Ela sussurrou em seu peito. “Como é possível ainda precisar de você depois de tudo que acabamos de fazer?”

Não havia esperança alguma para isso. Odiando-se por tomar mais tempo do que tinha para levá-la até sua avó, Cole simplesmente não podia resistir ao que Anna estava



oferecendo. Ainda segurando-a em seus braços, ele a moveu de forma que suas costas ficassem apertadas contra os azulejos. Ela ofegou quando sentiu sua ereção pressionando duro e espesso contra sua barriga.

“Segure-se em meu pescoço.” Ele a instruiu.

As mãos dela tremiam quando ela obedeceu, mas ele sabia que não eram os nervos desta vez que a deixavam trêmula. Era desejo puro e desenfreado.

“Por quê?”

“Porque vou fodê-la aqui mesmo, e agora, contra a parede do chuveiro.”

A língua dela saiu para lambar os lábios e seus dentes morderam o lábio inferior cheio de incertezas. Em algum lugar no fundo do cérebro de Cole, ele sabia que a estava empurrando longe demais e muito rápido, mas não conseguia parar a si mesmo.

Não quando ele a queria tanto. Não quando tinha ficado quase incoerente pelo desejo desde o momento em que fixou os olhos nela.

Nem quando as duas vezes que a tinha possuído, não fizeram absolutamente nada para saciar aquele desejo.

“Embrulhe suas pernas ao meu redor e segure forte, querida.”

Sem esperar por seu acordo — porque ele não estava pedindo, estava exigindo — em um movimento rápido, ele pôs as mãos em seu bumbum e quando ela abriu as pernas, ele a ergueu e a deslizou sobre seu pulsante membro.

A cabeça dela caiu para trás, um gemido de prazer escapando de seus lábios. Agradecendo Deus por ela ser uma aluna tão rápida, a próxima coisa que ele soube, ela o estava montando como se tivesse tido sexo em pé no banheiro toda a sua vida de adulta, o clitóris roçando contra seu osso pélvico, os seios contra os pelos de seu peito.

“Oh, Deus, sim, sim, sim!”

Cole teve que cerrar os dentes para superar o orgasmo dela e se impedir de disparar nela enquanto sua boceta se apertava e puxava seu pênis.

Com suas bolas se apertando em seu corpo e seu abdômen se contraindo, Cole viu que não podia conter sua liberação outro segundo. Retirando-se de seu calor molhado e apertado



com um rugido, ele se empurrou na barriga dele, com fluxos de sua ejaculação cobrindo-lhe a pela antes limpa.

Quando tudo acabou, ele percebeu que ela estava tentando voltar para o chão, mas não soltou seu aperto, suavemente a abaixou e a lavou. Ela se inclinou contra a parede, ainda ofegando quando ele depressa a ensaboou e a enxaguou. Desligando a água, ele entregou-lhe uma toalha.

“Obrigada.”

Apesar do fato de ela ter sido possuída como uma mulher selvagem no chuveiro há menos de cinco minutos, ela parecia da mesma maneira conservadora, tão inocente como tinha sido na noite anterior.

Ele estava prestes a dizer-lhe o quanto transar com ela soprava sua mente, quando ela fez um som repentino de desânimo.

“Minhas roupas limpas estão todas de volta em meu quarto.”

“Elas foram entregues ontem à noite.”

“Quando? Eu não ouvi ninguém bater na porta.” Seus olhos se arregalaram. “Oh, não. Eles não vieram enquanto nós estávamos...”

Cole mal escondeu o sorriso a tempo do claro constrangimento dela. Mesmo assim, ele não conseguiu parar de provocar “Pense nisso, nós estávamos bem barulhentos ontem à noite.” Ele baixou a voz, tendo certeza que ela segurava seu olhar. “Especialmente quando você estava me implorando para fazê-la gozar.”

O rosto dela se incendiou novamente e ele teve que pressionar um beijo em sua boca doce.

“Você é muito fácil, querida.”

Atirando-lhe um olhar irritado, ela disse “Eu vou me vestir.”

Depois que ela deixou o quarto, Cole percebeu que era a primeira vez que ele ficava sozinho desde a noite passada. Normalmente, quando terminava de transar, ele mal podia esperar que a mulher fosse embora e o deixasse só. Mas, embora Anna estivesse só a um



quarto longe e ele poder ouvi-la abrindo o zíper de sua mala e retirando as roupas, ela estava muito longe.

Ele não apenas a queria no mesmo quarto. Ele a queria em seus braços.

Enquanto se vestia, Cole forçou-se a encarar o que tinha acontecido na noite de núpcias, apesar do quanto preferia manter sua cabeça na areia sobre o que Anna o estava fazendo sentir.

Claro que ele queria dar-lhe prazer e tomou a responsabilidade que ela lhe dera para mostrar seu verdadeiro prazer seriamente. Mas ao mesmo tempo, vinha lutando contra o sentimento estranho em seu peito — um calor que nunca sentira por qualquer outra mulher — e tinha pensado que amarrá-la e fazer coisas pervertidas para ela, poria um pouco de separação sobre dormir com ela.

Mas aquilo tinha saído pela culatra. Grande momento.

Porque mesmo que ela tivesse lhe implorado e suplicado por liberação, ele era o único que estava morrendo. Só em pensar na forma como ela ficou nua, estendida, amarrada e vendada — e tão malditamente doce, com tudo isso — o deixava rígido novamente.

Porque ele sabia que não podia ser assim com qualquer outra, também. E não estava falando apenas sobre o sexo.

Cole sabia que não podia sentir aquela proximidade com ninguém.

Não até encontrar Anna.



Capítulo Sete

“Minha avó provavelmente vai lhe fazer todos os tipos de perguntas, tipo como nos conhecemos. Vamos mudar alguns dos detalhes.”

Ainda tentando recuperar o fôlego pelo modo em que Cole estava disparando pelas ruas de Las Vegas em seu carro esporte, como se estivesse tentando ganhar uma corrida, Anna de alguma maneira conseguiu dar uma resposta através dos dentes cerrados.

“Que detalhes?”

Cole mudou de marcha novamente e bateu o ar que ela acabara de sugar, de volta de seus pulmões.

“A maioria deles. Eu gostaria de conseguir nossa história diretamente antes de chegarmos ao hospital.”

Eles chegaram a uma reta e ela foi finalmente capaz de pensar claro o suficiente para ouvir os sinos de alerta tinindo em sua cabeça. Uma centena de perguntas disparou por sua mente de uma vez e ela começou com “Precisamos de uma história?”

O rosto dele era o retrato da inocência — sua primeira pista que algo não estava certo. Até agora, Cole não havia sido nada além de malícia e ela amou cada segundo disso. A inocência parecia toda errada nele.

“Minha avó é de uma geração diferente e acho que poderia ser mais fácil para ela aceitar nossa relação se pensar que é mais que um casamento rapidinho em Vegas.”

As palavras *casamento rapidinho em Vegas* a irritaram, fazendo-a sentir-se de repente como nada mais que uma vadia barata. “Você está dizendo que quer que eu minta para sua avó?”

Um músculo saltou na mandíbula de Cole e sua mão se apertou na troca de marcha. “Olhe, Anna, ela está muito doente, tem melanoma em estágio quatro.”

“Oh, Cole.” Embora o que ele estava dizendo não estivesse lhe sentando muito bem, ela teve que pôr a mão sobre a dele, tentando dar-lhe conforto.



“Ela me criou. Cuidou de mim quando mais ninguém se colocou em primeiro lugar. Tudo que ela sempre quis foi que eu fosse feliz e tivesse uma boa vida.”

“Ela parece incrível.”

“Ela é. É por isso que preciso cumprir seu último desejo, Anna.”

Não havia razão lógica para ela sentir como se gelo estivesse acabado de se instalar sobre seu coração. Não quando estava no meio do deserto com um homem que acabara de lhe ensinar o verdadeiro significado do prazer. Tudo que ela queria era uma hora no tempo, para estar de volta aos braços de Cole e sob as cobertas.

“E qual é seu último desejo?”

Cole parecia tão tenso como ela nunca o viu. “Jesus, não há um bom modo para dizer isto.” Ele fez careta, estourando uma respiração com dificuldade. Os músculos ao longo do seu antebraço estavam tensos. “Ela queria que eu me apaixonasse por uma boa garota, então eu disse a ela que já o fiz e que iria trazer você para conhecê-la esta manhã.”

Uma lança de gelo golpeou em seu peito, indo tão profundo que por um momento ela meio que esperou encontrar sangue em sua blusa. Puxando sua mão da dele, ela se afastou e concentrou o olhar na estrada reta. Suas palavras na noite anterior voltaram para ela: *Perfeita. Minha doce professorinha.*

“Oh, meu Deus, foi por isso que você me escolheu ontem à noite.”

“Anna, querida, não tome isto assim.”

Ela girou para enfrentá-lo, o cinto de segurança cortando em sua pele. “Não tome isto como a verdade, você quer dizer? Deus, eu sou tão estúpida. Tão inacreditavelmente estúpida e idiota. Claro que você não teria vindo até mim sem um motivo oculto. Você podia ter tido qualquer uma naquele clube.” Sua garganta inchou, pegando suas próximas palavras. “Mas você tinha que encontrar uma boa garota para sua avó — e eu era a única no salão usando um halo.”

Sem aviso prévio, Cole partiu do lado da autoestrada para a sujeira, causando uma tempestade enorme de poeira por todo o carro anteriormente brilhante. “Tudo bem, então eu a escolhi na multidão porque você me pareceu inocente.” Ele estava claramente irritado e



frustrado. “Mas isso não muda o que aconteceu entre nós ontem à noite. Não muda o fato que não podemos manter a mão longe um do outro.”

“Errado. Muda tudo.”

“Não. Não muda nada.”

Ele teve seus cintos de segurança fora e sua boca na dela tão rápido que ela não conseguiu impedir sua reação a ela, que sua língua parasse de cruzar com a dele e não pôde parar seus gemidos de desejo soando no carro.

“Ontem à noite você disse que não sabia que podia ser assim, e não é, Anna. Com mais ninguém. Nunca foi assim tão quente e nunca foi tão bom. Só com você.”

Ela teve que se forçar a afastar-se de suas palavras sedutoras, do calor que a estava envolvendo novamente. A dor que acabara de conhecer, ainda estava se espalhando por seu peito e ajudou. Ela tinha confiado nele e ele traiu essa confiança, mesmo quando prometeu não fazê-lo.

“Eu quero o divórcio. Agora mesmo.”

Um grunhido possessivo retumbou pelo peito dele, reverberando nas paredes do carro.

“Não.”

“Eu não vou com você para encontrar sua avó.”

“O inferno que não vai.”

Ele se moveu para girar a chave na ignição, mas a fúria a fez mais rápida e ela a arrancou das pontas dos seus dedos. “Eu pensei que você se casou comigo porque eu era especial de alguma forma!”

O queixo dele saltou. “Jesus, Anna. Eu fiz. E você é.”

“Não, você não fez e eu não sou. Você me escolheu na multidão e me levou para uma capela de casamento de forma que podia me dar para sua avó como um tipo de prêmio. A *perfeita professorinha* em um pedestal.” Ela não se incomodou em conter o sarcasmo de suas palavras, simplesmente não se importou mais.



“Eu não a forcei a se casar comigo, Anna.” Ela parou pela mudança súbita na voz dele, de crua e frustrada para friamente calculista. “Tínhamos acabado de nos conhecer, não tínhamos feito nada além de nos beijar. Então, diga-me, você casou-se comigo, por mim? Porque sou especial de alguma forma?” Ele fez uma pausa, deixando as perguntas afundarem completamente. “Ou casou-se comigo por outra razão diferente? Porque você queria pôr um fim nisso com suas irmãs? Porque estava doente e cansada das pessoas achando que você não tinha coragem? Porque odiava o fato de nunca ter feito algo louco?”

Ela estreitou os olhos, sabendo exatamente o que ele estava tentando provar. Bem, não ia funcionar porque ele a magoara. Muito. E ela não ia perdoá-lo, ainda que já soubesse que nunca ficaria assim nos braços de algum outro.

“Não vire minhas palavras contra mim. Você quer que eu minta para sua avó, quer que eu diga a ela que nós estamos...” Ela não conseguiu dizer a palavra, não podia trazer sua voz para dizer uma mentira tão grande.

Infelizmente, Cole tinha uma mente assustadoramente no trilho. “Você não quis que suas irmãs me conhecessem, não é? E estava tão zangada sobre todo mundo pensar que era inocente. Nós dois sabemos por que se casou comigo, não é, Anna? Mas eu não estou bravo com você, estou? Estou feliz, contente por termos conseguido o que queríamos. E que foi malditamente bom entre nós, muito melhor do que jamais pensei que poderia ser.”

“Leve-me de volta ao hotel.”

“Seja razoável, querida.”

De repente, ela odiou o som do nome carinhoso que tanto amava. “Não me chame assim.”

Como se ela não tivesse dito nada, ele disse “Nós dois tivemos nossas razões para casar um com o outro. Que tal aproveitarmos a nossa química incrível ao invés de procurar cabelos nos detalhes?”

Ela o olhou como se estivesse vendo-o pela primeira vez. O que, ela supunha, estava. “Você está falando sério, não é? Realmente acha que isso é tudo que vai fazer com que eu fique com você?”



Os olhos dele se estreitaram. “Não, acho que eu devia ter sabido melhor. Tudo bem. Depois de visitarmos minha avó, eu a levarei à Tiffany² e você poderá escolher o que quiser. Dinheiro não é problema.”

Ela recuou como se ele a tivesse estapeado. E a verdade era que ele poderia também ter a dor de sua “oferta” sido enviada por ela.

“Não posso acreditar que você acabou de dizer isso.”

“Jesus, Anna, o que eu fiz de errado agora?”

“Você é um cretino, é isso que está errado.” O palavrão pareceu estranho em sua língua, mas não havia outra palavra para Cole, para o modo em que ele estava se comportando, para o que ele estava implicando. “Mas você sabe o que é realmente surpreendente?” O vapor estourou de suas orelhas. “Não é porque você acabou de me tratar como uma prostituta, mas sim por parecer que nem percebeu o que fez.”

Um instante depois, uma calma fria tomou conta dela, lacrando suas celas do calor de Cole. E da dor. Ela nunca devia ter corrido um risco com ele, nunca devia tê-lo deixado levar para a extremidade, nem saltado enquanto segurava sua mão.

Ela nunca cometeria aquele erro novamente. Nunca.

Em uma voz perfeitamente racional, ela disse “Entendo que você gostaria de ver sua avó esta manhã. Vou esperar no carro e quando tiver terminado, podemos ir conseguir o divórcio.” Ela pôs a chave de volta na ignição e esperou que ele voltasse para a estrada.

O ar ficou pesado e ainda mais enquanto os segundos passavam em silêncio. Ela não se deixaria notar o céu azul brilhante, a lebre correndo pela estrada vazia, não se deixaria nada mesmo.

“Sinto muito, Anna.”

Ela se forçou a dar de ombros como se não se importasse de qualquer maneira. “Tudo bem.” Não estava, é claro. Como podia estar? Mas absolutamente recusava-se a se quebrar no carro de Cole. Pelo menos não até que ele entrasse no hospital para ver sua avó e ela estivesse sozinha, com tempo o suficiente para consertar o dano antes que ele retornasse.

² Sofisticada loja de jóias.



“Não, não está.”

As palavras dele foram tão suaves e verdadeiras que elas quase escalaram as paredes ao redor de seu coração antes que ela pudesse deter seu progresso.

“Você está certa, eu sou um cretino. O maior do planeta. E espero que um dia você me perdoe por dizer o que disse. Especialmente quando eu nunca, nem por um segundo, pensei em você desse jeito.” Ele engoliu um palavrão. “Sei que seu perdão vai, provavelmente, levar um tempo para chegar, mas minha vó não pode esperar por isso.”

Ela teve que fechar os olhos e apertar as mãos em punhos se tivesse que fazer uma oração para resistir ao apelo que ela sabia que viria.

“Eu farei qualquer coisa, posso rastejar do jeito que você quiser, se você apenas vier comigo para ver minha avó esta manhã. Por favor, Anna. Não por mim. Não porque eu mereça isso, mas porque ela é umas das melhores pessoas que já conheci e porque não mereceu se prender a um neto como eu.”

Foi sua última sentença que a quebrou.

“Eu vou.” Ela disse. “E depois quero o divórcio.”



Capítulo Oito

“Você é muito mais bonita do que eu pensei que seria.” Anna foi imediatamente envolta nos braços de Eugenia Taylor. “Uma garota tão bonita para o meu garotinho.”

Pensando que Cole era qualquer coisa, exceto pequeno — em todos os lugares — Anna corou e disse “É muito bom conhecer você, Sra. Taylor.” Apesar da doença, a avó dele era muito bonita, com pele escura e olhos exóticos. Anna de repente teve um lampejo de uma menininha com aqueles mesmos olhos em um rosto bronzeado.

Não! Ela estava apenas fingindo aquela reunião por causa da sua avó e então eles iriam conseguir o divórcio imediatamente. O que estava errado com ela, sonhando com crianças que pareciam com a avó de Cole?

“Temos uma surpresa para você, Vovó.”

Ele pegou a mão esquerda de Anna e enfiou os dedos nos seus, de forma que seu anel de diamante brilhou. Apesar de tudo que ele lhe disse no carro — apesar da forma em que repetidamente a magoou — seu corpo instintivamente reagiu ao roçar da pele contra a sua.

“Nós estamos casados.”

Os olhos da sua avó brilharam. “Por que você não me disse ontem?”

Anna pôde ver onde Cole conseguiu sua terrível carranca.

“Não planejamos isso. Mas simplesmente não podíamos esperar mais um dia, vovó.”

Os olhos inteligentes de sua avó moveram-se do rosto dele para o dela. “Você está grávida, Anna?”

Anna balançou a cabeça tão rápido que o quarto girou. “Não. Eu não podia estar.”

“O que ela quer dizer,” Cole falou depressa, “É que nós dois queríamos fazer nossa união legal antes de começarmos nossa família.”

Anna mal conseguiu engolir a bile que subia por sua garganta, pelas mentiras que ele estava tecendo uma atrás da outra para aquela mulher maravilhosa na cama do hospital. Deus, se ela apenas soubesse o quão bom ele era em mentir quando o encontrou, nunca teria se



casado com ele. Pelo menos, era disso que ela tentava se convencer porque a alternativa — que ela não poderia resistir a ele, não importava o quê — não era algo que ela queria acreditar sobre si mesma.

“Não é isso, querida?”

Anna tentou não recuar do carinho. “Sim. Certo.” Ela forçou algo que esperou se assemelhar a um sorriso.

Os olhos da avó se estreitaram ligeiramente, entretanto ela sorriu. “Quero ouvir tudo. Como vocês se conheceram? Quando souberam que foram feitos para ficarem juntos para sempre?”

Anna engoliu em seco pelo *para sempre*. Cole era uma droga de muito melhor em mentir do que ela. Não ousou responder primeiro.

“Eu a vi através de uma sala lotada.”

Bem, isso era verdade. Anna mal conseguiu conter um bufar.

“Ela tinha os olhos mais bonitos que eu já vi. O mesmo azul-esverdeado do oceano.”

Anna não conseguiu se impedir de olhar para ele, então.

“Mas, muito mais bonitos. Então, eu soube direto que queria me casar com ela.”

A vovó suspirou com prazer. “Que adorável.”

Anna silenciosamente se amaldiçoou por cair sob o feitiço dele novamente. Ele era muito bom nisso, muito bom em fazer tudo aquilo parecer tão romântico.

“Nosso primeiro beijo selou o negócio.”

A avó ergueu uma sobrancelha. “É mesmo, Anna?”

Preso entre uma rocha e um local duro, incapaz de negar, mas também sem querer confirmar aquilo, Anna simplesmente disse “Seu neto é muito persuasivo.”

Especialmente, ela pensou com um rubor que não pôde conter, quando seus pulsos e tornozelos foram amarrados e ele a levou a um prazer mais selvagem que ela jamais pensou que podia sentir.

“Fale-me sobre você mesma, querida.”



Anna quase pôde sentir o silencioso suspiro de alívio de Cole por sua avó comprar sua história e seguir em frente. Mal se contendo de acotovelar as costelas dele simplesmente pelo prazer de ouvi-lo grunhir de dor — mas isso seria imaturo e ela nunca era imatura — ela disse, “Eu sou professora da primeira série.”

“Não é perfeito, Vovó?”

Aquilo não foi de ajuda e ela revirou os olhos, bufando em voz alta. Ela disse “Odeio quando você diz isso. Como se eu fosse um tipo de prêmio em vez de uma pessoa de carne e osso.”

“Está certo, querida, ele precisa de alguém para dar-lhe o inferno. As mulheres o têm mimado por muito tempo, dando-lhe tudo que ele quer. Diga a ele.”

Os olhos de Anna se arregalaram pela aprovação de sua avó e ela disse depressa “Eu sou uma das cinco garotas.”

O sorriso da avó quase quebrou seu coração. “Eu gostaria de poder ver Cole cercado por garotinhas.” Anna se viu piscando as lágrimas de volta quando Eugenia se virou para ele. “Eu sempre soube que você seria um marido e um pai maravilhoso. O melhor, assim como seu avô. Como seu pai era antes do acidente.”

E naquele momento, quando a boca de Cole se apertou pela dor e a tristeza encheu seus olhos, não importou o que ele disse para ela no carro. Não importou que tenha mentido para ela todo o momento desde que se conheceram. Tudo que importava era confortá-lo.

Ela roçou o queixo dele com as pontas dos dedos de sua mão livre e ele se virou o suficiente que ela pudesse sentir a pressão de sua bochecha contra sua palma.

“Eu cuidarei dele para você.”

A promessa deixou seus lábios antes que ela conseguisse impedir, antes mesmo que ela soubesse que esta estava a caminho.

A vovó pôs a mão em seus dedos entrelaçados. “Obrigada por amar meu bebê, Anna. Isso foi tudo que eu sempre quis.”



“Oh, Deus, eu não devia ter feito isso.” Anna envolveu os braços ao redor da cintura. Sentia-se nauseada e tonta pelo remorso. “Sua avó não merecia nenhuma daquelas mentiras, mas especialmente a minha.”

Cole a puxou do corredor e para a porta mais próxima, um quarto de suprimentos de lençóis.

“Você fez uma boa coisa, Anna. Você a fez feliz. Assim como eu sabia que faria.”

“Mas nada daquilo era verdade.”

“Tudo é verdade.”

“Você apenas torceu a história para se ajustar à situação.”

“Droga, Anna, eu a vi através de uma sala lotada e você tem os olhos mais bonitos que já vi. E nós realmente somos casados.”

E ela supôs que ele estava certo, todas aquelas coisas eram verdade. Especialmente já que ele nem uma única vez mencionou a palavra *amor* em nenhum lugar lá, nem para ela e nem para a avó dele.

Então, por que ela estava ainda suficientemente estúpida e tão desesperada por seu amor?

“Não posso fazer isso de novo, Cole. Não posso continuar fingindo ser alguém que não sou.” Ela se abraçou mais apertado. “Eu fiz o meu lado no acordo e agora é hora de você fazer o seu.” Ela ergueu o olhar para o dele e o segurou. “Quero o divórcio. Hoje.”

“E se minha avó descobrir?”

Anna balançou a cabeça. “Ninguém sabe que estamos casados, então ninguém saberá que conseguimos o divórcio. Sinto muito, sei o quanto deve ser duro para você, mas não posso continuar quebrando meu código moral por você.”

“Você está certa. Não devia tomar a decisão de ficar casada comigo por ela ou até mesmo por mim.” Ele fez uma pausa e baixou o olhar para sua boca com tanto desejo, que seus traiçoeiros lábios realmente formigaram. “Devia fazer isto por si mesma.”

“Como eu poderia querer ficar em um casamento falso com você, por mim mesma?”



O quarto de suprimentos de repente pareceu muito pequeno quando ele se aproximou e ela recuou para uma estante de metal carregada.

“Lembra-se do que você me disse ontem à noite, doce Anna, sobre como você sequer teve a chance de fazer algo louco que poderia se lamentar de manhã?”

“Bem, eu certamente tenho agora.”

“E foi o suficiente?”

“Sim.”

“Agora você é a única que não está dizendo a verdade, não é?”

“Você não sabe do que está falando.”

Ele não chegou mais perto, nem pressionou o duro corpo contra o dela, simplesmente roçou as costas de uma mão contra o lado de seu pescoço. “Agora que a caixa de Pandora foi aberta, você está se perguntando o que mais existe lá, não é?”

Sim. “Não.”

“Diga-me, doce Anna, como funciona mentir para você mesma sobre o que você tanto precisa por tanto tempo? Quantas noites você passou como a que nós tivemos? Quantas mais você acha que vai ter se fugir agora?”

A respiração dela estava rápida demais. Seu corpo estava aquecendo muito e seu cérebro estava lutando, deixando-a sem uma resposta. Sem força para fazer o que ela sabia que precisava fazer.

Sem vontade de fazer a coisa certa.

“Você quer saber de loucura. Eu conheço loucura.” Agora a voz dele era um sussurro baixo e sedutor contra sua pele. “Ontem à noite não foi nada, Anna.”

Espontaneamente, um filme da vida amorosa deles passou na cabeça dela. Deus, as coisas que ele lhe fez até agora ainda soprava sua mente.

Havia mais? Ela nunca sobreviveria a isso.

“Tudo que estou pedindo é que você fique até...” Ele obviamente não conseguiu terminar a frase. “Se você ficar — se deixar minha avó pensar que nosso casamento é verdadeiro — eu prometo fazê-lo valer a pena.”



“Eu disse a você, não quero seu dinheiro ou jóias.”

“Não estou falando sobre essas coisas, querida. Estou falando sobre prazer, sobre gozar tão forte a ponto de desmaiar. Sobre finalmente experimentar por tudo que você tem esperado e se perguntado sobre.”

“Não.”

Ela se afastou dele e cegamente lutou pela porta. Ele estava pedindo-lhe para se tornar uma escrava do seu corpo. Por um desejo imprudente. Estava pedindo que ela desistisse de sua moral em troca de mais prazer que ela podia imaginar.

E ela estava para dizer sim.

“Espere um segundo, Anna. Não vá, não ainda. Precisamos conversar primeiro, descobrir algumas coisas.”

Ele realmente achava que ela ia se voltar e deixá-lo “convencê-la” um pouco mais? Ela tinha terminado de conversar.

Empurrou uma porta pesada e caminhou para uma parede de fotografos... E de repente percebeu por que ele não queria que ela deixasse o edifício. Tinha esquecido que Cole era um jogador de futebol famoso e que o casamento deles era uma grande notícia. Grande o suficiente que se eles fossem diretamente do hospital até o palácio da justiça para se divorciarem, a avó dele estaria lendo sobre o assunto na primeira página da edição da tarde do jornal.

Congelada no lugar, Anna ficou realmente feliz por sentir os braços quentes de Cole cercando sua cintura por trás. O jeito que ela se afundou na segurança relativa do corpo dele, não foi um ato para as câmeras.

Ele pressionou um beijo em sua bochecha e ela ouviu sua fraca insistência “Sorria, querida.” Uma fração de segundo antes que ele falasse com a multidão “Ontem à noite, Anna me fez o homem mais feliz da Terra.”

E então, enquanto os *flashes* a cegavam e os jornalistas os enchiam de perguntas, Cole manobrou os dois através do estacionamento e até seu carro.



Capítulo Nove

“Preciso ir para casa, Cole.”

“Eu pensei que nós tínhamos um acordo.”

Anna soltou um suspiro frustrado. Enquanto voltavam para o Wynn, eles concordaram que ela continuaria como sua esposa até quando fosse preciso. Agora, estavam voltando para o hotel e ela estava encarando a prova do quem-sabe-até-quando como Sra. Cole Taylor.

“Nós temos um acordo.” ela disse. Embora nenhum dos dois tinha falado novamente sobre o que ele lhe disse no quarto de provisão.

Estou falando sobre prazer, sobre gozar tão forte a ponto de desmaiar. Sobre finalmente experimentar por tudo que você tem esperado e se perguntado sobre.

“Mas eu tenho um trabalho.” E uma família que exigiria uma explicação.

“Diga a escola que você está em lua de mel. Eles podem conseguir um substituto.”

Mais tentada do que jamais admitiria — especialmente para si mesma — ela disse “Talvez seja assim como as coisas funcionem em seu mundo, mas para nós, pessoas normais, temos que trabalhar de segunda a sexta-feira ou eles dão nosso trabalho para alguém que queira.”

“Eu não quero deixar minha avó.”

Toda vez que ela se convencia de ser boa e irritada com ele, ele dizia algo que puxava duro nas cordas de seu coração.

“Sinto muito, Cole, eu ficaria se pudesse.” Lamentavelmente, ela estava dizendo a verdade. Casamento falso ou não, ela estava poderosamente — e estupidamente — atraída pelo homem parado na sua frente.

O telefone dele tocou. “É ela.” ele disse a Anna, antes de atender. “Sim, eu sei que ela é bonita. Muito doce, vovó. Eu sabia que você a adoraria.”



Ele a comia com os olhos enquanto falava e o único jeito de esconder seu rubor — e seu desejo crescente — foi se curvar sobre sua mala e fingir desempacotar. Embora tivesse feito aquilo mais cedo naquela manhã.

“O time vai sobreviver sem mim.”

Ela ergueu a cabeça por sua mudança abrupta de tom.

“Eu vou ficar aqui.” Ele fez uma pausa, escutou e fez uma careta. “É minha vida, vovó, não a sua.”

Anna ergueu a mão para esconder o riso. Realmente era algo observar um homem tão grande, forte e durão ser tão suave. Tudo para uma mulher que amava profundamente.

“Tudo bem, vou jogar o maldito jogo de domingo. Mas vou voar de volta.”

Outra pausa, onde ele parecia um dos seus garotos da primeira série que sabiam ter falado na hora errada.

“Desculpe, senhora.” Ele disse, e então “Bem, se você quer que eu fique em San Francisco com o time para os treinos, então quero que se transfira para um hospital próximo.” O rosto dele era como um trovão. “Falaremos sobre isso mais tarde.”

Ele lançou o telefone sobre o sofá.

“Vovó está me mandando de volta para a Califórnia.”

Anna sabia que não devia estar feliz em ouvir aquilo.

Mas ela estava.



Foi tudo demais para ela. O voo para casa na primeira classe, o conhecimento de que logo teria que explicar seu casamento precipitado não só para sua família, mas também para seus amigos e colegas. Ao mesmo tempo em que sabia que teria um fim num futuro próximo — e então ela teria que descobrir como explicar seu divórcio.

Mas principalmente, ela estava esgotada por ficar tão perto de Cole por tantas horas. Ele sempre a estava tocando, com mil pequenas carícias que lentamente deixavam-na louca.



Dobrando uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. Colocando a mão na parte de baixo de suas costas para guiá-la através da multidão de fotógrafos na frente de ambos os aeroportos.

Roçando ombro e braço com os seus durante o voo, apesar do fato de sua cadeira da primeira classe ser do tamanho de um transatlântico de pequeno porte.

Grata por James já estar esperando por eles justo no portão de Chegadas, Anna ficou contente pela grande estrutura física de Cole protegê-la da maioria dos flashes.

“Eu não sabia que jogadores de futebol eram tão bem conhecidos.”

“A maioria das mulheres estaria encantada pela minha fama. E fortuna.”

Ela se afastou dele o quanto pôde no assento de trás. “Eu sou uma boa garota, lembra? Nós não nos importamos com essas coisas.” Não se preocupou em esconder sua amargura. Por que deveria? Não era como se tivesse alguma coisa a perder.

Exceto seu coração.

Anna empurrou o botão de mudo para a pequena voz estúpida em sua cabeça. Podia sentir os olhos de Cole nela, apenas pelo modo em que esta estava se aquecendo.

“Eu sei que é estranho, mas você se acostuma à fama depois de um tempo.”

Mas ela não tinha certeza se iria se acostumar. Esperava que as fotos e a pequena declaração que Cole deu aos paparazzi sobre fazê-lo “o homem mais feliz da terra” fossem o suficiente.

“Droga. Eu esperava que eles descobrissem onde você morava, mas não tão rápido.”

Anna percebeu uma multidão de jornalistas na calçada da frente de seu apartamento.

“Por que se importariam comigo? Eu não sou ninguém e não sou importante.”

Ele estava em seu rosto num instante, segurando seus ombros com as mãos fortes.

“Você é linda, doce e inteligente. Você é muito especial, Anna.”

Olhando para os olhos dele enquanto o tom áspero das palavras a esmurravam, ela percebeu que ele estava irritado. Por causa do que ela disse... Sobre si mesma.

Ele bateu na janela sombreada que os separava de James. “Vá em frente. Nós vamos direto para minha casa.”



“Mas eu preciso ir para casa.” Ela apontou um dedo para o peito dele. “E não ouse dizer que vai enviar alguém para pegar minhas coisas novamente.” As sobrancelhas dele se ergueram pelo tom sem sentido de sua voz.

“Por favor, estacione no meu apartamento, James.”

James fez um retorno. “Estaremos lá num instante, Anna.”

Ela endireitou os ombros, passou uma mão pelos cabelos e então abriu a porta, andando sobre a calçada. “Oi. Boa tarde. Com licença.”

Ela cuidadosamente passou pelos estranhos carregados de câmeras, mantendo o sorriso firmemente no rosto. Podia sentir Cole a um passo atrás dela, sabia sem olhar que ele mal estava mantendo uma cobertura nisso. Ela se recusou a deixar sua mão tremer enquanto colocava a chave na porta.

Mal tinha fechado — e trancado — a porta da frente quando Cole a virou e a apertou contra ela. Ele se acomodou sobre ela, os olhos flamejando.

“Droga, você vai me escutar da próxima vez.”

Ela sentiu a grossa ereção pressionando em seu corpo e embora ele não tivesse nenhum direito de tratá-la com tal desrespeito, seu corpo imediatamente respondeu com uma inundação de excitação, seus seios enrijecendo sob o sutiã e a blusa.

“Não, da próxima vez você vai me perguntar o que eu quero fazer antes de tomar uma decisão unilateral. E vai esperar a minha resposta.”

Os olhos escuros e pecaminosos se moveram de seus olhos até sua boca, então se voltaram para cima novamente. “Você está me respondendo, doce Anna?”

Ela não conseguia parar de olhar fixamente para sua boca. “Acostume-se a isso.” O pulsar entre suas coxas se transformou numa dor profunda.

“O que aconteceu com a minha boa garota?” A boca agora estava tão perto da sua que ela sentia o cheiro da hortelã de sua pasta de dentes.

“Você não lembra?” Ela perguntou com uma voz que era apenas mais que um sussurro. “Você a amarrou e brincou com ela.”



A boca de Cole encontrou a sua em um gemido desesperado, a língua empurrando-se para passar seus lábios enquanto tomava seu beijo. “Eu preciso de você. Agora.” As mãos já estavam no botão de sua calça, empurrando para baixo e passando a calcinha para o calor molhado que esperava por seu toque. Sempre. Mas ele não era o único rasgando as roupas, porque as mãos dela estavam em sua calça jeans, empurrando o zíper e em seguida o cós de sua cueca.

Ela agarrou-lhe o pênis, espesso e duro, encantada por senti-lo em suas mãos, mais excitada do que podia acreditar simplesmente por saber que alguém a queria tanto.

Não, apenas alguém, mas Cole. Que podia ter qualquer uma, as mulheres mais lindas no mundo. Mas ele a queria.

Ela não sabia o que a possuía para fazer aquilo, mas de repente foi a coisa mais natural do mundo cair de joelhos e pôr sua boca sobre ele.

“Que diabo você está fazendo agora, Anna?”

As palavras foram duras, mas seus dedos já estavam se enfiando por seu cabelo. Quem teria pensado que ela tinha aquilo nela de virar um homem como Cole ao avesso? Certamente não ela. E a julgar pela resposta ao redemoinho lento de sua língua sob a borda da cabeça do seu pênis, a maneira em que gemia como um homem que não podia acreditar no que estava cedendo ao invés de conduzir a dança, definitivamente não ele.

Ela teria sorrido ao redor de sua seta se tivesse sido capaz, mas ele era mais que um bocado e sua mandíbula estava tão aberta quanto podia, seus lábios completamente esticados ao redor daquele lindo pênis.

Ela o sugou profundamente antes de soltá-lo com um estalo alto. Lambendo os lábios, olhou-o maliciosamente.

“Apenas o que parece. Estou chupando o pênis do meu marido e me divertindo imensamente.”

As grandes mãos caíram sobre ela tão rápido que ela não teve tempo de reagir. “Quarto.”

“Pela cozinha.”



As cortinas estavam fechadas, mas eram bastante transparentes e ela sabia que qualquer um poderia ver Cole carregando-a pela casa, com suas calças parcialmente desfeitas.

Mas enquanto ele a segurava contra seu peito, e ela apertava a palma de sua mão na batida forte e fixa de seu coração, simplesmente não se importou. A única coisa que importava era fazer amor com seu marido e o fato de ser apenas um casamento temporário a deixava ainda mais faminta por ele, fazia com quisesse espremer cada segundo do prazer de estar com ele.

“Não esqueça nosso acordo.”

“Qual?”

Ela pressionou um beijo em seu pomo de Adão. “O em que você me faz gozar tão forte a ponto de desmaiar.”

Ele a soltou sobre a cama. “Tire essas roupas antes que eu as rasgue.”

Ela tentou seu melhor, mas não era fácil se concentrar em si mesma quando ele estava revelando seu corpo perfeito e musculoso enquanto cada peça de roupa, uma após a outra, caía no chão. Ainda estava tentando conseguir sua calça jeans fora quando ele se aproximou e a arrancou. A blusa foi a próxima, o rasgar da fina seda foi o único som no quarto além de suas respirações pesadas e ofegantes.

“Tão malditamente linda.” A boca dele desceu sobre sua barriga, a língua mergulhando contra o pequeno recuo. “Tão malditamente macia.” Um puxão rápido e sua calcinha tinha ido. “Tão malditamente doce.”

E então sua língua estava lá, lambendo, saboreando, provocando, circulando, e ela estava arqueando em sua boca, já tão excitada que não demorou nada além da pressão daqueles lábios ao redor do seu clitóris e a menor sucção para mandá-la voando sobre a borda.

Ainda estava voando quando ele se aproximou e apertou suas coxas, separando-as com os joelhos. Mas seu orgasmo não tinha tomado o auge de sua necessidade, só a deixou ainda mais faminta e desesperada por Cole. Sem mencionar um pouco desapontada por ele não tê-la deixado terminar o que ela começou, de joelhos, com sua boca e mãos sobre ele.

“Eu queria que você gozasse na minha boca, Cole.”



Usando a surpresa dele a seu favor, ela usou cada grama de força que tinha para se desviar e rolá-los de forma que ele era o único de costas, encarando-a. Ele agarrou-lhe os quadris, tentando erguê-la sobre sua seta, e a cabeça de seu pênis deslizou um pouco em sua abertura lisa e aquilo foi bom, tão incrivelmente bom que ela quase cedeu à liderança dele.

Mas algo tinha estalado dentro dela no carro, a caminho do hospital, quando percebeu que Cole havia mentido para ela. Ou talvez antes disso, quando ele bateu seus desejos secretos em seu quarto.

Estava doente e cansada de deixar todo mundo assumir a liderança em sua vida e, de agora em diante, ela estaria no comando.

“É assim que vai ser.” ela disse com uma voz mortal. “Você vai me soltar e eu vou terminar o que comecei no meu hall de entrada.”

Os dedos dele se apertaram em seus quadris.

“Mais tarde, Anna. Preciso estar dentro de você. Agora.”

As palavras exigentes causaram-lhe uma nova inundação entre suas pernas.

Não, droga. Ela ia aguentar firme, pelo menos uma vez!

“Mova suas mãos, Cole.”

Seu pênis se contraiu contra ela, que quase se afundou sobre ele, por puro instinto feminino, entretanto ele disse “Sim, senhora.”

Ela ainda podia sentir a marca daquelas mãos em sua pele, mesmo depois que ele as removeu.

“Coloque-as acima de sua cabeça e as mantenha lá até que eu diga o contrário.”

Ele não se moveu por um longo momento e ela sentiu um sorriso partir seus lábios. Nunca tinha jogado com alguém assim na cama, nunca lutou por domínio com um homem e sequer conhecia a necessidade de estar por cima. E no comando.

“Isso não vai acontecer de novo, Anna, então é melhor você apreciar o inferno disso.”

“Oh, sim, vai ser apreciado.” ela respondeu, e então “E eu com certeza estou contando com isso.”



Bastante relutante ao se deslocar da virilha dele, ela se inclinou para baixo e pressionou um beijo em seu ombro, descendo lentamente em seu peito e para a fina capa de pelo sobre seu mamilo. Nunca prestara muita atenção aos mamilos dos homens antes, mas os círculos escuros no peito de Cole exigiram sua atenção e apreciação.

Ela lambeu toda a ponta já tensa e esta se tornou viva sob sua língua. Ele a agarrou de volta, seus polegares trabalhando para achar os mamilos dela.

Ela levantou a cabeça do seu peito. “Vou pegar algo para prender você muito em breve, se não for cuidadoso.”

A reação dele foi instantânea. E feroz. “Que inferno. Você não vai me amarrar.”

Ela ergueu uma sobrancelha. “Quer apostar?”

Ele gemeu e apertou os olhos fechados, seus quadris parecendo se mover fora da cama por conta própria. “Você está me matando.”

“É uma pena.” Ela subiu na cama e levantou uma das mãos dele, envolvendo seus dedos ao redor da estrutura da cama. “Se você precisar segurar em algo, segure isso.”

“Você está forçando isso, querida.”

Ela se mexeu de volta sobre ele, deixando o cabelo roçar em seu pescoço, ombros e peito, amando a forma em que seus músculos se ondulavam em resposta.

“Ooooh, estou com tanto medo.”

E a verdade era que havia um pouco de medo ali, apenas o suficiente para mantê-la na borda do seu assento. Ela não tinha ideia do quão longe ele a deixaria ir com aquilo, assim como não tinha a mínima ideia do quanto ela podia ir.

Mas, cara, era divertido descobrir tudo aquilo. E chocante.

Ela circulou a língua em torno do mamilo até agora negligenciado e a cama inteira se moveu e gemeu enquanto ele se agarrava na estrutura com ambas as mãos. Usando a língua para guiar suas explorações, ela vagou por seu corpo, provando os recuos entre seus incríveis músculos abdominais. Cada músculo, nervo e tendão estavam tensos.



“Parece que você está tendo dificuldade para relaxar.” Ela murmurou contra a trilha escura de pelos que se arrastava de seu umbigo até o pênis. “Estou pensando que talvez eu deva vendá-lo.”

Quando o grunhido veio, ela não escondeu o sorriso de puro prazer feminino. Como tinha feito todo esse tempo sem conhecer a emoção de segurar um homem sexualmente cativo? Estava além de incrível.

“Você não gosta muito da ideia, não é, Cole?”

“Você não tem ideia do quanto está próximo da borda, doce Anna.”

A ameaça desvelada em sua voz enviou uma onda de intenso desejo por ela. “Próximo o suficiente para fazê-lo desmaiar, espero.”

Ela sabia que ele tentaria agarrá-la, mas antes que pudesse, ela abriu a boca largamente e chupou seu pênis do lado de dentro. Usando o que tinha aprendido na noite anterior sobre ignorar sua ânsia de vômito, ela inclinou o pescoço ligeiramente e relaxou os músculos contraídos até que seu nariz foi pressionado em seu osso pélvico.

Estava fascinada pelo gosto dele — por seu pré-sêmen salgado e doce ao mesmo tempo — e seu cheiro. Tão limpo e característico. Novamente, ela tomou o comprimento longo e grosso do eixo em sua boca e garganta, trabalhando a base com a mão a cada impulso.

Ela amou chupá-lo na noite passada, e amava ainda mais agora, ouvindo seus gemidos selvagens de prazer, seu elogio aquecido no quão molhado, suave e apertado a sua boca estava ao redor do pênis.

Um quente respingo de fluido estourada da espessa cabeça e ela a lambeu avidamente.

“É bom demais.” Foi numa fração de segundo antes que ele puxasse a boca dela de seu pênis e erguesse sua boceta sobre ele.

Ela sabia o tempo todo que ele não ia deixá-la ir até o auge em sua boca — não ainda, de qualquer maneira — então, ao invés de lutar, ela alegremente afundou para baixo sobre a espessa e pulsante seta com um suspiro profundo de prazer.

“Tão perfeita!” Ele disse enquanto as mãos se moviam de seus quadris até cobrirem seus. “Tão malditamente linda.”



Usando os músculos da coxa para impulsionar para cima e para baixo sobre seu pênis, ela o montou como uma estrela do jôquei. O suor escorria entre seus seios e ele ergueu a cabeça para lambar um pequeno rio no centro de seu peito, ao longo de seu esterno.

O toque áspero da língua em um lugar tão inesperadamente sensual, a enviou a um clímax que ela nem mesmo percebeu que estava por vir. Seus músculos internos se contraíram e se apertaram naquela seta espessa e ela friccionou o clitóris em seu osso pélvico para prolongar as ondas incríveis de prazer.

Em algum lugar, ela percebeu que ele estava crescendo ainda mais dentro dela, que estava empurrando mais duro. E no último segundo, ele se retirou dela, o sêmen jorrando contra sua barriga enquanto ele avançava contra sua barriga, friccionando-se contra ela. Mas Anna não esqueceu o que tinha querido mais cedo — o que ele lhe tirou quando a teve montando sobre ele, ao invés disso.

Um instante depois, ela o teve em sua boca e, desta vez, no lugar de se afastar, ele a ajudou a tomar a seta ainda dura como pedra mais fundo em sua garganta.

Foi a primeira vez que ela provou a si mesma na carne de um homem. Seu gosto estava todo misturado com a essência de Cole, mas ao invés de ficar enojada pelo o que estava fazendo, ela estava cheia de uma surpreendente satisfação.

“Anna.”

Seu nome era um apelo nos lábios dele, e ela estava chocada por perceber que seu pênis estava realmente crescendo entre os seus, contra sua língua.

Estimulada por aquela realização, ela estava apenas começando a trabalhar quando sentiu as mãos em seus quadris novamente. Lutou para resisti-lo — desta vez ela estava conseguindo o que queria, não importa o quê — no entanto, percebeu que ele não a estava puxando fora, estava simplesmente reorganizando-a de forma que seu pênis ainda estivesse em sua boca.

E sua vagina estava diretamente sobre o rosto dele.

Apesar de tudo que tinha feito com ele ao longo das últimas vinte e quatro horas — oh, Deus, não tinha sido tanto tempo assim, tinha? — Apesar do fato de ela está chupando seu



pênis como se fosse um picolé em um dia escaldante, ser exposta para Cole daquela maneira empurrou cada um dos seus botões de timidez de volta ao extremo.

Rapidamente deslizando a boca de sua seta, ela disse “Cole, você não tem que fazer isto,” ao mesmo tempo em que tentou mover suas coxas de onde elas estavam apertadas contra as orelhas dele.

“Oh sim, eu tenho.”

A resposta dele veio uma fração de segundo antes da língua varrer entre suas dobras. Parte dela queria saltar e trancar-se no banheiro por embaraço, a outra parte queria se friccionar sobre seus lábios, forçando-o a mergulhar sua língua mais profundamente.

Seus quadris se ergueram enquanto ela tentava decidir, com a cabeça do pênis sondando seus lábios, e ela instintivamente se abriu de volta para ele, tomando-o em sua língua. E então, como se soubesse que ela ainda estava no muro, ele tirou a decisão dela, com um lento e longo deslizar dos dedos em seu interior, enrolando-os numa vibrante e sensível carne bem no fundo de sua vagina.

Ela choramingou ao redor do pênis e arqueou-se em seus dedos, inadvertidamente pressionando o clitóris com mais força contra sua língua, ao mesmo tempo. A apreensão rapidamente se transformou em excitação quase insuportável quando ele capturou o broto inchado entre os lábios e chupou.

O sangue correu apressado entre suas pernas, deixando-a lânguida e ofegando ao redor do pênis dele. Mas ao invés de deixá-la tomar ar, ele empurrou mais fundo em sua garganta. E surpreendentemente, esse sentimento de fora do controle foi o que a enviou para a borda mais uma vez. Seu terceiro clímax foi tão poderoso que a firme pressão de uma mão grande em sua coxa, segurando-a, foi a única coisa que conseguiu mantê-la onde ele queria, com a língua plana e dura contra seu clitóris, os dedos mergulhando profundamente em seu canal molhado.

As contrações continuaram a rasgá-la quando ela conseguiu o primeiro gosto salgado de Cole, um disparo longo e profundo em sua garganta. Os sons frenéticos de lamber, chupar e gemer reverberaram pelo pequeno quarto quando ela desesperadamente tentou se



concentrar em dar-lhe prazer do mesmo jeito que ele lhe deu, mas, oh Deus, era tão difícil se concentrar em qualquer coisa além da forma em que sua língua e dedos estavam ainda atormentando sua carne sensível.

Finalmente, ela ergueu a boca e tentou recuar para uma posição normal na cama. Mas ele não tinha terminado com ela, segurando-a imóvel para mais um beijo pecaminoso de seus lábios contra sua vagina.

“Cole!” Ela implorou “Por favor.”

“Quer outro?” Ele acompanhou a oferta com um estalo sedutor de sua língua contra os lábios vaginais.

“Cole.” Ela gemeu o nome dele desta vez, e nem mesmo tinha certeza do que estava pedindo.

A risada dele foi quente e sugestiva contra sua carne incrivelmente excitada e sensível. E então, finalmente, ele a liberou, deslocando-se de entre suas pernas.

“Parece que estou desenvolvendo um sério vício por doce.” O sorriso dele era como um lobo — satisfeito e cheio de propriedade. O coração dela se apertou, embora ela soubesse melhor. Sim, Cole a fazia se sentir bem e sim, ela gostava de estar com ele.

Mas isso não significava que podia se deixar apaixonar-se por ele. Ela precisava lembrar-se a toda hora que ele a estava usando para fazer sua avó feliz, ter certeza que tudo que ela fazia era usá-lo de volta. E precisava ter certeza que não tinha se apaixonado.

Ela saiu da cama, agarrando um cobertor que tinha caído pela frenética sessão de amor. “Tenho algumas coisas que quero preparar para a escola na segunda-feira.”

Ele ergueu uma sobrancelha. “Você está tentando me expulsar?”

Ela começou a balançar a cabeça e então percebeu que depois do que acabaram de fazer um com o outro, realmente não havia sentido nenhum em mentir para ele. “Sim.”

Ele se moveu da cama e o rápido nó de decepção em seu estômago, pelo pensamento que ele realmente estava indo embora, surpreendeu-a.

“Vou ajudá-la com sua mala.”



Talvez todas as células do seu cérebro tenham se perdido quando este explodiu nos três orgasmos intensos, mas ela não estava seguindo. “Eu posso desempacotar minha mala sozinha, obrigada.”

“Isso vai ferir meus sentimentos muito em breve, você sabe.”

“O quê?”

“O modo como você continua esquecendo que estamos casados, doce Anna.”

Ela envolveu o cobertor ainda mais apertado ao redor de si e deu um passo para trás.

“Eu não esqueci.”

“Então por que não parece entender que você está se mudando comigo?”

“Não.”

Completamente sem sua permissão, ele abriu o armário, achou uma mala maior e a jogou na cama. “As pessoas esperam que a esposa viva com seu marido.” Ele escancarou a cômoda, pegou um punhado de sua roupa íntima e jogou-a na mala.

“Pare de fazer isso.” Ela recolheu sua roupa íntima, acidentalmente afrouxando o aperto no cobertor. “Já lhe ocorreu você me perguntar primeiro antes de tomar uma decisão sobre algo?”

“Minha avó saberia que algo estava acontecendo se os jornais reportarem que estou indo embora daqui sem você.”

“Estou cansada de você usar sua avó como desculpa para cada coisa estúpida que faz!”

Ela parou, com a mão sobre a boca e o cobertor caindo toda a distância para o chão. Não só ela já sabia que Eugenia era a inteira razão para a relação deles, como sabia que Cole nunca a teria escolhido da multidão se não procurasse por uma boa garota — mas ela também sabia o quanto ele estava sofrendo com a doença de sua avó.

“Sinto muito.” Ela queria tanto ter de volta as palavras descuidadas. “Sei o quanto você a ama.”



Ficou surpresa por encontrá-lo de pé na frente dela, um dedo inclinando seu queixo para cima de forma que ela encontrasse os olhos escuros e sérios. Ela estava nua agora, mas ele não olhou.

“Minha avó não tem nada a ver com os fogos de artifícios entre nós, Anna. E enquanto estivermos casados, você vai estar em minha cama toda noite.”

Ainda tentando achar uma brecha, ela apontou para a janela onde os últimos raios de luz ainda estavam espiando pelas cortinas. “Não é noite ainda.” Esperou pela resposta teimosa dele, que ele lhe dissesse que aquilo era inegociável.

“Quero você comigo, Anna. Mais do que eu quis qualquer coisa em um longo tempo.” Ele parecia tão sério quanto ela jamais o viu, completamente sincero e honesto com seus desejos, tanto lascivos quanto o contrário. “Por favor, venha para casa comigo, querida. Fique comigo. Deixe-me levá-la de volta para minha cama e dar a você todo o amor que você merece.”

Oh, não.

Anna sabia exatamente o que ele queria dizer com “amor.” Estava falando sobre sexo, sobre o que eles tinham feito em seu quarto e no apartamento em Las Vegas. Mas seu coração — seu estúpido, patético e rapidamente acelerado coração — estava fazendo tudo que podia para ignorar a verdade.

E foi seu coração, não seu cérebro, que a fez colocar suas roupas íntimas de volta na mala e dizer “Preciso dos sutiãs que combinem também.”

Seu sorriso de resposta foi a coisa mais linda que ela já vira.

Oh, não.



Capítulo Dez

Anna olhou para a casa dele e disse “Você realmente devia ter feito com que eu assinasse um acordo pré-nupcial.”

Não só Cole era conhecido como um dos homens mais caros da NFL, como também era um dos mais seguros. No entanto, a louca declaração de Anna o deixou tropeçando em seus pés.

“Diga isso novamente.”

Claramente desconhecendo sua reação perigosa para o que ela disse, ela gesticulou para a enorme cozinha de aço inoxidável e granito, para as portas deslizantes de vidro que davam para piscina infinita e o gramado verde e inclinado. “Tudo isso deve valer uma fortuna e quando seu advogado ou gerente ou quem quer que seja que trabalhe para você, descobrir sobre nosso casamento, eles vão perder isto de um modo sério.”

“Bem, então, talvez eu nunca deixe você ir.”

Os olhos dela se arregalaram de surpresa, fazendo-o perceber o que ele acabara de dizer.

Ele não queria deixá-la ir. Nem agora e nem nunca. Jesus, que diabos ele estava dizendo? O que droga ele estava pensando?

O gosto dela, seus doces e pequenos gemidos enquanto ela gozava, a satisfação em seus olhos inocentes quando ela o tomava em sua boca — claramente, aquilo tudo estava fodendo sua cabeça.

“Nós dois sabemos que eu vou, Cole. Depois que você não precisar mais de mim.”

Sim, ele sabia que aquele era o acordo deles. Um que ele pensava estar feliz com ele.

“Você nem mesmo vai me tomar jóias, Anna. Eu não estou preocupado sobre você vir atrás da minha casa.”

Mas em vez de concordar com ele, ela franziu o cenho. “Mas você não sabe nada sobre mim.”



Ele não conseguiu se manter afastado dela, tinha que se aproximar. “Você tem certeza sobre isso? Parece-me que aprendi bastante sobre você desde a noite passada.”

O belo rosto corou. “Não estou falando sobre sexo.”

“Claro que está, querida. Você não pode mais esconder sua sensualidade. Eu não vou deixar.”

“Eu não estou escondendo nada.” Ela inclinou o queixo para cima, pondo os lábios ainda mais perto dos dele.

Ele se aproximou. “Minha doce e pequena mentirosa. Você não sabe que se entrega toda vez que olha para mim assim — como se fosse morrer se eu não beijá-la nos próximos cinco segundos?”

Os olhos dela se alargaram novamente, mas desta vez superou a surpresa e ele teve que beijá-la. A boca dela se abriu para a sua, sua língua encontrando-o a meio caminho.

Cole amava transar tanto quanto qualquer outro cara. Provavelmente até mais, dadas as oportunidades desenfreadas em sua linha de trabalho. Mas, geralmente depois que gozava umas duas vezes, ele ficava bem satisfeito durante algum tempo, pelo menos até o dia seguinte.

Mas não desta vez, não com Anna.

Por alguma razão, só em olhar para ela, conversar e brincar com ela, o deixava querendo-a tanto que estava prestes a arrebentar o zíper. Ela o fazia se sentir insaciável ao ponto que ele sabia que podia facilmente passar o resto da noite possuindo de novo e novamente. Inferno, a única razão pela qual ele podia vir a sair da cama a qualquer momento em um futuro próximo, era porque tinha um trabalho a fazer fora do campo domingo. O que significava que eles teriam umas boas doze horas para preencher até então.

Mas o modo que ela disse “Você não sabe nada sobre mim” o aborreceu. “Onde você nasceu?”

O corpo dela enrijeceu de clara surpresa. “Por quê?”

“Diga-me, querida. Onde você nasceu?”

“Palo Alto.”



Notando que ela não se mudara para longe de casa, seu apartamento era apenas a uma hora da sua casa de infância, ele perguntou “Faculdade?”

“Stanford.”

Ele não ficou surpreso por ouvir que sua doce e pequena deusa do sexo estava carregando também um grande cérebro, porque a inteligência faiscava de seus olhos de oceano.

“Carreira?”

“Educação.”

“Cor favorita?”

“Amarelo.”

Ele teve que sorrir contra seus lábios, onde tinha feito as perguntas. Gostava de conversar com ela assim, direito à beira de um beijo, sabendo que podia tomar sua boca e devorá-la a qualquer hora.

“Passatempos?”

“Leitura.”

“Alguns ex-maridos?”

Ela tentou se afastar dele. “Não!”

Ele reforçou seu aperto sobre ela, estava feliz por senti-la relaxar de volta em seus braços. “Sei que você tem quatro irmãs. Algum irmão?”

“Não.”

Ele sabia sua idade e aniversário através da licença de casamento que preencheram.

“Filme favorito?”

“Hoosiers³.”

Desta vez foi ele o único a se mover pela surpresa. “Um filme de basquete?”

Ela sorriu. “O basquete é só uma faceta da história. É realmente um retrato comovente sobre segundas chances, superação do racismo e encontrar o amor verdadeiro.”

³ Filme americano de 1986 que trata de um pequeno time escolar de basquete que venceu o campeonato estadual de Indiana.



Ele sorriu de volta para a mulher com quem se casou. Era tão agradável e tão malditamente bonita.

“Sua vez. Mas vamos fazer de trás para frente. Filme?”

“Linda Mulher.” Os olhos dela brilharam. “Você está rindo da minha resposta?”

“Não.” Uma gargalhada estourou. “Certo, sim. Um pouco. Foi um grande filme, mas você é um cara.”

“Que cara não gostaria da parte onde a Vivian esperou pelo Edward em sua mesa de jantar usando apenas uma gravata e saltos altos?”

“Perverso.” Ela deu-lhe um tapa no peito, mas não tentou sair de seus braços. “Irmãos ou irmãs?”

Ele balançou a cabeça. “Gostaria.”

Ela fez uma pausa por um momento, seus olhos se suavizando e os dedos inconscientemente acariciando-lhe os bíceps. “Ex-esposas?”

“Inferno, não.”

Ela ergueu uma sobrancelha a isso. “Passatempos.”

“Esmagar o ataque.”

Ela inclinou a cabeça de lado. “O que isso quer dizer?”

“Eu sou um linebacker, querida, e meu trabalho é ter certeza que ninguém consiga atravessar a linha.”

“E nas horas vagas? O que você gosta de fazer quando não está jogando futebol?”

Ele sorriu maliciosamente. “Que tal eu lhe mostrar novamente agora mesmo?”

“Cole!” Ela bateu em seu ombro. “Além disso.”

Ele deu de ombros. “Ajudando alguns companheiros do time num acampamento para crianças e fazendo algumas leituras com um programa de alfabetização.”

Cole estava acostumado às pessoas olhando para ele como se ele fosse uma conta bancária ambulante. Como se fosse um herói, um deus do esporte. Mas ninguém, além de sua avó, já o tinha olhado daquele jeito, como se visse algo dentro dele que o agradasse.

A boca de Anna estava um leve roçar de prazer contra a dele. “Cor favorita?”



Ele lambeu a curva de seu lábio inferior, fazendo-a estremecer contra ele enquanto seus mamilos endureciam em seu peito. “Verde.”

Parecia que ela estava tendo alguma dificuldade para respirar regularmente enquanto perguntava “Faculdade?”

“Universidade de Las Vegas.”

“Carreira?”

“Futebol.”

Ela deu-lhe um olhar duro. “Você já pensou sobre alguma outra coisa?” Ele atirou-lhe outro olhar malicioso e ela disse depressa “Não importa, esqueça que perguntei. Mas além do futebol, que disciplinas você mais gostou?”

“Probabilidade. Estatísticas.” Jesus, por que ele estava dizendo-lhe estas coisas? “É uma das razões pela qual gosto tanto do futebol. Com os jogos é muito parecido como os problemas que eu costumava fazer nas salas de aula.”

O sorriso dela de resposta roubou-lhe a respiração. “Eu achei que tudo era apenas correr ao redor e saltar sobre o outro.”

“Você é tão doce. Tão ingênua. Que bom que não existe nada mais que eu prefira fazer, que ensinar minha doce e pequena professora todas as coisas que ela não sabe.”

Ele pegou seu bumbum e a puxou mais apertado para ele, pronto para avançar sobre a próxima parte de chegar a conhecer melhor um ao outro.

“Espere!” Ela disse sem fôlego “Eu ainda não sei onde você nasceu.”

“Vegas.”

“E seus pais?”

Ele deu sua resposta padrão. “Não tenho muitas lembranças deles.”

“Que idade você tinha quando eles faleceram?”

Ele tinha sido questionado sobre isso milhares de vezes em conferências de imprensa e entrevistas, mas nunca com tal preocupação palpável.

Nunca por alguém que realmente se importava.

“Cinco.”



“Cole.” Ela acariciou sua bochecha, as pontas dos dedos espalhando prazer através de sua pele. “Sinto muito.”

Ele forçou um encolher de ombros. “Minha avó cuidou de mim. Ela foi ótima.”

“Você é ótimo, Cole.”

E então, finalmente, ele voltou para o ponto de partida, com sua boca a uma respiração longe da dela.

O refrão de *I Just Called to Say I Love You*⁴ tocou da bolsa dela.

“Oh não. Eu preciso atender isso.”

Ela se empurrou fora de seus braços e puxou o telefone da bolsa no balcão da cozinha.

“Oi, mãe. Eu ia ligar, eu juro. Isso tudo aconteceu tão rápido.” Ela lançou um olhar selvagem para ele. “Você quer que a gente vá aí? Agora mesmo?”

Cole lutou contra o pânico. Reuniões de pais não era algo que ele fazia. Inferno, não havia nenhuma possibilidade com seus encontros de uma noite só.

Mas tinha casado com Anna e sua família queria conhecer seu marido. *Foda*.

Tudo pareceu tão simples no clube, quando a estava beijando e abraçando-a, e procurando por uma Ave Maria que preenchesse o último desejo de sua avó.

Primeiro foram os paparazzi. Agora, os pais e irmãos de Anna.

Qual seria o próximo?

Anna parecia em pânico — ele odiava vê-la fazendo alguma outra coisa, exceto sorrir ou clamar de êxtase — que quando ela o enviou uma pergunta silenciosa com os olhos, ele se viu concordando com a cabeça.

“Tudo bem. Sim, nós podemos ir. De volta em San Francisco. Não, não comemos.” Seus olhos se alargaram mais. “Todo mundo vai estar lá?” Ela engoliu em seco. “Fantástico.” Ela baixou o telefone. “Nós vamos jantar com minha família.” Ela pôs as mãos no rosto. “O que eu vou dizer a eles?”

Droga. Ele pediu que ela mentisse para sua avó, mas não podia pedir-lhe para mentir para sua própria família. “A verdade.”

⁴ Música bastante conhecida do cantor Stevie Wonder



Ela ergueu a cabeça. “Você está brincando?”

“Sei o quanto a família é importante, Anna. Não vou pedir a você que minta para eles.”

Um canto da boca dela se ergueu, mas não foi um sorriso e sim, um gesto. “Aprecio isso, Cole. Mas não posso dizer a verdade a eles.”

“Por quê? Você acha que eles diriam à imprensa que este não é um casamento real?”

A dor brilhou em seus olhos e ela piscou, mandando embora. “Não. Eles nunca me trairiam assim. Não posso dizer a verdade porque eles pensarão que sou uma tola desesperada que teve que se casar com o primeiro homem que pediu.”

Odiando ouvi-la falar sobre ela mesma daquele jeito, ele teve que puxá-la de volta em seus braços antes de acomodá-la direito. “Ninguém que a conheça pensaria que você é uma tola desesperada.”

Sentiu-a relaxar em seus braços e deixou-se desfrutar abraçando-a. Até agora, ele estava totalmente concentrado no sexo, mas aquilo, o conforto quente e suave dela, sabendo que também a estava confortando, era surpreendentemente bom.

Ela ergueu a cabeça. “Tenho a sensação que as coisas podem ficar bem confusas esta noite. Você poderia seguir minha liderança?”

Ela tinha alguma ideia do que estava pedindo-lhe para fazer? Cole Taylor não era um seguidor. Ele era um líder. E mesmo assim, aquela mulher minúscula o estava pedindo para dar as rédeas.

O estranho era o fato que ele realmente queria fazer aquilo, queria ajudá-la de qualquer modo que podia. Porque ela não merecia ter sua vida virada de cabeça para baixo por um jogador de futebol com segundas intenções.

“Farei isso. Com uma condição.”

Os lábios doces se separaram ligeiramente, o lábio inferior rechonchudo levemente úmido onde ela o tinha mastigado. “Você está fazendo disso um negócio?”

“Oh, acho que você vai gostar das minhas condições.”



A pele dela corou e seus olhos entregaram o desejo que ela não tinha uma pista sobre esconder dele. “Você está muito seguro de si mesmo.”

“Isso é porque eu sei que posso oferecer.”

“Oferecer o quê?”

“Quero que me prometa que fará qualquer coisa que eu queira na próxima vez que estivermos na cama.”

O corpo dela aqueceu contra o dele, o v entre suas pernas era o mais quente de todos, como um farol atraindo-o para ela. “O que possivelmente você podia querer fazer que já não fizemos?”

Ele teve que sorrir para o fato que ela simplesmente não disse não, ao invés disso, estava procurando por detalhes. Porque estava interessada e porque queria dizer sim.

“Fazer você se sentir muito, muito bom.”

A resposta dela veio, honesta e não filtrada. “Você já fez isso.”

Ele deslizou as mãos em seu incrível bumbum e a trouxe contra sua ereção.

“Estou muito feliz por ouvir isso, querida, mas confie em mim. Existe mais.”

“Mais?” A descrença guerreou com antecipação no rosto bonito.

Ele a tinha.

“Isso é um sim?”

Ela mordeu o lábio novamente. “Sim.”

Ele não conseguia parar de sorrir — ou pensar sobre o quanto precisava possuí-la agora mesmo. Especialmente pelo jeito que ela estava se apertando contra ele, pequenos círculos de calor doce que o deixou a uma batida de coração longe de arrancar suas roupas e possuí-la no chão, no meio de sua cozinha.

“Quando seus pais estão nos esperando?”

“Imediatamente.”

Encontrar a família dela pela primeira vez parecendo e cheirando como se tivessem acabado de foder o cérebro um do outro era errado. Isso foi a única coisa que conseguiu impedi-lo de pegá-la e fazer uma refeição dela na ilha da cozinha.



Mesmo assim, não significava que ele não podia beijá-la, não significava que não podia mover a coxa entre suas pernas de modo que ela se pressionasse nele com um pequeno gemido desesperado.

À beira de nenhum retorno, ele se forçou a recuar. “Então, qual é seu plano?”

Os olhos dela estavam nublados de desejo e ele sentiu uma sensação profunda de orgulho por quanto tempo aquilo levava para clarear.

“Eu gostaria de saber. Estou esperando descobrir durante a viagem.”

Cole surpreendeu-se com a gargalhada que escapou do seu peito pela resposta completamente honesta. Normalmente quando seu pênis estava tão duro — droga, aquilo alguma vez já tinha estado tão assustadoramente duro? — Ele não se sentava pensando o quanto a mulher era atraente, apenas se concentrava em transar com ela. De alguma forma, Anna conseguia ser incrivelmente sexy e atraente como o inferno.

“Pare de rir. Não é engraçado.”

Mas agora que começou, ele não conseguia parar, e então, ela também não.

Era bom abraçá-la e rirem juntos. Malditamente bom.



“Cole e eu estávamos juntos secretamente por meses.”

Uma meia dúzia de suspiros ecoou pela sala de estar dos pais dela e Cole trabalhou o inferno para manter um rosto sério.

Eles literalmente entraram pela porta da frente. O pai dela e os maridos das suas irmãs estavam todos claramente chocados, o que ele esperava que trabalhasse a seu favor. Suas irmãs pareciam surpresas, talvez com um pouco de inveja.

A mãe dela apenas parecia zangada.

Não, ele rapidamente percebeu, não era raiva. Ela estava magoada. E desapontada.

A culpa bateu nas entranhas de Cole. À noite passada no clube, quando pediu a Anna para se casar com ele, não tinha pensado sobre qualquer outra pessoa, apenas em si mesmo. E



agora, oito estranhos estavam olhando confusos para a mulher que ele arrastara em sua bagunça.

Odiava a ideia de alguém estar chateado com Anna. Ela realmente era uma boa garota, no melhor tipo. Tudo que ele tivesse que fazer para levar aquilo até o final, ele faria. Não iria ser dinheiro, sabia disso agora. Inferno, mesmo o prazer não era suficiente. Ele precisava dar-lhe algo mais, algo maior que riqueza e sexo alucinante. Mas o quê?

O que ele podia dar que ela realmente procurava? E que só pudesse vir dele?

Claramente nervoso, mas determinado a continuar a fascinante estorinha que ela deve ter preparado no carro, Anna disse “Cole quis muito conhecer vocês antes. Ele praticamente implorou que eu viesse às claras com todo mundo sobre nós, não é, queridinho?”

Queridinho?

Droga, ele não podia rir. Não agora. Não quando ela estava tentando tão duro fazer isso parecer tão real. Obviamente sem perceber que acabara de dar a ele um apelido totalmente ridículo — embora ele tivesse um traseiro incrível — a expressão dele estava totalmente séria quando ela estendeu a mão, agarrando-a com tanta força que as unhas se cravaram em sua palma.

Louco bastardo era o que ele era, na verdade se viu esperando que ela o marcasse de forma que ele podia ter uma razão para curvá-la mais tarde e “puni-la” espancando seu doce e redondo traseiro.

Ele de alguma maneira conseguiu com que as palavras “eu quis” saíssem com uma cara séria.

“É só porque ele é tão famoso e eu realmente o queria só para mim, pelo menos por enquanto.”

Surpreso por se achar desejando que eles realmente tivessem algum tempo juntos fora do olhar do público, ele concordou. “A imprensa pode ser muito difícil de lidar.”

“Mas Anna, como você pôde se casar e não dizer a sua própria família?”



O rosto dela caiu pela pergunta suave da sua mãe e ele quis tanto saltar e salvá-la que cerrou os dentes para manter a boca fechada. Eles fizeram um acordo e ele ia deixá-la liderar no jantar... Então ela ia segui-lo na cama esta noite.

Seu pênis saltou para a vida em suas calças. Droga, aquele era um pensamento errado para uma reunião de família.

“Eu realmente sinto muito, mamãe.” Ela olhou para todo mundo, seu lábio inferior começando a tremer.

Ele puxou-a para mais perto. “Você está certa. Vocês todos deviam ter estado lá. É só que — eu não quis tirar o dia especial de Jeannie.” E então ela o olhou. “E eu finalmente tive uma chance de fazer algo especial com Cole. Tive que aceitá-la.”

Ele não conseguia desviar o olhar do dela, não conseguiu parar de se inclinar e beijar os lábios doces e trêmulos.

“Isto deve ter sido a coisa mais romântica que já aconteceu.” Jill foi a primeira a estender a mão. “Eu sou Jill e é um prazer conhecer você. Esse é meu marido, Brian.”

Cole apertou as mãos de Jane e Alan, Joanne e Chris. O pai de Anna saiu de trás de seus filhos. “Eu não vou fingir que não desejamos ter sabido sobre você antes, mas qualquer um que faça minha Anna feliz é bem-vindo em meu livro.”

Não havia compreensão nos olhos do pai dela, mas também não havia condenação. E quando seu olhar se moveu para Anna, o amor brilhou forte e puro.

Pena não ter havido tempo para pedir a mão dela ao seu pai. Mas aquilo não fazia sentido. Cole nem mesmo a conhecia desde ontem, nem teria a teria procurado se não fosse pelo desejo de sua avó.

“Obrigado, Sr. Davis.” Ele agitou a mão do pai dela, um aperto de mão forte, do tipo de homem que Cole teria adorado ter tido por perto quando era uma criança.

“Chame-me de John.”

A mãe de Anna se virou e retornou para a cozinha e Anna enrijeceu contra ele.

“Vá.” Ele disse com uma voz baixa que só ela podia ouvir.



Mas quando sua mão escorregou da dele, ele achou que já estava sentindo falta. Não apenas pela pressão macia de suas curvas, mas do doce prazer de segurar a mão dela na sua, de saber que podia voltar a cobri-la se ela precisasse de seu suporte.

Mas não teve tempo de insistir no pensamento, não com sete pessoas que agora estavam temporariamente envolvidas e bombardeando-o com perguntas e elogios.



“Você está zangada comigo?” Anna perguntou à sua mãe.

“Eu devia estar?”

A mãe de Anna, Jackie, sempre tinha estado lá para suas filhas com um abraço, sorrisos e chocolate. E, às vezes, quando estas precisavam, com amor mais duro.

Anna desejou haver algo que ela pudesse fazer na cozinha, um lugar que pudesse pôr suas mãos e olhos de forma que não se entregasse completamente.

“Sei que meu casamento é realmente inesperado, mamãe.”

“Você o ama, Anna?”

Ela encontrou o olhar de sua mãe numa rápida ingestão de ar. Era uma pergunta que ela esperava que ninguém fizesse, a única coisa que esperava que eles não pegassem de sua explicação.

“Ele é um homem maravilhoso.”

Um homem que faria qualquer coisa por sua avó — inclusive encontrar uma estranha agradável e casar-se com ela — possivelmente não podia ser ruim. Mesmo o fato de que ele mentiu para ela já não lhe parecia tão ruim assim. Não quando ela mesma estava distribuindo as mentiras a balde.

“Não foi isso o que eu perguntei.” Sua mãe prendeu-a com um olhar afiado. “Você o ama?”



Anna não sabia como mentir, não para uma das pessoas que a amava mais que qualquer outra coisa no mundo. Mas justo quando estava para dizer “eu não sei” ela percebeu que não era verdade. *Oh, meu Deus, ela se apaixonou por ele.*

Ela estava apenas vagamente consciente do seu próprio suspiro, dos braços da sua mãe vindo ao seu redor.

“Oh, Anna. Você sempre foi diferente.”

O peito de Anna se apertou. “E você sempre sentiu pena de mim.” Pelo olhar chocado da sua mãe, ela se forçou a se afastar. “O restante dos seus filhos eram todos altos e loiros, eram todos tão populares, tinham tantos namoros e ganharam tantos prêmios. Eu nunca me encaixava, não importa o quão duro tentava.”

“Anna, querida, não posso acreditar que você pensa assim.”

Mas vinte e nove anos foi um tempo muito longo para segurar tudo isso, e agora que a represa rachou, ela não podia impedir tudo aquilo de jorrar. “Escolhi um novo nome com J para mim mesma quando estava na primeira série. Jennifer. Mas nunca tive coragem de dizer a você que queria mudar Anna, de forma que pudesse ser como o resto de vocês. Mais, eu sabia que não seria o suficiente. Ainda estaria comigo.”

Ela odiou o espetar das lágrimas no canto dos seus olhos. Droga, pelo menos uma vez ia ser forte. Cole a tinha ajudado a saltar na noite passada, mostrou-lhe a força — e o espírito de aventura — que ela não via em si mesma toda vez que faziam amor. E não importava o quanto aquilo ia doer quando seu casamento terminasse e eles seguissem seus caminhos separados, ela sempre lhe seria agradecida por aquele presente.

Esta noite ela ia ter que tomar o que havia aprendido e confiar que sabia como voar por conta própria.

“Você foi Anna, querida, desde o início, desde a primeira vez que a segurei em meus braços. Lamento que tenha sentido que não pertencia, mas você sempre pertenceu. Suas diferenças sempre foram especiais e preciosas para mim, seu pai e suas irmãs.”

Anna tinha precisado ouvir aquilo por tanto tempo, que mal podia aceitar. E ainda assim, ao mesmo tempo, não podia voltar atrás, não desta vez.



“Você está certa, mamãe. Eu sou diferente e é assim que quero viver minha vida. Cole é meu marido e eu sou sua esposa. Lamento que vocês não tenham se conhecido antes, mas ele está aqui hoje esta noite.”

A dor nos olhos de sua mãe a deixou à beira de um pedido de desculpas. E então sua mãe disse “Bem, uma coisa é certa, ele é muito bonito.” Anna sabia que sua mãe estava tentando remendar o buraco na relação deles da maneira que podia. Aquele era o seu jeito de dizer que aceitaria Cole, se isso fosse o que sua filha queria.



Cole estava de pé na entrada observando Anna rir com sua mãe. A tensão o montou com o que ele viu e ouviu. A mãe dela estava certa, qualquer um podia ver que Anna era diferente do resto de sua família. Não só pela primeira letra de seu nome, nem pela aparência, mas também por seu espírito.

Tão cheia de doçura que lhe tirava o fôlego.

Ela se virou e o viu, e então, o prazer iluminou seus olhos enquanto estendia o braço para ele.

E quando ele caminhou em direção à sua esposa e a tomou nos braços, ele a quis com uma intensidade que não sabia que podia sentir. Mas, o mais intenso de tudo, muito mais intenso que seu desejo por ela, foi o orgulho pela mulher magnífica que segurava em seus braços. Anna era corajosa, compassiva e sexy como o inferno.

E toda sua.



Duas horas mais tarde, eles estavam de volta no carro dele. Anna não tinha falado muito no jantar e a todo minuto ele respondeu perguntas sobre sua carreira, sobre as perspectivas do Outlaws para o Super Bowl da temporada, ele vigiando-a, mantendo sua mão



com segurança na dele sempre que podia. Ela não se afastou, mas também não segurou muito apertado. Ainda assim, ele sabia que aquela pequena conexão ajudaria.

“Você está bem?” Ele estendeu a mão, acariciando o polegar sobre a pele sensível dentro de seu pulso.

“Acho que sim.” O luar era brilhante o suficiente para que ele visse seu pequeno sorriso. “Você foi ótimo, Cole. Obrigada.”

“Não tem que me agradecer por nada, Anna.” Inferno, ele era o único que devia estar de joelhos agradecendo-a. “E sua família é ótima, realmente ótima.”

Ela fez um som suave de acordo e seus olhos se fecharam quando pararam no sinal. Cole ficou sentado na intersecção vazia muito depois que a luz ficou verde.

Não tinham dormido o suficiente na noite anterior para que ele conseguisse uma oportunidade de observá-la assim. Com o rosto bonito relaxado, os cílios longos e curvados através das maçãs do rosto. O pulso se movendo uniformemente no lado de seu pescoço.

Seu peito se apertou pelo quanto ela era bonita. O desejo estava lá — ele já sabia que nunca seria longe da superfície entre eles — mas foi outra emoção completamente diferente que o deixou incapaz de tirar os olhos dela. Mais que apreciação, mais forte que respeito. Ele queria cuidar dela, dedicar-se a fazê-la feliz, a ver seu sorriso.

Um carro buzinou atrás dele e Cole pisou o pé no acelerador, atirando-os longe do sinal como um passeio de montanha russa em alta velocidade. Anna se mexeu, mas não acordou.

Vinte e quatro horas. Ele a conhecia há vinte e quatro horas. Fazia sentido que gostasse dela, que sentisse desejo por ela, mas e toda aquela porcaria de cuidar e se dedicar a ela? Inferno, aquilo não fazia o mínimo sentido.

Trinta minutos mais tarde, quando Cole estacionou em sua garagem, ele tinha sua cabeça de volta em ordem. Não havia dúvida que teve sorte ao escolher Anna como sua esposa temporária, mas era essa a relação deles, só uma união breve que nunca foi concebida para ser nada mais que isso. Certo, Anna disse que não queria nada dele, que ela desempenharia o papel somente por causa de sua avó, mas ele ia encontrar uma maneira de



pagá-la de volta. De forma grande o suficiente para ter certeza que ambos podiam seguir em frente com suas vidas como tinham sido antes de Vegas. Sem arrependimentos para nenhum deles.

Ele a ergueu, suave e quente, fora do carro, e embora ela ainda estivesse adormecida, seus braços foram ao redor do pescoço dele e ela encostou o rosto contra seu peito. Completamente confiante, assim como tinha sido na noite anterior em sua cama.

Ele a carregou para dentro, subiu as escadas até seu quarto, chutou as cobertas em sua cama com uma perna e, em seguida, deitou-a delicadamente em um travesseiro. Ela imediatamente enrolou-se de lado e ele teve que sorrir enquanto a olhava. Na primeira vez que uma mulher entrava em seu quarto, ela não costumava ir apenas para dormir.

A mãe dela estava certa, Anna era definitivamente diferente de qualquer outra mulher que ele havia conhecido.

Sentando na beira da cama, ele tirou os sapatos e puxou as cobertas sobre ela. Dez minutos depois, deslizou nu sob os lençóis e aproximando-se de sua esposa, colocou seu pequeno corpo no dele e adormeceu.

Com aquele maldito sorriso ainda em seus lábios.



Capítulo Onze

“Se você precisar de alguma coisa, querida, deixe Verônica saber, ok?”

Anna acenou para a mulher e forçou um sorriso. “Eu vou ficar bem, Cole.”

Ele estava lhe dando um daqueles olhares que ela estava começando a reconhecer, o que dizia que ele sabia que ela não estava nada bem. Mas a verdade era que ela estava menos assustada por estar no camarote VIP da família antes do jogo de Cole do que tinha estado mais cedo naquela manhã, quando acordou na cama dele completamente vestida, depois de sonhar que estava sendo segura pelos braços fortes durante toda a noite. Ele podia tê-la facilmente acordado e despido para a cama e, se tivesse feito, bem, não havia dúvida em sua mente que teriam feito amor novamente.

Em vez disso, ele se certificou de não acordá-la, simplesmente subiu em sua grande cama e a abraçou. Agiu como um homem que se importava.

Seu peito ainda se apertava sempre que ela o olhava. Não querendo se passar de tola completa na frente de um grupo de estranhos, ela iluminou um sorriso. “Tenha um grande jogo!”

Ela se inclinou para dar-lhe um beijinho rápido e ele disse numa voz baixa contra seus lábios “Somos recém-casados, lembre-se.” Então deslizou as mãos em seu cabelo e a beijou.

Qualquer embaraço que ela poderia ter sentido por sua exibição tão pública de afeto, foi rapidamente perdido pelo desejo reprimido da tarde anterior na cozinha. Sem perceber, suas mãos envolveram o pescoço dele e sua pélvis se empurrou contra a dele, enquanto ela gemia baixinho em sua boca.

Finalmente, ele se afastou o suficiente para olhá-la. Ela tentou recuperar o fôlego, mas estava longe de poder controlar sua resposta aos beijos dele. Depois que ele pressionou mais um beijo doce contra seus lábios, ela agradecida afundou na cadeira atrás de si e desviou o olhar para o campo de futebol.



“Honestamente, eu não esperei isso de você, Cole.”

No corredor, Cole quase deu de encontro com sua agente, Melissa, que estava segurando o telefone para cima e agitando-o no rosto dele.

“Não só se casou, mas seu telefone estava claramente quebrado também, não é?”

Ok, ele ignorou a meia dúzia de mensagens que ela lhe deixou desde que as notícias quebraram no dia anterior. Processe-o. Ele tinha estado ocupado. Com sua doce esposa.

“Você estava na minha lista.”

“Claro que eu estava.” Ela revirou os olhos. “Você devia ter me avisado sobre isso, Cole.”

“Como meu casamento é da conta da minha agente?” Ele cruzou os braços sobre o peito.

“Da última vez que o vi, pensei que nós éramos amigos, também. Eu teria gostado de conhecer a mulher com quem você está pensando em passar o resto de sua vida, apenas por esse motivo. Eu teria gostado de ter tido a chance de parabenizá-lo ao invés de repreendê-lo por guardar segredos.” Sua expressão endureceu. “Mas se você só quer falar de negócios, tudo bem. Como sua agente, nós dois sabemos que tudo que você faz é da minha conta.”

Como uma deixa, Julie apareceu no corredor e ao contrário de Melissa, ela o abraçou.

“Parabéns, garanhão.” Um sorriso perplexo estava nos lábios dela, que acrescentou “Consegui o bastante da situação com a imprensa toda continuando do lado de fora. Tudo sobre você.” Ela puxou um punhado de recortes de sua bolsa de ombro, uma dúzia de diferentes fotos dele e de Anna. “Ela é diferente de suas namoradas anteriores. Realmente atraente.” Ela ergueu uma sobrancelha, ainda sorrindo. “Como vocês se conheceram, afinal?”

Cole olhou sobre as cabeças das duas mulheres para seus maridos, Dominic e Ty, mas o corredor estava vazio, exceto por eles três. Foda.

“Eu preciso descer para o campo.”



Os olhos de Melissa se estreitaram enquanto Julie dizia “Só não se esqueça de voltar aqui após o jogo, Cole, para que possamos trabalhar o nosso plano de Relações Públicas sobre isso.”

Ele encarou a equipe de Relações Públicas — e únicos amigos — com um olhar que teria feito a maioria das pessoas fugirem. “Ela é minha esposa e eu sou seu marido. Nossa relação é particular e não precisamos de um plano.”

Em vez de parecer assustada, Julie simplesmente atirou um de seus pequenos e atrevidos olhares para Melissa, que de repente pareceu menos zangada e mais intrigada.

“Tenha um grande jogo” Elas disseram em uníssono enquanto se afastavam, suas cabeças curvadas juntas enquanto conferiam uma com a outra.

Bem, ele tinha fodido com aquilo regamente e queria segui-las até o camarote VIP e proteger Anna. Queria ter certeza que eles não a assustassem completamente. Mas ele foi empurrando para sua equipe, onde devia ter descido para o campo trinta minutos atrás.

O medo dirigiu cada passo que ele se afastava de sua esposa.



“Parabéns, amigo.”

Um tapa duro soou através de seus ombros, vindo de outro companheiro de time. Apenas Ty e Dominic se mantiveram em silêncio, os dois recentemente casados somente balançavam suas cabeças enquanto olhavam para ele.

Ele nunca tinha sido mais feliz por ouvir um apito e depois das últimas vinte e quatro horas, precisava daquelas três horas jogando um jogo que era tão natural para ele. Era o mais perto que ele estava para chegar a se descontraír. Não desistiria de um segundo que ele passou com Anna. A família dela, a imprensa e toda aquela porcaria que rodava em torno deles eram completamente outra questão.

Futebol. Aquilo era tudo no que ele ia pensar.

Mas mesmo quando tomou seu lugar na formação defensiva, ele viu que sua atenção não estava completamente no jogo. Nunca tinha prestado muita atenção em quem estava no



camarote VIP observando-o, mas naquele dia, Anna estava lá. O que ela estaria pensando? E sentindo? Estaria bem sem ele lá para protegê-la?



“Olá, você é Anna?”

Anna olhou para cima e viu duas mulheres muito bonitas de pé na sua frente. Ficando de pé, ela esperou que suas pernas não estivessem tão trêmulas do beijo de Cole como estiveram um minuto atrás.

Ela sorriu nervosamente. “Sim, sou eu.”

Ficou surpresa quando a esbelta loira a abraçou. “Maravilhoso, é muito bom conhecê-la, e uma surpresa, também. Uma surpresa boa.”

Completamente fora de equilíbrio pela quente saudação, ela ficou feliz quando a curvilínea mulher de cabelo ondulado simplesmente estendeu a mão. “Eu sou Melissa, Agente de Cole. E esta é Julie, ela faz Relações Públicas para o Outlaws. Nós também somos ambas boas amigas de Cole.”

“Ou pelo menos pensávamos que éramos.” Julie sorriu enquanto se sentava ao lado de Anna, mais à vontade e refinada que Anna jamais pôde sonhar ser.

Melissa pegou uma cadeira do seu outro lado, seu terno de negócios nem perto de esconder totalmente as curvas suaves e sensuais. “E então ele vai e se casa com uma mulher que nós nunca ouvimos uma palavra.”

Sentindo-se nem um pouco à vontade ou sensual quanto qualquer uma das amigas de Cole, Anna estava tentando descobrir como reagir quando Julie disse “Honestamente, casar em Vegas é algo que eu teria esperado que meu marido fizesse.” Pela expressão chocada de Anna, Julie acrescentou “Antes de ficarmos sérios, Ty costumava ser um pouco mais que jogador.”

Melissa riu daquilo, seu inicial comportamento de negócios rapidamente dando lugar ao amigável. Ela se inclinou sobre Anna como se estivesse compartilhando um segredo.



“Realmente, a verdade é que o time teve que contratar Julie como Relações Públicas pessoal de Ty.”

Julie encolheu os ombros. “Ele é um garoto rebelde, mas é o meu garoto rebelde. Além disso, você devia saber que Melissa conheceu seu marido, Dominic, quando ele a contratou para ser sua agente.” Ela arqueou as sobrancelhas. “Eu nunca vi um agente interessado em seu cliente.”

Anna teve que morder o lábio para que não risse do modo que as duas mulheres estavam zombando uma da outra. Ao mesmo tempo, notou que as duas pareciam ter um brilho sobre elas, especialmente quando estavam falando sobre seus maridos. Uma pontada de inveja apertou seu peito, semelhante ao modo que às vezes sentia quando via suas irmãs com seus maridos.

“Então.” De forma abrupta e perturbadora, Julie e Melissa pararam de provocar uma a outra e giraram seu foco de laser em Anna. “Conte-nos sobre você. O que faz para viver? Como conheceu Cole e quando soube que ele era seu para sempre?”

Oh, Deus, o que as pessoas tinham com a palavra para sempre?

“Eu ensino o primeiro grau.” Ela fez uma pausa, preparando-se para mentir para aquelas duas mulheres agradáveis. Só mais uma mentira para acrescentar à pilha. Mas ela não conseguiu fazê-lo, não quando elas tinham sido tão legais com ela. “Nós nos conhecemos em Las Vegas. Uma das minhas irmãs estava se casando e ele estava visitando a avó.”

Ela teria parado ali, mas sabia que nenhuma daquelas mulheres ia deixá-la cair fora deixando a pergunta do “para sempre” sem resposta.

Baixando a voz, ela desceu o olhar para seu colo. “Eu sabia que isso era para sempre a primeira vez que ele me olhou.”

O suspiro suave de Julie ecoou a própria reação particular de Anna pelo o que ela acabara de dizer. Para o que acabara de admitir... Para si mesma.

Oh, Deus, será que tudo que ela estava começando a sentir por ele, já estava lá naquele primeiro olhar, quando ele olhou em seus olhos e disse-lhe que eles eram bonitos?

“É claramente mútuo.”



A declaração surpreendente de Julie foi possivelmente a única coisa que conseguiu tirar Anna do seu chocado autoexame.

“Cole é normalmente bastante equilibrado, mas ele quase tirou minha cabeça fora, no corredor antes de irmos para cá.”

Anna não entendeu. “Por quê? O que aconteceu?”

“Eu disse a ele que queria dar à imprensa a nossa versão da história de vocês, ao invés de algumas informações falsas e fortuitas que eles espalham na Internet e nos jornais. Eu pensei que ele me atacaria quando me disse que a relação de vocês é particular e que não havia nenhuma história.”

Melissa concordou. “Eu nunca vi Cole agir assim sobre alguma outra mulher. Honestamente, nunca pensei que ele encontraria alguém que realmente, verdadeiramente podia se importar. Não até você.”

Anna não podia acreditar no quanto aquelas mulheres estavam erradas sobre Cole. Ele morderia a cabeça de Julie porque estava tentando impedir que suas mentiras fossem reveladas, não porque se importava com sua esposa.

“Ainda não posso acreditar que ele conseguiu manter você em segredo.” Julie disse. “Quando você disse que se conheceram?”

Anna sabia que não era uma boa mentirosa. Não só pregava para seus alunos diariamente sobre o valor da honestidade, mas simplesmente não gostava do modo que a mentira a fazia sentir, como engrenagens triturando suas entranhas, puxando e arrastando em seu interior.

Felizmente, antes que ela pudesse responder, o jogo começou e a atenção de todos se voltou para o campo. Ela examinou os homens em seus uniformes e queria perguntar qual deles era Cole, mas seria muito suspeito se fizesse. Felizmente, ele não foi tão difícil de identificar, não quando ela já sabia como ele se movia, o conjunto largo de seus ombros e os quadris estreitos. Ele olhou para o camarote VIP entre as jogadas e ela não conseguiu impedir seu corpo de reagir. De querer, de precisar.



Enquanto observava os jogadores se movimentarem no campo, ficou feliz por se achar rapidamente pegando as regras. O tempo passou e ela quase começou a se sentir confortável, quando de repente Cole trovejou sobre um jogador do outro time, derrubando o homem enorme no chão sem mesmo diminuir os largos passos.

“Oh, meu Deus.”

Ela estava tão atordoada com o que estava vendo, pela maneira brutal que ele impediu o outro time de avançar pelo campo, por ter percebido agora como era o trabalho dele, por afastar as palavras de deixarem sua boca e manter o que ela tinha certeza, estava uma clara expressão de choque em seu rosto. Ele era pago para ser violento, recebia tanto dinheiro para ser enorme, rude e impossível de ser parado, por isso podia pagar por uma mansão na colina em San Francisco, por um carro esporte caro, uma cobertura em Las Vegas, as jóias que se ofereceu para comprá-la.

Mas, maior que o choque pelo que acabou de ver seu marido fazer, foi o choque em si mesma. Porque em vez de estar horrorizada pela violência, de não querer mais nada com Cole enquanto o outro homem era ajudado e estava mancando, fora do campo, seu corpo se aqueceu... E ela queria seu marido agora mais do que nunca. Queria toda aquela violência mal desencadeada sobre ela, nela e dentro dela.

Percebendo que tanto Julie quanto Melissa a estavam encarando, com perguntas em seus olhos, ela se atirou de pé. Tinha que sair dali, tinha que ir a algum lugar onde pudesse ficar sozinha e se recompor.

De alguma forma, ela tinha que descobrir uma maneira de parar de reagir com tanto prazer cada vez que o via, ou falava seu nome em voz alta, ou até pensava sobre ele, sobre pequenas coisas como o quanto ele foi agradável com sua família, especialmente sua mãe. Ele foi perspicaz o suficiente para perceber que sua mãe estava chateada e não forçou, não tentou fazer com que Jackie gostasse dele. Só foi ele mesmo, acessível com todos eles, contando-lhes histórias do futebol que ele sabia que eles iam gostar, e ao final da noite, Anna pegou sua mãe sorrindo para ele apesar de tudo.

“Eu tenho que ir...” Ela fez uma pausa meio sem jeito.



“O banheiro está logo do lado de fora da porta, à esquerda no corredor.” Melissa disse, a preocupação franzindo suas sobrancelhas.

“Obrigada.”

Espirrando seu rosto com a água fria do banheiro e levando um tempo para consertar a leve maquilagem, Anna saiu por uma porta de correr para o ar fresco da Baía e tentou respirar profundamente. Mas não teve tempo suficiente para descobrir uma maneira de lidar com sua resposta para Cole, de socar aquilo para baixo e contê-lo numa pequena caixa, uma que ela só deixaria aberta para os prazeres sensuais que ele lhe prometeu.

Mesmo assim, não importava o quanto ia ser difícil segurar firme, ela não podia desistir da briga. Não quando sabia com certeza absoluta que se cedesse às traiçoeiras emoções suaves que cresciam a cada segundo atrás do seu esterno, ia estar com muito mais problemas que apenas ser pega contando um par de mentiras.

Se ela se desviasse do acordo entre eles simplesmente fixando-o na doença da avó dele, ia ser pega querendo mais. Tão mais que já podia se sentir bebendo em cada um dos toques de Cole, seus beijos, seu olhar.

Se havia uma coisa que ela sabia com certeza absoluta, era que nenhum homem — especialmente um rico, famoso e bonito — jamais ia querer que sua esposa falsa e temporária se apaixonasse por ele.

Finalmente, quando ouviu fortes aplausos e viu as pessoas começando a sair para o estacionamento, ela se deixou retornar ao camarote. Cole ficaria preocupado se não a encontrasse e, além disso, ela podia não ser a mulher mais aventureira do mundo, mas também não era uma covarde. Não mais, de alguma forma.

Felizmente, nem Julie nem Melissa agiram como se achassem estranho que ela desaparecesse por tanto tempo. Elas a apresentaram para as outras famílias dos jogadores e todo mundo foi incrivelmente agradável, apesar da clara curiosidade sobre sua repentina aparição na vida de Cole.

Mas o tempo todo, ela estava esperando. Por ele.

“Doce Anna.”



Os braços dele vieram por trás, seu calor a envolvendo, a respiração quente em seu rosto, e não havia força forte o suficiente no mundo — nem o bom senso ou algum daqueles homens ridiculamente grandes do time que estavam agora na sala com eles — que a impedissem de girar em seus braços e erguer a boca para a dele por um beijo.

O sorriso dele foi a primeira e a última coisa que ela viu antes de sua boca cobrir a dela e ela fechou os olhos para afundar no prazer de estar em seus braços.

“Senti sua falta.”

Ele falou contra seus lábios, apenas alto o suficiente para que ela ouvisse, e enquanto o prazer a iluminava, inevitável e maravilhoso, ela não conseguiu se lembrar do que tinha estado tão certa de precisar lutar contra, apenas minutos antes.

“Você vai tê-la pelo resto de sua vida. Hora de compartilhar sua esposa com o resto de nós.” A voz baixa masculina atrás dela estava atada com riso mal reprimido.

Sentindo o rosto queimando de embaraço pela forma como tinha esquecido que havia alguém mais na sala, Anna tentou se retirar dos braços de Cole. Mas ela devia ter sabido melhor. O homem com quem se casou por um capricho, não a deixaria se separar dele assim — se estavam cercados por uma multidão ou completamente sozinhos.

Girando de forma que ele ainda estava segurando-a ao seu lado enquanto enfrentavam os dois casais na frente deles, ele disse “Ty, Dominic, eu gostaria que conhecessem minha esposa, Anna.”

Dois dos homens mais lindos que ela já vira ao vivo e pessoalmente, sorriram para ela. Mas quando ela agitou suas mãos e disse as coisas apropriadas, ao invés do seu coração disparar e sua pele formigar com consciência, ela não sentiu nada.

Apenas Cole podia fazer seu coração sentir como se fosse atravessar suas costelas. Só ele podia fazer sua pele queimar e se apertar com necessidade desesperada.

A mão dele estava quente na parte de baixo de suas costas, a única razão que ela se sentia segura naquele estranho novo lugar. Apreciou por nem Ty nem Dominic se concentrarem nela, que ambos pareciam perceber que a deixariam mais desconfortável do que ela já estava. Melissa e Dominic se afastaram para conversar com um de seus outros clientes.



Enquanto a conversa girava ao redor dela sobre o jogo, sobre futuros churrascos e sobre as pessoas que todos conheciam, Anna podia observar o modo fácil com que Ty fazia Julie rir e os olhos dela se iluminando cada vez que ela pousava o olhar em seu marido.

Eles não eram um casal que ela alguma vez os teria posto juntos só de olhar para eles. Ty era claramente um rebelde selvagem e perigoso para seu núcleo, enquanto Julie era tão refinada quanto uma mulher podia ser. E mesmo assim, apesar do fato que eles não deviam fazer sentido juntos, a profunda afeição de um para com o outro era poderosamente clara, mesmo para um espectador, como era seu desejo de um para o outro, apenas abaixo da superfície, mas visível na forma em que ele constantemente a tocava e ela o estava tocando de volta.

A esperança iluminou o coração de Anna uma batida antes de uma tristeza profunda se acomodar. Era tudo muito bem desejar que ela se desse tão bem com um estranho com Cole. Mas tudo o que fez foi dar-lhe conhecimento que aquilo não ia ser o acontecimento mais doloroso.

Podia sentir os olhos de Cole sobre ela, escuros de calor e preocupação. “Pronta para ir?”

Eles se despediram e o alívio a inundou por ela não ter mais que tentar representar o papel da esposa de Cole. Ele a levou para uma porta que ultrapassava a imprensa e ela entrou em seu carro. Tinha acabado de pôr o cinto de segurança quando ele bateu as fechaduras.

“Finalmente, a sós com minha esposa novamente.”

Foi quando ela percebeu que devia ter dado todas as desculpas que podia pensar sobre ficar naquela sala com uma multidão de estranhos. Porque enquanto ele ligava para sua avó para descobrir como ela estava se sentindo e contar-lhe os detalhes do jogo, o quanto ela se sentiu tão insegura quanto estava no camarote VIP, tinha estado um milhão de vezes mais segura do que estava agora.



Capítulo Doze

“Não há nada que eu goste mais que as tardes de domingo. Especialmente depois de uma vitória.”

Na superfície, as palavras de Cole não deviam ter feito tremores correrem para cima e para baixo em sua coluna, mas ela podia facilmente ler as entrelinhas, especialmente quando a mão dele se moveu para a rótula do seu joelho. Ele não a estava agarrando, não estava fazendo nada particularmente sexual, e mesmo assim seu corpo estava respondendo como se ele tivesse posto a grande mão dentro de sua calça — inundando de excitação, seus seios tornando-se rígidos e apertados sob o sutiã e a blusa.

Ela não respondeu, não quando o pensamento de uma tarde inteira de domingo só com Cole a deixou quase ofegante de antecipação. Podia sentir seus olhos nela e o calor neles, enquanto ele virou numa rua estreita e estacionou na frente de uma pequena loja. Seu cérebro sentia-se confuso por todo o desejo desconhecido que corria em suas células e ela não tinha prestado atenção o suficiente para perceber que ele não tinha ido direto para sua casa.

“Há algo que eu quero que você faça, querida.”

A voz dele era quente e rouca, já tão grave pela necessidade que lhe tirou o fôlego, envolvendo-se propriamente ao redor do seu corpo como um toque físico.

“Quero que você entre nesta loja e compre algo.”

Os olhos dela se moveram daquele calor perigoso em seus olhos para a quase escura fachada da loja. “Onde estamos?”

Ela nunca tinha ouvido sua própria voz tão rouca e os olhos de Cole queimando de desejo possessivo quando ele correu os nós dos seus dedos para o lado do seu rosto.

“Uma loja de brinquedo.”

“Mas isso não parece o tipo de lugar que crianças iriam... Oh.” Ela lambeu os lábios nervosamente. “Não é aquele tipo de loja de brinquedos, é?”



A boca dele aumentou nos cantos, mas ela não teria chamado aquilo de um sorriso. Ele a olhou como se ela fosse uma comida deliciosa que ele não podia esperar para apreciar.

Cole clicou e abriu a porta dela. “Vá.”

Mas ela não conseguiu se mover. “Mas eu nunca...” Ela agitou a cabeça. “Eu não sei...”

Os dedos se moveram para seu queixo e suavemente giraram seu rosto em direção ao dele. “Mas você quer.”

Não foi uma pergunta e mesmo assim, ela soube que ele esperava uma resposta.

Ela respirou fundo, sentindo o modo que aquilo se agitava em seu peito. E o tempo todo, enquanto ela lutava pela força para dizer-lhe o que ele já sabia, ele a observava com aquele calor que ela nunca pensou ver nos olhos de um homem.

Finalmente, ela sussurrou a chocante e difícil verdade. “Sim. Eu sempre me perguntei como seriam essas lojas do lado de dentro.” O tempo todo sabendo que nunca descobriria.

Ele roçou o polegar contra seu lábio inferior e ela não conseguiu se conter de ligeiramente provar sua carne. Um pequeno gemido de prazer emergiu de sua garganta pela textura áspera da pele calejada contra sua língua sensível. E então ele empurrou o dedo em sua boca e por puro instinto, ela o sugou mais fundo, tomando-o entre seus lábios e dentes assim como fazia com seu pênis.

Ele gemeu e se remexeu rígido em seu assento. “Tão doce, Anna. Tão malditamente doce.”

Ela o mordiscou e se inclinou para sua mão de forma que pudesse puxá-la para frente e acrescentar chuvas de beijos e pequenas lambidas desde o começo de sua palma. Ele se afastou.

“Não, bebê. Não vou deixar você me distrair.” Ele roçou o polegar úmido sobre os lábios dela. “Não ainda.”

Ele se inclinou sobre ela, os duros músculos pressionando-a de forma deliciosa enquanto abria sua porta.

“Você tem cinco segundos para ir ou serei eu quem vai escolher seu brinquedo.”

A ameaça a fez saltar do carro como se seu assento estivesse queimando.



Mas depois que esteve do lado de fora, ela não se moveu em direção à porta da frente. Ele abriu a janela e ela teve que dar mais um pequeno protesto. “Isso não era o que eu queria dizer quando falei que queria ser louca com você.”

“Cinco minutos, Anna.” A janela voltou-se para cima.

Ela cerrou o queixo enquanto empurrava para abrir a porta da frente, tentando se preparar para qualquer visão chocante que a aguardava. Mas ficou surpresa por se encontrar numa loja de aparência perfeitamente normal. Metade das prateleiras carregava roupas que não eram muito diferentes do que ela viu adultos vestirem para as festas do Dia das Bruxas. Uma parede estava cheia de livros e vídeos, e enquanto algumas das capas eram levemente excitantes, não eram nada que ela não tinha visto antes nos armários dos seus namorados anteriores.

Mas foi uma exibição numa parede mais ao longe que despertou seu interesse: dildos de todas as formas, tamanhos e cores. Ela sabia que todas as suas irmãs tinham uma peça — droga, até onde ela sabia, sua mãe provavelmente tinha uma — mas nunca foi capaz de superar seu constrangimento o suficiente para entrar realmente numa loja de adultos e comprar uma. Até mesmos os “massageadores” que eram vendidos em farmácias a faziam corar.

Nenhum de seus namorados anteriores já tinha sugerido que eles usassem brinquedos sexuais, então novamente, nenhum deles já a fez parecer particularmente sexy. E nenhum deles a olhou como se quisessem queimar suas roupas e tê-la caminhando por aí nua o tempo todo.

O conhecimento que Cole não estava disposto a deixá-la voltar para o carro de mãos vazias, deu-lhe coragem para caminhar pela loja e estudar suas opções. Só que, era difícil se concentrar na leitura das descrições das funções incluídas quando ela não podia apagar a imagem de Cole usando todas e cada uma das peças nela.

Seu coração batia tão forte que ela jurou que podia senti-lo entre as pernas, em um latejar constante de excitação que só a aquecia ainda mais.



Felizmente, o homem de aparência normal atrás do balcão, nem parecia notar que ela estava na loja. Ele não se aproximou para oferecer-lhe sugestões ou olhar para ela como se fosse uma pervertida. No mais, ele parecia entediado e cansado enquanto folheava uma revista.

O relógio estava correndo com seus cinco minutos — e Cole seguramente compraria a coisa mais chocante que pudesse encontrar se tivesse que vir atrás dela. Ela pegou a caixa mais próxima e levou-a ao balcão.

“Dinheiro ou cartão?”

“Dinheiro.”

O homem não teve nenhuma reação a sua resposta ligeiramente estridente. Ele simplesmente disse-lhe o total.

Anna rapidamente contou as cédulas e em seguida tomou a sacola dele.

O calor do olhar de Cole imediatamente a bateu quando ela saiu da loja, quase fazendo-a tropeçar na calçada e um minuto depois, ela deslizou no assento do passageiro, segurando firmemente sua nova aquisição.

“Não saber o que você tem na sacola, mas sabendo que vai ser muito bom, seja o que for, está me matando, querida.”

Ela o olhou, percebendo que suas juntas estavam se mostrando brancas na alavanca de marchas. Tudo porque ela tinha ido comprar um brinquedo sexual.

Para usar nela.

Ela aproximou a sacola mais apertada. O equilíbrio de forças mudou entre eles. Sim, tinha tudo, mas ordenou que ela entrasse no *sex shop* e comprasse um brinquedo, algo que ela nunca, jamais teria pensado querer que seu marido fizesse.

Mas agora ela sabia muito bem. Era exatamente o que ela queria. Ele não tinha acabado de fazer aquilo por ele, exclusivamente para seu próprio prazer. Ao contrário, ele estava forçando-a a enfrentar seus desejos secretos, tão profundamente escondidos que ela não ousava admiti-los até para si mesma.

Ele fez aquilo para o prazer dela, também.



Mais uma vez ele estava empurrando-a fora de sua zona de conforto. Não a um lugar que ela não queria ir — ela já sabia que ele não era o tipo de homem que faria isso. Ao invés disso, ele caminhou de mãos dadas com ela para outra borda, ainda mais alta e disse-lhe que estava tudo bem saltar.

Seu corpo já estava tão excitado e tão sensível, para o mais leve roçar de tecido contra sua pele, que ela não pensou ser possível sentir mais. Mas a inchação em seu peito não tinha nada a ver com sexo — e tudo a ver com seu coração. Um coração que ela jurou proteger a todo custo lá atrás no estádio.



Cole não tinha chegado tão perto de se perder em suas calças desde a adolescência. Mas desde o minuto que Anna saiu da loja segurando aquela sacola marrom, ele estava usando cada truque mental que conhecia, para tentar se segurar até que estivessem em casa, quando ele podia pôr sua boca e suas mãos sobre ela.

Naquele momento, não importava nem mesmo o que estava no saco, porque ele só precisava possuí-la, senti-la quente e suave em baixo dele, dirigir-se no aperto molhado do calor entre suas pernas e saber que ela era sua.

De alguma forma, ele a deixou caminhar do carro até a casa sozinha, ao invés de apenas carregá-la e arrastá-la pelo cabelo, de forma que pudesse possuí-la como o selvagem que ele realmente era. Mas uma vez que a porta se fechou atrás deles, depois que ela girou ao redor com aquele olhar em seus olhos que era parte expectativa e parte apreensão, ele ficou perdido.

Completa e fodidamente perdido por querê-la.

“Tire suas roupas, Anna.”

Cada palavra foi cortada, seus dentes rangendo tão apertados, que ele estava à beira de trincá-los.



Ela olhou ao redor da sala de estar vazia. “Aqui? Mas eu pensei...” Parou pelo olhar em seus olhos, em sua abordagem lenta.

“Tire-as antes que eu as rasgue.”

A sacola marrom caiu de suas mãos. “Tudo bem, mas não devíamos...”

“Não é rápido o suficiente.” Ele não tinha uma oração para manter as mãos longe dela, de conter a si mesmo de rasgar sua blusa de seda diretamente numa linha reta.

“Cole!”

Ele tomou o mamilo coberto de renda em sua boca mesmo enquanto seu nome deixava os lábios dela, a sílaba se fundindo com um gemido. Levantou a cabeça de seu seio doce com voz esganiçada “Não posso aguentar outro segundo, querida.” a única advertência que ele pôde dar antes de arrancar o zíper de sua calça jeans e rasgá-la fora de suas pernas, seus sapatos indo embora junto com ele.

Em algum lugar no fundo de sua cabeça, ele ouviu seu pequeno grito de surpresa, mas não pôde parar agora, não quando estava tão malditamente perto do que ele queria.

Para o que ele precisava tão desesperadamente que estava ficando louco.

Ela estava sobre seu ombro um segundo depois e, em seguida, deitada de costas em seu largo sofá de couro. Suas mãos se moviam sem qualquer ajuda de seu cérebro, rasgando-lhe a calcinha e o sutiã, e então ela estava deitada lá, com os olhos arregalados enquanto o olhava fixamente, com as coxas alargadas no couro escuro.

Cole mal podia arrastar oxigênio o suficiente enquanto encarava a carne rosada e lisa entre suas coxas, os cachos macios e marrons já ligeiramente úmidos para ele.

Talvez, ele pensou mais tarde, ele poderia ter sido capaz de se conter de possuí-la sem qualquer preliminar, se não tivesse visto a prova do desejo dela. Se não soubesse que ela estava tão desesperada quanto ele.

O zíper foi abaixo e seu pênis estava em punho um momento depois.

Ele posicionou a cabeça pulsante no centro dos lábios encharcados de sua vagina e se impulsionou nela, alto e duro, com tal ferocidade que ela deslizou a meio caminho através do sofá.



“Cole!” O grito de Anna ricocheteou através da sala de teto alto.

Ele agarrou o bumbum macio e nu em suas mãos ásperas de forma que pudesse segurá-la onde a queria, então impulsionou nela novamente, cada vez mais duro.

Perdido para tudo, exceto pela sensação de seu aperto caloroso em torno do seu pênis, tão malditamente apertado que já podia sentir suas bolas se contraindo e a sensação de zumbido na base de sua coluna movendo-se para frente de sua virilha. Levou vários segundos para perceber que as mãos de Anna estavam em seus ombros e que suas unhas estavam arranhando para baixo em suas costas.

Quando as pernas dela vieram ao redor de sua cintura a fim de puxá-lo para mais perto? Quando ela tinha se forçado para cima de forma que pudesse beijá-lo, impulsionando a língua em sua boca no mesmo ritmo do seu pênis?

Seus músculos internos se contraíram ao redor dele e então ela estava implorando contra seu peito “Por favor, Cole, oh, Deus, mais, mais!” E em seguida, sua língua e dentes estavam raspando através do mamilo dele.

A sensação daqueles dentes sacudiu um interruptor em seu interior, o que significou que ele não podia mais se conter, nem protegê-la de suas necessidades demasiado fortes e de seu corpo tão grande.

Mas, justo quando estava prestes a liberar tudo que ele era no corpo suave de Anna, ele baixou o olhar sobre ela, com seus braços e pernas finos envolvidos firmemente ao seu redor, e viu o quanto ela era pequena em comparação a ele.

Foda! Ele nunca possuiu alguém assim tão rude. Não importava quanto o sexo era bom, sempre estivera ciente do quanto ele era grande e sabia quanto dano podia fazer para um corpo pequeno e feminino. Que foi por isso que, inconscientemente, sempre namorou mulheres altas, que podiam lidar com ele.

Mas Anna, sua pequena e doce Anna, estava empurrando-o mais forte e mais rápido, do que ele jamais se deixou ser empurrado. Seu pênis nunca tinha estado tão rígido, à beira da destruição total. Oh, Deus, ia matá-lo ter que recuar, mas ele tinha que fazê-lo.

Porque ele não podia machucá-la. Sua doce e inocente Anna.



Imóvel, ele segurou-lhe os quadris firmemente em suas mãos. Ela tentou se arquear contra ele, mas quando ele não a deixou se mover, ela o olhou, a confusão se conflitando com o desejo desesperado do seu rosto úmido de suor.

“Cole?”

“Tão pequena e doce.” Ele teve que lamber seus lábios, provando o sal de sua pele que se misturava a sua própria essência doce. “Eu não quero machucar você.”

Ele havia lhe dito a mesma coisa praticamente desde o primeiro momento que se conheceram, e droga, jamais poderia viver consigo mesmo se a machucasse, se acidentalmente a violentasse porque precisava tanto dela que era difícil pensar direito.

“Então por que está me machucando agora?”

O peito dele se apertou com imediato arrependimento. “Jesus, Anna, eu não quis ser — muito rude — é você é tão pequena...” Ele estava tentando se forçar a sair de seu calor molhado enquanto fragmentos de palavras saíam de seus lábios, mas foda, mesmo sabendo o que estava fazendo com ela, ele não podia administrar mais que uma polegada.

“Eu amo quando você é rude, Cole. Amo quando você não consegue se controlar.”

Ele piscou forte, seu cérebro trabalhando para convencê-lo que a ouviu corretamente. “Mas estou machucando você.”

“A única forma que me machuca é quando você para.”

E naquele momento, quando a olhou nos olhos e soube que ela não estava dizendo o que ele queria ouvir, mas sim falando a verdade — ele se deixou levar.

Toda a sua extensão.

A próxima batida de coração o encontrou impulsionando com tanta força que o sofá inteiro deslizou através do chão. O conhecimento de que não a imaginava respondendo com um sorriso de prazer, o fez saquear sua boca com lábios, dentes e língua, enquanto saqueava sua vagina com um pênis que era tão duro quanto aço e tão grosso que podia sentir seu tecido sensível trabalhando para se alongar ao seu redor.

E então, através de sua própria loucura de empurrar e bombear nela, ele sentiu... a reveladora forma que seus músculos se contraíam em torno do seu pênis, o modo que suas



respirações irregulares chegavam a uma parada momentânea, ela agarrando-se em seu peito, o modo que suas unhas se cravavam em profundidade juntamente com os saltos, como os músculos de suas coxas se apertavam em seus quadris. Em qualquer outro momento, ele teria se concentrado no prazer dela, teria se certificado que ela chegasse ao clímax antes dele, mas agora que a besta estava fora, não havia como prendê-la de volta em sua gaiola.

Erguendo-se sobre ela, ele pegou seus seios, um em cada mão, com seus mamilos rígidos queimando o centro de suas palmas, e então a montou como nunca fizera com mais ninguém. A cabeça dela foi lançada para trás e seus olhos se fecharam apertados enquanto ela segurava em seus antebraços e o deixava possuí-la, montando a onda que ele formou. E ao invés de dor ou medo, no momento em que um suspiro deixou sua garganta e ela começou a entrar no clímax e abriu os olhos, encarando diretamente em sua alma, ele viu seu próprio prazer refletido nas profundezas daquele oceano.

Um prazer tão profundo que ele não tinha certeza se algum deles iria sobreviver sem aquilo.

Seu rugido sacudiu as janelas enquanto ele explodia e os músculos dela o ordenhavam, e se ele poderia ter pensado que devia se retirar, que eles não eram realmente casados e ele não devia estar ejaculando tão fundo em seu útero, ele não se ouviu, não estava ciente de qualquer outra coisa, exceto cavalgar no maior e mais forte orgasmo que já teve em seus trinta e quatro anos.



Cole os moveu, de forma que ficasse deitado embaixo dela no sofá e Anna grudada em cima de seu corpo grande e duro, ainda esperando por sua preciosa vida, tentando descobrir como respirar e pensar. Ainda estava tentando compreender como era possível alguma coisa — ou alguém — fazê-la se sentir tão bem. Ou sentir tanto.

Se fosse inteligente, se tivesse algum senso de autopreservação, ela deslizaria fora dele, poria espaço entre eles, certificando-se de não deixá-lo possuí-la de corpo e alma.



Mas, aquele último orgasmo deve ter destruído uma parte enorme de suas células cerebrais, porque ela não poderia deixar o calor de Cole e o conforto daqueles braços ao seu redor, mesmo se alguém apontasse uma arma para sua cabeça.

Não quando ela finalmente estava exatamente onde queria estar há muito, muito tempo, segura nos braços de um homem forte que sabia exatamente do que ela precisava, mesmo quando nem ela mesma sabia.

Ele a puxou mais apertado e ela de boa vontade se enrolou nele, fechando os olhos, relaxando os músculos e respirando mais regularmente enquanto percebia o quanto todo aquele sexo louco e extremamente físico a tinha desgastado.



Cole pensou que nada poderia superar o sexo selvagem que eles acabaram de ter sobre o sofá. Mas ele estava errado. Malditamente errado.

Não fazia sentido que qualquer coisa poderia ser melhor que possuir Anna, especialmente não quando eles repetidamente tinham o sexo mais explosivo de suas vidas.

Mas o calor dela, a pressão suave de suas curvas contra ele quando ela adormecia em seus braços — abraçando a doce confiança de uma mulher que ele estava começando realmente a se importar, na palma de suas mãos — era bom. Muito bom.

Tão bom que um homem podia perder seu caminho se não tivesse cuidado.



Capítulo Treze

Anna despertou na grande cama de Cole. Ele estava esticado ao seu lado, observando, obviamente esperando por ela. Embora não estivesse tocando-a, ela sentiu sua pele ganhar vida sob aquele olhar.

Ele também estava nu e enquanto ela descia seu faminto olhar pela pele bronzeada, sobre os músculos profundamente esculpidos de seus ombros, tórax, abdômen e para a grossa ereção sobressaindo-se de seu corpo, ela percebeu o que ele estava segurando.

O vibrador que ela comprou.

Surpreendentemente, por causa de sua transa frenética na sala de estar, ela tinha esquecido tudo sobre ele e agora, olhar para o grosso pênis de plástico cor de pele, a fez ruborizar e ela estendeu a mão para um cobertor inexistente a fim de cobrir sua nudez.

O olhar de Cole estava cheio de calor e de tão profunda possessão, que roubou sua respiração. “Por que você não põe as mãos acima da cabeça, querida?”

Não devia ser tão tentador seguir ordens e suas mãos e braços não deviam estar automaticamente se erguendo acima de sua cabeça, mas na verdade ela já tinha desistido de tentar fazer com que sua reação a este homem se ajustasse numa pequena caixa.

Não havia absolutamente nada ajustado sobre tudo aquilo. Nem o casamento super rápido deles ou o fato de que, em vez de amaldiçoá-lo pelo modo que ele a manipulou para se casar com ele como um presente para sua avó, ela se sentia quase... grata.

“Você é tão bonita assim, Anna. Com sua pele toda corada, seus doces seios se arqueando mais próximos da minha boca.” Ele se curvou sobre ela e em seguida, sua língua era uma pressão de calor sobre um bico túrgido.

Ela instintivamente moveu as mãos para enfiá-las em seu cabelo e ele ergueu a cabeça da pele sensível.

“Eu falei para você mover as mãos?”



Ela mordeu o lábio. “Não.” Quando ele simplesmente segurou-lhe o olhar, mas não disse mais nada, ela percebeu que ele estava esperando que ela as pusesse de volta na cabeceira da cama e engoliu reflexivamente.

“Você não vai me amarrar?”

“Oh não, querida.” Ele sorriu e seus olhos brilhavam com humor, além daquele calor intenso que nunca parecia ir embora. “Desta vez eu vou esperar que você mantenha as mãos aí mesmo por conta própria.”

Aquelas palavras não deveriam ter sido um elogio, não deveriam ter significado nada mais que um jogo sujo verbal, mas elas ainda eram uma grande coisa. Como se ele estivesse confiando que ela possuía muito mais controle sobre sua sexualidade do que durante sua primeira noite juntos.

Buscando em si mesma, ela decidiu que ele estava certo — que ela não ia surtar dessa vez. Ao contrário, ia confiar em si mesma, confiar que seu corpo saberia o que seria bom e ao invés de combatê-lo quando tudo seria demais, ela ia apreciar cada sensação única.

Movendo-se lenta e sensualmente, ela colocou as mãos de volta no lugar, onde ele as queria.

A aprovação acendeu o desejo nos olhos dele. “Boa escolha.”

Tardiamente, ela percebeu que ele estava falando sobre mais que a posição de suas mãos. Estava erguendo o vibrador entre eles e lentamente movendo-o em direção ao seu peito, roçando o plástico suave entre seus seios, a cabeça arrastando em seu colo.

Ela sabia que devia estar chocada enquanto ficava deitada lá observando Cole acariciar sua pele com o brinquedo. Na noite que o conheceu, ela teria estado e até mesmo no dia anterior, sabia que teria feito um pouco de protesto.

Mas, em menos que quarenta e oito horas, ele tinha quebrado quase sem esforço, as paredes que ela nem mesmo percebeu que tinha construído.

Em vez de estar chocada pela excitação renovada pulsando nas pontas dos seus seios e entre suas pernas, ela se deliciava no calor glorioso e, ao contrário de estar ansiosa sobre o que ele estava planejando fazer com o vibrador, estava praticamente ofegando com antecipação



desesperada, podia sentir seu creme, preparando-se para o que ele quisesse e para o que ele lhe fosse fazer.

Ainda assim, não estava preparada que ele erguesse o brinquedo para sua boca e dissesse “Lamba-o!” ou que sua própria língua automaticamente obedecesse.

“Olhe para esta doce e pequena língua.” ele murmurou enquanto ela banhava a grossa cabeça de plástico com sua saliva.

Seu olhar seguiu o dele para o eixo de plástico que ele estava movendo em seus lábios de forma que ela podia molhar o topo superior. Seu ventre se apertou pelo modo que este brilhava com sua saliva, não porque o brinquedo propriamente a excitava, mas porque estava imaginando o membro de Cole em seu lugar, sentindo-o quente e pulsante contra seus lábios enquanto ele lentamente a deixa saboreá-lo.

Estava tão perdida em sua visão deliciosa que a próxima coisa que ela soube, ele estava circulando a cabeça sobre seus mamilos, usando os antebraços para empurrar seus seios juntos, de forma que pudesse arrastar o plástico molhado sobre ambos numa pecaminosa figura de oito, que a fez arquear as costas pelo seu toque, quase esquecendo de sua promessa de manter braços e mãos na cabeceira da cama.

“Tão sexy.”

As palavras reverentes de Cole se moviam através de sua pele como um sussurro, puxando para cima os pelos minúsculos pela superfície de seu corpo e em direção a ele, e então ele estava soprando um ar morno sobre seus mamilos firmemente enrugados. A pele envolta de seus seios nunca pareceu tão contraída e ela nunca esteve tão perto de gozar com nada mais que a estimulação em suas mamas.

“Abra suas pernas, doçura.”

Naquela primeira noite, assim que ela concordou em confiar nele, ele tirou sua escolha e a protegeu de sua própria falta de fé em si mesma. Mas agora, ele estava pedindo-lhe para que confiasse não somente nele, estava pedindo-lhe para confiar nela, também.



Ciente de cada movimento, mesmo a leve vibração dos cílios em seu rosto e a forma em que seu peito estava subindo mais alto e descendo mais fundo a cada respiração, ela afastou as coxas, abrindo se para Cole.

E para o brinquedo em suas mãos.

“Anna.” Cole mergulhou a mão livre entre suas pernas, lentamente movendo dois dedos em sua excitação antes de trazê-los para a boca e chupá-los, deixando-os limpos. “Doce, doce Anna.”

“Toque-me novamente, Cole.” Ela não precisou de nenhum lembrete dele desta vez para dizer-lhe o que queria. Estava aprendendo como ouvir os sinais do seu corpo e ganhando coragem para verbalizar seus desejos. Oh, e quando ele a tocou, os mesmos dois dedos não só escorregaram entre suas dobras lisas, mas também deslizaram toda a distância em seu interior, movendo-se tão alto, que ela teve que se arquear em sua mão para tentar levá-lo muito mais profundo. No entanto, ela podia sentir seus dedos se curvando, acariciando, estabelecendo-se contra um ponto surpreendentemente sensível.

“Cole?” Sua respiração ficou presa no nome dele, transformando uma sílaba em duas.

Em vez de uma resposta, ele deslizou os dedos dela e posicionou a cabeça do vibrador em sua entrada. Por um momento, tudo foi demais para ela novamente — aquele homem incrivelmente bonito deitado nu na cama com ela, com um brinquedo sexual em suas mãos e uma promessa maliciosa em seus olhos. Ela fechou os olhos e trabalhou para sugar o ar e localizar sua coragem mais uma vez.

“Observe comigo, Anna.”

As palavras baixas retumbaram por sua barriga e seios, e a trouxeram de volta para ele. Para o prazer incrível que ele não só estava lhe prometendo, mas já estava lhe dando.

Ele ergueu a parte superior do seu corpo e dobrou um travesseiro sob sua cabeça e ombros, e ela abriu os olhos a tempo de assistir enquanto a cabeça empurrava em sua abertura. Ele deixou o brinquedo lá, enquanto ambos encaravam seus lábios vaginais, que estavam brilhando com sua excitação e se alargando mais pela grossa intrusão.

“Isso parece bom, bebê?”



Ela sabia que ele tinha o exato conhecimento do quanto era bom, mas só ao pensar em dizer a ele, houve outra inundação de fluido cobrindo a ponta, e teve seus músculos internos se contraindo em torno do plástico enquanto seu corpo tentava puxá-lo mais profundo para o lado de dentro.

Ela virou o olhar do brinquedo até o homem que o estava manipulando com precisão perfeita. “Oh sim.”

As pupilas dele se dilataram. “Vamos ver se podemos fazer isto bem melhor.”

Ele a deixou sem tempo para responder, a pura sensação assumindo o comando de cada parte sua quando ele, suave e lentamente, começou a girar o brinquedo dentro dela. mesmo sem empurrá-lo mais, ele a estava fazendo se sentir tão ridícula e incrivelmente bem, pela a forma em que o látex esfregava e apertava contra suas paredes internas sensíveis. E então, justo quando ela pensou que estava conseguindo um controle em sua excitação, ele a preencheu.

E desta vez, não precisou que ele lhe dissesse para assistir, não quando ela não pôde desgrudar os olhos do eixo de látex brilhante quando ele lentamente o deslizou de entre suas pernas e em seguida o afundou de volta com um gemido. Suas coxas caíram ainda mais afastadas quando ela se abriu para ele, para o brinquedo e para o pecaminoso prazer que a estava possuindo. Nem uma vez ele tocou seu clitóris, e mesmo assim ela podia sentir — e ver — o quanto o delicado tecido estava inchado.

Abriu sua boca para pedir que a tocasse lá, que pusesse seus lábios e língua sobre ela, mas antes que pudesse conseguir com que as palavras saíssem, ele fez seu próprio pedido.

“Fique sobre suas mãos e joelhos.”

Tudo dentro dela ficou imóvel pelo choque. E foi quando ela percebeu o quanto tinha sido ingênua. Tinha pensado realmente que era corajosa o suficiente para fazer qualquer coisa que ele lhe pedisse? Realmente tinha sido inocente o suficiente para pensar que simplesmente manipulando-a com um dildo enquanto ela ficava deitada de pernas abertas em sua cama, seria até onde ele a empurraria?



Ele não pediu novamente, simplesmente a manteve presa no calor escuro do seu olhar. E ele esperou... Esperou que ela percebesse que estava menos chocada por seu comando do que estava pela excitação impossível que a inundava ante o pensamento da mudança para uma posição tão vulnerável.

Seus membros estavam trêmulos demais para que ela tentasse se mover de uma forma sensual, mas quando finalmente ficou na posição, descansando o peso em suas palmas e joelhos, olhou por sobre o ombro para Cole e ele a estava olhando como se ela fosse...

“Um milagre. Você é um maldito milagre.”

O olhar em seus olhos e a reverência em suas palavras, não só a deixou molhada, nem a fez só doer por seu toque.

Fez com que seu coração batesse mais forte e se tornasse maior. Fez com que caísse mais profundamente apaixonada do que deveria.

E isso fez com que conseguisse ficar muito mais perto de uma coisa que a desmontaria e rasgaria sua vida anteriormente boa em pedaços quando seu casamento temporário acabasse.

Felizmente, não houve jeito de seus pensamentos irem mais longe, em direção à zona de perigo, não quando ele os estava afastando com a pressão firme da cabeça do brinquedo contra suas dobras. Deslizando facilmente em sua umidade, sentindo-se tão bem que ela teve que se arquear nele, que inclinar a cabeça para trás e tentar tomar o suficiente de ar para abastecer a necessidade desesperada que a tomava.

“Eu gostaria que você pudesse ver o quanto seu bumbum é bonito, tão redondo, suave e doce.”

Os lábios dele se moveram para seu traseiro e mesmo enquanto seus beijos lá a chocavam, especialmente quando sentia seus dentes levemente mordiscando-lhe a pele, ela gemeu seu prazer.

“Eu sabia que olhar você tomando isto seria bom, Anna.” Ele murmurou enquanto a boca se movia para baixo sobre a curva onde seu bumbum encontrava sua coxa.



Ela ofegou quando ele lambeu a costura da pele incrivelmente sensível, arqueando ainda mais duro em sua mão, a ponta de sua palma aterrissando forte e pesada contra seu dolorido clitóris a cada punhalada do brinquedo.

“Mas eu não tinha ideia que seria tão bom.”

Ela podia sentir o calor daqueles olhos em sua boceta, no aperto molhado de seus músculos contra o brinquedo.

“Nada já foi tão bom, bebê.”

Ele se moveu antes que ela pudesse reagir, deslizando a cabeça embaixo de suas coxas abertas e a língua se estendendo para lavar seu clitóris, enquanto a mão livre a puxava sobre sua boca.

Ela gozou rápido e seu clímax veio como um raio que percorreu de seu clitóris até a ponta dos pés, o topo de sua cabeça e as pontas de seus dedos. Até os lóbulos de sua orelha formigaram e, o tempo todo, a língua em seu clitóris estava deixando-a louca. Nesse tempo todo ele não perdeu o ritmo com o decadente e pecaminoso brinquedo em sua mão e ela estava ofegando seu prazer no travesseiro, enquanto se esfregava para baixo no rosto dele, sobre a pressão maravilhosa do brinquedo dentro dela.

E então o brinquedo se foi, fazendo um baque surdo quando ele o lançou pelo quarto. Cole deslizou de debaixo dela e voltou para suas costas, cobrindo-lhe os quadris com os seus, suas costas contra seu peito. Graças a Deus que ele a segurou enquanto se dirigiu nela, tomando-a numa posição que ela nunca deixaria outro homem tomá-la, com ela sobre suas mãos e joelhos, os seios nas mãos dele, sua boca beijando, sugando e inalando a pele ao longo de seu pescoço, ombros e costas, sua carne dura golpeando-a e alargando-a até onde ela podia ir.

Ela nunca tinha ouvido sons como aqueles saírem de sua boca enquanto ele a possuía. Mas aquilo não era uma rua de uma mão só, não era um mundo onde ele a colocava onde queria e ela dava-lhe prazer, apesar de si mesma. Não, era exatamente o oposto.

Anna estava tomando pelo menos tanto prazer de Cole quanto estava dando para ele. Empurrava de volta em seu eixo duro, nos músculos de pedra de suas coxas e quadris



apertados com tudo que ela tinha, consumindo cada grama de sua energia para encontrar o caminho de volta a um cume ainda mais alto do que aquele que acabara de escalar apenas há alguns minutos.

“Goze novamente para mim, bebê.”

O comando cru veio com a pressão repentina dos dedos ásperos e calejados sobre seu clitóris e este segundo golpe inesperado de prazer extremo a deixou gritando com o que restava de sua voz. Seu corpo inteiro explodiu em torno dele, os pontos negros aparecendo em sua vista enquanto Cole rugia seu nome, suas estocadas fora de controle empurrando-a no colchão e seus dedos nem uma vez perdendo terreno em seu pulsante clitóris, molhado por sua excitação e seu gozo. Mesmo após descer das pulsações arrojadas de seu clímax, ela amava o modo como Cole continuava a impulsionar nela, o pênis ainda duro como aço contra suas paredes internas inchadas e sensíveis, enquanto ele continuava a estimular seu clitóris.

Devia ter sido impossível — seu corpo possivelmente não podia sustentar aquele nível de prazer, poderia? — Mas antes que ela soubesse, estava de volta ao lugar que ela pensou ter acabado de deixar para trás, no topo e olhando por cima da borda.

“Novamente, doçura. Mais uma vez, por mim.”

As punhaladas foram mais comedidas agora e o toque mais concentrado no endurecido broto entre suas pernas. Mas foi o calor, a adoração e a necessidade absoluta naquele tom de voz que a fez gritar mais uma vez.

Segurando-a firme até que ela cavalgasse as ondas incríveis de prazer, Cole mudou seu peso levemente de lado, o suficiente para cobri-la sem esmagá-la.

A mente de Anna trabalhava diretamente para si mesma, mas a proximidade de Cole sempre tornou o pensamento claro difícil. Agora muito mais do que nunca. Não importa o quanto tentava, ela não conseguia pensar além — não, não podia ignorar a pergunta que tinha estado lá desde seu primeiro beijo no clube: *Quem ela estava se deixando tornar? E havia algum jeito que ela pudesse retornar para a mulher que tinha sido antes de Cole?*

“Doce Anna.”



Ele ficou de costas e facilmente a ergueu para que ficasse deitada em cima dele, ao invés do colchão. Ela relaxou sobre ele, agora totalmente saciada, percebendo com um pequeno sorriso contra seu peito, que eles não eram mais estranhos. Dois dias de convívio quase constante, significavam que ela podia reconhecer os sons de desejo, excitação, raiva e frustração em sua voz. E agora, pela forma que ele quase deixou cair a última sílaba de seu nome quando a exaustão o deixou sonolento.

Ele pressionou um beijo suave em seu cabelo. “Você é a melhor coisa que já me aconteceu.”

As palavras doces estavam à beira de serem arrastadas e ela não ficou surpresa quando a respiração dele ficou lenta e uniforme. Assim como não ficou surpreendida pela verdade que encarava seu rosto quando ficou lá deitada com o coração dele batendo constantemente sob sua palma.

Não havia volta pelo modo que se sentia sobre aquele homem. Não só porque fizeram amor sem proteção duas vezes seguidas e ela poderia já ter concebido um filho dele, nem porque estar com Cole a fazia mais feliz do que se lembrara de ter estado. Não só porque ele tinha passado cada minuto de sua curta relação cuidando e adorando-a. Nem por seu amor feroz para sua avó.

Não. Tudo era muito mais simples que isso.

Cole era a chave. A chave para a prisão em que ela se prendeu para a vida inteira.

Em dois dias, ele cuidou não somente de libertar seu corpo, mas libertou seu coração, também.

E quando pegou as cobertas e as puxou sobre seus corpos nus, ela soube que não estava somente perdendo a briga para manter seu coração de seu marido... Estava jogando-o para o campo com ambas as mãos.



Capítulo Quatorze

“Agora esta é uma linda visão para uma manhã de segunda-feira.”

Cole entrou no chuveiro justo quando Anna estava enxaguando o xampu de seu cabelo e mesmo com os olhos fechados, seu corpo imediatamente respondeu à proximidade dele.

“Deixe-me fazer isso por você.” Ele se moveu atrás dela e as mãos foram para seu cabelo, massageando levemente seu couro cabeludo enquanto a água morna lavava a espuma que descia por suas costas.

Ele não tinha estado na cama quando ela acordou e ela imediatamente sentiu sua falta, mas os números no despertador a fizeram se apressar para o banheiro a fim de preparar-se para trabalhar.

Quando ele a girou em seus braços e beijou todo o caminho acordado, tarde ou não, ela não conseguiu manter as mãos fora daqueles músculos duros.

Ela parou em seus bíceps. “Você está maior do que estava antes.”

“É sempre assim depois que levanto pesos.”

“Oh.” Ela não pôde conter para si mesma o murmúrio de apreciação por aquele corpo incrível e ridiculamente perfeito.

As mãos dele desceram para os lados de sua espinha antes de cobrir seu bumbum. Outras coisas estão maiores agora também. “Quer ver?”

Oh, sim, ela realmente queria. “Preciso me apressar e me vestir ou vou me atrasar para a escola.”

Ainda assim, mesmo sabendo que não tinha tempo para nada além de jogar umas roupas por cima e naquele ponto — secar o cabelo e fazer maquiagem não estava nos planos hoje — ela não conseguiu parar de pressionar os lábios em seu peito grande e largo, lambendo sobre um mamilo.



“O que vai acontecer se você se atrasar?” As mãos dele percorriam de seus quadris até os seios — e a carne já escorregadia entre suas coxas.

“Meus alunos vão se preocupar se me acontecer algo.”

As mãos fizeram uma pausa na viagem através de suas zonas erógenas. “Aqueles crianças me devem um grande tempo por isso.” Quando ela não se afastou imediatamente, ele disse “Seria melhor você ir antes que eu mude de ideia, querida.”

Seu corpo pulsava com desejo insatisfeito e ela teve que se forçar a sair do chuveiro e pegar uma toalha. Ficou surpresa quando ele saiu um minuto depois, vestido e erguendo as chaves. “Pronto na hora que você estiver.”

“Espere um minuto. Se você trabalha nos domingos, não devia estar de folga hoje?”

“A maioria dos caras fica, mas como capitão da defesa, preciso olhar as fitas do jogo enquanto ainda está fresco.” Ele se inclinou contra a porta, girando as chaves em um dedo enquanto a observava colocar os sapatos. “Então, onde eu vou levá-la?”

Ela o olhou surpresa. “Não tem que me levar para a escola. Eu costumo pegar o ônibus.”

O sorriso dele fez seu coração bater mais rápido. “Não há muitas paradas de ônibus neste bairro.”

Ela franziu o cenho. “Não pensei sobre isso.”

Claramente. Com certeza, não ter um plano para chegar ao trabalho na segunda-feira de manhã foi só uma das cem coisas que ela não pensou, quando concordou em se casar com Cole em Las Vegas na sexta-feira à noite.

“Você viu meu escritório, Anna e agora eu gostaria de ver o seu.”

Ele ligou para sua avó pelo viva-voz do carro para checá-la e, desta vez, Anna também disse um rápido oi. Ela sorriu durante todo o caminho através da cidade, até que viraram na esquina para sua escola.

“Desculpe, vovó, vou ter que chamá-la novamente mais tarde.” Desligando o telefone, ele disse “Droga, eles não deviam estar aqui.”

Anna esticou o pescoço. “Quem está aqui?”



“A imprensa.”

Ela levou as mãos ao cabelo ainda úmido. “Eu estou horrível.”

“De jeito nenhum, você é a coisa mais bonita que eu já vi.”

Um falso marido não devia dizer coisas assim para sua falsa esposa. Assim como não devia tê-la tocado do jeito que ele fez, ou dar-lhe tanto prazer que só ao pensar em todas as coisas que ele lhe fizera, podia tê-la aquecido numa tempestade de neve.

Sabendo que estava corando pelo elogio, ela esclareceu. “Até onde eu sei, eles querem fotos de você, não de mim, estou realmente com medo de chegar atrasada se tivermos que enfrentá-los agora. Há uma entrada nos fundos, ao redor daquela esquina.”

Ele fez uma careta, mas fez uma virada rápida à direita antes de serem vistos. “Não estou gostando de soltar você numa esquina.”

Sua clara preocupação foi muito doce e definitivamente mereceu um beijo. “Você é um homem muito doce, Cole.”

“Ainda bem que meu chefe não concorda com você.” Ele murmurou contra sua boca, mas ela sabia que ele gostou de suas palavras pelo modo gentil que a beijou de volta.

Trabalhando para recuperar o fôlego, ela estava pegando a bolsa e abrindo a porta quando sentiu sua mão sobre a dela.

“A que horas devo pegá-la?”

Aquecida pelo fato de ele querer sair de seu caminho para vir buscá-la — a escola ficava no lado oposto da cidade, tanto da casa dele quanto do estádio — ela disse, “Novamente, muito doce. Mas às segundas-feiras, depois de eu me reunir com outros dois professores, minha amiga Virgínia normalmente me dar uma carona. Devo estar em casa no mais tardar às seis.”

Ver como os olhos dele se aqueceram pela maneira que ela naturalmente chamou a casa dele de lar, a esperança cresceu em seu peito novamente. Talvez seu falso casamento pudesse se transformar num verdadeiro em um futuro não muito distante. Ela se desvencilhou dele, dando-lhe outro beijo.

“Eu tive um grande fim de semana com você, Cole.”



“Só grande?” Ele mordiscou seus lábios, provocando-a com a boca enquanto fazia a pergunta.

“Não.” Ela disse suavemente. “Foi fenomenal.”

E enquanto corria do carro em direção ao campus da escola primária, fazendo-o na hora certa do sino, ela percebeu que ainda não podia parar de sorrir.

Por causa de Cole.



“Senhorita Davis, minha mãe disse que devíamos chamá-la de Sra. Taylor agora. Por que você teve que mudar de nome?”

“Como é ser famoso?”

“Pode fazer com que Cole assine isso para mim e meu irmão?”

De repente, Anna foi duramente pressionada para continuar sorrindo. Certo, então ela estava conseguindo ficar ligeiramente mais confortável com o fato de que caiu de cabeça por um homem que nem conhecia na última quinta-feira. Mas tudo o mais que vinha com ele... Francamente, não estava certa quando se acostumaria a isso.

Algumas pessoas foram feitas para a fama e outras, definitivamente não. E estava completamente claro a qual seleção ela pertencia.

Sabendo que era perfeitamente natural seus alunos estarem excitados sobre as notícias de seu casamento, ela cuidadosamente respondeu a cada uma e a todas as suas perguntas. De alguma forma aquilo tinha que ter um intervalo.

Depois que deixou as crianças do lado de fora por quinze minutos enquanto brincavam, ao invés de sua costumeira xícara de café na sala dos professores, ela estava para fechar a porta da sala de aula quando uma mão bem cuidada a abriu.

“Anna. Parabéns.”

Engolindo um suspiro por não ter um pouco de tempo em silêncio, o que ela desesperadamente precisava para conseguir sua cabeça em linha reta, Anna aceitou os parabéns de sua diretora.



“Estive pensando,” Celeste Manning começou e Anna se forçou a continuar sorrindo, mesmo quando suas entranhas lhe disseram para ser cautelosa. “Como você sabe, nós realmente tivemos alguma dificuldade para conseguir com que a comunidade contribua para o nosso evento de caridade este ano, com o clima econômico atual. Mas, isso foi antes de descobrir que temos uma celebridade na família da escola Cougar.”

Anna não podia imaginar Cole em um de seus pequenos eventos de caridade.

“Tenho certeza que meu marido realmente adoraria ajudar a escola, mas...”

As mãos de Celeste batendo palmas a cortaram no meio da frase. “Maravilha. Tenho que correr de volta para minha mesa para deixar não só nossos pais, mas também todo mundo na cidade saber vamos leiloar um jantar especial com Cole Taylor.”

Anna agarrou o pulso de sua chefe antes que ela saísse. “Celeste, você não entendeu. Ele é muito ocupado.”

“Ele possivelmente não pode estar muito ocupado para sua esposa. Além disso, nossas linhas telefônicas ficaram entupidas o dia todo com telefonemas da imprensa. Pelo menos agora tenho algo para dizer a eles que irá beneficiar nossa escola.” Celeste baixou o olhar para seu pulso e Anna a soltou. “Embora eu tenha que dizer que todos nós fomos apanhados de surpresa. Você devia ter nos deixado saber que estavam comprometidos. Nós teríamos lhe feito uma festa com bolo.”

Bolo.

Eles teriam se alimentado de seu bolo.

Anna mal conseguiu segurar a gargalhada até que a porta se fechou. E se aquilo fosse ligeiramente tingido de histeria, bem então, pelo menos ela tinha o resto do intervalo para conseguir se segurar.





Antes de ir para a sala de vídeo, Cole foi para o escritório temporário de Julie, de Relações Públicas, sabendo que ela normalmente começava seu dia no estádio antes de ir para seu escritório em frente à Bay Bridge.

“Nós temos um problema.”

Julie franziu a testa enquanto ele lhe contava sobre os paparazzi esperando do lado de fora da escola de Anna. “Felizmente, Cole, eles não são legalmente permitidos em um campus de escola.”

“Ela se sente presa.” E ele odiaria ver aquele medo voltar aos lindos olhos de Anna.

“Claro que sente. Casar com um Outlaw definitivamente não é para uma fraca.” Julie o alfinetou com um de seus olhares *sem-besteira*, que era sua marca registrada, sempre um pouco estranho em um rosto tão classicamente atraente. “Olhe, Cole, sei que você quer manter sua relação em particular, mas o fato é que se os quiser fora de suas costas, você vai ter que dar-lhes alguma coisa.”

O pensamento de expor Anna, sua doce e inocente Anna, para a loucura da fama, fez suas entranhas se revirarem. “Não.”

“Não estou falando sobre uma conferência de imprensa. Apenas uma entrevista.” Ela levantou a mão para impedi-lo de dizer onde ela devia empurrar sua sugestão. “Eu consigo a jornalista. Confie em mim, ela vai ficar feliz por conseguir tirar da concha o casamento surpresa da temporada.”

“Anna nunca pediu isso.”

“Falando por experiência própria, amar um Outlaw sempre vale a pena o preço que às vezes precisa ser pago.”

Cole sabia que não tinha feito absolutamente nada em sua vida para merecer uma mulher boa e doce como Anna — especialmente com o bônus de ela se transformar em um gato selvagem na cama. Mas, apesar de não conseguir parar de pensar nela, nem conseguir parar de tocá-la — apesar do quanto se sentia bem só em estar com ela — ele tinha que continuar lembrando a si mesmo que não havia jeito de ela se apaixonar por ele.



Ao contrário de Julie, que estava disposta a fazer sacrifícios em nome do amor por seu marido, Anna não era apaixonada pelo homem que a enganou para se casar com ele. Ela não sabia sobre seu passado, sobre o fato de que, enquanto ele poderia estar agindo doce ao seu redor agora, não tinha sido nada de doce antes.

Ela não merecia mesmo pagar nenhum preço.

Infelizmente, nada disso fez a mínima diferença para lambar a maldita situação atual deles. Uma que era inteiramente sua culpa.

“Devo fazer a chamada?” Julie levantou o telefone, erguendo as sobrancelhas.

“Faça a maldita ligação.”

Iria para a sala de vídeos mais tarde, pois primeiro, precisava enfrentar uns malditos bonecos de pancada.



Anna não podia acreditar na maneira que foi o seu dia. Se tivesse sido esperta, teria ido com a sugestão de Cole para a escola conseguir um substituto — e ficado na cama o dia todo.

Ao invés disso, ingenuamente entrou numa situação muito além do seu controle, que não teve um indício de como trazê-lo de volta à linha. Nunca tinha visto tantos pais virem buscar seus filhos, especialmente os pais de meninas e meninos que normalmente pegavam o ônibus. Quando o último deles se foi, ela sentiu como se tivesse aquele sorriso colado em seu rosto por horas.

Depois de se esconder em sua sala de aula na hora do almoço, seus colegas não fizeram melhor quando ela chegou à reunião de planejamento semanal. Entre os gritinhos sobre o tamanho do seu anel e as perguntas não tão disfarçadas sobre como era estar casada com um dos grandes e fortes Outlaws — eles não se importaram com a parte de casada, apenas com a parte da relação sexual — sua dor de cabeça se transformou numa grande enxaqueca.



Apenas sua amiga Virgínia agia como um ser humano normal e sentindo-se mais como o que teve com sua mãe, assim que elas entraram no carro, Anna disse “Eu realmente sinto muito por não lhe falar sobre Cole.”

“Não precisa se desculpar por nada, Anna. Posso ver exatamente por que você sentiu que tinha que manter sua relação em privado.” Virgínia bufou. “Nunca vi as pessoas agirem tanto como loucas.” Então ela sorriu. “Você está diferente hoje.”

Anna teve que rir de uma avaliação que foi tão precisa. “Você quer dizer porque meu cabelo está de pé e meus olhos estão vermelhos?”

“Não. Você parece feliz, mais feliz do que jamais a vi.” Anna lançou-lhe um olhar surpreso quando Virgínia acrescentou “Quase como se estivesse brilhando.”

Brilhando? Ela realmente podia brilhar depois do dia que teve?

O negócio era que, apesar de seu esgotamento, só de pensar em Cole, fazia com que um sorriso se movesse de seu rosto — e o calor correr por suas veias. Ele valia a pena tudo aquilo.

“Anna, posso lhe perguntar algo?”

As palavras hesitantes de Virgínia fizeram a preocupação montar sobre ela novamente. “Tudo bem.” Forçou-se a acrescentar “Qualquer coisa.”

“Lembro de ter visto uma foto de Cole em uma revista umas semanas atrás e...” Sua amiga fez uma careta, balançando a cabeça. “Não importa.”

Mas Anna não era estúpida. Ela sabia, sem ninguém ter lhe dito nada, que seu marido era um conquistador de sérias proporções.

“Ele estava com outra mulher, não era?”

Por um momento ela pensou que Virgínia fosse chorar. “Você está casada agora. E está feliz. Eu não devia ter dito nada, mas você é uma das minhas melhores amigas e não posso suportar se ele não tiver sido honesto com você.”

Odiando-se por ser a única desonesta, Anna disse “Obrigada por ser minha amiga.”

Jogo de Amor

Os Bad Boys do Futebol 03

Bella Andre



Ela queria desesperadamente chegar às claras com alguém e odiava mentir para uma amiga tão próxima, alguém que se importava o suficiente com ela para arriscar sua amizade, alertando-a sobre possíveis problemas com seu marido.

“Honestamente, Cole e eu estamos indo muito bem. Sei que isto vai parecer realmente estranho, mas se você vir outras fotos...” E estava cento e dez por cento certa que Virgínia as viria. “Por favor, lembre-se que as aparências podem enganar.”

Finalmente, Anna pensou, ela disse algo verdadeiro.



Capítulo Quinze

Virgínia seguiu-a até a enorme casa de Cole. “Cheira muito bem. Ele tem um cozinheiro?”

Anna fez um som que ela esperou pudesse ser interpretado como sim ou não, dependendo de que resposta certa fosse se transformar. Mas quando elas viraram o canto para a cozinha, ela teve que parar e se apoiar, de repente com as pernas fracas.

Havia coisa mais sensual que um homem que sabia cozinhar?

Cole estava de costas para elas enquanto mexia a comida em várias panelas, então se inclinou para verificar o forno. Anna estava começando a perceber quanto dinheiro seu marido tinha e ele não precisava cozinhar para se alimentar. E certamente não precisava fazer uma maldita coisa — até mesmo um jantar — para tentar e fazer charme para entrar em suas calças. Um olhar quente era tudo que precisava.

Ele estava pegando uma faca e se voltando para a tábua de cortar na ilha da cozinha quando as viu. “Anna, querida, você está em casa.”

Seu nome nos lábios dele — junto com o carinho e o calor intenso em seus olhos enquanto ele bebia dela — fez a excitação correr ao longo de toda sua pele.

“Oi.”

Ela de repente se sentiu tímida, mas Virgínia logo ficaria desconfiada se ela não agisse um inferno de mais confortável com seu marido do que aquilo.

“Queridinho.” Ela disse brilhantemente “Esta é minha amiga Virgínia.”

A boca dele se contorceu naquele meio sorriso maravilhoso que ela não podia conseguir o suficiente. Depois de diminuir os queimadores do fogão, ele se aproximou com a mão estendida.

“Eu realmente agradeço por você trazer Anna em casa, Virgínia.” Ele estendeu a mão para Anna e entrelaçou seus dedos nos dela, puxando-a para perto e pressionando um beijo em sua têmpora.



“Há bastante comida. Fique para jantar. Eu adoraria conhecer um dos amigos de Anna.”

Virgínia olhou para os dois. “Obrigada. Tudo cheira muito bem, mas não quero interromper seus planos.”

Egoisticamente, Anna estava desesperada para ficar sozinha com Cole. Como, ela de repente se perguntou, tinha passado tantas horas sem tocá-lo? Sem beijá-lo? Sem ser seguro contra seu calor? Sem respirar em seu cheiro limpo e masculino?

Mas, ao mesmo tempo, o convite de jantar pareceu tão normal, como se ele fosse realmente seu marido. E ela realmente sua esposa.

A esperança estava esculpindo outro entalhe em seu peito quando ela disse “Nós adoraríamos que você ficasse, Virgínia.”

“Bem, se você está certa, então eu adoraria.”

Enquanto se acomodavam à mesa do jantar, ajudando com os pratos e a carregarem a comida, Anna amou o modo como Cole fez Virgínia tão confortável. E ficou surpresa por descobrir que sua amiga era uma grande fã de futebol. Mas, embora ele pudesse ter facilmente mantido a conversa toda sobre ele, estava realmente interessado em conhecer Virgínia melhor. Como ela não sabia que Virgínia viveu na França por vários anos depois da faculdade?

Da forma como as pessoas falavam sobre Cole e a parte do jogo que ela viu no domingo, Anna entendeu que ele era um grande jogador, mas em todos os momentos que passou com ele, deixou-lhe bem claro que ele era muito mais que só um atleta espetacular.

Era uma grande pessoa e ponto final.

Quando ela fez tudo, exceto lamber seu prato limpo, teve que rir de si mesma. Ele podia ter ganho seu amor só por aquele jantar.

“Não posso acreditar que você fez isso.” Ela disse aproximadamente pela centésima vez enquanto pegava a terceira porção de salmão e batatas ao escalope.

“Tudo por você, querida, embora logo Virgínia vá achar que nunca cozinhei para você antes.” Seu sorriso foi indulgente, tingindo-a com uma advertência que só ela podia ver.



Ele estava certo. Ela precisava fazer um trabalho melhor de jogo de sua parte. “Oh, claro que sim, é só que isto é tão bom.” Realmente tentando salientar, ela acrescentou “Na verdade, este jantar é muito melhor que o último que você me ofereceu.”

Ela quase gemeu quando viu as sobrancelhas de Cole se levantarem por aquele não “elogio” os lábios dele se curvaram antes que ele os forçasse se apertarem novamente.

Depois que Virgínia se desculpou da mesa para retocar a maquiagem, ele suavemente disse “Lembre-me de espancar seu traseiro por aquele último comentário, depois que sua amiga for embora.”

Anna corou pelo pensamento das mãos dele em seu bumbum. Gostando do pensamento muito mais do que achava que devia, ela ignorou o comentário.

“Você foi ótimo esta noite. Obrigada por ser tão agradável com minha amiga.”

Da mesma forma, ele fez um bom trabalho de ignorar a mudança de assunto. “Você não acha que estou falando sério sobre espancar seu doce traseiro, não é?”

“Mas você nunca me fez um jantar antes.” Ela protestou. “Eu estava só tentando fazer parecer como se já tivéssemos feito isso antes. Não é justo que você...” Ela teve que parar e respirar para que aquilo saísse. “...Me espanque.”

O sorriso sensual roubou sua respiração. “Você quer que eu faça e isso faz com que seja justo.”

Ela balançou a cabeça, mas não conseguiu com que nenhuma palavra passasse por seus lábios. Não quando de repente estava se sentindo toda formigando e nem quando de repente percebeu que queria saber como seria ser espancada. Mas somente com Cole.

Levantando rapidamente, ela começou a limpar a mesa e ele não tirava os olhos dela enquanto empurrava sua própria cadeira para trás e empilhava os pratos na pia. Tinham terminado quando Virgínia entrou de volta na sala.

“Muito obrigada pelo jantar, Cole. Foi realmente muito bom conhecê-lo.”

Anna ligou seu braço ao de Virgínia. “Vou levá-la até lá fora.”



“Uau!” Sua amiga disse quando elas estavam do lado de fora no topo dos degraus. Do alto da colina, a propriedade de Cole tinha uma visão de 360 graus das luzes da cidade. “Este lugar é realmente algo.”

“Eu sei.”

Só que Anna não estava falando sobre as luzes. Esgotamento não era nem perto de como ela estava se sentindo.

“Eu o amo.”

As palavras deixaram seus lábios antes que percebesse e ela ergueu a mão para cobrir sua boca antes que pudesse se entregar.

“Eu sei que sim.” Virgínia virou para enfrentá-la, inclinando a cabeça de lado. “Embora, sinceramente eu nunca teria escolhido um homem como ele para você.”

Virgínia não sabia que ele nunca a teria escolhido se não tivesse sido por sua avó. Mas Anna não podia esquecer aquilo. Tudo que ela podia fazer era tentar se convencer que tinha sido destino. Um acidente de sorte, e que aquilo tudo ia funcionar perfeitamente.

Anna lutou contra um arrepio de pressentimento por seus pensamentos esperançosos quando sua amiga brincou “Sabe onde eu posso achar um grande pedaço de homem para mim também?”

Pareceu bom rir, para afastar firmemente o medo que continuava borbulhando dentro dela.

Cole não tinha estado em seus planos. Um marido não estava em qualquer lugar no horizonte, mas talvez se ela fosse realmente, realmente sortuda, aquilo tudo funcionaria melhor que até mesmo seus maiores sonhos.

“Eu adoraria se você viesse comigo para o próximo jogo.” Ela disse. O camarote VIP seria menos assustador com uma amiga de lado. “Talvez possamos entrar sorrateiramente no vestiário depois do jogo.”

Os olhos de Virginia se alargaram pelo choque momentâneo antes que ela risse novamente. “É ótimo vê-la tão feliz, Anna. Não apenas feliz, mas...” Ela fez uma pausa, procurando pela palavra certa. “Livre. Você parece livre.”



Anna piscou de volta as súbitas lágrimas que queriam cair. Ela se sentiu livre, feliz, apaixonada e assustada. Mais assustada que já esteve antes.



Cole não queria interromper a conversa de Anna com sua amiga, mas já sentia a falta dela como o inferno. Um dia inteiro longe dela já tinha sido muito tempo e sentar com ela no jantar, quase sem tocá-la, porque sabia que se comesse não ia conseguir parar, só alimentou as chamas em seu interior.

À beira de ir para o lado de fora e reivindicá-la, ele finalmente ouviu o carro de Virgínia recomeçar suas atividades. Trinta e quatro anos, ele tinha sido tão legal quanto foda à medida que eles chegavam. Agora, não podia nem começar a agir como se não estivesse esperando por sua esposa.

Ela entrou e ele estava prestes a agir como um homem das cavernas novamente quando viu algo que o abalou: parecia que ela tinha chorado.

“O que está errado?”

Ela o olhou com os olhos arregalados de surpresa, tanto pela pergunta quanto pelo fato que ele praticamente saltou do sofá para tomá-la em seus braços. Estudando-a com cuidado, ele não viu nenhuma trilha de lágrima, mas seus olhos estavam vidrados.

“Algo aconteceu para chateá-la. Diga-me o que é.”

A última coisa que ele esperava era que ela lhe sorrisse. “Você sempre me diz o quanto eu sou doce, mas você é realmente o único doce.” Ela subiu na ponta dos pés e suavemente o beijou.

Um beijo que fez seu pênis crescer, da dureza que sempre ficava quando estava ao redor dela para absolutamente desconfortável sob o zíper. Precisava que ficasse nua e saboreá-la, possuí-la e fodê-la até que ambos estivessem suados e ofegantes. Mas mesmo isso, o que ele estava começando a entender, não podia aliviar sua necessidade por ela — ou aliviar a dor estranha em seu peito.



Além disso, sabia que era um mau hábito jogá-la sobre seu ombro e arrancar suas roupas em trinta segundos ao caminhar com ela para seu quarto.

“Fale sobre seu dia, querida.”

“Foi uma loucura.”

Ela se aconchegou em seu peito e oh, Deus, ele não tinha certeza de quanto tempo mais podia segurar o desejo de carregá-la para cima e desnudá-la. Queria possuí-la, Senhor, ele nunca quis tanto uma coisa, mas queria muito abraçá-la da mesma maneira.

Pior, talvez.

Estava para erguê-la em seus braços quando seu cérebro meio grosso finalmente entrou em marcha.

“Loucura?” Era por isso que ela tinha estado à beira das lágrimas? “O que aconteceu?”

“Não fizemos quebra-cabeças de palavras hoje.”

Ele adorava a sensação das curvas suaves contra ele, o cheiro de baunilha do xampu em seu cabelo e o odor doce de seu calor feminino, mas nada disso, no entanto, deu-lhe uma pista de que diabo ela estava falando.

“Você estava chorando por causa de quebra-cabeças?”

Ela se afastou apenas o suficiente para olhá-lo, sua confusão espelhando na dele.

“Não. Por que eu choraria sobre quebra-cabeças?”

“O inferno se eu sei. Eu nem mesmo sei o que são quebra-cabeças de palavras.”

Seu sorriso foi atraente e sensual ao mesmo tempo quando a compreensão se estabeleceu. “Meus garotos não paravam de me fazer perguntas sobre você. Foi por isso que tivemos que pular algumas coisas hoje.” Ela mordeu o lábio e desviou o olhar. “Espero que não se importe, mas estavam todos esperando que você assinasse algumas coisas para eles. Eu normalmente não pediria, mas todos são grandes fãs e...”

Ele silenciou suas desculpas com um dedo sobre os lábios suaves. “Eu amo crianças.”

O alívio tomou conta do belo rosto — junto com outra emoção que fez as entranhas dele se contraírem. “Você ama?”



“Sim, amo. Amanhã quando for deixar você, por que eu não entro e assino para eles pessoalmente?”

Os olhos dela se iluminaram. “Meus garotos vão ficar fora de si, embora eu tenha plena certeza que vamos acabar pulando o quebra-cabeças de palavras novamente.”

“Que tal se fizermos o quebra-cabeças primeiro e em segundo os autógrafos?”

“Oh Cole, você está me fazendo sentir pior sobre a outra coisa que tenho que perguntar.” Ela fez uma carranca. “Odeio pôr você nesta posição, tanto que quase nem posso falar, mas há um evento beneficente chegando e o distrito reduziu os fundos ultimamente e...”

“Claro que faço.”

Quando ela o olhou com surpresa, ele teve que se perguntar se alguém já tinha sido tão bonito.

“Você nem sabe o que a minha diretora quer que você faça.”

“Você estará lá comigo para fazer seja o que for?”

“Sim, claro. Eu não o jogaria assim para os lobos. Nem para qualquer um ou para qualquer motivo.”

“Você pensou por um segundo que eu não a ajudaria?”

“Claro que não. É que me senti mal pela forma que a minha escola está usando sua fama.”

“Você não tem nada que se sentir mal, doçura. Absolutamente nada.”

“Eu não entendo.” Outra carranca e desta vez mais profunda. “Você é tão legal. Não devia ter tido que sair procurando por mim — por uma esposa para levar até sua avó. Já devia ser casado e com filhos.”

Ela o estava olhando tão atentamente que era quase como se estivesse tentando ver toda a extensão de sua alma por respostas.

“Outras pessoas não me vêem como você.” Tudo o que eles viam era futebol e dinheiro — e o que podiam conseguir dele.

“Então estão todos errados.” Ela estendeu a mão e correu os dedos por seu cabelo. “E estúpidos.” Ela apertou a mão livre contra seu peito. “E cegos. Loucamente cegos.”



Jesus, ele nunca quis nada, nem ninguém, tanto quanto queria a mulher em seus braços, com seus olhos de oceano tão grandes e amorosos.

Amorosos.

Uma dor aguda atingiu o centro do seu peito, batendo uma memória solta de sua infância. Uma das centenas de tardes que ele observava os pais dos seus amigos virem pegá-los da escola enquanto ele caminhava sozinho para o ônibus. Amava sua avó mais que ninguém no mundo, mas queria tanto uma mãe e um pai que às vezes quase a odiava. Era quase como se ela tivesse tomado o lugar deles, como se depois que ela fosse embora, talvez eles voltassem, e ele os teria por inteiro.

E agora, ali estava ele, da mesma forma querendo tanto uma esposa verdadeira, como quis uma família de verdade naquela época. O maldito desejo quase o despedaçando novamente, quase quebrando como tentou quebrá-lo quando era uma criança.

Ela não sabia que ele não estava procurando por amor? Ou do para sempre?

Anna deveria ser temporária, não para sempre. E ele não devia querê-la para ficar para sempre. A boa coisa era que sabia exatamente o que fazer, exatamente como fazer parecer que não se importava.

“Não, bebê.” Ele se forçou a dizer. “Eles estão certos. Eu não sou o tipo que tem esposa e filhos.”

Ele esperou que ela saísse de seus braços, fosse embora e chorasse, mas ao invés disso, ela simplesmente piscou. “Por que não?”

Ele foi atingido por outra imagem dele mesmo quando era um garoto magricela e menor que os outros meninos de sua classe, uma criança que teve que aprender cedo como proteger a si mesmo.

Todos os dias no campo, ele praticava as jogadas defensivas que aprendeu quando era uma criança. Proteger suas costas o ajudou a conseguir chegar onde estava hoje e não ia cometer o erro de baixar sua guarda. Para ninguém. Nem mesmo para Anna.

“Algumas pessoas querem essas coisas. Outras não.”



Os olhos dela escureceram, uma tempestade erguendo-se sobre o oceano. “Ok.” Sua voz estava comedida. Muito comedida. “Tenho outra pergunta para você.”

Ele ficou tenso, esperando que ela o empurrasse e que tentasse forçá-lo a admitir o que estava sentindo por ela. As mulheres fizeram muitas coisas desesperadas ao longo dos anos para tentar ligá-lo a elas. Gravidez falsa, choro, mendicância. Nada disso funcionava, na verdade, só acabava perdendo o pouco do respeito que ele tinha por elas.

“Você acabou ou vai me deixar louca?”

Jesus, o que ela acabou de dizer? Estava falando sobre sexo quando qualquer outra mulher teria tentado arrancar fora seu coração?

“Você não quer ir lá em cima comigo agora mesmo.” Seu pênis se contraiu sob o zíper mesmo enquanto a advertia, com as palavras duras, baixas e cruas. Não podia confiar em si mesmo com ela. Não quando a queria tanto e nem quando queria coisas que um homem como ele não tinha nenhum direito de querer de uma mulher como ela.

“Talvez você esteja certo. Não devíamos ir lá pra cima.”

A dor o lanceou pelo seu acordo rápido, até que percebeu que ela estava olhando para a sala de estar e em seguida de volta para ele.

“Aqui mesmo funcionou muito bem ontem.”

Foda. Não. Ela não podia estar dizendo aquilo que lhe pareceu. Mas o olhar em seus olhos, a nova sensualidade que ele tanto gostava de ver, era definitivamente de frente e centrada agora.

“Anna.”

Ele só podia adverti-la mais uma vez antes que ela o empurrasse muito longe. Especialmente quando apenas estar com ela, só em respirá-la e escutar suas palavras doces já o empurravam para a extremidade.

Ela olhou de volta para ele. “Cole.”

Ele ouviu um grunhido rasgado de sua própria garganta e então suas mãos estavam nela, girando-a e curvando-a sobre a mesa do jantar, empurrando-lhe a saia até a cintura. Sabia que sua mão estava descendo sobre o bumbum dela, mas não conseguia parar aquilo.



O som de sua palma aberta novamente sobre o bumbum coberto pela calcinha disparou no quarto silencioso.

Mas então, outro som lhe chegou. O gemido de Anna.

Não de dor, mas de desejo.

Ele tinha lhe prometido loucura, mas arrancar constantemente sua calcinha não era realmente o que tinha querido dizer. Havia planejado apresentá-la lentamente ao prazer, pensou que a provocaria até que ela implorasse para fazer-lhe amor. Ao invés disso, arrancou sua calcinha até os joelhos e não conseguiu parar de encarar a impressão da sua mão no bumbum dela.

E quando ergueu a mão e a baixou na carne doce e suave novamente, ele soube que não era apenas um jogo sensual, não estava só tentando deixá-la mais alta enquanto a excitação escorria dos belos lábios de sua vagina por suas coxas internas a cada conexão de pele com pele.

Estava espancando-a por fazê-lo sentir malditamente demais. Estava punindo-a por tê-lo feito se apaixonar por ela.

Estava realmente para machucá-la porque estava desesperado para provar que ela estava errada.

Furioso consigo mesmo — com ela — e com todo o maldito mundo, ele abriu sua calça com um puxão e posicionou a cabeça latejante do pênis em sua entrada. E em vez de tentar se afastar, ela se contorcia contra ele, tentando tomá-lo dentro de seu corpo.

Não! A voz gritou para ele, não de sua cabeça, mas de seu coração. Ele não podia fazer aquilo.



O corpo de Anna desejava o toque de Cole, qualquer tipo de toque. Duro ou suave. Fora de controle ou docemente tentador. Sem dúvida que havia algo tão maravilhosamente pervertido com o que ele estava lhe fazendo. E ainda assim, mesmo enquanto respondia a ele,



enquanto seu corpo implorava por mais, pelos rápidos toques em seu traseiro, enquanto ela se sentia ficar mais molhada e aberta para ele, não podia esconder o fato que nada daquilo estava certo.

Não quando a dor estava em todos os lugares da sala. Não quando a dor a estava possuindo, mas de cima para baixo.

Ela realmente não sentia a dor da mão dele em seu bumbum, ele não a estava machucando com aqueles pequenos golpes. Ele simplesmente não tinha aquilo nele para machucá-la. Fisicamente, pelo menos.

Não, a dor que ela sentiu era toda de Cole. Estava se infiltrando em suas células, suas veias, do coração dele até o seu.

À beira de possuí-la, ele de súbito ficou completamente imóvel, as pontas dos dedos se fincando em seus quadris tão fortes, que ela sabia que teria dez hematomas do tamanho de dedos em sua pele pela manhã.

Ele se afastou de forma tão abrupta, que ela teria caído se não fosse a mesa segurando-a. Ela piscou para conter as lágrimas enquanto lentamente se erguia para ficar de pé, usando o tempo para puxar a calcinha de volta e alisar a saia, pegando o fôlego. Finalmente, quando se sentiu forte o suficiente, ela se virou e encarou o marido.

Ele tinha arrumado suas roupas também e agora estava de pé do outro lado da sala — longe dela — com as mãos em punhos e olhos tão escuros e sombrios, que ela teve que sufocar um soluço.

“Diga-me o que você vê agora. Diga-me se eles estão tão cegos agora, Anna.”

Ela sabia o que ele estava fazendo, que estava tentando forçar um monstro dentro do quarto. Mas não havia um.

“Eu vejo um homem que sabe exatamente como me tocar.”

A mandíbula dele se contraiu, seus bíceps se flexionando quando ele claramente trabalhou para se controlar. “Porra, não, Anna, eu estava machucando você.”

“Nós dois sabemos que não estava.” Ela respondeu numa voz suave enquanto dava um pequeno passo em direção a ele. “Nós dois sabemos que eu estava amando e desejando



seu toque. Da forma como sempre faço, e como sempre vou querer. E como estou desejando-o agora mesmo.”

Ela sabia que tinha que ter cuidado, que aquele homem grande e forte, que não fugia de nada em sua vida, estava a uma batida do coração de surtar. Mas ela estava cansada de ser cuidadosa, tinha passado toda a vida tendo cuidado.

Tinha tomado seu primeiro risco na sexta-feira à noite quando o deixou beijá-la, e então um após o outro, desde que esteve em seus braços. A cada minuto com ele os riscos tornavam-se maiores.

Assim como sua coragem.

“Você quer saber o que mais estou vendo, Cole?”

Ao invés de responder, ele disse “Não faça isso, bebê. Não tente se convencer que sou alguém que eu não sou.”

“Não se atreva a falar comigo como se eu não conhecesse meus próprios olhos. Minha própria mente e meu próprio coração.”

E apesar de como ele estava tentando afastá-la, ela sabia no fundo do seu coração que não estava errada sobre ele.

“Eu sei o que vejo. Vejo um homem que ama sua avó, que joga para seu time com todo o seu coração, que trata os estranhos completos com respeito.” Deu outro pequeno passo em direção a ele. “Sei o que sinto. E sinto sua ternura inata, o puro conforto de estar em seus braços e, sem dúvida, que você é a melhor coisa que já me aconteceu.”

Os olhos dele brilhavam enquanto ela repetia de volta suas próprias palavras sonolentas de antes. Suas barreiras tinham caído depois do ato de amor, tão diferente da grossa parede que ela estava enfrentando naquela noite.

“Eu vejo o que você me deixa ver, Cole, mas quero ver muito mais. Quero que confie em mim da forma que confiei em você.”

“Você sabe de primeira mão o quanto posso mentir bem, Anna. Você não devia confiar em mim, nem por um segundo, querida.”



Ele se ouviu mesmo chamá-la de querida mesmo quando estava tentando como o inferno afastá-la? Ela tinha lhe dado seu corpo e agora, só uma coisa sobrou para dar a ele.

E embora ela soubesse que era a mesma coisa que ele estava lutando contra, não podia manter aquilo do lado de dentro. E não iria.

Não quando ele tinha lhe ensinado como agarrar uma chance, como tomar sua mão e voar mais alto do que já pensou que podia.

“Eu não sou um adversário que você pode atacar e me jogar fora do caminho.” Ela disse a ele. “Se quer tentar me empurrar para longe, então é melhor estar pronto para que eu puxe de volta.” Ela andou o resto do caminho pelo quarto, ficando apenas a uns passos entre eles. “Eu pensei que era a pessoa que precisava aprender com você, pensei que eu era a única assustada e que você não tinha medo de nada. Pensei que você sabia mais do que eu, que ia me ensinar as loucuras e eu ia aprender tudo que podia. Mas apenas sobre o prazer.”

Ela parou, prendendo os olhos escuros e perigosos com os seus. Não estava mais assustada, embora seu coração estivesse completamente na linha.

Ao invés disso, a força de seus sentimentos para um homem que ela nunca teria pensado em se apaixonar, nem por um milhão de anos, deu-lhe a força que ela sempre esteve procurando.

“Você foi a única pessoa que olhou para mim e pensou que poderia haver força interior. É o único que sempre segurou minha mão e me ajudou a voar.” Ela lhe estendeu a mão. “Deixe-me fazer isso por você, Cole.”

O rosto dele estava completamente inexpressivo e levou tudo nela para impedir sua mão de tremer, de afastar a maior chance que já lhe aconteceu.

Levou mais força do que sabia que possuía para segurar firme, sabendo que não podia forçá-lo a sentir algo que ele não sentia.

E ainda mais para dizer “Eu amo você.”



Capítulo Dezesseis

A coragem dela o atordoou. A garota doce que ele tinha abordado em Las Vegas ainda estava lá, da mesma forma inocente, o halo ainda pairando sobre seu lindo cabelo. Mas aquela Anna não era a única de pé na frente dele com a mão estendida. Uma mulher incrivelmente forte também estava lá de pé.

Oferecendo-lhe algo que ele não merecia: O amor que ele não pensava ser capaz de retornar.

Ele não sabia o que diabos ia fazer sobre isso. Tudo que sabia naquele exato momento era que não podia deixá-la ir. Não daquele jeito.

Porra, não ainda.

Foi o medo de perdê-la que o levou a ficar de pé no duro concreto, uma visão dela soltando sua mão e indo embora para sempre que o fez estender a sua e tomá-la.

Na sua primeira noite juntos, ele segurou sua mão e amou a sensação de protegê-la. Mas não sabia que mais estava protegendo quem.

Ele baixou o olhar para suas mãos unidas, virando as dela para cima e acariciando seu polegar na base de sua palma, ao longo da borda de seu pulso.

“Eu...”

Cole mentiu muitas vezes e as mentiras o mantiveram em times que ele devia ter sido cortado.

Mentiras o mantiveram nas camas que ele não devia ter tido permissão para se aproximar. E mais uma mentira não devia ser tão dura, mais uma mentira manteria Anna ali mesmo com ele.

Ergueu seu olhar para o dela, observando-o olhar para ele enquanto o azul se tornava verde, e então voltava novamente. A tempestade ainda estava furiosa em seus olhos de oceano, tudo circulando junto — o amor, a dor, a esperança, o desejo que a ensinou almejar.



Havia apenas outro desejo que ele tanto queria ceder. Fazer com que o desejo se tornasse realidade para sua avó, que trouxe Anna para ele.

Mas ele não podia ceder a este desejo de amor tão facilmente. Cole não cresceu em uma casa onde podia observar como um homem deveria amar uma mulher. Mas Anna sim.

“Não, Cole.” Ela agarrou sua mão com firmeza na dela. “Não diga algo que você não quer dizer só para tentar me fazer feliz. Não é isso que eu quero de você e não foi por isso que eu disse o que acabei de dizer.”

Mas mesmo enquanto falava, ela se aproximou e ele conseguiu cheirar a tempestade nela, doce, picante e mais sombria que nunca. E ele não pôde evitar, mas ela não disse “eu te amo” novamente, assim como não pôde evitar a pontada de decepção em não ouvir aquilo sair de seus lábios doces mais uma vez.

Conhecendo o bastardo que ele era, ele disse a única coisa que podia.

“Eu realmente, realmente, realmente, realmente gosto de você.”

A decepção flamejou no azul-esverdeado, antes do riso encher seus grandes olhos. Os olhos que o assombrariam para sempre.

“Uau. Quatro palavras realmente. Isso é um lote inteiro de gostar.”

As palavras dançaram em seu riso, mas tudo que ele pôde ouvir foi a dor em baixo deles.

“Anna, eu...”

Mas desta vez, ela não o deixou terminar e seu dedo se moveu sobre os lábios dele. “Leve-me para a cama, Cole.”

E quando ele a ergueu em seus braços, em vez do alívio que devia estar sentindo por ela não só o deixou convencer mais ainda — milagrosamente — queria estar em sua cama, Cole não podia escapar de arrastar a sensação de descontentamento em suas entranhas, que lhe dizia que ele estava à beira de cometer o maior erro de sua vida.





Anna sentiu a frustração de Cole como se fosse a sua própria. Ela nunca aprendera a bloquear as emoções das outras pessoas, especialmente quando se importava profundamente com a pessoa que estava sofrendo. Ela devia ter sido a única com dor — a que deu amor e só foi lhe retornado gostar em troca. E sim, uma parte dela estava esperta nisso.

Fora todos os seus medos, tinha crescido numa base de amor e enquanto sabia que Cole sempre tinha sido amado por sua avó, suspeitava que isso não tinha sido o suficiente. Ele precisava de uma família de mais de dois.

Se pudesse, ela lhe daria todo o amor que ele nunca teve, mesmo sabendo que ele poderia nunca lhe retornar.

Ele a deitou sobre a cama, tão gentilmente que ela sabia que ele estava tentando compensar o modo que foi na mesa de jantar. Ele se moveu, mas ela foi mais rápida, puxando-o de forma que ele não conseguiu parar de cair sobre ela, o baque duro de seus músculos pesados tirando a respiração de seus pulmões.

“Eu continuo machucando você.” Ele disse ao erguer seu peso dela.

Ele não sabia que ela amava tudo sobre ele, amava saber que o deixava tão selvagem a ponto de perder o controle e levava ambos à borda da razão?

“Não, Cole. Você nunca me machucaria. Nunca.”

Ela aproveitou-se de sua surpresa e o empurrou com todas suas forças de forma que ele ficasse deitado espalhado em sua cama. Ela balançou suas pernas sobre as dele, dobrando sua virilha contra o comprimento duro em sua calça jeans.

Ele gemeu e ela enfiou os dedos nos dele, mantendo-os longe de seu corpo.

“Tenho certeza que um dia vou precisar que você seja gentil, que me beije suavemente e me acaricie, que sussurre em minha orelha e lentamente me possua.”

Pura luxúria flamejou nos olhos dele com suas palavras suaves, seus quadris se apertando nos dela tão automaticamente quanto ela descia sobre ele.

“Mas eu tive gentilezas a minha vida inteira.” Ela deixou seus lábios se moverem em um sorriso malicioso que ela não sabia ser uma parte sua. Até mesmo Cole. “Agora mesmo, eu gosto disto...” Ela se inclinou para baixo, as pontas de seu cabelo roçando contra o peito e o



pescoço dele quanto ela colocava a boca em sua orelha. “... rude.” Ela mordiscou o lóbulo de sua orelha. “E duro.” Ela lambeu a pequena mordida. “Então, você vai continuar se desculpando comigo — ou vai me dar o que eu realmente quero?”

E assim como ela esperava que fosse, ele imediatamente respondeu seu desejo com um de seus próprios enquanto a dominava, lançando-a sobre o colchão. No entanto, ela o viu recuar, observou seu duro controle conquistado cair sobre deles.

“Você não sabe o que está dizendo.” Suas narinas flamejaram e sua mandíbula saltou. “Você não sabe o que está pedindo.”

Excitação, antecipação, desejo, junto com o redemoinho de escuridão girando em torno de Cole, estremeceu sua espinha e fez seus mamilos ficarem ainda mais rígidos, fazendo o sangue correr para entre suas coxas.

“Tudo.” Ela podia ser tão teimosa quanto o homem bonito por quem tinha se apaixonado profundamente em tão pouco tempo. “Eu quero tudo que você pode me dar.” Ela embrulhou as pernas ao redor de seus quadris, arqueando-se nele. “Assim mesmo, Cole, possua-me assim mesmo. Mostre o quanto você me quer, eu preciso saber o quanto você me quer.”

Ainda completamente vestido, ele se empurrou contra ela tão duro quanto já fez, as mãos soltando as dela para se fincarem em seus quadris. Ela ofegou quando ele asperamente apertou suas nádegas ainda tenras, mas em vez de recuar, ele a agarrou ainda mais forte, comprimindo a carne sensível, quase dolorosamente excitada contra sua ereção. O zíper coberto contra seu clitóris a estava deixando louca de necessidade, mas foram suas palavras — “Você tem cinco segundos para gozar ou vai sentir minha mão em seu doce traseiro novamente” — isso que fez sua vagina latejar. E oh, Deus, como ela segurava aqueles cinco segundos, enquanto ele arrastava “cinco, quatro, três, dois”, fazendo uma pausa mais longa do precisava antes de dizer “um.” Ela não sabia.

E então ela não estava mais pensando em nada, não conseguia mais com que alguma parte de seu cérebro que não estivesse ligada ao sexo funcionasse, porque ele a tinha virado de costas, com a mão em seu cabelo para manter seu rosto contra o colchão e a outra empurrando



seu vestido para cima, e a calcinha para baixo. E então estava erguendo seus quadris para cima de forma que ela ficasse de joelhos e quase podia sentir aquilo, a queimadura doce daquela palma através de sua pele.

Nada aconteceu. O ar estava parado, ela segurou a respiração e então teve que soltar quando não teve oxigênio o suficiente.

Golpe!

Nada podia tê-la preparado para a mão que caiu sobre sua vagina. Ela gritou e o som era mais de prazer do que de dor, parcialmente engolido pelo acolchoado espesso. Não houve tempo para que se acostumasse às novas sensações que a golpeavam, nenhum tempo para tentar antecipar seu próximo movimento, nem para conseguir sua cabeça em torno do fato que estava sendo aberta por dedos grossos, que estes estavam estocando altos e duros dentro dela.

Ela pedira por rudeza e ele estava dando-lhe coisas que ela nunca soube que queria e nunca podia ter achado que precisava. Cada segundo, ele a tomava mais alto, mostrava-lhe algo novo e maravilhoso. Como agora, com seus dentes contra a pele crua e tenra de seu bumbum, e o polegar pressionando forte e maravilhoso contra seu clitóris.

O início de um clímax rastejou para baixo em sua coluna, um pulsar forte de prazer após o outro, mais lento para se construir que qualquer outro orgasmo que ele lhe dera, mas prometendo ser muito maior e melhor. Anna se gloriava de um prazer mais profundo e mais sombrio que ela jamais soube ser possível.

E então, enquanto sentia os quadris de Cole por trás dela, seu pênis empurrando e abrindo-a muito mais distante que seus dedos tinham ido, enquanto o peito dele cobria suas costas e ela girava a cabeça para o lado e sua boca achava a dele, Anna finalmente entendeu o que o amor podia fazer.

O amor podia tomar o prazer e fazer disso felicidade excitante, êxtase abençoado. O amor podia jogá-la no meio do calor delicioso e por tudo isso, através de cada lançamento áspero, cru e avassalador, mesmo quando ela perdia não só seu controle, mas a linha inteira de quem era, Cole estava lá com ela. Forte. Confortante. E mais amoroso do que ele parecia saber.



Capítulo Dezessete

“Eu quis dizer a você ontem à noite.” Cole falou quando ela estava escovando o cabelo na frente do espelho na manhã seguinte. “Julie marcou uma entrevista.” Ele fez uma pausa, seu olhar prendendo o dela no espelho. “Para conversarmos sobre nosso casamento.”

Anna sabia que algo como aquilo estava por vir, que os fãs de Cole exigiriam respostas sobre seu casamento rápido com uma ninguém. Mas aquele conhecimento não a deixou menos nervosa sobre isso.

Ela estava feliz em se misturar, desvanecendo-se ao segundo plano. Pelo menos, ela sempre pensou assim. Foi apenas nos últimos dias, nas horas que passou com Cole, que começou a se perguntar a verdade de tudo que acreditava sobre si mesma.

Ainda assim, encontrar um núcleo de sensualidade profundo dentro de si mesma era uma coisa muito diferente que querer qualquer parte de notoriedade.

“A jornalista é amiga de Julie. Você não tem que responder qualquer pergunta que não se sinta confortável.”

Ela sabia que ele estava tentando tranquilizá-la. E, no entanto, ficou feliz por ouvir que a entrevista não seria televisionada, mas precisava saber algo primeiro. “Qual jornal?”

Ela o olhava com alarme crescente enquanto ele se moveu em sua direção, sabendo que era de sua natureza instintiva tentar protegê-la de coisas que ele pensava que a machucaria.

“USA Today.”

A escova chacoalhou de seus dedos até a pia e ele tentou sorrir tranquilizador.

“Eles provavelmente só vão fazer as mesmas perguntas que já respondemos para todo mundo. Onde nos conhecemos, porque mantivemos nossa relação em segredo.” Seu corpo era quente contra o dela e o queixo muito alto foi descansar no topo de sua cabeça. “Vou completar suas perguntas, querida.”



Como foi que a pequena mentira deles — não, a enorme mentira deles — para sua avó se espalhou em tantas direções?

“Quando é a entrevista?”

“Hoje à noite. Seis horas. No Max’s.”

Tentando agir normalmente, ela se moveu para pegar a escova, mas Cole a tirou.

“Deixe-me.”

Longos toques a acalmaram, deixando-a incapaz de se afastar do calor em seus olhos. Ela o amava, mas ele não a amava.

Era uma coisa tentar esconder a verdade da família e dos amigos, mais fácil em alguns aspectos pelo fato que eles viam o que queriam ver. Eles queriam acreditar que ela era a garota mais sortuda por ter capturado o coração de Cole e queriam acreditar em amor à primeira vista.

Eles queriam acreditar que uma garota invisível como ela podia ser o tudo de um super astro.

Mas estranhos não se importavam com sua felicidade. Alguns ficariam com ciúmes, aquelas pessoas que sonhavam com homens como Cole e a maioria não acreditaria naquilo. Eles todos viam o tipo de mulher que ele normalmente escolhia e nenhuma daquelas mulheres era pequena e com os dentes inferiores levemente tortos. Nenhuma daquelas mulheres circulava por aí com quilos extras em seus quadris e nenhuma delas era professora de primeiro grau que geralmente gostava de conversar mais com as crianças que com seus pais.

E não, nenhuma delas usava um halo.



A caminho da escola, nenhum deles falou sobre o que aconteceu na noite anterior — ou sobre o que ela lhe disse — e Anna, por exemplo, estava contente por algum tempo tentar envolver sua cabeça em torno da multiplicidade de formas em que sua vida mudou em tão pouco tempo.



Mas não foi só sua vida que mudou. Ela tinha mudado... e mudava um pouco mais cada vez que Cole a tocava. Sentia-se ao mesmo tempo desconfortável e mais sintonizada com seu verdadeiro eu do que nunca.

O desconforto vinha de sua alta sensibilidade para tudo. O sol era mais brilhante, o céu mais azul. Ela notava até o gorjear que os pássaros faziam e sua pele chiava ao mais leve toque de Cole. Até quando ele não a estava tocando, apenas o calor em seus olhos causava um rubor que se movia através de seu peito e sobre suas bochechas.

Antes de Cole, ela tinha medo de parecer sentir demais e fazia tudo que podia para bloquear a sensação. Desde o primeiro beijo, seu marido tinha arrancado aquelas camadas e ainda estava arrancando-as uma de cada vez, deixando-a olhar com surpresa para o espelho toda vez que passava por ele.

A mulher que a encarava de volta era semelhante a que ela tinha visto por trinta anos, apenas com uma borda de compreensão sensual e pura emoção que ela anteriormente não possuía.

Ele caminhou pelos corredores com ela, sua mão esquerda nunca soltando a dela enquanto apertava as mãos do que parecia ser cada pessoa em San Francisco. O toque do sino deu-lhe licença para arrastá-lo para a relativa segurança de sua sala de aula, onde ela teve que fazer tudo, exceto bater a porta nos rostos dos pais de seus alunos.

Sem parecer nem um pouco aborrecido ou incomodado por qualquer atenção, Cole ficou de joelhos no chão de linóleo, cercado por alunos da primeira série super excitados. Seu riso era contagiante e ele era um totalmente natural com crianças assim como era com os adultos. Eles não tinham que ser um fã de suas habilidades no futebol para se apaixonarem por ele.

Ela levou a mão ao coração ao ver sua gentileza e seu riso com as brincadeiras das crianças e seu puro prazer de estar com um bando de garotos de seis anos.

Ele ia ser um pai maravilhoso. E enquanto sua mão se movia do coração até seu estômago, Anna não conseguiu esconder o fato que seus sonhos e esperança por sua própria família — e um marido que a amava com todo seu coração — já germinaram.



Ela não queria apenas o amor de Cole. Ela queria uma família com ele também. *E queria para sempre.*



Mais tarde naquela noite no Max's, todos ao redor deles no popular bar e restaurante da cidade estavam rindo, bebendo e paquerando. Alguns estavam brincando com seus telefones celulares, mas todos eles tinham uma coisa em comum: todos estavam focados em Cole e Anna.

Depois de anos nos refletores, ele estava acostumado a ser o centro das atenções em público, mas Anna, sua doce Anna, não estava e era puro instinto ele querer protegê-la daquilo. Estava a trinta segundos de arrastá-la do restaurante e trancá-la em seu quarto até que as notícias de seu casamento se acalmassem. Irritado por ter deixado Julie convencê-lo daquilo, ele quase arriscou a ser expulso do time por atacar o marido dela no treino.

Daquela vez, o bastardo garoto de ouro deu a Cole um daqueles sorrisos de merda que todo mundo muito estupidamente comiam. "O casamento chuta seu traseiro, não é? Eu ficaria feliz em te dar alguns conselhos sobre como manter sua esposa feliz, se você precisar."

Cole quase tinha pulado sobre ele naquele momento. Mas ele conseguiu ver que era exatamente o que Ty queria e ele não podia dar ao filho da mãe a satisfação de saber o quanto estava emaranhado em nós sobre sua doce e linda esposa.

"Eu tive gentilezas a minha vida inteira. Agora mesmo, eu quero isso rude. Duro. Quero tudo que você puder me dar. Mostre-me o quanto você me quer. Eu preciso saber o quanto você me quer."

Jesus, só em lembrar-se do que ela lhe disse, deixava seu pênis a ponto de arrebentar fora do zíper. Foi surpreendido por ela na noite passada e agora, ali estava ela, surpreendendo-o novamente durante a entrevista. Pensou que ela estaria nervosa, mas estava incrivelmente relaxada e ele era o único rangendo os dentes, preocupando-se a cada fodida pergunta. Esmurrar seus companheiros de time no treino não tinha aliviado nada da maldita coisa.



“Então você cresceu na Área da Baía?”

Anna balançou a cabeça, sorrindo para a jornalista com seu jeito aberto e amigável. O mesmo jeito que tinha olhado para ele na primeira noite no clube. Com inocência pura e brilhante.

“Minha família inteira está aqui.”

“Como eles reagiram quando você levou Cole para casa pela primeira vez?”

Ele ficou tenso com a pergunta, mas os olhos dela faiscaram. “Eles o adoraram, é claro. Embora um dos meus cunhados quase teve um ataque do coração quando percebeu que seu maior herói tinha acabado entrar pela porta da frente.”

“E quanto aos seus pais? Como eles se sentiram sobre sua filha namorar um grande e mal Outlaw? Eles estavam preocupados se ele quebraria seu coração?”

Anna não respondeu imediatamente e quando o fez, suas palavras soaram com honestidade. “Claro que se preocuparam. Que pais não ficariam?”

Cynthia ergueu uma sobrancelha em direção a Cole. “Então, como você provou que eles podiam confiar o precioso coração da sua filha a você?”

A garganta dele ficou bastante apertada e por alguma razão, o homem que docemente falava a seu modo para entrar em mais calcinhas e sair de situações mais pegajosas do que podia manter, não conseguiu achar saída para aquilo.

Anna inclinou a cabeça contra seu ombro. “A verdade é que eles nunca tiveram chance, nem mesmo minha mãe, de estarem preocupados sobre mim em primeiro lugar. Eles o amam tanto quanto eu. Como não poderiam?”

Ela inclinou o rosto para o dele, tão bonita que ele teve que tocá-la, não conseguiu se impedir de ligeiramente roçar o polegar sobre seu lábio inferior.

O fotógrafo que Cynthia tinha trazido com ela fez disparos rápidos de fotos. O amor de Anna para ele era uma presença radiante e ardente à mesa.

“Uau, realmente parece que vocês dois são o conto de fadas que se torna realidade. A doce professora que domou o garoto malvado.”



A jornalista riu e Cole pensou que parecia genuíno. Mesmo assim, ele tinha sido queimado um número de vezes pela imprensa por confiar numa mulher mais longe que a mesa ao lado.

Os olhos sorridentes de Anna encontraram os seus. “Você ouviu isso? Ela pensa que eu domei você.” O riso dela era contagiante, mesmo fazendo sua boca se mover em um sorriso.

Sua esposa balançou a cabeça, ainda rindo enquanto se voltava para Cynthia. “Confie em mim, meu marido é completamente indomável.” Seu olhar sacudiu de volta para ele, disparando um calor selvagem.

“E a verdade é que eu não queria que ele fosse de outra maneira. Eu não queria que ele fosse algo que não é ou se sentisse como se tivesse que dizer ou fazer a coisa certa para me fazer feliz. Ele me faz feliz do jeito que ele é e da forma que sempre foi.”

“Eu vejo porque você se apaixonou por ela.” Cynthia quebrou o feitiço que sua esposa estava embrulhando em torno de seu coração. “Mas já que meus leitores não estão aqui para ver os dois pessoalmente, eu adoraria que você pudesse me dizer o que o atraiu em Anna.”

Ele não teve que pensar sobre isso e não teve que fingir. “Eu nunca conheci alguém tão doce ou tão bonita que mal posso acreditar em meus olhos toda vez que olho para ela.”

“Cole.”

A exclamação sussurrada de Anna veio com um rubor profundo em suas bochechas. Qualquer outra mulher teria se envaidecido, mas ela estava mais envergonhada que qualquer coisa.

“Mas o que você não pode ver é o quanto ela é corajosa. Ela tem mais coragem em seu dedo mindinho que um *tailback*⁵ chocando-se com um time de centro e trinta e seis quilos na linha defensiva.”

“Uau!” Cynthia disse enquanto rabiscava em seu caderno. “As pessoas vão ficar loucas com vocês dois.”

⁵ Uma posição da parte traseira de um time ofensivo que se alinha mais distante da linha de golpeios.



Mas Cole não se importou mais com a entrevista. Ele não podia se concentrar em nada mais que não fosse Anna.

“Mais uma coisa.” Cynthia falou. “Quando você percebeu que Anna era especial, Cole? Quando percebeu que ia se casar com ela? Quando soube que a amava e somente a ela?”

Cole não desviou os olhos de Anna, não podia ter rasgado seu olhar do dela enquanto falava “A primeira vez que a vi eu soube que não podia deixá-la ir. Eu pedi que se casasse comigo naquela noite.”

“Foi amor à primeira vista para você também, Anna?”

“Eu nunca fiz nada tão louco antes.” Anna disse em uma voz suave. “Mas estar com Cole foi muito bom desde o começo.”

“Então, você está me dizendo que a pediu em casamento na noite em que se conheceram e você aceitou naquele mesmo momento?” Ela olhou para Cole, então para Anna, suas sobrancelhas erguidas com surpresa. “Então por que esperaram meses para finalmente fazer a ação? E por que em segredo?”

A resposta de Anna foi rápida, fluida e crível. “Minha irmã estava se casando e eu não quis ofuscar seu casamento. E então, quando ela saiu de lua de mel, Cole apareceu do nada e não pudemos esperar outro segundo.”

O intestino dele se apertou por sua mentira fácil. Ela nunca podia ter feito aquilo na sexta-feira. Ele prometera ensinar-lhe coisas novas, mas nunca quis dizer que uma daquelas coisas fosse torcer a verdade.

Como podia perdoar a si mesmo por fazer aquilo com ela?

Cynthia desligou seu gravador. “Sério pessoal, meus leitores vão amar sua história. É tão romântica, tão perfeita. Muito obrigada por conversar comigo e se eu tiver mais perguntas entrarei em contato. Procure pela história na edição do fim de semana.”

Então eles se despediram e caminharam com a jornalista até um táxi. Eles voltaram para casa em silêncio. Havia tantas coisas que ele de repente queria dizer a ela, tantas coisas que não sabia como dizer.



Nada em sua vida o tinha preparado para Anna. Para o amor que ela lhe deu tão livremente, sem cordas, sem exigências, só amor. Puro e doce.

Sim, ele deu-lhe prazer, mas ao longo do caminho forçou-a a assumir habilidades que ela nunca devia precisar conhecer.

Como mentir, fugir.

Eles entraram em casa e Anna pegou sua mão. “Você está bem?”

Ele queria muito puxá-la contra ele, mas não podia continuar suportando a ideia de manchá-la com seu toque. “Você não merece esta bagunça. Nem nada disso.”

A mão dela deslizou mais apertada pela dele, tão quente e tão suave. “Você não está me forçando a fazer nada, Cole. Casar com você, ficar com você, fazer aquela entrevista — todas foram decisões minhas, sejam certas ou erradas. Se eu quisesse parar, eu pararia.”

Ele não teve forças para manter o olhar fora de sua beleza e da inocência que ainda se agarrava a ela, apesar de sua má influência. E então ele viu a pergunta em seus olhos.

“O que você disse para Cynthia... Você quis dizer aquilo?”

Desde o primeiro momento que a viu, ele se perdeu em seus olhos. Estava perdido novamente e mesmo enquanto a culpa se abatia sobre ele, ele falou “Eu quis dizer tudo o que disse esta noite.”

Ela o tinha protegido até mesmo de uma pequena mentira, tomando todo o peso deles em seus próprios ombros. Ninguém além de sua avó já o protegeu antes e já se importou o suficiente para se arriscar assim por ele.

Seus belos olhos nadavam em descrença e confusão. “Como você pode pensar que eu sou corajosa?”

Matava-o que ela não visse aquilo, que já não soubesse.

“Você se lembra da nossa primeira noite juntos?”

Ela corou, debruçando a testa em seu peito. Mas ele não deixou se esconder dele, não conseguia aguentar ficar sem ver o calor doce em seus olhos enquanto ela voltava para sua primeira vez juntos.

“Como eu poderia esquecer?”



Ele sorriu para ela. Ninguém nunca o tinha feito se sentir tão feliz e aquilo era bom. E não apenas na cama, onde ela continuava explodindo sua mente. Mas daquele jeito, conversando, provocando.

“Você podia ter dito para que eu parasse a qualquer hora.” Ele tirou uma mecha de cabelo longe de seus doces lábios. “Você era tão corajosa. E não só naquela noite, mas toda vez que ficamos juntos.”

Ela balançou a cabeça, protestando “Aquilo era apenas sexo.”

“Eu tive o bastante de sexo, garota doce. Confie em mim, o que nós temos não é nem perto de ser 'apenas sexo.' Mas se isto não for suficiente para você, eu a vi com sua mãe. Na cozinha em sua casa.”

Os olhos dela se arregalaram em alarme. “Quanto você ouviu?”

“O suficiente para me orgulhar da maneira que você se levantou para si mesma.”

E para ele. Ela poderia não ter dito a completa verdade sobre o relacionamento deles para todo mundo naquela noite, mas tinha dito a sua mãe uma verdade que segurou por dentro durante muito tempo — sobre o quanto se sentia sozinha em sua própria grande família, cercada por pais e irmãos amorosos.

Tão só quanto ele se sentiu em sua família de duas pessoas.

“Não houve uma única situação onde você não segurou a barra sozinha, não importa o quanto tudo isso seja estranho para você, como o camarote VIP ou lidando com os paparazzi. A propósito, Julie e Melissa me disseram que se eu estragasse tudo e você me deixasse, elas escolherão você em vez de mim.”

Ele amou o pequeno sorriso que ela lhe deu. “Inferno, hoje à noite durante aquela entrevista, você era a única que estava calma. A única corajosa me protegendo.” Ele inclinou seu queixo para cima com um dedo. “Acredita em mim agora?”

“É só que ninguém nunca me chamou de corajosa antes.”

“Então estão todos errados.” Não tinha esquecido uma palavra que ela lhe disse na noite anterior. E agora, era o que estava dizendo-as de volta para ela. “Eles são todos estúpidos e cegos. Loucamente cegos.”



“Louca.” Ela repetiu, uma palavra ofegante com a mesma necessidade que o estava matando enquanto continuavam no meio da cozinha.

Ele precisava estar mais perto dela, precisava saber se ela tinha certeza de onde ela pertencia... Em seus braços.

“Sei que lhe prometi loucura, querida. Sei que você me disse ontem à noite que gosta disso cru e rude. E eu também. Mas agora mesmo, tudo que eu quero é fazer amor com minha esposa.”

Os olhos dela se arregalaram por sua escolha de palavras. Ele nunca chamou aquilo de fazer amor antes, não ousou deixar-se ir até lá.

“Você me faz um homem melhor.” Ele lhe disse, com a voz rouca de necessidade e emoção.

“Eu amo você, Cole.”

Ele a pegou nos braços, beijando-a enquanto caminhava pelo quarto e para as escadas, com seu coração batendo mais forte a cada passo. Não só pelo tanto que queria a bela mulher em seus braços, mas porque pela primeira vez em sua vida, ia fazer amor com uma mulher com quem ele realmente se importava.



Capítulo Dezoito

Ninguém além de Cole já a tinha olhado com um desejo tão poderoso. Mas ela já viu aquele desejo antes. E desta vez, foi a emoção em seus olhos escuros que capturou o que restava de seu coração.

Ele não disse aquelas três palavras que ela lhe dissera e não ficou de joelhos para declarar-lhe nada eterno, mas ela não precisava que ele o fizesse, porque podia vê-las em seus olhos, podia senti-las na pressão de seus lábios em um beijo que não tinha nada a ver com sexo... E tudo a ver com amor.

Amor.

“Doce Anna.” Ele a deitou no meio de sua grande cama, olhando-a fixamente com tanta paixão e tanta necessidade. Com tanto amor.

Amor.

“Minha doce Anna.”

Ardendo para senti-lo levá-la ao auge, ela disse “Eu preciso amar você, Cole.” Ela estendeu a mão para ele, desesperada por seu toque e por seu amor. “Por favor, deixe-me amar você.”

E então ele estava exatamente ali, com seu peso deliciosamente forte em cima dela. Ela o beijou com desejo voraz, enrolando seus membros ao redor dele para puxá-lo ainda mais, arqueando os quadris para cima na pressão dura de sua ereção.

“Lentamente, bebê.” Ele disse contra seus lábios quando finalmente a deixou livre. A língua dele deslizou provocante ao longo da costura de seus lábios e ela teve que lamber contra ele. “É assim que vai ser desta vez. Agradável e simples. Tão lento e tão bom.”

Ela não sabia a quem ele estava tentando convencer, ela ou ele mesmo. Mas sabia o quão perto já estava de perder aquilo, com nada além de seu beijo — e suas palavras suaves e doces sussurrando diretamente em seu coração.



“Amanhã.” Ela disse, implorando e argumentando. “Iremos lento amanhã.” Ela agarrou-lhe o membro, apertando a mão duramente sobre sua ereção, sentindo uma contração lhe responder enquanto ele crescia ainda mais rígido e mais grosso sob seus dedos ávidos.

Pura luxúria encheu os olhos dele e as linhas de seu rosto eram um retrato de um homem que mal segurava seu controle. “Amanhã eu vou fodê-la forte e cru. Amanhã vou possuí-la tão rápido, estar tão profundamente dentro de você e fazer com que goze tantas vezes que você não vai saber onde um orgasmo termina e o próximo começa. Mas neste momento —” Ele puxou as mãos dela de seu cinto. “— Eu vou amá-la direito.”

Ele se aninhou em seu pescoço, provocando-lhe ondas de prazer que se moveram por toda sua pele sensível.

“Prometa que vai me ajudar a amá-la direito.”

“Você sempre me amou direito.” Ela ofegou quando sua boca achou a inchação de seus seios sobre o decote do vestido. Mas então, ao invés de se mover mais para baixo, de baixar aqueles pecaminosos lábios em seus mamilos doloridos e inchados, ele tirou seu peso dela.

“Não!” Ela gemeu, sentindo a falta de seu calor, querendo-o mais perto e não se afastando.

“Shh, bebê!” Ele sussurrou. “Estou exatamente aqui. Amando você. Sem amarras, nem brinquedos. Apenas eu e você. Isso é tudo que precisamos.”

Algo dentro do peito dela se desfez com aquelas palavras suaves, uma parede fria que tinha construído ao redor de seu coração se quebrou em duas. Os dedos dele desfizeram o botão superior em seu vestido e ele parou no segundo.

“Posso sentir a batida do seu coração, bebê, tão forte que ele está quase erguendo minhas mãos de você.”

“Eu não sabia.” Ela sussurrou, a adoração nos olhos dele fazendo-a mais corajosa do que ela pensou que podia ser. “Eu não sabia que podia amar alguém tanto —”



Ele a beijou antes que ela pudesse terminar a frase, roubando não somente suas palavras e sua respiração, mas também sua alma. Seu vestido estava aberto até a cintura quando ele finalmente ergueu a cabeça.

“Deixe-me olhar para você, bebê. Tão linda.” Ele se inclinou com a mão tremendo enquanto roçava as juntas dos dedos sobre o volume inchado de um seio e em seguida do outro. “Tão malditamente linda.”

“Você me faz sentir linda.” Ninguém já lhe fizera isso antes, até Cole.

“Você me faz perder a cabeça e o meu controle.” Ele tentou desfazer o fecho na frente de seu sutiã. “Minhas mãos estão trêmulas.” Ele parecia que não podia acreditar no que estava vendo. “Eu faço sexo desde que tinha quatorze anos, mas nunca estive tão nervoso antes. Não até você.”

Ela cobriu-lhe as mãos com as suas, sorrindo enquanto o ajudava a desfazer o fecho. No entanto, seu sorriso desapareceu quando ela arqueou as costas para forçar os seios mais perto do calor de sua boca.

“Eu podia parar por aqui.” Ele disse, entre sorvos contra a carne túrgida, as pontas duras crescendo ainda mais sob a língua ardente. “Podia passar o resto da noite fazendo mais nada além de lambar e chupar esses seios.”

Ondas de prazer estremeceram através de sua vagina e seu clitóris pulsou como se ele estivesse chupando lá ao invés disso.

“Eu podia apenas continuar amando-a assim até que você goze para mim.”

A ameaça sensual — ou era uma promessa? — Enviou outra onda de excitação por ela. A boca dele queimava em seus seios, lavando-a com sua língua, fazendo-a gritar de prazer quando seus dentes raspavam pela carne inchada.

“É isso aí, doce garota. É como eu quero que você sinta quando eu tocá-la. Agora. Sempre.”

A grande mão se achatou contra sua barriga e ela arqueou os quadris em seus dedos. Ele a sugou novamente, causando tremores incontrolláveis que assumiam o comando de seus músculos e de seus membros. E então a mão se moveu mais para baixo, sob a parte inferior de



seu vestido que ainda a estava cobrindo, e ela abriu suas coxas mais largas em um silencioso apelo para que ele a tocasse. Mas ao invés de deslizar dentro de sua calcinha, ele pôs a mão entre suas pernas.

“Posso sentir o quanto você está molhada e inchada para mim mesmo através da seda.”

Ela estava apenas conseguindo administrar suas palavras baixas enquanto ele falava contra a curva de seus seios e mordiscava seu peito. Talvez fosse o doce lampejo de dor que cortou a linha final que a estava segurando da realidade. Ou talvez o modo que ele lambeu sobre o minúsculo abrasão tão suave e depois tão amorosamente que a fez gritar seu nome enquanto a parte mais baixa de seu ventre se contraía, ameaçando quebrar. Ou talvez olhar para baixo e ver a cabeça escura curvada sobre seu peito, que enviou seu orgasmo batendo sobre ela, do ápice de suas coxas a toda distância dos dedos dos pés, pontas dos dedos e em todos os lugares.

“Anna. Doce Anna. Adoro ouvir você gozar. Ver você gozar. Sentir quando você goza.”

Apenas o som de sua voz foi o suficiente para manter seu orgasmo se espalhando sem parar, até que ela estava lutando por respiração, rezando que o oxigênio enchesse seus pulmões vazios.

“Eu pensei que você estava brincando.” Ela admitiu quando finalmente foi capaz de falar novamente. “Eu não sabia que podia gozar assim.”

“Vai acontecer de novo, posso prometer-lhe isso. Só que da próxima vez vamos chegar lá com apenas estes.” Ele pressionou beijos suaves em seus seios, primeiro um e depois outro, e seu gemido baixo soou no quarto. “Vamos conseguir tudo isso à sua maneira.”

As palavras foram firmes, seu rosto concentrado, mas suas mãos o entregaram pelo leve tremor que ela nunca pensou ver no homem incrivelmente forte com quem se casou.

Não devia fazer sentido que tê-lo despindo-a fosse uma grande coisa. Não quando ele já a desnudou tantas vezes antes, não quando já a prendeu e a tocou com brinquedos sexuais, quando ela o tomou no fundo de sua garganta e engoliu seu gozo. Mas ele nunca a tinha



olhado assim. Mesmo quando o desejo estava despedaçando a ambos, sempre existiu uma barreira. Não só dela, ela percebeu com surpresa, mas dele também.

Porque mesmo que estivesse apaixonada por ele, ela estava assustada. Retendo não só seu coração, mas o último pedaço de sua alma.

Naquela noite, ele estava reivindicando cada parte sua, tanto de dentro quanto de fora.

“Tudo de mim.” Ela sussurrou enquanto ele descia o olhar em sua pele nua. “Quero que você tenha tudo de mim.”

Um som — metade grunhido, metade gemido — retumbou no peito dele e sobre ela, mas antes que pudesse alcançá-lo e exigir o beijo pelo qual estava tão desesperada, o rosto dele estava entre suas pernas e suas coxas se espalhando abertas sobre os ombros dele.

“Eu não passei tempo suficiente aqui, ainda não provei sua doçura o suficiente.” Ele lamentou enquanto olhava em suas dobras molhadas com algo similar a um êxtase maravilhado. “Meu maldito pênis vai ter que aprender a compartilhar.”

Ela não devia ser capaz de sentir uma emoção tão profunda, um desejo tão poderoso e ainda dar risada.

Nenhuma daquelas coisas tinha estado juntas antes. Mas Cole tocava em cada parte sua: a parte que queria rir, a que queria amar, a que queria transar como uma mulher selvagem.

“Você está rindo de mim, doce menina?”

A língua dele se enrolou em torno do broto apertado de seu clitóris antes de se empurrar entre seus lábios, e então seus dedos juntaram-se à sua língua, tocando-a aberta, deslizando-a em seu núcleo dolorido.

Ela se arqueou em sua boca e seus dedos, abrindo-se mais amplo, tomando-o mais fundo. E no meio disso tudo, ela estava sorrindo, tão feliz que pensou que poderia estourar.

“Você me faz rir.”

E então ele estava dizendo “Você está certa.” E ele levantou e estava sobre ela tão rápido que ela mal teve tempo para lamentar a perda daquela língua contra seu clitóris. Como



podia sentir falta quando ele estava pressionando a grossa cabeça de sua ereção entre suas dobras escorregadias?

“Amanhã.” Apoiando-se sobre os cotovelos, ele cobriu seu rosto com as mãos e com a boca a um sopro da dela, ele disse “Vou amá-la devagar e simples amanhã.”

Então empurrou toda a distância dentro dela no exato momento em que seus lábios se tocaram. Não importou que ela tivesse explodido apenas alguns minutos atrás, que ela devia estar saciada. Na verdade, seu orgasmo anterior pareceu que só deixou-a mais sensível e receptiva e quando a língua dele encontrou a sua e ele a beijou como se nunca se fartasse dela, ela se desfez. Novamente.

Só que desta vez, não foi só para seu prazer que ela se perdeu. Estava com Cole a cada golpe, cada impulso, cada gemido e sentindo-lhe o clímax como se fosse o seu próprio. Assim como seu amor por ele significava que ela estava disposta a assumir sua dor, ela agora percebeu que sempre partilharia seu prazer também.



Capítulo Dezenove

Cole era um mestre em manter a concentração. Mesmo quando era uma criança, ele pode esquecer-se de tudo, exceto o jogo. Não importava o que mais estava acontecendo em sua vida, enquanto estivesse no campo, ele estava bem.

Ele esteve desligado durante todo o maldito dia.

Tão longe, que os caras não só estavam dando-lhe olhares confusos, ele podia ver um par de novatos, famintos pela chance de brilhar no time, conversar sobre ele. O inferno se eles iam tomar sua posição logo, logo no jogo.

Ele correu mais rápido. Atacou mais forte. A dor física não significava nada enquanto ele trabalhava para recuperar aquela coisa que sempre tomou como um dom adquirido.

Mas aquilo apenas continuou fora do seu alcance.

O linebacker treinador teve que puxá-lo do campo. “Tempo acabado!”

Cole ergueu o olhar e viu que o campo estava quase vazio. Só Ty ainda estava lá fora, praticando batidas em seus alvos.

“Mas se você quiser executar mais algumas leituras de formação, Cole, ficarei feliz em ficar um pouco mais de tempo.”

Foda! Ele não queria entrar agora. Mas Joe tinha um novo bebê em casa e Cole sabia que ele queria estar lá com sua família. Não fora do campo com um linebacker de cabeça confusa que não sabia para que lado estava.

“Não, estou bem.” Ele não perdeu o alívio nos olhos do outro homem.

Ty entrou no vestiário justo quando Cole entrava no spray quente do chuveiro.

“Você não é o único, sabe disso.”

Cole bateu na torneira, fechando-a. “Foda-se, Ty.”

Tinha passado algumas de suas melhores noites com o cara, celebrando grandes vitórias com mulheres bonitas, mas isso não significava que queria se sentar ali com toalhas e compartilhar sentimentos.



“Estou contando com isso hoje à noite, com minha esposa.” Ty secou o cabelo, antes de enrolar a toalha ao redor da cintura. “Julie me disse que você conheceu Anna em Vegas, mas eu disse a ela que você não podia ter achado uma garota legal como aquela no meio da Cidade do Pecado.”

Cole se virou para seu ex-amigo com assassinato nos olhos. “Você não vai ser capaz de foder sua esposa tão cedo se não tiver cuidado.”

Sem parecer nem um pouco assustado, Ty se inclinou para seu armário, realmente virando as costas para Cole. “Julie também disse que você está com Anna há meses. Namorando em segredo.” Ele se voltou, prendendo Cole com um olhar astuto. “Você é um mentiroso de merda, não é? Seu jogo foi diferente neste domingo. Não pior, só diferente. Como se o futebol não fosse mais a única coisa que lhe importasse.”

Os punhos de Cole se apertaram quando ele se preparou para esmurrar o rosto convencido de Ty, apenas duro o suficiente para torná-lo um pouco menos bonito. Não que Julie se importaria, porque ela ainda amaria o bastardo de qualquer maneira.

Assim como Anna o amava. E na noite anterior, em vez de manter seus sentimentos trancados como devia, ele cedeu. E a amou de volta.

O que diabos ele tinha feito?

Era um homem com escuridão o suficiente em sua alma para derramar sobre a inocência dela. O pensamento de Anna acordar um dia e se perguntar “Por que eu o amei?” Ou descobrir que era somente ótimo sexo e excitação perante uma situação que a deixou temporariamente pensando que o amava, o mataria.

Ela não se importava com seu dinheiro ou sua fama. Importava-se com sua família, seus amigos e suas crianças na escola. Considerando que, em seu núcleo, ele sabia que viveu uma vida totalmente egoísta — e apreciava o inferno daquilo.

As chances eram que um dia ele acordasse e se sentisse preso. E quando se sentia preso, ele agia de maneira estúpida. Não queria prometer-lhe qualquer coisa que não pudesse entregar. A fidelidade nunca tinha sido seu forte, razão pela qual nunca se limitou a somente



uma mulher e definitivamente nunca fez amor com uma antes. Foi por isso que ele nunca, nem uma vez, deixou-se ficar envolvido com uma boa garota.

Não até Anna.

“Olhe, Cole, sei que você estava lutando lá fora hoje e agora você sabe o que o amor faz para você. Fode você por um tempo, mas um dia você percebe que é realmente melhor por isso. Então, que tal me dizer a verdade sobre onde encontrou sua esposa? Apenas entre você e eu, palavra de escoteiro.”

Ty nunca tinha sido um escoteiro. Nenhum deles tinha sido. E a conversa fácil do seu amigo sobre o amor, fez seus interiores ficarem quietos. E frios.

Ele e Anna não eram reais. Nem o casamento e nem os sentimentos dela por ele. Ele deixou o ótimo sexo confundir-lo claramente como aquilo tinha confundido Anna.

“Minha avó precisava pensar que eu estava estabelecido. Que tinha encontrado o amor verdadeiro. Era seu último desejo.” Ty sabia sobre a avó de Cole e seus olhos se escureceram de compaixão. “Então eu liguei para o 1-800-Boa-Menina e eles a mandaram.”

“Puta merda, está me dizendo que você se casou com Anna só por causa de sua avó?”

“Eu a encontrei em um clube sexta-feira à noite, parecendo uma corça pega nos faróis. Eu a convenci a se casar comigo, então a apresentei para minha avó numa bandeja de prata no hospital, sábado de manhã.”

As entranhas de Cole se apertavam ainda mais a cada frase. Ele pensou que deitar aquilo em preto e branco o ajudaria a corrigi-lo, que ele e Ty ririam de outra jogada sem perfeição.

Mas Ty não estava rindo.

E nem ele estava. Inferno, ele se sentiu como o maior merda que jamais foi.

“Você está me dizendo que a garota legal que conheci no domingo permitiu que a comprasse?”

“Não.” Foda, não. Ela não era uma prostituta — nunca tomaria dinheiro ou jóias por sua cooperação. “Ela não tomará nada de mim. Disse que não quer isso.”



“Acho que entendo o que você está dizendo, mas não está acrescentando. Especialmente porque Julie me disse que Anna claramente não sabe nada sobre futebol. Ela não é uma tiete e não quer seu dinheiro. Por que ela realmente se casaria com você?”

“Ela tem um coração mole.” Cole a viu com sua avó, sua família, com as crianças em sua sala. “Eu não joguei limpo. Eu não a deixei ir embora até que ela conhecesse minha avó.”

E ele prometeu-lhe prazer, pensando que era uma troca justa. Que fodido cretino ele era.

A carranca de Ty se ergueu de repente. Muito de repente. Ele balançou a cabeça lentamente, assobiando entre dentes. “Você percebe que ela está fazendo isso porque está apaixonada por você, não é?”

“Ela não está apaixonada por mim.” Cole rebateu. “Ela só pensa que está.”

“Certo.” Ty soou menos convencido, mas então soltou “Então não devíamos nos acostumar a vê-la por aí, não é?”

“Ficaremos juntos até quando precisarmos.” O que não foi dito, mas entendido por ambos os homens, que tudo mudaria uma vez que sua avó falecesse.

Ty abotoou o jeans. “Julie realmente gostou de Anna. Disse que ela não era como as outras garotas que você trazia. Disse que a alma dela não tinha sido sugada pelo tubo da lipoaspiração.”

Talvez outra hora aquilo teria sido engraçado. Mas Cole não via grandes situações para rir em seu futuro. A hora viria quando Anna não estivesse em sua casa, em sua cama e não estivesse mais em sua vida. E tudo seria um saco.

“Olhe, sei que não sou nenhum perito nessa coisa toda de relacionamento.” Ty pôs as mãos para o alto e Cole reconheceu como sua tática habitual. Encenando o cara agradável antes de partir para a matança.

“Isso é uma maldita certeza.” Ele rosnou, plenamente ciente pelo modo que Ty tinha estragado as coisas com Julie, sabia que as besteiras tinham ido todo o caminho de volta ao segundo grau. A última pessoa que devia estar dando-lhe conselhos era aquele idiota.



Então novamente, Ty estava muito feliz agora, não é? Com uma esposa que qualquer cara no time mataria para estar.

Todo mundo, exceto Cole.

Porque depois de Anna ele não podia olhar para nenhuma outra mulher no planeta.

“Eu não sei muito, mas o fato é que...” Ty parou de arrumar sua mochila e olhou Cole no olho. “...Uma coisa eu sei com certeza. Eu não podia viver sem Julie. Não gostaria de fazê-lo e ponto final. Mas eu quase tive que fazer porque fui um idiota. Mais de uma vez. A verdade é que eu devia ter ficado de joelhos rastejando, implorando e rezando que ela me desse outra chance e não ter estragado tudo anos atrás.” Ty fechou a mochila, colocou-a nas costas e deu de ombros. “De qualquer forma, vejo você no treino amanhã.”

Cole fechou o armário com uma batida, a parede inteira de metal se agitando mesmo depois que ele foi embora. Quem diabos Ty pensava que era, dando-lhe conselhos?

Cortada e seca. Toda a maldita situação com Anna era cortada e seca.

Ele precisava de uma esposa temporária e ela concordou com a troca de um ótimo sexo. Os dois eram defensores dos seus lados da ideia original. Depois que estivessem divorciados, quando ela não estivesse ao redor de seu pênis a cada trinta minutos, ela perceberia que não estava realmente apaixonada por ele.

E quando ela olhasse para trás, veria que amá-lo não podia ter sido possível em primeiro lugar.

Trabalhando como o inferno para se endireitar antes de ir para casa e para Anna, ele quase pisoteou uma mulher que esperava no corredor.

“Cynthia?”

Que diabo a jornalista estava fazendo ali?

Ela rapidamente fechou o telefone em seu ouvido. “Cole, seu treinador me disse que você está se trocando. Tenho algumas perguntas complementares sobre sua carreira que eu queria pôr no artigo.”

Cole trabalhou para manter sua expressão clara enquanto caminhava com ela e respondia suas perguntas.



Será que o guarda no corredor tinha deixado Cynthia entrar no vestiário enquanto ele e Ty estavam conversando? Ele não podia dizer ao olhar para ela, não achou que ela estava agindo de forma diferente do que estava na noite anterior. O que ela ouviu?

Foda! Ele não podia simplesmente perguntar a ela, não podia dar-lhe nenhuma munção se ela já não a tivesse.

Depois que ela lhe fez suas perguntas, ele foi para seu carro. Mas, em vez de sair do estacionamento subterrâneo, ele se sentou e encarou a parede de concreto.



Cole caminhou para um cenário de fantasia de qualquer cara. O jantar estava na mesa e Anna sentada em sua cadeira vestindo nada além de uma de suas gravatas e saltos agulha, com as pernas jogadas em cima na mesa e os tornozelos cruzados.

“Bem-vindo ao lar, querido. Como foi seu dia no trabalho?”

Sua esposa — sua tão linda esposa — estava sorridente e sexy, mas também tímida e nervosa.

E tão doce que ele não podia acreditar que ela era sua.

Por agora.

Ele atravessou a sala, caindo de joelhos na frente dela. Erguendo suas pernas da mesa, ele as pôs de cada lado do seu rosto.

“Um inferno muito melhor agora.”

Ele baixou a boca até sua doce vagina e suas mãos se soltaram de onde estavam para cobrir seus seios — que combinação de pecadora e inocente que faziam com que ele perdesse a cabeça toda vez que olhava para ela.

Toda vez que a amava.

E quando ela gritou apenas pelo simples toque de sua língua em seu clitóris, tão molhado e pronto para ele, ele teve que puxá-la para o chão com ele, tinha que estar dentro dela quando ela gozasse.

Jogo de Amor

Os Bad Boys do Futebol 03

Bella Andre



Notório entre as tientes do futebol por seu controle, ele não tinha uma oração para durar mais tempo do que Anna tinha. E quando gozou bem fundo na mulher suave e doce que montava seu colo, ele conheceu o tolo que era depois do disse para Ty.

Tinha encontrado algo especial em Anna.

Agora, ele só esperava que aquela conversa estúpida e teimosa não visse às claras... E rezar que aquilo tudo não fosse para o inferno.



Capítulo Vinte

Anna nunca se sentiu tão bem. Ou tão feliz. Tão incrivelmente feliz que às vezes ela tinha certeza que devia estar sonhando, que ia acordar num destes dias e perceber que Cole não era real, que tinha inventado-o para ser seu homem perfeito. Forte, dominante, sexy, e ainda tão atencioso, tão quente e tão maravilhoso.

Nenhum deles teve que levantar cedo em um sábado de manhã e, pela primeira vez desde que voltaram para casa em San Francisco, eles tiveram uma chance de ter sexo matutino e lento. Não, ela pensou com um sorriso enquanto se enterrava mais fundo nas cobertas, não tinha havido nada de particularmente mais calmo naquilo.

Eles eram muito quentes um com o outro para passar muito tempo sem uma combustão nos braços do outro.

E a verdade é que ela o suficiente de sexo calmo antes de Cole. Amava a explosão quente da atração, amava o quanto ficava impotente para seu próprio desejo.

Porque era aquilo o que Cole era para ela. Uma droga deliciosamente sexy que inundava seu sistema.

Ela ansiava por seu toque. Seu calor. As palavras sussurradas sobre sua pele. Desde o primeiro momento que ele a beijou, ela ficou perdida, sem nenhum desejo de ser encontrada.

E mais uma vez, ela esqueceu-se de se proteger contra a gravidez quando fizeram amor. Mas, em vez de estar preocupada, de se perguntar como possivelmente podia ter se deixado levar tão longe, ela se encontrou notando a suavidade em seus seios e se perguntando se talvez, apenas talvez, em nove meses estaria vendo os olhos de Cole numa menininha ou num garotinho.

Tudo que ela sempre quis estava se tornando realidade, coisas que ela quase parou de sonhar.

Tudo por causa do lindo homem que estava entrando no quarto segurando duas xícaras de café.



O telefone celular dela saltou na cômoda em frente à cama. A campainha estava desligada, mas Cole examinou a tela. “É sua mãe.”

“Ligarei de volta mais tarde.”

Ela tomou a caneca, bebericando dos lábios dele em primeiro lugar. Mal tinha provado seu café antes que ele o tomasse dela e pusesse ambas as xícaras no criado-mudo.

“Você não se importa de café frio, não é?”

Ela estremeceu em antecipação deliciosa pelo olhar malicioso nos olhos dele. “Não foi por isso que inventaram o micro-ondas?”

Ela ficou de joelhos para agarrá-lo e seus braços imediatamente a cercaram, o telefonema da sua mãe e o café ficando completamente esquecidos. Entretanto, seu telefone saltou novamente — e desta vez ela ouviu o dele tocando também, da gaveta do armário onde ele o tinha colocado na noite anterior.

As mãos de Cole ficaram imóveis em sua pele e ele recuou só o suficiente que ela pudesse olhar em seus olhos. “Doce Anna, você sabe o quanto significa para mim, não é? Você sabe o quanto fiquei feliz por encontrá-la naquele clube em Las Vegas, não é?”

A única vez que ela o tinha visto com aquele olhar tão sério foi quando ele estava conversado com os médicos de sua avó. “Eu estou muito feliz também, Cole.”

Mas a expressão entre as sobrancelhas dele não diminuiu, apenas tornou-se mais profunda. “Eu devia ter lhe contado como me sinto cem vezes até agora, bebê. Eu devia ter lhe enviado cartões e flores para que você soubesse o quanto significa para mim.”

O coração dela quase parou de bater e ela teve que se forçar para não segurar a respiração, para continuar respirando. Ela esperou e rezou, naquele momento.

Ambos seus telefones tocaram novamente e ele parecia momentaneamente distraído. Agora ela também estava franzindo o cenho.

“Diga-me agora, Cole. Seja o que for, estou bem aqui. Escutando.”

O olhar dele se enterrou no dela e ela jurou que seu coração realmente estremeceu em suas costelas.

“Eu amo você, Anna. Muito.”



Os sonhos realmente podiam se tornar realidade. Até mesmo aqueles que pareciam impossíveis.

“Eu também te amo.”

“Prometa-me que você vai se lembrar, querida. Não importa o que aconteça, prometa-me que não vai esquecer que eu a amo.”

Ela abriu a boca para prometer e dizer-lhe que não havia jeito de esquecer que ele a amava, mas então as campainhas tocaram em uníssono em ambos os telefones.

“O que está acontecendo? Por que todo mundo está atrás de nós esta manhã?”

Ele não lhe respondeu, apenas pegou seu rosto em forma de concha nas grandes mãos e a beijou com todo o amor que acabara de lhe professar.

Ele se afastou da cama e vestiu a calça jeans, parecendo que ia enfrentar um executor.

“O que está acontecendo, Cole?”

Ele fechou os olhos, de pé no meio do quarto parecendo um homem que estava prestes a perder tudo. “Eu estraguei tudo, bebê. Isso é tudo.”

Ela saiu da cama agora. Seu coração, que tinha estado tão cheio apenas momentos antes, estava abruptamente equilibrado na ponta de uma faca.

“Como?”

“Falei algumas coisas para Ty no vestiário. Coisas estúpidas. Porque eu estava pirando com tudo isso.” Ele passou uma mão pelo rosto mal barbeado. “A jornalista foi ao estádio para fazer algumas perguntas complementares e acho que ela escutou a nossa conversa. Acho que é disso o que tudo isso trata.”

Tudo congelou para Anna naquele momento. O próprio ar ficou tão quieto que ela conseguia ver as partículas de poeira parando sua dança na frente da luz da manhã que entrava pela janela.

“O que você disse ao Ty?”

“Eu sinto muito, bebê.”

Ele estava se movendo em direção a ela, mas quando ela levantou uma mão, ele imediatamente parou.



“O que você disse?”

“Ty estava me pressionando, então eu disse a ele a verdade sobre como nos conhecemos e porque nós nos casamos.” Ele correu uma grande mão pelo cabelo de forma que este ficasse em pé. “Mas a verdade não tem nada a ver com como nos conhecemos ou porque nos casamos. A única coisa que é verdade é o quanto amo você.”

A faca fez seu primeiro corte no coração dela.

“Então, deixe-me ver se entendi corretamente. Você falou nosso segredo para Ty só porque ele lhe fez uma pequena pergunta, mas eu menti para todos que amo repetidas vezes.”

Ela não podia acreditar que sua voz estava tão firme, mas talvez fosse porque estava tão fria.

Congelada de dentro para fora. As lágrimas não podiam vir de um bloco de gelo, tinha que haver calor para a água escorrer.

E não havia mais nenhum calor.

“Eu tomaria aquilo tudo de volta se pudesse.” O homem que ela tanto amava jurou. “Eu rebobinaria tudo de volta para a quarta-feira à noite e falaria coisas diferentes. Eu voltaria para aquele momento e diria a ele que estava apaixonado por você. Inferno, eu voltaria àquela noite no clube e saberia sem dúvida que ia me apaixonar por você.”

“Quarta-feira à noite? Você falou com Ty na quarta-feira à noite sobre nós?”

Uma fita rápida tocou em sua cabeça por todas as maneiras que ele a tinha tocado nos quase três dias desde então, todas as vezes que ela lhe disse que o amava. Ela pensou que estava segura com Cole. Tinha pensado ter encontrado conforto em seus braços.

Mentiras.

Eles tinham sido mentiras.

“Não sabemos com certeza se ela ouviu o que eu falei para ele, ou se imprimiu isso no jornal. Talvez todo mundo esteja ligando para nos parabenizar.”

“Não minta mais para mim, Cole. Pelo menos me respeite o suficiente para admitir que você sabe que não é por isso que eles estão ligando.”



A verdade era que ela não tinha que ler o artigo para saber que todos os seus sonhos estavam desabando. Ela não sabia desde o começo que aquilo aconteceria se fosse estúpida o suficiente — fraca o suficiente — para se deixar apaixonar-se por Cole?

Ela ergueu o queixo, ali de pé nua na frente dele, com seu estúpido corpo ainda querendo o dele apesar da maneira que ele fatiou o centro de seu coração.

“Precisamos conversar com sua avó.”

Ela viu o momento que ele percebeu todas as implicações do que tinha feito, a maneira que seu rosto ficou ainda mais distante do que já estava. “Ela não merece isso.”

“Concordo. É por isso que preciso me desculpar com ela. Pessoalmente.” Ela fez uma pausa, esperando que seu coração começasse a bater novamente, então percebeu que aquilo ia levar muito mais tempo que isso. “E quero o divórcio.”

Não consegui olhar para ele, não podia suportar ver sua reação enquanto pegava seu telefone e ignorava a maldita meia dúzia de mensagens nele. Ela discou para o agente de viagens com quem tinha reservado todas as viagens de casamento e luas de mel de suas irmãs.

“Preciso comprar a passagem mais próxima de São Francisco até Las Vegas, por favor.”

Cole tomou-lhe o telefone antes que ela pudesse agarrá-lo mais forte. “Peças duas passagens. Primeira classe da SFO. Sim, meio-dia está bem.”

Anna passou por ele enquanto ele recitava o número do cartão de crédito de memória. Ela trancou a porta do banheiro atrás de si e enquanto estava sob o spray do chuveiro, tentou não encarar a verdadeira razão por seu rosto está encharcado.

Tinha pedido a Cole pelo divórcio uma vez e aquilo não tinha acontecido.

Parecia que a segunda vez era charme.



“Oi, mãe.”



Ela estava sentada na parte de trás de um táxi a caminho do aeroporto e Cole a estava seguindo em seu carro. Ela não tinha lido uma palavra desde que saiu do chuveiro e, no entanto, ele mal tirou os olhos dela até que o táxi chegou, e não a tinha pressionado.

Ela puxou o artigo pelo telefone celular no minuto em que entrou no táxi. Cada palavra que Cynthia tinha escrito — sobre como ela e Cole pareciam um conto de fadas que veio para a vida, só a fez perceber, infelizmente, que o relacionamento deles era realmente muito bom para ser verdade — tinha rasgado outro pedaço de seu coração. Agora, enquanto sua mãe despejava piedade pelo celular, outra onda de tristeza tomou conta dela.

“Eu sinto muito.” Ela disse baixinho para sua mãe. “Nunca devia ter mentido para você. Especialmente quando você sabia desde o começo que nem tudo estava certo.” Ela tinha propositadamente evitado ver ou falar com seus pais e irmãs durante a semana porque não queria enfrentar a verdade. Não queria ver que tinha feito loucura.

Não uma boa loucura, seja o que for que ela tinha pensado que era.

Uma loucura ruim.

Mas agora que estava se forçando a ser honesta, completa e dolorosamente honesta, também não era verdadeira a forma que ela se sentia, enquanto estava sentada na parte de trás do táxi, que não era inteiramente culpa de Cole? Ele não a tinha forçado a fazer nada, não apontou uma arma de fogo para sua cabeça e a fez dizer as coisas que ela havia dito para sua família, amigos e a jornalista.

Assim como o que ela tinha dito a ele, tudo que fez, cada mentira que contou, em última instância tinha sido sua escolha. Elas estavam inteiramente em sua cabeça, pesando em suas entranhas.

Criando os buracos em seu coração.

“Não!” Ela falou para sua mãe. “Não culpe Cole. Ele estava fazendo o que pensou ser o certo para sua avó doente. Casar comigo foi o que ele pensou que tinha que fazer para deixá-la feliz.”

O motorista do táxi girou a cabeça levemente como se estivesse tentando ouvir a resposta de sua mãe. Francamente, Anna não se importava mais, pois o mundo inteiro já sabia



a tola que ela tinha sido. O mundo inteiro sabia que ela se apaixonou por um homem que não a amava de volta.

“Eu não estou me desculhando por ele.” Ela disse. “O que eu estou finalmente fazendo é dizendo a verdade.”

Seria tão fácil cair nos braços reconfortantes de sua mãe, deixar suas irmãs se reunirem em torno dela, deixá-los todos crucificarem o homem com quem ela se casou. Tão fácil. E tão falso.

“Eu estraguei tudo, mãe. E vou sobreviver.”

De alguma maneira, ia descobrir como juntar os cacos e seguir em frente com sua vida. As pessoas um dia iam parar de sentir pena dela. Um dia ela encontraria outro homem para namorar, casar e amar. E um dia iria para a cama e perceberia que não pensava mais em Cole por minutos. Horas até.

Mas só então, quando pensou que estava finalmente dizendo a verdade, ela cometeu o erro de olhar pelo retrovisor.

“Prometa-me que você vai se lembrar, querida. Não importa o que aconteça, prometa-me que não vai esquecer que eu a amo.”

Oh, Deus, ela não havia esquecido. Como poderia, quando aquelas declarações de amor ainda estavam tocando em seus ouvidos, quando ainda podia sentir a doçura de seu toque por toda parte da superfície de seu corpo?

Mas aceitar o amor de Cole não era sobre lembranças.

Era sobre confiança.

E confiança era algo que estava fora dela.



Cole queria bater os dentes fora de cada pessoa que os encarava enquanto ele e Anna atravessavam o aeroporto. Depois que ela insistiu em tomar um táxi, ao invés de ir com ele para o aeroporto, ele pensou que ela fosse tentar fugir dele depois que entrassem. Mas quando



ele a alcançou no posto de fiscalização da segurança, ela esperou silenciosamente que ele pusesse de volta os sapatos e caminharam juntos para o portão.

Ela não parecia estar louca. E não parecia que ia chorar.

Ela simplesmente não parecia que se importava com alguma coisa de qualquer modo.

E isso era o pior de tudo, Cole percebeu enquanto caminhava pelo aeroporto ao lado dela: seu brilho tinha acabado e era sua culpa.

Ele queria ficar de joelhos e implorar por seu perdão, queria segurá-la imóvel na frente dele até que ela concordasse em escutá-lo. Queria beijá-la até que ela acreditasse que ele a amava.

Mas eles estavam em um palco, então ele não podia fazer nada daquelas coisas. Tudo que podia fazer era deixar perfeitamente claro para cada pessoa que os observava, que se elas ousassem dizer uma palavra para qualquer um deles, ou tirasse uma foto com um telefone celular, iam lamentar profundamente.

Foda! Ele não podia suportar aquele silêncio. Não suportava saber o quanto Anna o odiava.

Não suportava saber o quanto ele merecia aquilo.

Ele pegou seu telefone e digitou uma mensagem de texto.

Então ela ouviu o zumbido em sua bolsa e ele pensou por um minuto que ela iria ignorá-lo. No entanto, ela o pegou em sua bolsa.

AMO VOCÊ. POR FAVOR, ME PERDOE.

Ela correu o dedo pela tela sensível ao toque e apagou a mensagem, então soltou o telefone de volta na bolsa, com sua expressão não mudando uma única vez.

O que mais o machucava, era estar tão malditamente perto de Anna, ter uma centena de coisas que ele queria dizer a ela, e saber que ela não ouviria nenhuma delas.

Ela ia se afastar dele antes que tivessem a chance de ver o que eles podiam ter sido.

E ela nunca ia acreditar que ele a amava.



Capítulo Vinte e Um

“Sra. Taylor, roubei seu desejo por seu neto e tornei isso uma mentira horrível. Lamento muitíssimo pelo que fiz.”

Anna continuou ao lado da cama e esperou por raiva, lágrimas, decepção ou todos os três acima da mulher que ela traiu com uma mentira. Cole quis entrar no quarto com ela, mas ela lhe dissera que aquele pedido de desculpas era algo que precisava fazer sozinha.

Surpreendentemente, ele respeitou aquela decisão.

A outra coisa surpreendente foi que a avó dele não pareceu particularmente chateada sobre sua confissão e Anna não conseguia entender aquilo. De acordo com as mensagens que suas irmãs tinham deixado via correio de voz, de texto e e-mail, milhares de estranhos estavam perdendo suas mentes na Internet e TV sobre seu casamento falso com Cole.

A avó dele não devia estar mais chateada que qualquer um?

“A verdade, querida...” Eugenia disse enquanto pegava as mãos de Anna e as afagava gentilmente. “O amor nunca foi fácil para mim, também.” Ela fez uma pausa, sustentando o olhar de Anna. “E você ama Cole, não é?”

“Sim.” Anna admitiu, incapaz de fazer qualquer coisa além de falar a verdade agora. “Eu amo seu neto, mas isso não importa. Não quando não posso confiar nele.”

“Eu sei.”

Ela não podia acreditar que a avó dele não o estava defendendo. “O que você quer dizer com sabe?”

Eugenia suspirou, balançando a cabeça. “Só porque amo meu neto, não quer dizer que não veja seus defeitos. Ele é teimoso e às vezes isso é uma coisa boa, como quando ele estava perseguindo seu sonho para fazer uma carreira fora no futebol. Mas, em outras vezes, ele põe uma ideia na cabeça e a segue diretamente a um beco sem saída.” Para a surpresa de Anna, a mulher sorriu. “Ele já lhe contou da primeira vez que fui tirá-lo do reformatório? Ele começou



a me responder antes mesmo de entrarmos no carro, então eu dei meia volta e o levei de volta para dentro. Ele não pensou que eu o deixaria lá, mas deixei.”

Anna balançou a cabeça. “Ele foi para o reformatório?”

“Oh sim. E uma vez passou uma noite na prisão também.”

Anna sentiu seus olhos se arregalarem. “Ele esteve na prisão?” Ela tentou dizer a si mesma que não se importava, que aquilo não importava agora que não eram mais marido e mulher, mas já tinha dito a si mesma o suficiente de mentiras. “Pelo quê?”

“Nada demais. Por beber de recipientes abertos, por responder a policiais. O pai dele era justamente assim quando era jovem. Energia demais e lugar nenhum para colocá-la. Foi quando o pai dele começou a voar, aviões rápidos e verdadeiros que podiam tomar tudo o que ele podia dar.”

Anna podia se sentir abrandando em direção a Cole. Não! Só porque a avó dele não conseguia evitar, mas via o bem nele, não significava que ela tinha que continuar vendo aquilo também. Tinha vindo para se desculpar com Eugenia por suas mentiras, não para deixar a mulher convencê-la a tornar verdadeiro seu casamento.

Precisava conseguir com que a concentração delas se voltasse para suas desculpas. “Eu realmente sinto muito sobre deixar você acreditar que minha relação com Cole era algo que não é. Espero que possa encontrar isso em seu coração para me perdoar um dia.”

“Oh, querida.” Eugenia bateu levemente em suas mãos novamente. “Eu aprecio que tenha vindo até aqui por mim, mas não acho que realmente queira que eu a perdoe por apaixonar-se por meu neto. Acho que você devia perdoar a si mesma, primeiro.”

“Como posso?” Anna sussurrou. “Eu menti para todo mundo. Não só para você, mas para minha família, meus amigos e meus colegas.”

“Cole cometeu seus erros e agora, você fez os seus.”

Anna balançou a cabeça, contra a vontade, incapaz de acreditar que aquilo podia ser tão fácil.



“Eu sei que você está magoada, querida, e sei que meu neto é a razão disto. Mas eu nunca o vi olhar para alguém da maneira que a olha. Como se ele finalmente visse o sol, como se finalmente acreditasse que ele podia brilhar sobre ele.”

O coração de Anna quase parou de bater. “Ele precisava agir assim para que você acreditasse que ele me amava.”

“Oh não. Meu menino nunca conseguiu passar uma mentira por mim. Ele ama você, querida. A coisa engraçada sobre nós, os Taylors — é que somos teimosos sobre relacionamentos. Fazemos nosso melhor para agir como se não precisássemos de ninguém. Mas quando nos apaixonamos, é isso para nós. Só uma vez. Mas com cada último pedaço de nossos corações.”

Anna não sabia o que dizer, não quando a última coisa que esperava era que a avó de Cole se sentasse ali e conversasse com ela sobre amor. Culpar, gritar, odiar — todos eles eram muito mais fáceis que amar.

“Se você pudesse, tomaria isso tudo de volta? Se eu pudesse bater palmas e mandá-la de volta para a sexta-feira à noite e ter certeza que você nunca encontrasse meu neto, era este o caminho que você tomaria?”

Anna abriu a boca para dizer sim, claro que ela tomaria de volta tudo o que tinha feito. Mas as palavras apenas não vinham.

“Ou,” a avó dele disse com muita bondade e compreensão “Você o teria amado de qualquer maneira?”



“Eu nunca vou me perdoar pelo que fiz a você, vovó.” Um lampejo de dor o atravessou. “E para Anna.” A avó de Cole segurou sua mão, tão suavemente, como se ele fosse a pessoa que estava na cama do hospital. “Eu tomei a inocência dela e a quebrei em duas.”



“Estou brava com você, Cole. Anna está brava com você.” Sua avó gesticulou para a pilha de papéis em sua mesa lateral. “O mundo inteiro está bravo com você. Você certamente tem muito que fazer para explicar e rastejar. Mas a raiva desaparece.”

“Eu não me importo com o que o resto do mundo pensa.” E era verdade, ele nunca se importou. Era o que o tinha feito impenetrável. “Eu só me importo com você.” Sua garganta estava quase muito apertada para dizer “E Anna.”

“Eu ainda amo você, querido. E a última vez que vi alguém tão cheio de amor como Anna, eu estava olhando para os olhos do seu avô. Seu pai amava sua mãe assim também. Toda a forma. Sem esperar nada de volta. Sem importar o quê.”

“Eu a fiz mentir por mim.”

“Cole.” Seu nome era uma advertência nos lábios de sua avó. “Não continue com a mentira, não continue se colocando em problemas. Sim, você se beneficiou das mentiras, mas ela também, caso contrário ela não teria seguido em frente.”

Mas o fato de Anna ter feitos suas próprias escolhas não mudava o fato que ele estava arruinando sua vida, que ele foi e fez tudo isso num espaço de uma curta semana.

“Preciso deixá-la ir, ter uma vida normal, casar-se com um cara que é bom o suficiente para ela.”

Um sujeito que ele sonharia em matar com as próprias mãos todas as noites.

“Sei que você pensa que quebrou o coração dela. Mas são pequenas rachaduras, isso é tudo que existe nele nesse momento. Se você quer realmente quebrá-lo, vá em frente e deixe um homem melhor tê-la. Eu achei que você era mais esperto do que isso, Cole.” Sua avó não falava com ele daquele jeito desde que o tirou da prisão em seu primeiro ano da faculdade. “Você realmente não vê que todo seu futuro é Anna? Realmente vai apenas passar por cima e jogar tudo fora? Você lutou antes, querido. Lute novamente. Brigue como um louco para consertar o que você fez de errado e, quando você voltar para os trilhos, não olhe para trás. Só para frente.”

Palavra por palavra, foi o que ela lhe disse quando ele tinha dezenove anos. Como podia ter esquecido?



Jogar futebol tinha sido importante, deu-lhe um propósito, uma razão para se sentir bem consigo mesmo de manhã. O futebol tinha sido mais que somente sua subsistência, tinha sido seu tudo.

Mas ele podia jogar mais uns mil jogos, podia continuar levantando de manhã, continuar depositando aqueles grandes cheques em sua conta bancária que aquilo não importaria.

Não sem Anna, porque ela era seu tudo.

E ele ia consegui-la de volta. De alguma forma, ia convencê-la que ela precisava estar com ele.

Quando alguém bateu, Cole ergueu o olhar esperando ver Anna e ficou surpreso ao ver a médica com ela.

Por favor, Deus, não. Isso também não.

Quando sua avó tinha reclamado com ele, tentando pôr algum senso em sua cabeça grossa, ele quase esqueceu que ela estava doente. Ela parecia e falava como a mulher de quinze anos atrás que torcia sua orelha e lhe dizia “Não estrague tudo novamente.”

“Sr. Taylor, pensei em trazer sua esposa para dentro de forma que eu pudesse dar as notícias à família inteira ao mesmo tempo.” Cole mal conseguiu processar a sugestão de um sorriso nos olhos da doutora. “Eugenia, você é uma mulher notável.”

A avó lançou-lhe um olhar triunfante. “Eu sempre disse isso ao meu neto.”

“E eu sempre soube disso.” As entranhas de Cole estavam tão fodidas naquele momento que suas palavras pareciam pedregulhos no fundo do sapato.

“Sinto muito, não é justo de minha parte tirar isso assim. É só que é muito divertido, um dos destaques do meu trabalho, na verdade, dar boas notícias.”

Cole quase disparou de seu assento para agarrar a doutora e agitar o resto daquilo dela, mas um pequeno som de Anna o distraiu, deixando-o olhando para ela, ao invés disso. Ela segurava uma mão sobre o coração e a outra envolvida firmemente na mão de sua avó.

“Teremos que fazer mais um exame de sangue, mas baseados nos testes que fizemos ontem à noite, acredito que estamos nos dirigindo para fora da área. Espero que para sempre.”

Jogo de Amor

Os Bad Boys do Futebol 03

Bella Andre



Cole podia ter jurado que as nuvens se abriram lá fora da janela, que aquela luz solar fluía no quarto, assim como quando sua avó costumava gritar nos cassinos quando eles tinham um grande vencedor nas máquinas caça-níqueis, tão feliz quanto o estranho como se fosse ela a levar para casa o prêmio principal.

O raio de luz iluminou Anna e, pela centésima vez, ele foi atingido por sua beleza.

Sua inocência. E a bondade pura que irradiava de seu núcleo.

E quando ele encontrou seus olhos e sorriu para celebrar a vitória de sua avó, foi quando sua esposa finalmente se deixou chorar.

Não porque ele acabara de partir seu coração. Mas porque uma mulher que ela só conheceu há uma semana poderia não mais morrer depois de tudo.



Capítulo Vinte e Dois

Cole tinha um jogo no domingo, mas ele não era o único que estava odiando a ideia de deixar sua avó novamente tão cedo, especialmente quando havia tantas boas notícias para comemorar.

Anna mal conhecia sua avó, mas estava tão feliz sobre as notícias de sua recuperação como qualquer uma das amigas mais próximas de Eugenia teria ficado.

Pela primeira vez, Cole estava malditamente feliz pelo pequeno quarto do hospital, porque significava que Anna estava perto dele. Significava que ele podia beber de sua beleza, que podia ouvir sua conversa doce com sua avó e podia mergulhar em sua risada por um pouco mais de tempo.

Ainda assim, durante todo o tempo em que os três ficaram juntos, ela nenhuma vez falou com ele, ou o olhou diretamente. Estava completamente concentrada em Eugenia. Ele só deixou o quarto do hospital uma vez, para fazer uma viagem rápida. O táxi esperava do lado de fora do hotel com o pacote — um presente para Anna, que ele esperava que ela fosse adorar.

Depois de reservá-los no último voo para fora da cidade, eles entraram no táxi e ele poderia dizer que ela não ia lhe falar nada mais na viagem para casa do que falou no caminho para Las Vegas.

“Eu, uh, peguei algo para você.”

A expressão dela tornou-se muito mais fria. “Eu já lhe falei que não quero seus subornos.”

“Eu ouvi, Anna. Juro que ouvi cada palavra que você disse.” Ele pegou a sacola que estava esperando aos seus pés, no piso do táxi. “Não é jóia.”

Ela olhou surpresa para o pacote que se mexeu em seu colo e balançou a cabeça. “Seja o que for eu não posso aceitá-lo. Não de você.”



Mas ele já estava abrindo a sacola, apenas o suficiente que um nariz molhado e uma língua lambesse sua mão. E então, assim como ele sabia que seria, ela estava puxando o vira-lata de sua casa temporária e abraçando a bola de pele nela. Ela não largou o cachorro pelo resto da viagem de táxi, segurou a bolsa próxima a ela por todo o aeroporto e constantemente verificava o vira-lata sob o assento em frente a ela, durante a viagem para casa.

Ela amou a bola de pelos de sete quilos com tudo que ela tinha desde o momento que esta a lambeu.

Aquilo poderia ter sido eu.

Mas ele era um imbecil que não a merecia. Mesmo agora, ao invés de finalmente deixá-la ir reconstruir a vida que ele despedaçou, tudo o que ele queria era fazê-la refém em sua limusine e levá-la de volta para sua casa. Tudo no que podia pensar era sobre encontrar uma maneira de convencê-la que realmente estava arrependido.

E que ele realmente a amava.

Mas ele lembrou-se de sua primeira viagem na limusine do aeroporto de San Francisco, como não tinha perguntado se ela iria com ele para sua casa. Tinha exigido, como se sua opinião não importasse.

Agora, ele sabia que a opinião dela importava mais que qualquer coisa.

“Onde você quer que James a leve?”

Ela o olhou surpresa, mas a expressão desapareceu tão depressa quanto veio.

“Para casa. Minha casa.”

Chegando ao seu lado para manter a porta aberta para Anna, James olhou para Cole como se ele fosse a merda do cachorro em seu sapato. Seu assistente esperou até que ela estava segura do lado de dentro e a porta estivesse fechada para dizer “Você é um idiota. Um fodido e completo idiota.”

James não esperou por uma resposta, apenas circulou para frente do carro e deslizou atrás do volante.

Com a esposa de Cole dentro do carro com ele.



A possessividade o agarrou forte e ele estava quase enrolando os dedos em torno da maçaneta para puxar sua esposa da limusine, trabalhando como o inferno para convencê-la a ir com ele em seu carro, conseguir com que ela o perdoasse e lhe desse outra chance, quando James puxou a limusine e acelerou para longe tão rápido que quase cortou fora sua mão.

“Foda!”

Cole atravessou as pistas de chegada numa meia corrida de curta distância, evitando cada carro como se estivesse no campo, em vez de um aeroporto lotado, até que encontrou seu carro. Pulando para dentro, ele acelerou em direção à saída com a porta do carro ainda aberta, mal fechando-a a tempo de impedir que esta se arrancasse num pilar de cimento. Jogou uma nota de cem dólares para o bilheteiro e quase colidiu com o portão em sua correria para chegar até Anna.

Ele não sabia o que possivelmente podia dizer ou fazer, para conseguir com que ela lhe desse outra oportunidade. Tudo que sabia era que não podia desistir dela.

Não sem uma briga.

Não até que tivesse certeza que ela não o amava mais.



Ele contornou a rua no mesmo instante que James estava caminhando de volta para a limusine.

Estacionando seu carro em fila dupla, não dando a mínima se fosse rebocado ou até mesmo atingido por outro carro, Cole saltou. Ele mal ouviu James dizer “Juro por Deus, você deve ser o maior maldito idiota que já conheci.” Ele mal viu os fotógrafos tirando fotos do lado de fora enquanto passava por seu assistente e subia as escadas.

Rezando que ela ainda não tivesse trancado a porta da frente, sabendo que ela era tão confiante que normalmente esquecia, ele empurrou contra a porta.

E esta se abriu.

Anna ergueu o olhar de onde estava ajoelhada no chão pegando a correspondência, enquanto o cachorro dormia em sua bolsa de transporte na mesa do corredor. Naquele



momento, pegando-a completamente fora de guarda, Cole pensou ter captado algo em seus olhos que ela tinha estado escondendo dele o dia todo.

Amor.

“Anna, nós precisamos conversar.”

Ela se levantou, deixando a correspondência no chão, com seu cabelo de seda escura caindo em seus ombros e os longos cílios quase protegendo seus olhos de oceano dele. Ela era tão bonita que simplesmente olhá-la fazia seu peito doer a cada respiração que ele tomava.

“Eu não quero conversar.”

Ela se moveu em direção a ele, que ficou esperando que ela o esbofeteasse, gritasse com ele por ter arruinado sua vida, dizer-lhe que saísse de sua casa e de sua vida.

Ao invés disso, as mãos dela foram para a barra de sua camiseta, puxando-a por seu corpo.

Mais confuso do que jamais esteve, Cole não conseguiu pensar rápido o suficiente para impedi-la de arrastá-la por toda a extensão de suas axilas. E quando suas unhas lhe arranharam o peito, foi o instinto que o fez erguer os braços acima da cabeça, de forma que ela conseguisse tirá-la inteira.

“Anna. Querida.” Ele queria puxá-la para ele, queria obrigá-la para que ela o ouvisse implorar por perdão até que finalmente se rendesse e o perdoasse por ser o maior imbecil do mundo. “Eu não vim aqui para isso.”

“Eu sei.”

Ela desatou o nó na frente de seu vestido e um segundo depois o puxou sobre sua cabeça, lançando-o no chão.

“Anna.” Ele pôs as mãos nos ombros dela, estúpido o suficiente para se arriscar a tocá-la quando ela estava ali de pé quase nua e tão bonita que ele não conseguia acreditar em seus olhos, sem importar quantas vezes olhava para ela. “Você não quer fazer amor comigo aqui. Agora.”



Ele odiou o modo que ela estremeceu com a palavra amor, odiou ainda mais quando ela disse “Você me ensinou muito bem, Cole, ensinou-me a não lutar contra o que eu realmente necessito.” Tão verdadeira. “E eu preciso de você. Aqui. Agora. Assim mesmo.”

As mãos foram para seu cinto, desafivelando-o, e ele tentou pará-las com as suas próprias, mas ela estava focada, cem por cento na intenção de puxar seu zíper para baixo.

“Anna, bebê.” Ele disse, arrastando as palavras de sua própria garganta “Escute. Precisamos parar antes que você faça algo que realmente não quer fazer.”

A dor nos olhos dela partiu seu coração quando ela falou “Eu pensei que era verdade. Toda a minha vida eu falei para mim mesma que não queria isso.” Ela arrastou sua calça jeans para baixo e a ereção que ele não pôde conter, se projetou pelo fino tecido de sua cueca azul marinho. “Eu estava mentindo para mim mesma. Você me ensinou tudo sobre mentiras.”

Ela caiu de joelhos e ele tentou novamente, tentou impedi-la de fazer algo que ela o odiaria para sempre.

“Querida, você não tem que fazer isso.”

Ela ergueu o olhar para o dele, prendendo-o. “Eu tenho.” Sua língua deslizou para fora numa carícia molhada através da intumescida cabeça do pênis e ele não conseguiu impedir que sua excitação estourasse sobre os lábios dela. “Embora você tenha partido meu coração, eu preciso disso.”

Aquelas palavras o rasgaram. Ela não estava dizendo que precisava dele. Apenas que estava viciada em explorar a sensualidade profunda que ele a ajudou a encontrar.

Ela subiu as mãos por seu estômago, seus músculos se contraindo sob o toque suave.

“Na primeira noite em Las Vegas, você destrancou a porta para uma parte de mim que eu estava negando.”

Ela sugou a cabeça do seu pênis, circulando a língua ao redor. Quando ela se afastou, havia desejo em seus olhos — e muito mais dor que tudo o que ele queria fazer era pegá-la e dobrá-la contra seu peito e não soltá-la até que aquilo passasse.

“Eu não posso evitar desejar seu toque nesse momento. Não posso parar de querer aquela pressa para o alívio.” O fôlego que ela tomou agitou seu corpo. “Loucura.” Ela



sussurrou. “Eu preciso de loucura.” Sua voz e sua expressão estavam devastadas com aquele conhecimento doloroso. “Nunca vou poder fechar aquela porta novamente. Mesmo depois que você for. Mesmo sem você.”

Jesus, ela estava sendo direta dizendo-lhe que ia substituí-lo. Se ele não fosse o homem em sua cama, ela não ia se forçar a viver em uma prisão sexual.

O pensamento de outro homem possuindo-a — tomando o que era seu — se contorceu dentro de Cole e suas mãos se fecharam em punhos no cabelo suave.

“Eu vou matar qualquer um que tocar em você.”

Ela respondeu à sua ameaça pegando suas bolas e tomando-o profundamente em sua garganta.

Justo como ele a tinha ensinado... na primeira noite quando pediu-lhe que confiasse nele.

Algo dentro do peito dele se estilhaçou, até mesmo enquanto seu pênis crescia mais duro dentro da doce boca que o sugava.

Ele traiu a confiança dela repetidas vezes, no primeiro beijo, quando a convenceu a ir para a capela de casamentos e dizer “Aceito” naquela manhã que lhe pediu que mentisse para sua avó, quando se sentou ao lado dela na casa dos seus pais e a deixou mentir para sua própria família.

Ele precisava parar com aquilo. Precisava parar de tomar algo que não merecia dela.

Ele nunca a mereceu, nem por um único segundo que ela o deixou ser uma parte de sua vida.

As unhas dela arranharam ao longo da pele atrás de suas bolas e ele as sentiu se apertarem em seu corpo. Ela o sugava profundamente enquanto percorria a língua junto ao seu membro. Usando cada última grama de autocontrole que possuía, ele se arrastou de entre seus lábios doces.

“Não, bebê. Não assim.”

Mas os olhos dela estavam selvagens e aquela selvageria a deixava mais forte, mais forte até que um homem que atacava gigantes para viver. Ela agarrou suas mãos, arrastando-o sobre ela quando eles caíram sobre o chão.



Cole não podia deixá-la, não podia se afastar dela. Precisava demais dela, precisava apagar a tempestade em seus olhos de oceano — e ainda mais, precisava achar um meio para suavizar as linhas de tristeza ao redor daquela boca macia.

Ele tentou entrelaçar os dedos nos dela, mas ao invés de deixá-lo segurá-la, ela pôs as mãos em seu rosto e se inclinou para beijá-lo, mordendo, sugando, roubando-lhe o fôlego.

Um homem mais forte a teria parado.

Um homem do bem teria sabido que aqueles beijos só tornariam as coisas piores.

Foda! Ele não tinha nenhuma prática em ser aquele homem. Não sabia nada sobre cuidar de alguém, exceto a si mesmo — e sua avó.

Mas, mesmo enxergando as conseqüências bem a sua frente, mesmo sabendo que não seria capaz de apagar a culpa quando tudo tivesse terminado, ele não conseguiu parar a si mesmo de empurrar suas coxas, afastando-as com o joelho.

E então ele viu a fina barreira de sua calcinha.

Graças a Deus.

Ele não podia simplesmente possuí-la. Não podia fazer a única coisa que ele sabia que se arrependeria para sempre.

Mas justo quando estava preste a pensar claramente de novo, Anna soltou as mãos de seu rosto e arrancou o cós de sua calcinha, revelando sua doce e sedosa vagina para ele.

Mesmo assim, ele poderia ter sido capaz de lutar de volta, poderia ter tido uma oração para conseguir sair do chão e não bater nela, se ela não tivesse dito “Possua-me, Cole. Não posso mais aguentar isso. Preciso de você dentro de mim. O dia todo eu precisei de você. Mesmo quando o odiei, ainda precisei de você. Ainda desejei seu toque, seus beijos. Seu pênis.”

Ele amava ouvi-la implorar, amava saber que a deixava tão louca de necessidade que ela não tinha mais jeito de lutar contra sua excitação. Mas, Deus, ele nunca gostaria de ouvi-la soar daquele jeito, como se ela fosse uma mulher que não tinha mais nenhuma outra opção a não ser implorar a um homem que a magoou para transar com ela. Como se ela estivesse



tentando jogar para longe sua dor, fazendo qualquer coisa que podia negociar por um momento de prazer.

“Por favor.” Sua voz se quebrou na simples palavra.

E o coração de Cole se quebrou também.

“Eu amo você, querida.” Ele jurou. “Eu te amo tanto que isso está me matando.”

Os olhos dela brilharam de esperança momentânea antes que a dor chegasse quebrando de volta, tanta dor que ele nunca se odiou mais, mesmo enquanto se empurrava no conforto mais quente e mais molhado que já conhecera.

“Anna.” Ele teve que ir toda a extensão dentro dela, observando seu pescoço cair para trás quando um gemido de profundo prazer deixou sua garganta. “Minha doce Anna.”

As mãos dela estavam onde ele tinha ensinado que ela as mantivesse, sobre sua cabeça, as unhas arranhando no chão de madeira. Mas ele ensinou-lhe aquilo quando estupidamente pensou que transar com ela era só um jogo.

Que idiota tinha sido. Porque Anna nunca tinha sido um jogo, não desde o primeiro segundo que ele a viu através de uma sala lotada.

Ela sempre seria perfeição.

E amor puro.

Mas ele estava assustado de sentir tanto, e tão rápido. Pensou que precisava de liberdade, apenas para descobrir tarde demais que aquela liberdade era a maior mentira de todas. A liberdade não era nada além de sentir já a falta dela, mesmo enquanto ela estava ali em seus braços. A liberdade não era nada além de desejar que ele tivesse uma fodida pista do que ele tinha, quando ela era sua.

Ele estendeu as mãos para as dela novamente, não podia suportar não segurá-la, mas quando ele colocou as mãos sobre as dela, ela recuou.

Cole curvou a cabeça. E lamentou. Pela mulher que ele perdeu.

Porque embora ela estivesse ali mesmo com ele, a verdade era que ela já tinha ido.

E mesmo assim, ele não conseguia soltá-la, tinha que se segurar sobre ela enquanto seus corpos caminhavam para uma conclusão que eles simplesmente não podiam lutar.



Uma gota de líquido caiu do rosto dele sobre o dela, que abriu os olhos.

Cole não se lembrava de chorar como uma criança pela perda de seus pais. Ele não chorou quando sua avó lhe disse que estava morrendo. Ele pensou que era forte demais para nunca quebrar.

O quão errado tinha sido.

“Eu amo você, Anna. Para sempre.”

Ao mesmo tempo em que fazia seu voto para ela com palavras, ele o fez com seu corpo, dirigindo-a a um lugar que era garantido mandá-los para o auge.

Mas, mesmo quando aqueles olhos de oceano se agitaram de verde para um azul escuro, mesmo enquanto ela gritava contra ele, mesmo quando ele se certificou que ela estava ligada a ele na mais elementar das formas... Cole nunca se sentiu tão separado dela.

Ela estava dando-lhe seu corpo de forma tão aberta como sempre, mas mesmo que ela estivesse deixando-o beijá-la e tocá-la, quando ela clamou de prazer sob ele, ela estava contendo a coisa mais importante de tudo.

Não o amor que ele sabia que ela ainda sentia por ele. Não importa o quão bem ela pensou que “aprendeu” a ser sensual, era o amor que a fazia responder à ele.

Mas ela não confiava mais nele.

E perder a confiança da mulher doce e inocente que ele tinha abordado em Las Vegas, era de longe o golpe mais duro que ele já tomou.

Grande o suficiente que ele não estava certo se poderia tocar o jogo novamente.

As palavras da sua avó lhe vieram como se ela estivesse lá no quarto com eles. “*Você realmente não vê que todo seu futuro é Anna? Realmente vai apenas passar por cima e jogar tudo fora? Você lutou antes, querido. Lute novamente. Brigue como o inferno para consertar o que você fez errado.*”

“Por favor, Anna.” Ele disse, com seus corpos ainda conectados. “Por favor, me dê outra chance. Sei que você merece um homem que não mentiu, enganou e roubou. Sei que você merece um homem que não quebra ossos para viver. Mas Anna, não pode ver que eu sou o homem que está apaixonado por você? Que sou o homem que vai fazer tudo que puder para fazê-la feliz para o resto de sua vida. Estou malditamente arrependido por cada erro que



cometi, mas especialmente esse erro. Porque machucar você foi a pior coisa que já fiz. A mais estúpida. Por favor, me dê a chance de provar que posso amá-la direito desta vez. Por favor, me dê a chance de provar que não vou estragar tudo.”

“Por que eu deveria?”

Ela estava zangada agora e ele podia sentir a tensão vibrando por ela, através dos músculos e ossos e da pele coberta de suor de ambos seus corpos.

“Eu dei a você a chance de me amar. Eu dei a você a chance de ser um verdadeiro marido para mim. Eu confiei em você, Cole, e você ainda me magoou. Ainda fez a única coisa que sabia que ia nos separar. Você se certificou que isso aconteceria. Ensinou-me mais que prazer, me ensinou como fechar meu coração e como me proteger da dor. Você me ensinou o quanto é perigoso confiar.”

Seus seios roçavam através do peito dele enquanto ela finalmente deixava sair a raiva que tinha segurado do lado de dentro, suas mãos em punhos sobre ele, como se quisesse batê-lo.

“Você já teve toda a chance do mundo para me amar direito. Então por que inferno acha que eu lhe daria outra?”

Lute. Ele precisava continuar lutando. Por amor.

Por ela.

“Porque você é corajosa o suficiente para confiar em mim. Porque é corajosa o suficiente para saber a verdade quando finalmente a ouve.”

Ela piscou e ele conseguiu ver as gotas em seus cílios. “Seja o que for que você pensa que viu em mim, não era coragem. Era estupidez.”

“Não, bebê, sem mais mentiras.”

Ainda rígido dentro dela, apesar de seu clímax, ele a moveu para mais perto com as mãos em seus quadris e ouviu seu suspiro.

Mas ela não se afastou.

Não era muito. Não era perdão ou redenção, mas já era alguma coisa e ele tomaria qualquer pequeno pedaço de esperança que pudesse conseguir.



“As pessoas têm fugido de mim a minha vida inteira. Eu tenho assustado como uma forma de arte. Mas você — você nunca fugiu.” Os olhos dela se arregalaram de surpresa. “Você nunca me deixou assustá-la.” Ele ainda a abraçava perto, seus corpos ainda conectados de modo mais íntimo possível.

“Não me deixe assustar você, doce menina. Não quando falar aquelas coisas para Ty foi só um ato estúpido, só tentando fingir que eu era muito duro para me apaixonar. Não quando você é a pessoa mais corajosa que já conheci.”

Ele mal conseguia respirar, o sangue correndo em seus ouvidos, tornando muito mais difícil para ouvir a si mesmo dizer “Seja valente para mim, querida.”



Capítulo Vinte e Três

A família de Anna lotava o camarote VIP, junto com sua amiga Virgínia. Ela lhes pediu para virem e embora pudesse ver que eles não entenderam por que ela estava ali no jogo de Cole, eles vieram.

Ela também não entendeu aquilo, no entanto.

Tudo que ela sabia era que precisava fazer aquilo, precisava provar para si mesma que realmente era valente. Cole lhe dissera as palavras repetidas vezes, mas acreditando que aquilo para ela era outra algo completamente diferente.

À noite passada, depois da loucura de sexo no chão, ele voltou para sua casa e ela ficou tão solitária que ficou surpresa por ter sobrevivido à noite.

Desde que se formou na faculdade, ela tinha vivido sozinha. Gostava do silêncio, de ler ou ouvir qualquer música que quisesse. Claro, às vezes ansiava por um companheiro para compartilhar sua vida — mais ainda conforme os anos se passavam — mas nunca, nenhuma vez se sentiu solitária. Até Cole.

Ele só esteve em sua casa duas vezes, mas ela podia senti-lo em todos os lugares. Nunca olharia para a entrada da mesma forma novamente, ou para a cozinha, onde ele a pegou e a carregou para cima, naquela tarde depois de seu casamento. E seu quarto... Bem, simplesmente não podia entrar lá. Então tinha dormido no sofá.

E se perguntou a noite toda sobre Cole.

Se ele estava dormindo. Ou se estava tão atormentado pela solidão, pelo desejo e pelo arrependimento quanto ela.

Se ele mal foi capaz de se impedir de pegar as chaves do carro e voltar, da mesma maneira que ela foi.

Se ele discou o número dela dezenas de vezes, desligando antes do sétimo dígito toda vez, como ela fez.

Se ele sentia tanto a falta dela como ela sentia a dele.



A luz do sol flutuava pelo camarote enquanto Anna bocejava. Mesmo com seu novo cachorro — o nome em sua etiqueta era Lucky⁶, incrivelmente o suficiente — ela tinha estado tão sozinha, que acordou a ambos por chorar mais de uma vez durante a noite.

Francamente, a coisa mais difícil de todas no momento, era tentar agir como se sua mãe, pai, irmãs, cunhados e sua amiga não estivessem todos a olhando como se ela fosse se quebrar em duas.

Julie entrou e veio se apresentar. “Olá para todo mundo. Eu sou Julie Calhoun e meu marido é um dos caras lá embaixo.”

Alan, um dos cunhados de Anna, saltou de sua cadeira para apertar a mão de Julie.

“Uau, é muito bom conhecer você. Ty é uma lenda. Parabéns.”

Se Julie estava se sentindo pressionada ou divertida com aquela saudação, ela não mostrou. “Não vou deixar de transmitir seus pensamentos para ele.” Ela balançou a cabeça, rindo. “Embora, francamente, aquela cabeça dele não precisa ficar ainda maior.”

Sabendo exatamente o quanto Julie e Ty eram apaixonados, o coração de Anna se apertou com tanto desejo que ela se sentiu sufocada com aquilo.

“Você tem um minuto para conversar?” Julie perguntou a ela em voz baixa, depois de conhecer o resto de sua família.

“Claro.” Anna forçou um sorriso, sabendo que os olhos da sua família estavam sobre elas enquanto saíam pelo corredor.

“O que você está fazendo?” Não havia nenhuma piedade na voz de Julie, e nenhuma em seus olhos. Apenas preocupação natural.

“Eu estou aqui.” Ela honestamente não sabia o que estava fazendo, apenas que teve que vir para o jogo de Cole.

Ficou surpresa ao ver o sorriso de Julie. “Acho que eles devem pôr algo nas garrafas de água dos Outlaws, para terem certeza que eles são irresistíveis.” Seu sorriso se desfez. “Ty queria ligar para você e dizer o quanto está triste por sua parte em tudo isso. Mas eu sabia que isso só deixaria as coisas piores.”

⁶ Sortudo.



“Nada disso é culpa de Ty.” Anna deu de ombros, tentando agir como se estivesse mais legal do que estava, assim como tinha feito a manhã toda. “Não mesmo é tudo culpa de Cole. É minha culpa, também.”

Julie baixou o olhar. “Você ainda está usando o anel dele.”

Ela sabia que devia tê-lo tirado desde sábado de manhã, quando as notícias sobre seu falso casamento irromperam.

Julie pareceu que ia dizer algo a mais, quando Melissa e Dominic se aproximaram, virando o corredor. Se eles ficaram surpresos por vê-la, não o demonstraram.

Querendo fazer qualquer coisa, ale de ter outra conversa sobre seu fracasso pessoal, ela disse a Dominic “Meu pai é um grande fã seu. Você se importaria de entrar e dizer alô para ele? Faria absolutamente o ano dele.”

E enquanto o grande Dominic DiMarco encantava não somente a seu pai, mas a sua família inteira, Anna foi capaz de sair dos holofotes por um momento. Apenas sua mãe continuava a observá-la com uma preocupação tão profunda, que aquilo partia o coração da sua filha novamente.



Durante seus intervalos na escola, semana passada quando tudo estava tão bem com Cole, Anna tinha estudado sobre o futebol. E para seu segundo jogo, ela não estava mais na escuridão, e não podia deixar de ser envolvida pela ação, especialmente com Cole lá.

E a verdade era que conhecê-lo tão bem, dava-lhe uma camada extra para o jogo. Quando ele atacava o *quarterback*, ela sabia que era sua testosterona entrando em jogo. Quando ele esmagou um *running back* no buraco, ela teve que sorrir para sua completa e absoluta confiança absoluta.

Tinha se passado pouco mais que vinte e quatro horas desde que o artigo sobre eles irrompeu. Vinte e quatro horas em que ela tinha se sentido zangada, magoada e traída. E mesmo assim, ela estava ali.



Com o anel que ele colocou em seu dedo uma semana antes em Las Vegas, ainda reluzindo em sua mão esquerda.

O campo ficou desfocado diante de seus olhos quando ela o olhou e aceitou a verdade.

Ele machucara seus sentimentos profundamente e ela não gostava muito dele naquele exato momento. Mas ainda o amava. Sempre o amaria.

Ele merecia ser castigado por ela, pelo que tinha lhe feito — ela se valorizou o suficiente para saber aquilo — mas não estar com ele a estava castigando também.

Um pequeno meio sorriso curvou seu lábios ante o pensamento de aceitá-lo de volta — e encontrar outras maneiras muito mais prazerosas de fazê-lo pagar. Entretanto, suspiros soaram pela sala e metade das pessoas se levantou de seus assentos para se pressionar contra o vidro.

Anna olhou ao redor para todo mundo. “O que aconteceu?”

O rosto de sua mãe estava completamente branco. “É Cole. Ele foi atingido.”

Anna pulou de sua cadeira e olhou pela janela, mas não conseguiu vê-lo, somente uma dúzia de pessoas fazendo um círculo ao redor de alguém no campo.

Ela se virou, cegamente se empurrando da multidão no camarote VIP para a porta. Precisava estar com ele, precisava ver por si mesma se ele estava bem.

“Anna.” Ela percebeu que havia uma mão em seu braço impedindo-a de correr pelo corredor. Dominic a virou na direção oposta. “O campo é desse lado.”

Com isso, ele saiu corredor abaixo e ela ficou tão feliz por ele não está esperando que ela o alcançasse. Como ex-jogador profissional, ele era naturalmente rápido, mas o amor deu a ela força e velocidade que ela não devia possuir. Quando chegaram ao túnel, ela ultrapassou Dominic correndo, passando por todos os guardas.

Caminhando diretamente para Cole, ela não viu a multidão aos pés deles e não notou o silêncio assustador. Tudo que podia ver era seu marido deitado na grama.

Tudo que ela podia sentir era amor. Não raiva. Não amargura. Só amor.

Ela pensou que estava sendo corajosa por vir ao jogo dele. Mas enquanto empurrava a multidão de treinadores e técnicos, finalmente percebeu qual era a verdadeira bravura.



Era amar tanto a alguém que tomaria sua dor como se fosse a sua própria.

E era perdoar os pequenos erros, as decisões ruins, as palavras às vezes nocivas, porque ela sabia que nenhum deles realmente importava quando chegou até ele.

Seu marido tinha lhe dito que ela era valente, vezes repetidas. Ela não acreditou nele, nem pensou que ele estava vendo seu verdadeiro eu — quando todo o tempo ele a conheceu melhor que ninguém.

“Seja corajosa para mim, querida.” Foi o que ele lhe disse a noite passada antes que ela o mandasse para casa.

Ela não conseguiu fazê-lo então.

Mas seria valente para ele agora.



Jesus, a cabeça dele doía.

E ele estava cansado. Malditamente cansado. Cole queria ficar adormecido, sabia que aquele desvanecimento de volta ao negro seria um alívio abençoado pela dor que o atravessava, da cabeça aos pés.

Mas algo o impediu de desmaiar.

Uma mão macia sobre a sua, dedos finos e fortes que agarravam os seus.

Anna.

Não. Ela não podia realmente estar lá, não tinha razão para estar em seu jogo. Mas a mão na sua não o soltou. E ele conhecia aquele toque. Nunca, jamais, poderia esquecer suas carícias docemente pecadoras.

Ele tinha que abrir os olhos e, embora sentisse como se estivesse tentando atravessar o concreto através de suas pálpebras, ele trabalhou o inferno para conseguir quebrar o selo, de forma que pudesse ver sua Anna.

Doce Anna.



Sua recompensa foi a garota mais bonita do mundo que sorria para ele. Ela não estava chorando e não parecia assustada.

Ela parecia valente. Para ele.

Ele teve coragem suficiente para declarar seus sentimento por ele na frente de todo o estádio e das milhares de pessoas que assistiam ao jogo pela televisão.

Ele tinha tomado seu amor por presumido uma vez. Jamais faria isso novamente.

“Eu amo você, Cole.”

As palavras que ele não tinha ouvido desde a manhã de sábado, palavras pelas quais ele estava tão desesperado, foram quase como uma dose de morfina, instantaneamente levando a dor para longe.

“Senhora, precisamos que você se afaste.”

Mas ao invés de deixá-lo, ela se aproximou ainda mais. Ela se inclinou e as pontas de seus cabelos roçaram contra o rosto dele, seu hálito doce no lóbulo de sua orelha.

“E eu confio em você.”

Cole já tinha sido atingido vezes o suficiente ao longo dos anos para saber quando tentar se levantar sozinho e quando deixar os médicos tirá-lo do campo. Mas ele não tinha Anna ao seu lado naquelas vezes.

Ele não tinha sua confiança e seu amor para torná-lo forte.

E agora, havia algo que ele precisava fazer, razão porque precisava levantar e não tinha nada a ver com jogar futebol.

A dor veio excruciante de volta quando ele rolou de lado. Braços e mãos tentaram fazer com que ele ficasse deitado, mas quando ele rosnou para que o deixassem sozinho, eles recuaram.

Apenas Anna continuou com suas mãos dando-lhe a força que ele precisava para rolar e ficar de joelhos.

Estrelas piscaram em sua vista e náuseas reviram seu estômago enquanto ele se esforçava para levantar, ainda de joelhos. Anna estava ali mesmo com ele, respirando com ele. Diferente de sua avó, ele nunca teve alguém em que se apoiar.



Até Anna.

Ela era a única forte, a mulher que seria forte o suficiente para dar a luz aos seus filhos, a mulher que seria forte o suficiente para perdoá-lo por agir como um estúpido às vezes, para enfrentar um estádio inteiro de pessoas que provavelmente pensavam que ela era louca por ainda amá-lo.

E ele aprenderia com sua força a cada dia.

Ela ficou na frente dele, com ambas as mãos segurando firmemente, amorosamente, nas suas, e ele sabia que ela ia esperar pacientemente pelo tempo que levasse para ele ficar de pé.

Mas isso não era onde ele estava tentando ir. Ao invés disso, ele se moveu novamente de forma que um de seus joelhos ainda estivesse no chão e o outro de pé segurando o resto de seu peso.

Os olhos dela se arregalaram quando ela percebeu o que ele estava prestes a fazer. E então, a mulher que tinha sido um raio de luz para ele desde o primeiro momento que a conheceu, jogou a cabeça para trás e riu.

“Só você para fazer algo assim, Cole.” Ela disse quando olhou de volta para ele, embora os dois soubessem que ele não tinha encenado nada até agora.

Ele sabia o que ela estava fazendo, sabia que ela estava dando-lhe de volta sua força, célula por célula, começando com seu coração.

Ele ergueu o olhar, viu que todas as telas ao redor do estádio estavam segurando apertado nele e Anna, a multidão de médicos, treinadores e técnicos se deslocou para longe deles. Oitenta mil pessoas estavam na expectativa.

“Eu amo você, Anna.” Cada palavra custou-lhe o suor enquanto a dor atravessava por suas costelas. “Amei você desde o primeiro segundo que a vi. Minha doce garota com o halo.”

Uma lágrima caiu na bochecha dela, e depois outra no lado oposto.

“Você vai me fazer o homem vivo mais feliz, querida, e se casar comigo tudo de novo? De verdade dessa vez.”



Ele sabia que ninguém podia ouvi-los, embora suspeitasse haver um pouco de leitura labial acontecendo. Assim como qualquer um, ele prendeu a respiração à espera de sua resposta.

Ele não merecia um sim, mas droga, ele o queria de qualquer maneira. E se — quando — este viesse, ele ia agarrar o amor de Anna e nunca, jamais cometer o erro de deixá-la ir novamente.

Só que, os lábios dela não se moveram em um sim. “Não.” Ela balançou a cabeça. “Eu não vou me casar de novo.”

Ele não soube como continuou de pé, como conseguiu permanecer consciente. No entanto, ela ficou de joelhos na frente dele.

“Nosso casamento sempre foi real. Desde o começo, desde o primeiro beijo, eu sabia que o amava. E que passaria o resto da minha vida com você.”

Ela o beijou e oitenta mil pessoas finalmente foram à loucura.

Mas ninguém estava tão louco quanto o garoto rebelde que nunca, em um milhão de anos pensou que uma boa garota seria sua queda... E toda a sua salvação.



Três meses depois

Foi uma tremenda festa, o tipo que um Outlaw lançava quando queria compartilhar sua alegria com o mundo.

Sentada ao lado de sua avó, que estava firmemente melhor em sua recuperação desde o mês anterior, Cole observava Anna dançar com suas irmãs, o orgulho gravado em todas as linhas de seu rosto.

“Anna vai ser uma mãe maravilhosa.”



Cole lançou um olhar surpreso para sua avó. Ele e Anna tinham descoberto que ela estava grávida há várias semanas, mas quiseram manter algo para eles mesmos desta vez. Sua esposa não estava mostrando nada ainda, apesar do fato que seus lindos seios estavam um pouco mais cheios, mas estavam planejando contar as maravilhosas notícias a todo mundo ainda naquela tarde.

“E você vai ser um pai maravilhoso, querido.” As lágrimas pularam dos olhos de Eugenia enquanto ela pegava sua mão. “Obrigada por fazer meu desejo se realizar.”

E quando sua esposa se virou e deu-lhe seu sorriso doce do meio da multidão que dançava feliz, Cole simplesmente apertou a mão de sua avó em resposta.

O desejo dela não foi o único que tinha sido concedido.